



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
DOUTORADO EM HISTÓRIA

***“AMERICANO, PASTOR E AGITADOR”*: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a
Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980)**

César Aquino Bezerra

MANAUS/AM

2026

CÉSAR AQUINO BEZERRA

***“AMERICANO, PASTOR E AGITADOR”*: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a
Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980)**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas como requisito à obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: Doutorado em História Social

Linha de pesquisa 1: Cultura e Representações

Orientador: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva

Agência de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

MANAUS/AM

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B574a Bezerra, César Aquino
“Americano, pastor e agitador”: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980) / César Aquino Bezerra. - 2026.
294 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Júlio Claudio da Silva.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em História, Manaus, 2026.

1. História oral. 2. Urucará. 3. Igreja de Cristo. 4. ditadura militar. 5. SNI. I. Silva, Júlio Claudio da. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO

CÉSAR AQUINO BEZERRA

**“AMERICANO, PASTOR E AGITADOR”: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a
Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980)**

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em
História – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e
Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como
requisito à obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: Doutorado em História Social

Linha 1: Cultura e Representações

Orientador: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva

Data: 20/03/2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva (PPGH-UFAM) – Presidente da Banca

Prof. Dra. Joceneide Cunha dos Santos (PPGEAFIN-UNEB) – Membro Externo

Prof. Dr. João Marinho da Rocha (UEA) – Membro Externo

Prof. Dra. Patrícia Teixeira (PPGH-UFAM) – Membro Interno

Prof. Dr. Tiago Fonseca dos Santos (PPGH-UFAM) – Membro Interno

MANAUS/AM

2026

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. [...] Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.

Walter Benjamin (1987, p. 201, 204)

AGRADECIMENTOS

Após a qualificação, surgiu um pensamento que me incomodou por dias até ser posto em prática: preciso inserir na tese a minha história. Como investigo e escrevo sobre trajetórias e não posso falar da minha a não ser no memorial da qualificação? Afinal, pesquisar sobre Clinton Thomas me fez diversas vezes rememorar a história familiar e individual. Então, para não criar mais um elemento pré-textual, decidi fazer isso nos agradecimentos. Um reconhecimento aos caminhos.

Em primeiro lugar, rememoro a vida de tio Miguel. Ou pastor Miguel. Cresci ouvindo sobre ele, de muitas pessoas em Canutama, Amazonas, que recordavam os anos que ele pastoreou a igreja batista, primeira igreja evangélica da cidade. A igreja, em suas comemorações anuais, distribuía folhetos com a programação e um histórico, onde mencionava os missionários britânicos que iniciaram aquela igreja. Tio Miguel foi de Sena Madureira, Acre, para Canutama em algum momento dos anos 1970. Sua esposa, tia Maria, filha de Lauro e Evilázia Aquino, era a irmã mais velha de minha mãe, Lidia.

Os avós maternos, descendentes de nordestinos, nasceram, trabalharam e se converteram no seringal em Sena Madureira. Os avós paternos, Francisco e Maria Avelino, tinham quase a mesma história, mas se converteram sob o ministério de pastor Miguel em 1980, em Canutama. Os filhos de Miguel e Maria Lima cresceram em Canutama e eram amigos de meu pai, Francivaldo. Quando pastor Miguel voltou para o Acre, Francivaldo foi junto. Assim, conheceu Lidia e sou o primeiro dos quatro filhos desse casamento. Então, sempre reconheci que eu existo porque um pastor acreano foi missionário em Canutama. Além de mim, meus irmãos, Sérgio, Lidiane e Liliane, filhos de Francivaldo e Lidia. Iana, filha de meu pai nascida já quando eu era adulto, faz parte da minha história pelo mesmo motivo.

Ao realizar as pesquisas para a tese no Sistema de Informações do Arquivo Nacional, *por acaso* descobri o nome de tio Miguel. Miguel Nogueira de Lima era um dos missionários da Missão Evangélica Amazônia, sediada em Manaus e presidida por James Gunning, um inglês. Conforme o arquivo de 1978, a missão atuava em Canutama, Lábrea e Boca do Acre, no Amazonas, e Sena Madureira e Tarauacá, Acre. Outro nome nessa lista de missionários me chamou a atenção: Frederick Orr, vice-presidente da missão. Também ouvi muito sobre ele, alguém vindo da Irlanda do Norte, que perdeu a esposa por doença ao chegar no rio Purus, e fundou a primeira igreja evangélica em Lábrea, em 1956. Ouvi, inclusive dele próprio uma vez, sobre a perseguição que sofreu do bispo da Prelazia, sediada na cidade, e como décadas depois ele fundou outra igreja em Manaus.

Em segundo, parte da minha vida foi dedicada às igrejas evangélicas. Comecei o que se chama de “ministério” naquela mesma igreja que tio Miguel pastoreou em Canutama. Pouco depois, adentrei no pentecostalismo e na Assembleia de Deus, IEADAM. Foi inclusive o pastor dessa igreja, José Roberto Oliveira, quem me ajudou a aceitar que tinha sido aprovado no vestibular e a ir estudar. Além disso, ele entrou em contato com o pastor de Parintins e conseguiu a ajuda de uma professora da universidade e pastora, Gyane Karol Leal, a qual foi minha procuradora e realizou minha matrícula no Centro de Estudos Superiores de Parintins. Mesmo as pessoas que me ajudaram no cartório em Canutama, preparando documentos, ou recebendo esses documentos em Manaus e os mandando para Parintins, foram relações construídas nas igrejas. Estive em diversas frentes de atuação na IEADAM de 2007 a 2018, quando não foi mais possível permanecer devido à pressão conservadora, onde minha visão política não era tolerada. Em 2020, em Manaus, comecei a participar de reuniões da Comunidade Anglicana Santa Maria Madalena, Apóstola; apesar da amizade desse grupo inclusivo, não me decidi pela entrada na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Ao retornar a Parintins, em 2021, por acasos que apenas orixá proporciona, fui salvo da quebra de identidade e da depressão geradas desde o afastamento da igreja ao conhecer meu pai de santo, Assis, e, hoje, defendo essa tese com a cabeça lavada na Mina e o rosário de meu pai Oxalufan. Como pontua o amigo Francisco, não posso discordar da minha relação bem umbilical com o mundo mágico, mas também não escondo o que aconteceu até chegar aqui. Rio de antigas lembranças dos tempos de ministério e vez ou outra, preciso argumentar quando alguém não entende essas mudanças e me confronta pela nova religiosidade.

Em terceiro, destaco o aprendizado sobre protestantismo. Cresci em uma escola de ensino fundamental dirigida pelos Irmãos Maristas, em que normalmente era a única pessoa evangélica da turma, mas li sobre igrejas, Reforma e papas, nos volumes da enciclopédia na Biblioteca Manoel Urbano da Encarnação da Escola Estadual Eduardo Ribeiro. Na biblioteca, conheci também o primeiro livro acadêmico sobre evangélicos brasileiros: o clássico “Neopentecostais”, de Ricardo Mariano. Ao longo dos anos, aprofundi o conhecimento sobre cristianismo em geral lendo os mais variados livros e sites. A partir de 2010, me interessei pelo tema dos apóstolos brasileiros e comecei a escrever sobre eles; montei um site e, por quase dez anos, estive em contato com inúmeras lideranças desse segmento no país.

Graças a isso, conheci a história que no futuro seria meu objeto, o Movimento de Restauração no Brasil; portanto, quando fui incumbido de iniciar essa pesquisa, por mais que não soubesse que havia uma Igreja de Cristo tão perto, em Urucará, já tinha em mente algumas coisas sobre essa igreja brasileira. Nas primeiras escritas, eu podia não ter as ferramentas

adequadas para uma dissertação ou tese sobre protestantes e evangélicos no Amazonas, mas conhecia parte de seus inícios, desenvolvimentos, lideranças e particularidades. Relutei em assumir esse caminho de pesquisa, é verdade, mas não nego que foi um percurso natural. Pode-se dizer que estava escrito desde a biblioteca da Escola Eduardo Ribeiro.

Ainda é por causa daquela biblioteca que sou historiador. Eu já a frequentava antes da quarta série, mas foi em 2001 que Maria do Carmo, minha professora e também uma das bibliotecárias, me apresentou a mitologia grega, indiretamente, e daí me fascinei em ler também sobre isso, Hélade e Roma, e tantas outras histórias. Li incontáveis verbetes das duas enciclopédias e dos vários almanaques e me tornei o estranho adolescente cujo prazer era ir para a biblioteca toda tarde, e às vezes até à noite, e aprender sozinho. Foi por essas lembranças que me inscrevi no vestibular de História e agora escrevo esta tese.

Ainda precisei lembrar aqui, nesse prólogo de agradecimentos e de reconhecimento ao sagrado e à espiritualidade, como cresci ouvindo que iria “ficar doido de tanto estudar” (ou ler). Obviamente, eu não acreditava nisso, mesmo que fosse uma mágoa que guardei. Quando chorei após ser aprovado no mestrado, também lembrei dessas palavras. Outra coisa que ouvi, já no fim da graduação, é que por estudar tanto tinha me afastado de Deus e agora achava que sabia mais que Ele. É engraçado pensar que seria natural eu ser um pesquisador de cristanismos e seguir também o ministério. Eu também acreditava nisso. Havia plena convicção em mim e em outros de que eu seria apóstolo e historiador, que a carreira acadêmica viria em segundo plano, depois do ministério. Mas não foi. Quando iniciei a pesquisa sobre a Igreja de Cristo, ainda fui alertado de que poderia me envolver tanto que me tornaria parte dela, mas em momento algum isso esteve próximo de acontecer. Até porque, no ano seguinte, fui defenestrado da minha então igreja por não aceitar a Besta que subiu do Rio de Janeiro e sofri por muito tempo até encontrar luz. Por isso, por caminhos que nem podia imaginar, em junho de 2021, fui salvo da obscuridade e da depressão. E aqui estou, o macumbeiro de Mina Nagô que escreve sobre cristãos.

*Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho
(Alguém me avisou, Dona Ivone Lara)*

*Ó estrela, não me deixa eu bater
Não me deixa eu tombar
Não me deixa tubarão me levar pro alto mar
(Doutrina do Tambor de Mina)*

Demarco como este final de quatro anos de doutorado representa a conclusão da caminhada iniciada ao chegar em Parintins em 22 de fevereiro de 2016. Reconheço aqui que não estive só e nada aconteceu por acaso. Tal como qualquer existência humana, não estive nem vivi só; tudo aconteceu nas relações, nos contextos, nas experiências. Agradeço a cada pessoa que fez parte do percurso dessa pesquisa.

Aos meus pais, Francivaldo Araújo e Lidia Aquino, e aos meus irmãos. Amo vocês. É a vocês que procuro honrar, a quem quero orgulhar. Muito mudou desde o último domingo de 2015, quando deixei Canutama; não sou mais o mesmo, e sou grato por isso, mas o sentimento de amor, gratidão e compreensão continua com vocês. Foi difícil deixar tudo, perder muitos momentos, tanto de alegria quanto de tristeza, bem como passar os meus dias longe de qualquer familiar. Nem posso imaginar o que sentiram, preocupados comigo sozinho, mas quero que saibam que fiz o que pude e sou alguém melhor agora. Lembro-me da alegria de quando entreguei os livros *Um rio de histórias* e *Da Pensilvânia ao Amazonas* a vocês, de vê-los sendo compartilhados, do orgulho de vocês, e isso faz tudo valer a pena.

A Júlio Claudio da Silva, professor, orientador e amigo, desde o segundo período da faculdade. Na primeira vez que conversamos, naquele banco em frente à sua sala compartilhada, antes de existir a sala do NEAB, meu único objetivo era graduar, fazer uma especialização e voltar para meu interior; foi você quem primeiro me fez sonhar, pois acreditou em mim. Qualquer conquista minha é graças à sua confiança. Como nós dizemos, somos “*julioclaudianos*” com orgulho. A dissertação premiada, o livro resultante disso e esta tese são resultados também de sua dedicação em me orientar nessa caminhada acadêmica e por continuar confiando que eu poderia fazer mais do que eu mesmo acreditava ou queria.

A João Marinho da Rocha, a quem conheci por nome antes mesmo de conhecer como professor e como amigo. Obrigado por estar em todas as minhas bancas, por sempre poder contar com sua sabedoria afiada, conhecimentos incomparáveis, memórias e risadas. Por ajudar a todos nós a ir em frente e ser nossa referência, você é o maior intelectual amazônida.

Aos demais professores do Colegiado de História e ao Centro de Estudos Superiores de Parintins, CESP-UEA. Os dias de História estão marcados para sempre, tanto na tatuagem que fiz quanto na pessoa que me tornei por causa daqueles quatro anos. Boa parte do tempo, eu vivi no CESP, passando quase o dia todo na universidade, e isso me permitiu aproveitar muita coisa, mesmo nosso campus sendo tão pequeno em comparação à minha outra universidade.

O CESP ainda me deixou conhecer e aprender com os professores Deilson Trindade, Naia Dias e Lucinele Menezes; compartilhamos muito no Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA) e vocês foram amigos importantes nos processos que levaram à pós-

graduação, com conselhos e leituras.

A Universidade do Estado do Amazonas também me deu onde morar durante a graduação. Não conhecia ninguém na cidade, nem sabia onde iria dormir naquela primeira noite de 22 de fevereiro de 2016, mas Gyane Karol e os próprios técnicos da UEA me orientaram a buscar a Casa do Estudante, e ali me abriguei já na primeira noite e logo obtive a portaria autorizando minha morada. Toda vez que lembro daquelas decisões, penso o quanto podia ter dado tudo errado, mas as políticas públicas do Estado do Amazonas possibilitaram minha formação acadêmica e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em História e à Universidade Federal do Amazonas, pelas vivências e pelo aprendizado no Mestrado e no Doutorado. Menciono especificamente os que foram membros das quatro bancas, os professores Glauber Biazo, Patrícia Teixeira, Arcângelo Ferreira, Tiago Santos, e o excelente Jailson Soares, mais que um secretário, um ministro. Minha trajetória pode se orgulhar em ser vivida nas duas grandes universidades, públicas e de qualidade do estado. Ainda menciono a professora Joceneide Cunha, membra externa da banca de doutorado.

A Geize Vieira Almeida, que, por muitos caminhos, esteve envolvida nas minhas experiências de pesquisa. Você me apresentou este tema, sua cidade, sua família, seu lar, andanças e vida. Você me levou à casa dos meus colaboradores e até sentou à mesa comigo e eles. Minha gratidão e meu amor a você, Osilene, Enzo e Nadson. Nossas vitórias são vividas em comunhão, em Urucará ou em qualquer outro lugar.

Aos amigos que estiveram comigo nesses anos, aos que permaneceram e aos que chegaram; quis desistir de vocês vezes sem fim, e sei que não fui fácil, mas estivemos juntos. Anderson Serrão, a quem encontrei no primeiro dia de aula, também procurando a sala 8, e que desde aquele dia é meu amigo. Obrigado por tudo que vivemos nesses dez anos, e pelos cinco anos que tem me abrigado em seu lar toda vez que precisei, por sua família que me trata como alguém de casa, você é com certeza a definição de “incomensurável”. Alguns colegas da His16 continuam sendo amigos, mas não poderia deixar de mencionar Mariza Freitas e Matheus Rodrigues, os quais também me abrigaram em sua residência quando precisei.

No CESP, no NEAB, na UFAM, Everton Dorzane e Roger Kenned sempre estiveram nessas vivências comigo. Somos um trio e não é por poucas histórias. Não poucas vezes estudamos, rimos, tomamos litros de café, viajamos em redes próximas e lutamos juntos. Agora nos tornaremos doutores com pouca diferença de datas, e eu agradeço toda vez que me ajudaram nesses anos de pós-graduação, a me mudar de cidade, carregar móveis e até por terem salvado a minha vida. Na UFAM, eu também encontrei amigos, rindo, comendo, tomando café e

pesquisando a vida alheia. Especialmente agradeço as amigas que foram doutoras antes de mim, Michele Pires e Dhyene Vieira, as excepcionais caras da excelência do PPGH. Enfim, os nomes dos grupos de que participo com essas pessoas, não são muito comuns, mas as amizades também não são triviais. Também a vários outros que não são desses grupos, mas são igualmente importantes, agradecido. Se você é importante para mim, você sabe disso.

A Timóteo e a Tomé, filhos orgulhosos de Clinton Benjamin Thomas. Agradeço por toda a atenção nas viagens a Urucará, me permitindo conhecer e escrever sobre a história de seu pai e compreender parte da sua família, sua igreja e a cidade que viveram. Também a todos que me receberam na cidade e concederam-me o privilégio de ouvi-los contar suas memórias; sem vocês meu trabalho não conseguiria explorar a riqueza da história amazônica. Em especial, meu agradecimento aos mais velhos, Maria Auxiliadora da Costa Vieira e Renato Braga Vieira, os quais partiram durante o mestrado.

À Escola Estadual Professora Santina Felizola, em Maués, onde trabalhei em 2024, e à Escola Estadual Prefeito Donga Michiles, onde trabalhei em 2025 e até esta defesa, e aos amigos feitos nessa cidade, meu abraço.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por permitir a dedicação exclusiva ao Mestrado e Doutorado, oferecendo o meu melhor para o conhecimento sobre a Amazônia.

À professora e vereadora Marlete Brandão, cuja lei de auxílio aos estudantes universitários foi bastante útil durante a minha graduação e a quem agradeço também pelo reconhecimento junto à Câmara Municipal de Canutama, pelo qual sou extremamente grato.

Quão irônico é que o ex-quase-pastor, pesquisador de igreja, siga escrevendo sobre isso, mas agora sendo macumbeiro. Sigo celebrando a vida na Heira de Mina Nagô Nossa Senhora da Batalha YáOminGuntéJalôAyê. Matinjalô, pai Assis, mãe Sofia, pai Denner, irmãos! Ao meu sagrado, que me manteve mesmo quando eu quis desistir da vida, sou agradecido pela pedra firme no mar que não me deixa abalar.

Por alguns meses, a única coisa que consegui fazer neste texto foram essas páginas pré-textuais. Não preciso detalhar ou pontuar os problemas para a escrita, todos que passam pela pós-graduação os conhecem, e aqui não é o espaço para isso. É, sim, o de concluir. A todos que nesses dez anos partilharam comigo momentos felizes ou foram suporte em momentos tristes pelas cidades onde escrevi – Canutama, Manaus, Parintins, Urucará, Maués – muito agradecido.



RESUMO

Esta tese analisa a trajetória do missionário norte-americano Clinton Benjamin Thomas (1930-2007) em Urucará, região do Baixo Amazonas, estado do Amazonas. A investigação abrange as várias áreas de sua atuação, destacando-se como pastor, mecânico, médico autodidata e líder político, e como essas atividades se inserem nas tensões sociopolíticas na Amazônia durante o regime militar brasileiro, os “anos de chumbo”, especialmente no período aqui estudado (1965-1980). Ainda se aprofunda na relação entre o protestantismo de origem norte-americana, o catolicismo progressista, o aparato repressivo do Estado e as dinâmicas locais de poder. A metodologia fundamenta-se na História Oral, por meio de entrevistas com colaboradores, e no cotejamento de fontes documentais diversas, incluindo arquivos do Serviço Nacional de Informações (SNI), registros eclesiais e periódicos regionais. Ao longo desta tese, examina-se a missão de Clinton Thomas no Movimento de Restauração e sua inserção em Urucará, contrastada com a trajetória política de seu denunciante, o prefeito Pedro Falabella; a precariedade do atendimento do Estado na saúde do interior do Amazonas e o papel de missionários católicos e protestantes na prestação de cuidados à população desassistida; o envolvimento de Clinton Thomas em setores da economia, mecânica e política locais, e como sua influência social gerou tensões com a elite política local, resultando em denúncias do prefeito aos agentes do Estado; a atuação do SNI e as relações de resistência ou submissão de grupos cristãos frente à ditadura, culminando na análise dos relatórios de investigação que questionavam se o missionário era uma ameaça à segurança nacional. Ao fim, se constata a importância da trajetória de Clinton Benjamin Thomas para a historiografia sobre a ditadura na Amazônia, descortinando aspectos religiosos, sociais e políticos dos “anos de chumbo” nas pequenas cidades.

Palavras-chave: História oral; Urucará; Igreja de Cristo; ditadura militar.

ABSTRACT

This thesis analyzes the trajectory of American missionary Clinton Benjamin Thomas (1930-2007) in Urucará, in the Lower Amazon region of the state of Amazonas. The investigation encompasses his diverse fields of activity, highlighting his roles as a pastor, mechanic, self-taught doctor, and political leader, and how these activities were embedded in the socio-political tensions of the Amazon during the Brazilian military regime, the "Years of Lead", specifically during the period studied (1965-1980). It further delves into the relationship between North American Protestantism, progressive Catholicism, the State's repressive apparatus, and local power dynamics. The methodology is grounded in Oral History, utilizing interviews with collaborators and the cross-referencing of diverse documentary sources, including archives from the National Information Service (SNI), ecclesiastical records, and regional periodicals. Throughout the thesis, Clinton Thomas's mission within the Restoration Movement and his presence in Urucará are examined in contrast to the political trajectory of his accuser, Mayor Pedro Falabella. The study also addresses the precariousness of state healthcare in the Amazonian interior and the role of Catholic and Protestant missionaries in providing care to underserved populations; Thomas's involvement in the local economy, mechanics, and politics, and how his social influence generated friction with the local political elite; and the actions of the SNI regarding the resistance or submission of Christian groups to the dictatorship, culminating in an analysis of investigative reports that questioned whether the missionary posed a threat to national security. Ultimately, the study confirms the importance of Clinton Benjamin Thomas's trajectory for the historiography of the dictatorship in the Amazon, revealing religious, social, and political aspects of the "Years of Lead" in small towns.

Keywords: Oral History; Urucará; Church of Christ; Military Dictatorship.

RESUMEN

Esta tesis analiza la trayectoria del misionero estadounidense Clinton Benjamin Thomas (1930-2007) en Urucará, región del Bajo Amazonas, en el estado de Amazonas. La investigación abarca las diversas áreas de su actuación, destacando sus roles como pastor, mecánico, médico autodidacta y líder político, y cómo estas actividades se insertan en las tensiones sociopolíticas de la Amazonía durante el régimen militar brasileño, los "años de plomo", especialmente en el período estudiado (1965-1980). Además, profundiza en la relación entre el protestantismo de origen norteamericano, el catolicismo progresista, el aparato represivo del Estado y las dinámicas locales de poder. La metodología se fundamenta en la Historia Oral, mediante entrevistas con colaboradores y el cotejo de diversas fuentes documentales, incluyendo archivos del Servicio Nacional de Información (SNI), registros eclesiásticos y periódicos regionales. A lo largo de esta tesis, se examina la misión de Clinton Thomas en el Movimiento de Restauración y su inserción en Urucará, contrastada con la trayectoria política de su denunciante, el alcalde Pedro Falabella; la precariedad de los servicios estatales de salud en el interior del Amazonas y el papel de los misioneros católicos y protestantes en la atención a la población desatendida; la participación de Thomas en los sectores económicos, mecánicos y políticos locales, y cómo su influencia social generó tensiones con la élite política local; y la actuación del SNI junto a la resistencia o sumisión de grupos cristianos frente a la dictadura. Finalmente, se constata la importancia de la trayectoria de Clinton Benjamin Thomas para la historiografía sobre la dictadura en la Amazonía, revelando aspectos religiosos, sociales y políticos de los "años de plomo" en las pequeñas ciudades.

Palabras clave: Historia oral; Urucará; Iglesia de Cristo; dictadura militar.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Arte da Prelazia de Itacoatiara.	24
Figura 2: A família Thomas em Urucará, [197-].....	37
Figura 3: Templo da Igreja de Cristo em Urucará, [197-?].	41
Figura 4: Clinton Thomas ensinando na igreja, [198-].....	41
Figura 5: Foto do ex-prefeito no CETI Pedro Falabella.	63
Figura 6: Felícia Thomas em frente a UBS Mr. Clinton Benjamin Thomas, [200-].....	77
Figura 7: UBS Fluvial Pastor Clinton Benjamin Thomas, 2020.	77
Figura 8: Clinton Thomas atende criança na porta de sua casa, [197-?].	107
Figura 9: Clinton Thomas cuida de homem ferido, [197-].....	109
Figura 10: Clinton Thomas em viagem para São Sebastião, com sua mala de madeira com medicamentos, [197-?].	111
Figura 11: Pastor Clinton e Padre Justino, 1966.	144
Figura 12: Pedro e Sheila Falabella, [196-].....	147
Figura 13: Vista da frente de Urucará, identificando as torres das igrejas de Cristo (centro) e católica (centro-direita), [198-?].	164
Figura 14: Relatório do SNI, 22 de junho de 1979.....	196
Figura 15: Bispo Marskell (segundo à esquerda) e Cardeal Arns (terceiro à esquerda), ladeados por dois padres, [1978?].	234
Figura 16: Informação n.º 0120/119/AMA/78.	242
Figura 17: Títulos de Cidadãos de Urucará, 1999.	261

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Urucará, Amazonas.	22
---------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Prefeitos de Urucará entre 1964-1980	149
--	-----

LISTA DE SIGLAS

AAM	Associação Amazonense de Municípios
ABDE	Associação Brasileira de Instituições de Desenvolvimento
ABIN	Agência Brasileira de Inteligência
AC	Agência Central do Serviço Nacional de Informações
AFEAM	Agência de Fomento do Estado do Amazonas
AI	Ato Institucional
ALEAM	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas
AMA	Agência de Manaus do Serviço Nacional de Informações
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BASA	Banco da Amazônia S.A.
BEA	Banco do Estado do Amazonas
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CELETRAMAZON	Centrais Elétricas do Amazonas
CENIMAR	Centro de Informações da Marinha
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CETI	Centro de Educação de Tempo Integral
CETRU	Centro de Treinamento Rural de Urucará
CGI	Comissão Geral de Investigação
CIE	Centro de Informações do Exército
CIGS	Centro de Instrução de Guerra na Selva
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CISA	Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica
CMA	Comando Militar da Amazônia
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CODAM	Conselho de Desenvolvimento do Amazonas
CODEAGRO	Conselho de Administração da Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CSN	Conselho de Segurança Nacional
DNI	Departamento Nacional de Imigração
DOI-Codi	Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de

	Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DPF	Departamento de Polícia Federal
DSI	Divisão de Segurança e Informações
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
EMATER-AM	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas
ESG	Escola Superior de Guerra
FAB	Força Aérea Brasileira
FSESP	Fundação de Serviços de Saúde Pública
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GEHA	Grupo de Estudos Históricos do Amazonas
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JCAM	Jornal do Commercio
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PDC	Partido Democrata Cristão
PDS	Partido Democrático Social
PFL	Partido da Frente Liberal
PIME	Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras
PIN	Programa de Integração Nacional
PMAM	Polícia Militar do Estado do Amazonas
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SAVA	Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico
SEDECTI	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
SEMTA	Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia
SEPROR	Secretaria de Estado da Produção Rural
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SFM	Scarboro Foreign Mission Society
SI/SR/AM	Sistema de Informações da Superintendência Regional no Amazonas

SIAN	Sistema de Informações do Arquivo Nacional
SISNI	Sistema Nacional de Informações
SISSEGIN	Sistema de Segurança Interna
SNI	Serviço Nacional de Informações
SR/AM	Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal no Amazonas
SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
SUSEMI	Superintendência dos Serviços Médicos do Interior
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UBS	Unidade Básica de Saúde
ZFM	Zona Franca de Manaus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1 ESCRREVENDO A HISTÓRIA DE CLINTON THOMAS	33
1.1 Clinton Benjamin Thomas: “ <i>ele tinha que ser um pioneiro para viver aqui</i> ” ...	34
1.2 Pedro Geraldo Raimundo Falabella: “ <i>brilhante Administrador Público</i> ”	46
1.3 Narradores da história.....	64
1.4 A ditadura produzindo fontes	71
2 “ <i>UM MÉDICO BOM MESMO</i> ”: MÉDICOS E MISSIONÁRIOS NA REGIÃO DE URUCARÁ.....	75
2.1 Iniciativas governamentais: cuidar da saúde da Amazônia e do Amazonas no século XX	78
2.2 Médicos e missionários no Baixo Amazonas	89
2.3 Um médico “ <i>na época lá que não tinha pra onde correr</i> ”	106
3 MAIS DO QUE ALTO-FALANTES: MUDANÇAS, INOVAÇÕES E TENSÕES NA URUCARÁ DA DITADURA	133
3.1 “ <i>Inovações que pessoas nunca viram antes</i> ”: as mudanças de Urucará com a chegada dos Thomas.....	134
3.2 Tensões e relações do pastor de Urucará.....	158
3.3 As denúncias do prefeito de Urucará.....	172
4 CLINTON THOMAS, AMEAÇA À SEGURANÇA NACIONAL? VIGILÂNCIA, REPRESSÃO E CRISTÃOS NO AMAZONAS	197
4.1 O Serviço Nacional de Informações, vigilância e repressão pela segurança nacional.....	198
4.2 Cristianismos brasileiros e relações com a ditadura	204
4.3 A ditadura no Amazonas: repressão, resistências e norte-americanos	217
4.4 Progressistas cristãos no médio e baixo Amazonas.....	225
4.5 Um agitador americano? O que descobriu a investigação sigilosa?.....	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS	264
FONTES	270
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	280

INTRODUÇÃO

A Igreja de Cristo também avançou a cidade de Urucará socialmente e economicamente como espiritualmente. Enquanto muitos não tiveram educação pública, a Igreja de Cristo trouxe indiretamente muito interesse à cidade de Urucará. Urucará não tinha luz ou água pública. Não tinha hospital, telefone ou oficina mecânica na chegada do missionário. Mas com a chegada deste, propriamente a chegada do evangelho de Cristo, a cidade recebeu mais atenção.¹

A narrativa acima abre esta tese apresentando nosso sujeito, Clinton Benjamin Thomas, pois quando o missionário que escreveu esse fragmento pensa na “Igreja de Cristo”, refere-se às transformações que observou na cidade de Urucará “com a chegada deste”, seu pai, um líder religioso norte-americano, que também foi médico, mecânico e político.

Foi no já distante agosto de 2017 que tivemos o primeiro contato com a história de Clinton Benjamin Thomas. Aquela reunião no Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, gerou um longo caminho de pesquisas envolvendo a trajetória daquele missionário, desde antes do trabalho de conclusão de curso até esta tese de doutorado na Universidade Federal do Amazonas. Navegamos pelo rio Amazonas e seus afluentes e andamos por cinco cidades durante essa pesquisa e escrita.

A primeira parte desta trajetória acadêmica (2017-2022) privilegiou a relação de Clinton Thomas, enquanto líder religioso, com os protestantes brasileiros, ou evangélicos. O termo “evangélico” é polissêmico, tal como qualquer outro que tente padronizar os cristãos não católicos que se pretendem herdeiros da Reforma Protestante. Inúmeros estudos no país, primeiro nas ciências sociais e depois nas ciências humanas, têm se debruçado sobre esse crescente grupo permeado de semelhanças e diferenças.² Certamente o fator religioso é

¹ THOMAS, Timothy. **O significado da Igreja de Cristo ao povo de Urucará**. 8 abr. 1981, p. 1. Manuscrito datilografado. Cedido pelo autor. Arquivo GEHA.

² Verificar o livro publicado a partir da nossa dissertação premiada pelo Programa de Pós-Graduação em História e a Universidade Federal do Amazonas; sua leitura e bibliografias, além das obras que serão mencionadas aqui, fornecerão um arcabouço para o conhecimento dos protestantes, evangélicos e/ou pentecostais no Brasil e especialmente nas duas principais capitais da Amazônia. Cf. BEZERRA, César Aquino. **Da Pensilvânia ao Amazonas**: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2024.

Contudo, a historiografia das missões no Amazonas ainda apresenta lacunas significativas, pois, tal como outros campos historiográficos, concentra-se nas capitais. Além disso, as pesquisas sobre a história do cristianismo na Amazônia privilegiam, tradicionalmente, a quadricentenária presença católica. Obras clássicas, como a “História da Igreja na Amazônia”, organizada por Eduardo Hoornaert, ofereceram uma visão do protestantismo na Amazônia que refletiu na estrutura que seguimos anteriormente (Bezerra, 2024), onde discutimos a entrada dos primeiros missionários protestantes em Belém e Manaus no século XIX, mas não aprofundamos o estabelecimento missionário em outras regiões dos dois estados. Portanto, persistem inúmeras lacunas sobre a atuação missionária estrangeira na Amazônia entre o final do Império e a primeira metade do século XX. Por outro lado, demonstra-se, com a crescente produção bibliográfica nas universidades amazônidas, “o interesse nas múltiplas expressões de fé da população amazônida” (Bezerra, 2024, p. 78).

Vale destacar que as novas pesquisas sobre protestantes e evangélicos na Amazônia tendem a valorizar o tempo

essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois em primeiro lugar o sujeito principal é um missionário do Movimento de Restauração; entretanto, a partir das discussões encetadas anteriormente, podemos afirmar que ele e seus colegas fundadores das primeiras Igrejas de Cristo, entre os anos 1940-60, diriam que eram “apenas cristãos”, sem se perceberem como parte dos protestantes brasileiros, mas como um elemento diferente, de “restauração”.³

Tal como ser “evangélico” não era o mais importante para eles décadas atrás, também a característica religiosa não é a face privilegiada encarada na escrita da tese, segunda parte da trajetória acadêmica (2022-2026). Clinton Thomas não é apenas um sujeito de atuação religiosa, mas são as outras áreas de sua influência em Urucará que justificam as memórias sobre ele na cidade, bem como nosso interesse em compreender e escrever sua história. Igreja, mecânica, saúde, política: Clinton Thomas construiu sua história em várias áreas de atuação. Em que medida o estudo da trajetória de Clinton Benjamin Thomas nos permite iluminar as tensões produzidas pela presença do protestantismo norte-americano, do catolicismo progressista e das relações sociopolíticas na conjuntura dos anos de chumbo, ou seja, do regime militar brasileiro na Amazônia, entre 1965 e 1980?

Para responder a esta e outras questões, a presente tese coteja diferentes fontes históricas relacionadas às atividades de Clinton Thomas em seus significados religiosos, socioeconômicos e políticos, quais sejam: fontes orais, a partir de entrevistas de história oral; fontes do Serviço Nacional de Informações dispostas no Arquivo Nacional; fontes eclesiásticas, tanto as produzidas pelo missionário Timothy Thomas quanto pela Scarboro Foreign Mission Society; e fontes periódicas, a partir do *Jornal do Commercio*.

O desenrolar do contexto histórico desta tese se dá no interior do estado do Amazonas, especialmente em uma região pouco visitada pelos estudos dedicados à ditadura na Amazônia. Urucará, indicada no mapa 1, é um dos sessenta e dois municípios do Amazonas, pertencente à Região do Baixo Amazonas, uma das nove sub-regiões que dividem o espaço territorial do estado.⁴ Na divisão regional do Brasil instituída em 2017, está inserida na Região Geográfica

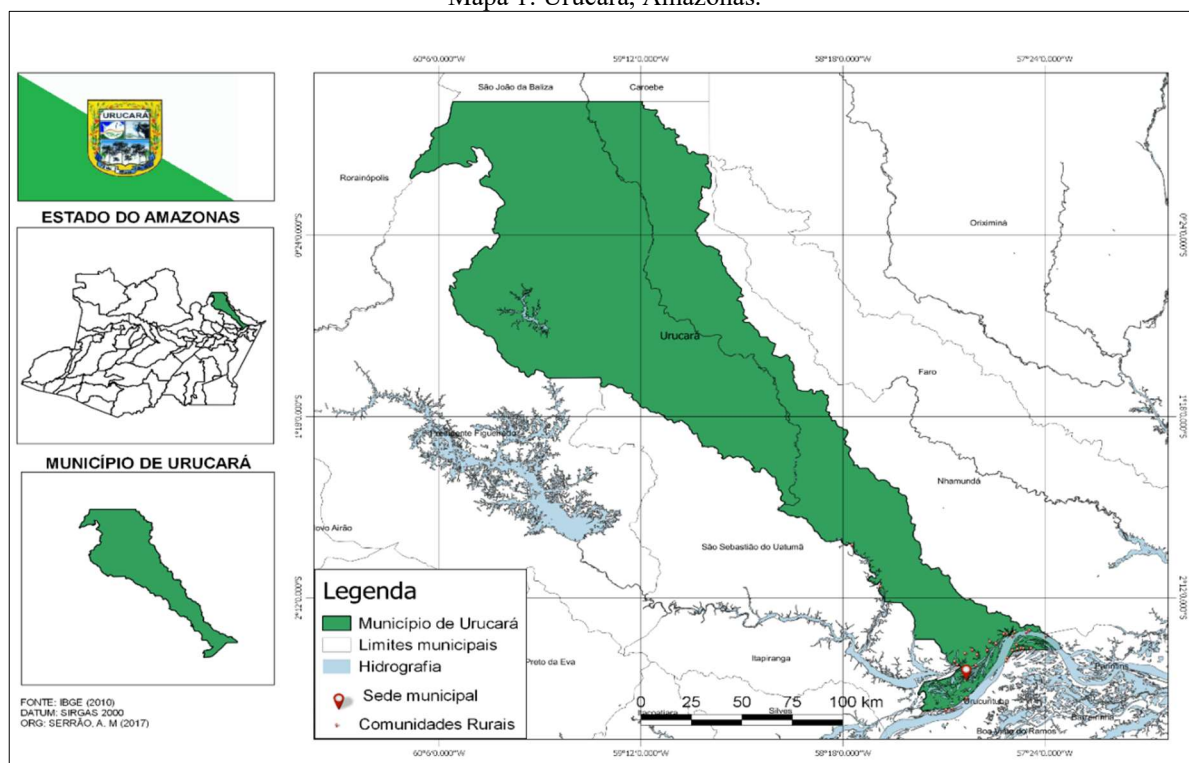
presente, especialmente devido à explosão pentecostal. Assim, os períodos mais estudados sobre as igrejas não católicas na região tendem a ser os anos iniciais até o pentecostalismo ou o crescimento excepcional recente, o que reforça nosso argumento sobre a necessidade de investigar as missões e igrejas em outras temporalidades e espacialidades. Verificar a reedição de “História da Igreja na Amazônia”, de Elisângela Maciel, que expande a discussão para além do capítulo original sobre a inserção protestante, para um novo capítulo dedicado à formação e crescimento do pentecostalismo na região. Cf. MACIEL, Elisângela (org.). **História da Igreja na Amazônia**. 2. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 2024.

³ Bezerra, 2024, segundo capítulo.

⁴ BRANDÃO, Júlio Cezar Lima (organização e notas). **Constituição do Estado do Amazonas** – atualizada até a Emenda Constitucional nº 108, de 18.12.2018. 3ª edição revista e atualizada. Manaus: 2019. Disponível em <https://www.pge.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/Constituicao-Estado-Amazonas-atualizada-ate-a-EC-108-de-2018.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

Intermediária de Parintins e na Região Geográfica Imediata de Itacoatiara, em uma área de 27.901,962 km² e com uma população de 18.631 habitantes em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).⁵ Com sede à margem esquerda do rio Amazonas, é limítrofe aos municípios de Nhamundá, Urucurituba, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Presidente Figueiredo e o estado de Roraima.⁶

Mapa 1: Urucará, Amazonas.



Fonte: Base cartográfica IBGE (2010); organização: Arenilton Monteiro Serrão (2017). In: Serrão, 2018.

Como observado anteriormente,⁷ o nome de origem indígena *Urucará* tem alguns significados possíveis, como “cesto de palha com inhame”, versão mais comum e republicada, ou talvez “cidade das garças”. A origem da localidade remonta a 26 de julho de 1814, com a fundação do povoado de Santana da Capela. Este foi elevado à categoria de Vila de Nossa Senhora Santana de Urucará em 12 de maio de 1887, com terras desmembradas do município de Silves, tendo o município sido instalado em 7 de setembro do mesmo ano. Cinco anos depois, a Lei Estadual n.º 33 estabeleceu o nome definitivo do município como *Urucará*. Quanto às

⁵ IBGE. Urucará. **Censo Demográfico do Brasil de 2022**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panorama>. Acesso em: 03 abr. 2024.

⁶ SEDECTI. **Anuário Estatístico do Amazonas**: 2021. v. 34. Manaus: SEDECTI, 2022. Disponível em: <https://www.selecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Anuario-estatistico-do-Estado-do-Amazonas-2021-Oficial.pdf>. Acesso em: 06 set. 2024.

⁷ As informações seguintes foram discutidas em Bezerra (2024, p. 135-139).

estruturas católicas, a primeira capela do núcleo originário foi dedicada à Nossa Senhora de Santana. Sua paróquia também foi instalada em 7 de setembro de 1887, cujo templo foi construído no fim do século XIX, permanecendo até a reconstrução na década de 1960, após a chegada dos missionários canadenses à Prelazia de Itacoatiara e a subsequente fundação da primeira igreja não católica,⁸ com a família Thomas.

Nos dados mais recentes, Urucará está entre os onze maiores PIBs *per capita* do Amazonas, destacando-se no setor agropecuário. É o terceiro maior produtor de guaraná do estado, além de apresentar produções significativas de laranja, maracujá e mel, bem como outras lavouras permanentes, temporárias, extrativismo e rebanhos. Possui uma das maiores reservas minerais do estado, inclusive como um dos oito municípios onde são encontrados bens minerais metálicos.⁹ Também coabriga a Reserva Biológica do Uatumã, além de terras indígenas demarcadas ou em estudo. Em 2010, era um dos quatorze municípios com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal médio no estado. Tais índices revelam contrastes: ao mesmo tempo em que sua taxa de mortalidade infantil é uma das seis mais altas, suas notas no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica estão entre as melhores.¹⁰

Ao longo desta tese, “Região do Baixo Amazonas” refere-se à partição própria do estado do Amazonas, definida no texto constitucional, abrangendo Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará. Itacoatiara, que se configura como essencial para nossa escrita, pertence à oitava sub-região do espaço territorial do Amazonas, chamada de “Médio Amazonas”. Portanto, nessa construção específica definida politicamente, a unidade que delimita os municípios de cada região é seu rio principal. Em outros momentos do texto, especificamente falando dos religiosos, pensamos a “região” no sentido da circunscrição eclesiástica, já que a Igreja Católica se estrutura em unidades geográficas, sob o governo episcopal. Nesse caso, conforme a figura 1, a Prelazia de Itacoatiara abrange seis

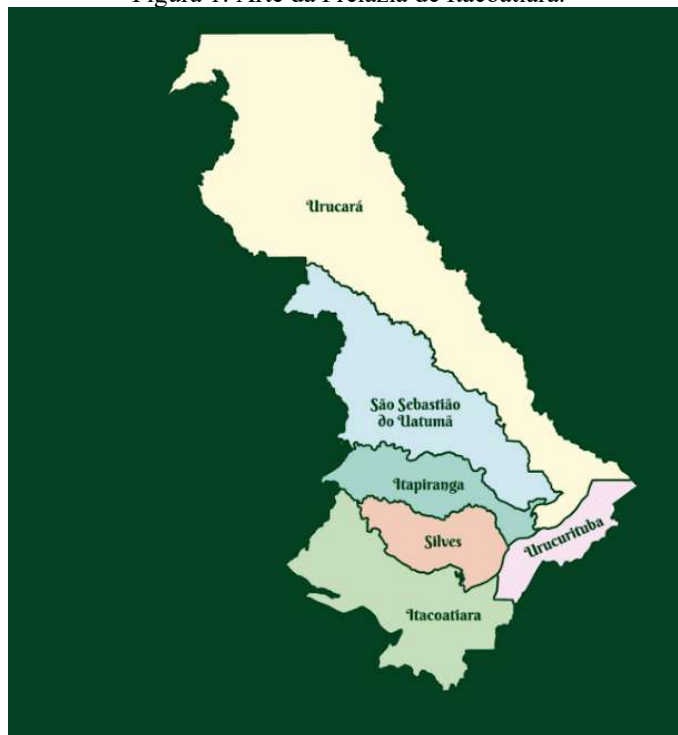
⁸ Optamos por usar “igrejas não católicas” para distinguir as igrejas que se estabeleceram no Baixo e Médio Amazonas, não usando os termos tradicionais “protestantes” ou “evangélicos” por reconhecer a complexidade dos termos e da identidade dos próprios fiéis de cada igreja. Considerando que Dr. Timóteo Thomas afirma que “nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”, o uso de “igrejas não católicas” pode permitir o reconhecimento das diversidades. Cf. BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Claudio da. “Nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”: entre memórias e discursos de Timothy Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo no Brasil. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 322–343, jul./dez. 2025. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1530>. Acesso em: 08 fev. 2026.

⁹ Conforme a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEDECTI), Urucará é um dos oito municípios a dividir as reservas de gás do estado, além de reservas de bauxita, cassiterita, elementos terras-raras, nióbio, tântalo, xenotima, criolita, tório, urânio, zircão, gipsita e calcário; também é o único município com reservas de ferro no estado.

¹⁰ SEDECTI. *Amazonas em Mapas*. 4. ed. Manaus: SEDECTI, 2020. Disponível em: https://www.selecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Amazonas-em-Mapas_4a-edicao_ano-2020.pdf. Acesso em: 06 dez. 2022. Demais indicadores territoriais, de desenvolvimento, infraestrutura, econômicos e sociais relativos a Urucará podem ser encontrados na SEDECTI (2020; 2022) além do IBGE.

municípios, entre o Médio e o Baixo Amazonas: Itacoatiara, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Silves, Urucará e Urucurituba. A partir da cidade sede da Prelazia, os missionários católicos realizaram suas atividades nos demais municípios.

Figura 1: Arte da Prelazia de Itacoatiara.



Fonte: Prelazia de Itacoatiara, [202-].

O ato de escrever a história de Urucará não parece muito antigo. O primeiro texto disponível foi *Eustáchio Libório da Cunha: Fundamentos de Urucará*, do professor Basílio Tenório. Esse livro se enquadra como uma produção memorialista, na qual se conta a história do município desde sua fundação, passando pelos governos municipais, mas principalmente como uma celebração da vida de Eustáchio Libório da Costa, tabelião, político, poeta e escritor autodidata, em meio à organização do Instituto em seu nome.¹¹ Nas primeiras pesquisas e leituras, em 2017 e 2018, Tenório era nossa única referência bibliográfica.

Logo após, tivemos a pesquisa de Arenilton Monteiro Serrão, *Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM*. Ainda que do campo da Geografia, essa dissertação nos ajudou a compreender a organização de colônias agrícolas em Urucará, em meio às lutas e resistências dos sujeitos do campo que saem da várzea para a terra firme; com a colaboração e direção da Igreja Católica,

¹¹ TENÓRIO, Basílio. **Eustáchio Libório da Cunha: Fundamentos de Urucará**. Parintins: Gráfica João XXIII, 2016.

criam comunidades e entidades, como o Centro de Treinamento Rural de Urucará (CETRU), que resulta na inserção desse campesinato em modelos mais próprios ao capitalismo da metade do século XX, como a produção do guaraná.¹² Também é de 2018 o trabalho da historiadora Geize Vieira Almeida, “*Mulheres de fibra em tempos de juta: relações de gênero e trabalho no município de Urucará-AM*”.¹³ Nesse investigar das relações de trabalho do campesinato na segunda metade do século XX, Almeida aliou a perspectiva de gênero, analisando memórias de mulheres, agora idosas, envolvidas na cultura da juta, a divisão sexual do trabalho e seu sistema comercial, bem como percepções e rupturas na experiência desse trabalho em Urucará.

Após a defesa de nossa dissertação, alguns escritos a mais sobre Urucará foram produzidos. Na senda memorialista, a professora urucaraense Darcineia Libório Santos, com seu livro *Urucará: Da Província ao Contemporâneo*, trouxe outras informações sobre a história do município, principalmente por detalhar ações de cada prefeito, nomes de agentes do Judiciário e do Legislativo.¹⁴ Geize Almeida defendeu sua dissertação, *Gênero e Memória: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)*, escrevendo sobre Conceição Silva, bancária amazonense que instalou e dirigiu a primeira agência de um banco na cidade. Seu recorte abrange os primeiros anos dessa mulher em Urucará, que se tornará, no final do período autoritário, a primeira e única prefeita do município, porém, esquecida na memória da cidade por décadas.¹⁵ Por fim, nossa própria pesquisa tornou-se livro sobre a história de Urucará.¹⁶

Possivelmente, escaparam ao nosso olhar trabalhos de outros pesquisadores a respeito

¹² SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato**: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

Outras produções de Geografia também têm pesquisado Urucará: BARTOLI, Estevan. Cidades pequenas na Amazônia e ordenamento territorial: redes de sujeitos locais e as redes urbanas de Urucará (AM) e São Sebastião do Uatumã (AM). **Geoingá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Maringá, v. 12, n. 1, p. 80-105, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/50956>. Acesso em: 03 dez. 2021; BARTOLI, Estevan; SERRÃO, Arenilton Monteiro. Periodização econômica, espaço intraurbano e sistemas territoriais de Urucará (AM). **GeoAmazônia**, Belém, v. 8, n. 15-16, p. 214-235, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/article/view/12572>. Acesso em: 14 jul. 2024; MARQUES, Rildo Oliveira; SERRÃO, Arenilton Monteiro; BARTOLI, Estevan. Ciclos econômicos, morfologia urbana e sistemas territoriais em Urucará (AM). **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, p. e30, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/53316>. Acesso em: 24 jul. 2024.

¹³ ALMEIDA, Geize Vieira de. **Mulheres de fibra em tempos de juta**: relações de gênero e trabalho no município de Urucará-AM. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

¹⁴ SANTOS, Darcineia Cunha Libório. **Urucará**: Da Província ao Contemporâneo. Manaus: Edição da autora, 2022.

¹⁵ ALMEIDA, Geize Vieira de. **Gênero e memória**: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

¹⁶ Bezerra, 2024.

de pesquisas sócio-históricas sobre Urucará e seus moradores, ou mesmo produções em outras ciências.¹⁷ Portanto, esta tese sustenta a contínua necessidade de os historiadores e pesquisadores em geral – principalmente os formados no Amazonas – navegarem pelos rios e conhecerem as histórias do interior do Amazonas.

Embora persistam lacunas na historiografia do Amazonas, a própria região amazônica não é desconhecida; ao contrário, ela é uma “região universal e teatro do mundo”.¹⁸ Historicamente, esse espaço foi buscado por brasileiros e estrangeiros – exploradores, empresários, religiosos, militares –, como se fosse um universo à parte, à espera de ser descoberto. Nessas perspectivas, os amazônidas surgem como que adormecidos, aguardando a salvação, enquanto suas riquezas naturais aguardavam a exploração. Os imaginários e discursos construídos ao longo dos séculos,¹⁹ pautados em noções de vazio, extrema dificuldade, carências, riquezas naturais e necessidade de integração, também atravessam os interesses daqueles que se estabeleceram ao longo do século XX. Em contraponto a esses discursos de uma Amazônia que apenas espera para ser usada pelos que vêm de outros lugares, esta tese inscreve-se no campo de estudos sobre uma Amazônia socioculturalmente múltipla e com seus próprios sujeitos históricos, em uma análise que abrange aspectos das missões, do desenvolvimento das cidades, da presença estrangeira, das disputas políticas e da ditadura brasileira nas pequenas áreas urbanas do interior da Amazônia, contribuindo para a ampliação do conhecimento historiográfico sobre a região.

Nesse cenário, voltamo-nos ao sujeito desta pesquisa, e afirmamos que escrever sobre Clinton Thomas é também contar a história de Urucará. Timothy Benjamin Thomas, inúmeras vezes indicado como quem se deveria buscar para conhecer a história de seu pai, perguntava em 1981: “Que diremos, então, deste humilde começo e posição na cidade urucaraense? Qual é o impacto da Igreja de Cristo aqui?”.²⁰ Após fazer sua leitura da condição espiritual da cidade e do início da sua congregação, o Dr. Timothy deu como resposta a essas perguntas a epígrafe desta introdução. No cotejo das fontes, a trajetória missionária se insere em um contexto de profundas transformações nas cidades da Amazônia;²¹ por isso, um colaborador afirma “que

¹⁷ Por exemplo, cf. SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa *et al.* Narrativas sobre a gestão e manutenção de serviços ambientais protagonizadas por agricultores e pescadores amazônicos: a construção do acordo de pesca do Lago do Amanary, Urucará, AM. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 3, e1416, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1152676/1/Artigo-revista-Foco-Lindomar.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

¹⁸ BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (Org.). **Amazônia: Região Universal E Teatro Do Mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

¹⁹ PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

²⁰ Thomas, 1981.

²¹ HALLER, Archibald O. *et al.* Os níveis de desenvolvimento socioeconômico da população da Amazônia brasileira - 1970 e 1980. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 941-973, set. 2000.

Deus abençoou Urucará com a vinda do pastor para cá”.²² Entender essas transformações e como Clinton Thomas se insere nesse “impacto” faz parte dos caminhos desta tese.

Reconhecemos nosso pertencimento à chamada História do Tempo Presente.²³ E para estudar (e escrever) a história do tempo presente a partir de Clinton Benjamin Thomas, recorreremos à memória, pois é “nossa obrigação [...] a de entender melhor e aceitar que, nos dias de hoje, os historiadores já não têm o monopólio das representações do passado. As insurreições da memória, tanto como as seduções da ficção, fazem-lhes fortes concorrências”.²⁴

Conforme Marcos Montysuma, “a memória posta a serviço da escrita da história é um fragmento do que aconteceu, do que foi”. Por ela, “problematizamos os acontecimentos e damos forma explicando *como, o que, onde, quando e por que* do acontecido. Logo, a memória é tomada como fragmento do passado”. Assim, a “memória como fragmento do que foi construído no plano social e memória como capacidade de discutir as experiências subjetivas, pelos teores guardados na mente se fundem”.²⁵

A História, filha da Memória, é antítese do Esquecimento. Como enfrentar esse inimigo? Cabe ao historiador, ao buscar aliar história e memória, recorrer à escrita científica, pois “a memória pela natureza de sua constituição, e de sua função na sociedade, não é suficiente para dar cabo explicando o fenômeno como um todo, porque não cabe a ela tal tarefa”. Montysuma interpreta “que através da pesquisa confrontamos a memória, entendida como fragmento do passado. E através da crítica a ela damos o passo seguinte – esse passo seguinte consiste no que hoje chamamos de escrita da história”.²⁶ Dessa forma,

[...] a discussão exercitada através da escrita da história é possível porque uma réstia do que foi fez-se memória, preservando dado conteúdo, por onde é possível problematizar todo um passado apontando outros devires. A memória é, portanto, a vitória contra o esquecimento.²⁷

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZqnnrjpGp9zhvqnPGRCdqrP/>. Acesso em: 10 fev. 2023; VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

²² SICSÚ FILHO, Teodomiro Farias. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de dezembro de 2018.

²³ LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007; MÜLLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007; ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

²⁴ CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. Tradução: Jean Briant. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010, p. 12. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 06 jun. 2022.

²⁵ MONTYSUMA, Marcos. Memória e esquecimento. In: REIS, Tiago Siqueira *et al.* (org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 46.

²⁶ *Ibid.*, p. 48.

²⁷ *Ibid.*, p. 49.

Ou ainda, nas palavras de Roger Chartier, é a “relação viva que faz com que se reconheça o passado na imediatez de sua reminiscência”.²⁸ Ainda para Chartier,

A história deve respeitar as exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas, mas, ao mesmo tempo, ela deve reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que lhe é próprio, o qual supõe o exercício da crítica, a confrontação entre as razões dos atores e as circunstâncias constrangedoras que eles ignoram, assim como a produção de um saber possibilitada por operações controladas por uma comunidade científica.²⁹

Delineia-se que “a tudo que identificamos e apontamos por e como sendo memória, não comporta em si a plenitude do que foi, senão uma memória, um fragmento, um semblante através do qual podemos discutir um acontecimento, uma questão, uma passagem da história”.³⁰ Firma-se a memória como passado-presente: “é essencial compreendermos que a memória não é apenas do passado, mas é o passado que se projeta no presente”, sem omitir como isso afeta aquele que detém essas memórias e por elas é afetado, “e a polissemia de conteúdos reativos ao acontecimento, que foram extirpados, obliterados, no hoje não nos deixam ver a essência do que nos impacta”.³¹

Várias memórias serão tratadas aqui nesta tese – entendendo que todos os documentos acessados são memórias – mas as primeiras fontes a formarem esse *corpus* foram as fontes orais. Para estabelecer um diálogo entre memória e história, recorreremos à história oral, método privilegiado para essa investigação e escrita historiográfica, assumindo sua capacidade de encontrar as memórias de quem acompanhou Clinton Thomas e de estudar a Amazônia em seus significados, experiências e possibilidades.³² Enquanto primeira etapa da constituição de fontes, as entrevistas de história oral também estabeleceram novas direções para a pesquisa, a partir do processo de construção de memória³³ dos vários colaboradores, os quais serão apresentados no primeiro capítulo. Um dos caminhos abertos foi em direção aos aspectos políticos da trajetória

²⁸ Chartier, 2010, p. 12.

²⁹ *Ibid.*, p. 12.

³⁰ Montysuma, 2019, p. 49.

³¹ *Ibid.*, p. 60.

³² BEZERRA, César Aquino; SANTOS, Tiago Fonseca dos. História oral, memória e seus significados para a história na/da Amazônia. In: COSTA, Francisca Deusa Sena da; MOURA, Anderson Vieira (org.). **Os 200 anos de independência e seus significados para a Amazônia**. Curitiba: Editora CRV, 2023, p. 13-20; HOLANDA, Maicon Douglas *et al.* (org). **História oral na Amazônia: experiências e possibilidades**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

³³ Em um dos textos mais célebres da discussão sobre memória e história oral, Michael Pollak (1992, p. 204) afirma que “a memória é um fenômeno construído”, tanto de forma consciente quanto inconsciente; portanto, todo esse processo da memória é “um verdadeiro trabalho de organização”. Além disso, esse processo não é apenas individual, mas também uma construção social. Cf. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul./dez. 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 15 fev. 2018.

de Clinton Thomas, dentro da conjuntura nacional, e à busca por novas fontes.

Reinaldo Lohn revela que “a constituição de uma História do Tempo Presente apontou para o chamado retorno do político”;³⁴ logo, “uma história em que o político aparece como um lugar sociocultural que articula relações sociais e suas representações, ao passo em que aponta questões acerca dos sentidos da contemporaneidade, na qual as interações particulares e individuais ganham importância”. Para Lohn, “estes ‘nós históricos’ entre sociabilidades e política acentuam a complexidade das leituras do tempo presente, ao mesmo tempo em que fornecem recursos para sua compreensão”.³⁵ No cruzamento entre a Nova História Política e a História do Tempo Presente, “esta tomada da temporalidade para além das fronteiras do Estado-Nação leva necessariamente a uma perspectiva em que as conexões são indispensáveis, renovando as possibilidades de compreender agentes sociais como parte de redes abrangentes e, mesmo, globais”.³⁶

Nesse reconhecimento, a história de Clinton Thomas é parte da história política do Brasil, aqui compreendida em seus diversos aspectos. É uma história política que envolve um sujeito político que nunca assumiu cargos públicos, não foi eleito ou indicado a posições do Estado em nenhum nível. Contudo, estabeleceu-se como líder religioso em um município brasileiro e como tal exerceu relativa influência que não se prende apenas a pregar, evangelizar e erguer templos. Realizou atividades na área da saúde e na mecânica. Para isso e graças a isso, construiu relações com diversos sujeitos tanto em Urucará quanto na capital amazonense, incluindo os sargentos destacados ao município. Não se pode negar que trazer remédios doados em Manaus para atender os ribeirinhos no Baixo Amazonas, ou consertar armas e veículos de militares, sejam atividades também políticas, as quais são bem mais permanentes na memória coletiva da cidade do que a pregação religiosa. Algumas fontes indicam que este sujeito político também emitia opiniões públicas sobre agentes políticos, como o prefeito, apoiando ou criticando autoridades e ações destas. Por fim, ele também se torna parte da história política do país ao ser um dos inúmeros investigados pela agência de inteligência da ditadura.

Nessa direção, mostrou-se necessário, no decorrer das disciplinas e orientações, pensar essa história de vida em relação à trajetória de outro sujeito da história urucaraense. Pedro Geraldo Raimundo Falabella foi um importante político local, tendo construído uma sólida carreira política na Amazônia republicana. Sua memória permanece não apenas em obras e

³⁴ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: REIS, Tiago Siqueira *et al.* (org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 11.

³⁵ *Ibid.*, p. 18.

³⁶ *Ibid.*, p. 19.

edifícios nomeados em sua homenagem, como também pela continuação de sua família em cargos eletivos no município. É impossível falar da Urucará da segunda metade do século XX sem encontrar Falabella, seus mandatos, suas obras, suas tensões com outros políticos locais e suas importantes relações com o Estado.

Clinton Thomas se tornou alvo do Serviço Nacional de Informações (SNI) pela denúncia de Pedro Falabella. Se não fosse esse político no sentido tradicional, não teríamos os importantes registros do SNI sobre o pastor norte-americano, que poderia ser apenas mais um dos inúmeros imigrantes a serviço religioso no país. As fontes do SNI são nosso segundo *corpus* de memórias analisadas, dentro dos milhares de documentos disponibilizados no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), revelando as memórias da ditadura brasileira. Falabella não conseguiu embater-se com Clinton, que se juntou a uma rede, então, precisou recorrer ao aparato da ditadura para esse duelo de forças locais com o “americano, pastor e agitador”. Nesse cenário, podemos perguntar se essa denúncia se justifica por Falabella realmente considerar o temor de uma agitação por um agente estrangeiro ou se era oportuno para o prefeito contar essa história.

Qual o lugar do homem e da mulher comum diante dos grandes eventos políticos? Muitos historiadores tentaram responder a isso em investigações, analisando histórias e trajetórias de normalidade, (re)existência, aceitação, participação, embates de inúmeros e variados sujeitos e sujeitas que viveram os anos de chumbo,³⁷ dos famosos aos desconhecidos. Nesta tese, esses dois homens em Urucará também nos mostram a história acontecendo devido aos eventos do Estado, o qual era governado pelos generais, na atmosfera de medo, tensão e violência em nome da segurança nacional.

Sendo Clinton Thomas um líder religioso, as fontes eclesiásticas não escapam ao nosso objetivo, constituindo o terceiro *corpus* documental. No primeiro grupo, temos documentos fotográficos e escritos produzidos pelos Thomas, os quais compartilham seus olhares e interpretações sobre sua vida no Brasil. As fotografias³⁸ correspondem à “construção da memória familiar por meio de narrativas visuais”, configurando-se como um meio de

³⁷ A expressão “anos de chumbo” se popularizou em referência aos períodos mais repressivos da ditadura brasileira. É usada também em comparação com a expressão “anos de ouro”. Cf. CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/CBJPzCHYdnpmDFMKrF4z5BC/>. Acesso em: 05 mar. 2024; DEL PRIORE, Mary. Anos de chumbo e anos de ouro: erros e acertos do governo durante o regime cívico-militar. **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 105, p. 13-34, 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ighmb/article/view/3406>. Acesso em: 28 fev. 2026.

³⁸ Cf. Bezerra (2024, p. 176-180), bem como os anexos do livro.

autorrepresentação.³⁹ Além disso, Timothy Thomas, enquanto teólogo e intelectual, também escreveu documentos sobre a trajetória de seu pai e da sua igreja em Urucará, como aquele da epígrafe desta introdução. A prática das fotografias e dos escritos revelam como os Thomas arquivaram a própria vida, atendendo ao dever de produção de lembranças: “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.⁴⁰ Ao arquivar a própria vida, Clinton Thomas também arquiva a história da Igreja, da cidade e do Amazonas nos anos de chumbo. Também encontramos a *Scarboro Missions*, produzida pela Scarboro Foreign Mission Society (SFM), missão canadense que atuou na Prelazia de Itacoatiara, e o próprio site da missão, que revelam não apenas a evangelização católica, como a prática social dos novos tempos do catolicismo engajado.

O quarto *corpus* documental são os arquivos do *Jornal do Commercio* (JCAM), de Manaus. O material foi mapeado na Hemeroteca Digital Brasileira para traçar um perfil de Falabella, considerando que os periódicos abrem possibilidades para “importantes fontes de informação, por onde era possível perceber múltiplas dimensões do viver social”.⁴¹ Esses documentos jornalísticos pertencem a “um dos mais importantes diários da capital amazonense (posição que manteve por mais de cinquenta anos!)”;⁴² os recortes permitirão articular e conectar as fontes no sentido de compor a carreira política de Falabella e o desenvolvimento de Urucará ao longo da ditadura.

Apesar da individualidade de cada trajetória e da exclusividade de cada história, admitimos que nenhuma é isolada ou descolada de outras. Decerto, o contexto é “composto por múltiplas e dinâmicas relações sociais entabuladas por indivíduos, inclusive aquele que se escolheu para biografar”.⁴³ O pastor Clinton pode ter sido o único representante do Movimento de Restauração enviado para o interior do Amazonas naquele momento, atendendo a uma missão que não se restringia a pregações e batismos, mas missionários de outros movimentos fizeram o mesmo caminho, e ele também não foi o único religioso vigiado pelo SNI como uma provável ameaça à segurança nacional. Por isso, recorreremos à produção historiográfica para

³⁹ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 49.

⁴⁰ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1998, p. 11. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 13 jun. 2020.

⁴¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. 3ª ed. Manaus: EDUA, 2015, p. 25.

⁴² *Ibid.*, p. 239.

⁴³ SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 196.

compreender sua trajetória e inseri-la na história do Brasil durante o regime autoritário.

Partindo dessas discussões introdutórias, o primeiro capítulo, *Escrevendo a história de Clinton Thomas*, traz a biografia de Clinton Benjamin Thomas, seu envolvimento no Movimento de Restauração, sua missão no Brasil e inserção em Urucará; a biografia de Pedro Falabella, político com atuação local e estadual, e denunciante de Clinton Thomas ao SNI; apresentaremos uma discussão sobre história oral bem como nossos colaboradores que concederam entrevistas; e, por fim, como os arquivos do SNI foram liberados à produção historiográfica e uma discussão metodológica sobre eles.

O segundo capítulo, *“Um médico bom mesmo”: médicos e missionários na região de Urucará*, apontará as três formas de medicina e seus agentes na região do nosso recorte. Assim, trataremos da saúde pública no Amazonas e da atuação do Estado, suas dificuldades no interior do estado e a instalação de postos; dos serviços médicos oferecidos por missionários católicos e protestantes à população da região de Urucará e além, através dos canadenses na Prelazia de Itacoatiara, dos adventistas no Médio e Baixo Amazonas e dos batistas de Parintins; e por fim, a atuação de Clinton Thomas em Urucará, através da doação e aplicação de medicamentos, e sua dedicação a cuidados variados à população desassistida pelo Estado.

O terceiro capítulo, *Mais do que alto-falantes: mudanças, inovações e tensões na Urucará da ditadura*, alcança as memórias do município em transformação e como Clinton Thomas se insere nisso. Assim, o encontramos nas “inovações” em questões da economia, política e mecânica. Importante para isso são as relações que o pastor desenvolve com variados sujeitos e as tensões que surgem com seu comprometimento além do religioso, levando às denúncias do prefeito sobre o agitador em Urucará, as quais terminam nos arquivos do SNI.

No último capítulo, *Clinton Thomas, ameaça à segurança nacional? Vigilância, repressão e cristãos no Amazonas*, discorreremos sobre a criação e atuação do SNI; as relações de submissão, perseguição e resistência dos catolicismos e protestantismos brasileiros com a ditadura; as configurações e tensões da ditadura no Amazonas; e a ação do catolicismo de libertação na região de Itacoatiara. Por fim, analisamos a investigação propriamente dita do SNI, realizada em Urucará e Manaus, para responder se Clinton Thomas era realmente um agitador e uma ameaça.

Ao fim desta introdução, reconhecemos que a trajetória de Clinton Benjamin Thomas ilumina aspectos da História da Amazônia, da História do Brasil Republicano no Tempo Presente, da História das Religiões e por fim, da História de Urucará. Entre vários campos da história, mas primeiramente a sua própria. Um homem que navegou pelo Amazonas e fez de Urucará sua casa por três décadas.

1 ESCRREVENDO A HISTÓRIA DE CLINTON THOMAS

Giovanni Levi pergunta se podemos “escrever a vida de um indivíduo”. O problema para essa escrita não é a falta de fontes, mas a adesão a “modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”.⁴⁴ Para não incorrer na “ilusão biográfica” preconizada por Pierre Bourdieu,⁴⁵ o autor aponta, na escrita de uma biografia, o balanço entre as condutas individuais e o contexto, entre os comportamentos-tipos e as subjetividades, as comparações e as margens, a rigidez e a liberdade de movimento, o sistema de normas e a conquista da liberdade, em “novos caminhos trilhados pelos que procuram utilizar a biografia como instrumento de conhecimento histórico e substituir a tradicional biografia linear e factual, que mesmo assim continua a existir e vai muito bem”.⁴⁶

Bourdieu questiona a noção de *trajetória*, palavra tantas vezes escrita neste texto. Segundo ele, essa noção se constrói “como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. Ao consideramos a perspectiva teórica-metodológica de que não escrevemos uma vida como “uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio”,⁴⁷ acompanhamos o sociólogo francês, quando afirma:

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora, o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes, - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.⁴⁸

Logo, para estudarmos a trajetória de Clinton Benjamin Thomas em Urucará, inserida na conjuntura do regime militar brasileiro, este capítulo apresenta as biografias, primeiramente, do missionário norte-americano e do prefeito urucaraense, para permitir a compreensão da conexão entre esses dois sujeitos históricos na história de Urucará. Recorremos às fontes orais e periódicas para construir esses perfis e começar a compreender “que dimensões do passado

⁴⁴ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 169.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

⁴⁶ Levi, 2006, p. 179.

⁴⁷ Bourdieu, 2006, p. 189.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 190.

são possíveis de se conhecer pesquisando a trajetória” desses dois homens.⁴⁹

Para além disso, este capítulo identifica as diferentes fontes históricas relacionadas às atividades de Clinton Thomas, discutindo sobre a história oral e relacionando os colaboradores entrevistados, além da abordagem quanto aos arquivos do SNI. A escolha por apresentar primeiro os narradores orais se justifica pelas direções que a pesquisa tomou desde seu início, reconhecendo as possibilidades da história oral para acessar histórias sobre um missionário até então desconhecido. A ideia de procurar nos periódicos amazonenses menções a Clinton Thomas e outros sujeitos que viessem a se destacar já estava presente desde as primeiras orientações; mesmo que não tenhamos encontrado alusões ao missionário em jornais, essa procura foi útil para estabelecer as ações políticas de Pedro Falabella. Contudo, encaminhamo-nos para o Arquivo Nacional e o SNI apenas pela indicação à investigação, feita por um dos principais colaboradores. Assim, antes da busca ao SIAN, as entrevistas de história oral sugeriram direções.

Logo, este capítulo situa nossos sujeitos e as principais fontes – as orais e as do SNI – nos caminhos para iluminar as tensões produzidas pela presença do protestantismo norte-americano, do catolicismo progressista e das relações sociopolíticas na conjuntura do regime militar brasileiro na Amazônia.

1.1 Clinton Benjamin Thomas: *“ele tinha que ser um pioneiro para viver aqui”*

A partir de cópias de seus documentos de identificação arquivados pelo SNI, encontramos esse homem branco, de cabelos castanhos claros e olhos esverdeados, nascido em 28 de setembro de 1930, em Williamsport, Pensilvânia. Filho de Benjamin Harrison Thomas e Lucinda Hannah Thomas, de profissão missionário, casado, e com residência na Rua Cel. Ramos, 188, Urucará. Segundo a carteira emitida pelo Serviço de Registro de Estrangeiros,⁵⁰

⁴⁹ Schmidt, 2012, p. 195.

⁵⁰ A carteira de identidade do estrangeiro era “o documento obrigatório para todos os estrangeiros residentes no país que não são naturalizados e que se encontram em caráter permanente no país. A sua obrigatoriedade foi instituída com o Decreto n.º 3010, de 20 de agosto de 1938, que estabeleceu que todos os estrangeiros, com até 60 anos, estavam obrigados a se cadastrar no Serviço de Registro de Estrangeiros da cidade onde viviam no Brasil”. Cf. BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Perguntas frequentes. **Arquivo Nacional**, 04 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes>. Acesso em: 08 jan. 2026. Para uma discussão sobre a política migratória no Estado Novo, as restrições, a seleção de um tipo ideal de estrangeiro em vista ao branqueamento do Brasil, ver também: KOIFMAN, Fábio. **O imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012; MARQUES, Guilherme dos Santos Cavotti. A política imigratória brasileira nas décadas de 1930 e 1940 sob os prismas da fiscalização e controle. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 81, p. 6-33, set./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/67763>. Acesso em: 8 jan. 2026.

sob o registro 11.821, com caráter permanente, em Belém, Pará, em 22 de junho de 1956, Clinton Benjamin Thomas obteve o visto do Consulado Brasileiro na Filadélfia em 27 de março de 1956. O documento também informa o desembarque do missionário em Belém, em 15 de junho de 1956, em um avião, com passaporte expedido em 1954.⁵¹

Outro documento registrava seu visto de saída em Manaus em 26 de abril de 1976. Aqui, sua identidade, 11.821, tinha nova data de expedição: 22 de maio de 1970, pelo Serviço de Registro de Estrangeiros do Pará. Seu passaporte americano também havia sido atualizado, em 19 de fevereiro de 1976. Seu endereço de residência e trabalho era identificado como a Rua Urucará, número 244, no bairro Cachoeirinha, na capital amazonense. Apesar de exercer profissão e ter moradia no Brasil havia duas décadas, o documento observa que Clinton Thomas não era naturalizado.⁵²

Clinton Thomas nasceu em uma família já ligada ao Movimento de Restauração. No final do século XVIII e início do XIX, diversos movimentos religiosos pulsavam nos Estados Unidos, “à procura de uma *restauração* do que ansiavam como legitimamente bíblico, portanto, correto”.⁵³ Um grupo, que se chamava de *cristãos*, era liderado por Barton Stone: “Stone, mais simples, queria só usar o nome ‘Cristão’, cristão somente, não os únicos cristãos, mas cristão somente”,⁵⁴ outro grupo, que se identificava como *discípulos de Cristo*, foi iniciado por Thomas Campbell, depois com Alexander Campbell e Walter Scott: “o Alexander Campbell disse ‘nós não estamos seguindo todas as coisas que um cristão deve fazer, então nós somos aprendizes, então nós devemos ser discípulos’, discípulos está mais no Novo Testamento do que cristãos”.⁵⁵ Esses dois grupos perceberam seus objetivos comuns, e apesar das diferenças, decidiram se unir, culminando em um acordo nos primeiros dias de 1832. Nascia o Movimento de Restauração; devido a seus dois principais líderes, Barton Stone e Alexander Campbell, o movimento também é conhecido como *Stone-Campbell*.⁵⁶

⁵¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Onde “RJANRIO TT” refere-se ao Fundo Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, “JUS” indica a seção Justiça, “PRO” a subseção Processos e “643” o número do dossiê. Cf. BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643 – Dossiê. Data de produção inicial: 10/1/1979. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1096823&v_a_ba=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

⁵² Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁵³ Bezerra, 2024, p. 81.

⁵⁴ THOMAS, Timothy “Timóteo” Benjamin. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 17 de dezembro de 2018.

⁵⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁶ A importância do Movimento nos Estados Unidos é refletida nas inúmeras pesquisas realizadas no país, principalmente nas universidades pertencentes às Igrejas de Cristo/Cristãs. Cf. COOK, James. **The Myth of the Stone-Campbell Movement**. Dissertation (Ph.D in History). Graduate Faculty of Texas Tech University. August, 2007; GORMAN, James L. **Among the Early Evangelicals: The Transatlantic Origins of the Stone-Campbell Movement**. Abilene, TX: Abilene Christian University Press, 2017; WILLIAMS, D. Newell; FOSTER, Douglas

O Movimento de Restauração nasceu rejeitando a formação de denominações, hierarquias e controles, e combatendo a divisão entre os cristãos. Unidade era sua palavra de ordem. Suas congregações locais são conhecidas como Igrejas de Cristo (*Churches of Christ*) ou Igrejas Cristãs (*Christian Churches*) e se espalharam pelo planeta. As diferenças internas levaram a divisões formais no século XX. Um grupo classificado como mais radical, as igrejas de Cristo, é conhecido pela alcunha *A Capella*, dada sua rejeição dos instrumentos musicais. Um segundo grupo, de tendência liberal e ecumênica, reestruturou-se como uma denominação formal, a Igreja Cristã *Discípulos de Cristo*. Os que não quiseram tomar parte na nova denominação continuaram existindo como uma terceira corrente, conhecida como Igreja de Cristo/Cristãs *Discípulos independentes*. Apesar disso, as congregações dos três grupos continuam a apresentar-se como Igrejas de Cristo ou Cristãs, referindo-se às correntes apenas quando necessário à identificação.⁵⁷

Depois de uma primeira tentativa de missionários das igrejas de Cristo (*A Capella*), a Igreja de Cristo no Brasil teve início em 1948, com missionários *Discípulos independentes*, o casal David e Ruth Sanders. Após concluírem os estudos no Johnson Bible College e adquirirem recursos, eles imigraram para o Brasil e se estabeleceram em Goiânia, Goiás, trabalhando primeiro com uma escola para crianças e depois iniciando a primeira Igreja de Cristo. Outros missionários seguiram o casal Sanders, ajudando no crescimento da Igreja de Cristo, a qual até hoje tem maior presença na região Centro-Oeste do país. Sem ligação com os Sanders, Bill e Virginia Loft foram enviados como missionários para Belém em 1952, onde fundaram um lar para crianças e depois uma igreja.⁵⁸

Clinton Thomas, estudante no Johnson Bible College, foi convencido por Bill Loft a servir como missionário em Belém; após conseguir os recursos, ele fez sua primeira viagem ao Brasil em 1954, para estagiar em Belém, mesmo sem saber falar português. Ao retornar aos Estados Unidos, Clinton expressou para sua companheira o desejo de servir no país. Phyllis Eleanor Thomas nasceu em 26 de dezembro de 1934, também em Williamsport, onde conheceu Clinton. Eles cresceram juntos, e desenvolveram sua experiência e trajetória religiosa na Igreja de Cristo na Pensilvânia e estudaram no Johnson. Assim, eles se tornaram missionários da *Amazon Valley Christian Mission*, nome da missão fundada por Loft. Phyllis (chamada de dona Felícia pelos brasileiros) fez a viagem para Belém grávida de Timothy (Timóteo), nascido em

Allen; BLOWERS, Paul M (ed.). **The Stone-Campbell Movement: A Global History**. Nashville, TN: Chalice Press, 2021.

⁵⁷ Cf. o segundo capítulo de Bezerra (2024) para a história do Movimento de Restauração.

⁵⁸ Cf. o segundo capítulo de Bezerra (2024) para a história da Igreja de Cristo no Brasil.

1956. Depois de servirem em Belém por algum tempo, foram enviados para ajudar no trabalho iniciado em Macapá, Amapá, onde tiveram o segundo filho, Theodor (Teodoro), em 1959. Em 1961, os Thomas retornaram aos Estados Unidos, estabelecendo-se em Grand Junction, Colorado, onde nasceu Thomas (Tomé), em 1964.⁵⁹

A figura 2 nos apresenta os Thomas em sua residência em Urucará. Da esquerda para a direita, Timóteo, Tomé, Teodoro, Felícia e Clinton:

Figura 2: A família Thomas em Urucará, [197-].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

A saída de Macapá se deu “em uma possível disputa pelo espaço dos Thomas e daquilo que construíram, indicando como o campo missionário pode ser alvo tanto do que chama de choques culturais quanto de outras tensões”.⁶⁰ As dificuldades sentidas na saída de Macapá, o sentimento de abandono no Brasil e ao chegarem aos Estados Unidos, fez Clinton Thomas “trabalhar tanto como torneiro quanto com uma loja de armas no Colorado, já que também era

⁵⁹ Cf. o segundo capítulo de Bezerra (2024) para os primeiros anos dos Thomas no Brasil.

⁶⁰ Bezerra, 2024, p. 114.

armeiro, profissional que repara, modifica, projeta e fabrica armas”, redimensionando seu trabalho eclesial para uma pequena igreja.⁶¹

Pouco depois, eles receberam recursos de uma igreja para servirem novamente como missionários no Brasil:

Aí vem, Dale Mason, senhor Roberto Mason, quis estabelecer uma nova igreja numa cidade chamada Burlington, do outro lado de Colorado. Colorado, o lado oeste é grandes montanhas rochosas e o lado leste é plano. Então, essa igreja que só tinha uns três meses de existência tinha quinze homens, e uma das coisas que o Roberto disse “nós devemos mandar missionário” e ele disse “Ah, eu conheço alguém, eu conheço o Clinton, vamos, vamos chamar o Clinton, ele sabe português, ele já esteve no Brasil, ele e a Felícia, nós poderemos mandar eles imediatamente [...]”⁶²

Apesar do desânimo do patriarca em voltar às missões no exterior, dona Phyllis convenceu o missionário a aceitar o retorno, e, assim, voltaram ao Brasil, mediante “o apoio financeiro dessa igreja, no valor de ‘um sanduíche e uma Coca-Cola por dia’, que garantiria o sustento e cuidado dos Thomas”.⁶³ Na narrativa de Timóteo,

Então basicamente, voltamos dia 31 de dezembro de 1964, com 300 dólares por mês; e isso basicamente foi esta igreja independente que disse “por um sanduíche e uma Coca-Cola por dia” entre os quinze homens, “nós podemos mandar esse missionário”, e foi assim que vieram papai; ficamos em Belém quase três meses, porque papai ele decidiu, ele não ia ficar mais lá em Belém, ficar em Macapá, e que ele queria ir em um novo lugar onde não tinha igrejas e é disso que Urucará vem entrar, porque nós não queríamos competir com outros, nós não queríamos ser contra os católicos, nós queremos num lugar onde não tinha nem um trabalho ativo do Evangelho.⁶⁴

Chama atenção, considerando as relações que o pastor Clinton terá com os aparatos da ditadura, que sua volta ao trabalho missionário no Brasil se deu meses após o golpe que instaurou a ditadura e o governo dos generais, em uma atmosfera que aludia a uma vitória do Brasil cristão sobre o perigo comunista, sob os auspícios das igrejas norte-americanas, como veremos mais à frente.

Considerando a situação que levou ao seu afastamento anterior, o casal não queria mais permanecer em Belém ou próximos de outros trabalhos missionários: buscavam um novo local para serem *pioneiros*. Em Belém, Clinton Thomas conheceu o pastor da Igreja Batista de Parintins, Eduardo Lessa, que havia estudado nos Estados Unidos, e cuja igreja fora fundada por norte-americanos, indicando “como uma rede de relações conectada aos Estados Unidos

⁶¹ Bezerra, 2024, p. 115.

⁶² Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶³ Bezerra, 2024, p. 116.

⁶⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

pode ter sido importante para a inserção protestante no interior amazonense”.⁶⁵ Como afirmado anteriormente, “as conexões são indispensáveis, renovando as possibilidades de compreender agentes sociais como parte de redes abrangentes e, mesmo, globais”.⁶⁶

Eduardo Lessa Júnior, filho do pastor Eduardo, assinala que muitos missionários e pastores norte-americanos se deslocaram para a região Norte do Brasil, “e eles mantinham contato aqui, uma relação muito próxima entre eles, trocando ideias, e aquilo que um passava, vivenciava, passava para o outro, para facilitar o trabalho”.⁶⁷ Nessa rede de relações missionária, Eduardo Lessa foi indispensável para redirecionar os planos de Clinton Thomas:

Dessa forma meu pai teve um encontro com o pastor Clinton Thomas e orientou o pastor Clinton de alguma forma sobre a questão do trabalho, sobre a escolha do local, mostrando que ele tava em Parintins e que havia muitas, muitos lugares na nossa região e também havia mesmo tipo de necessidade que havia em Parintins.⁶⁸

Logo, aconselhado por Eduardo Lessa, Clinton visitou o Baixo Amazonas, que ainda não contava com igrejas não católicas,⁶⁹ e interessou-se por Urucará, como indica o processo de construção de memória de Timóteo Thomas. Segundo ele, “naquele tempo então: Nhamundá não tinha nada, Urucará e São Sebastião eram um município só, também não tinha nada, Itapiranga não tinha nada, Silves não tinha nada e Urucurituba não tinha nada, e também o lado da Barreirinha, não tinha nada”.⁷⁰ Esse vazio, “não tinha nada”, se refere ao trabalho missionário; conforme sua narrativa, toda essa área no Baixo e Médio Amazonas carecia da “luz do Evangelho”:

[...] as únicas igrejas que tinha Igreja Batista, Igreja Católica em função, era Missão de Scarboro em Itacoatiara e os padres que tinham em Parintins, e tinha Igreja Batista do Eduardo Lessa em Parintins, e em Itacoatiara; fora parte, dentro dessas duas posições, não tinha nenhuma igreja católica em funcionamento – tinha prédios, mas não tinha padres, em nenhum desses municípios, e não tinha nem um grupo ou igreja não católica... [...] Então o Eduardo Lessa apelou para o meu pai considerar esta área, onde não tem nenhuma, vou usar a frase “luz do Evangelho”, porque nem nas igrejas católicas tinha missa, nada.⁷¹

⁶⁵ Bezerra, 2024, p. 119.

⁶⁶ Lohn, 2019, p. 19.

⁶⁷ LESSA JÚNIOR, Eduardo França. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, no Colégio Batista de Parintins, Parintins/AM, em 23 de agosto de 2021.

⁶⁸ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁶⁹ Destacamos, novamente, as lacunas historiográficas do protestantismo no Amazonas. Em obra anterior (Bezerra, 2024) e nesta tese, mencionamos missionários e igrejas não católicas em espacialidades específicas – como as capitais, mais Parintins, Urucará e Maués (em capítulo posterior). Contudo, não chegaram ao nosso conhecimento produções bibliográficas sobre a inserção protestante e evangélica em demais cidades do Baixo e Médio Amazonas.

⁷⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁷¹ *Idem*. Cf. BEZERRA, César Aquino. A luz do evangelho nas águas do Rio Amazonas: protestantes em Belém e Manaus no final do século XIX e começo do século XX. **Último Andar**, São Paulo, v. 28, nº 45, p. 1-28, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/67798>. Acesso em: 26 dez.

É necessário esclarecer a diferença entre os caminhos de estabelecimento dos Thomas e dos demais missionários do Movimento de Restauração na Amazônia. Assim, “um grupo de missionários da Igreja de Cristo na Região Norte seguiu a percepção do governo, enxergando no processo de integração nacional uma nova oportunidade para seu crescimento, e então transferiu sua atividade missionária dos rios para as estradas”.⁷²

Benito Schmidt elucida que o “fazer-se” do indivíduo é “contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, discontinuidades, oscilações e incoerências”. Apesar dos determinismos seguidos pelo discurso religioso, “tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado”.⁷³ Portanto, nas incoerências do “fazer-se”, nas relações entre o indivíduo e a sociedade, “as possibilidades abriram espaço para as manobras do missionário Clinton Thomas, como a decisão de não seguir o roteiro das estradas e permanecer nos rios ou seu encontro com Eduardo Lessa em Belém que resultou na mudança de destino para o Amazonas”.⁷⁴

Naquela cidade onde até a atuação católica era escassa, a família norte-americana aportou em 8 de abril de 1965, vinda no navio *Barão de Cametá*, uma das principais embarcações a navegar e comercializar no rio Amazonas naquela conjuntura, participando da cadeia produtiva da região de Urucará. A chegada dos norte-americanos gerou a “Igreja de Cristo reúne-se aqui” logo no dia 11. Daí em diante, Clinton Thomas desenvolveria sua trajetória na cidade e permaneceria nas memórias dos moradores.⁷⁵

A igreja primeiro se hospedou em uma casa alugada. Depois, com a compra de um grande terreno por Clinton,⁷⁶ mudaram-se para um espaço próprio, de madeira. Apenas no final da década de 1970, o templo propriamente dito começará a ser erguido. A figura 3 mostra esse templo de madeira, com o início da construção de alvenaria, enquanto a figura 4 ilustra o pastor Clinton ensinando, sentado, principalmente por causa de sua saúde, em um espaço de madeira, com tijolos atrás.

2025.

⁷² Bezerra, 2024, p. 121.

⁷³ Schmidt, 2012, p. 199.

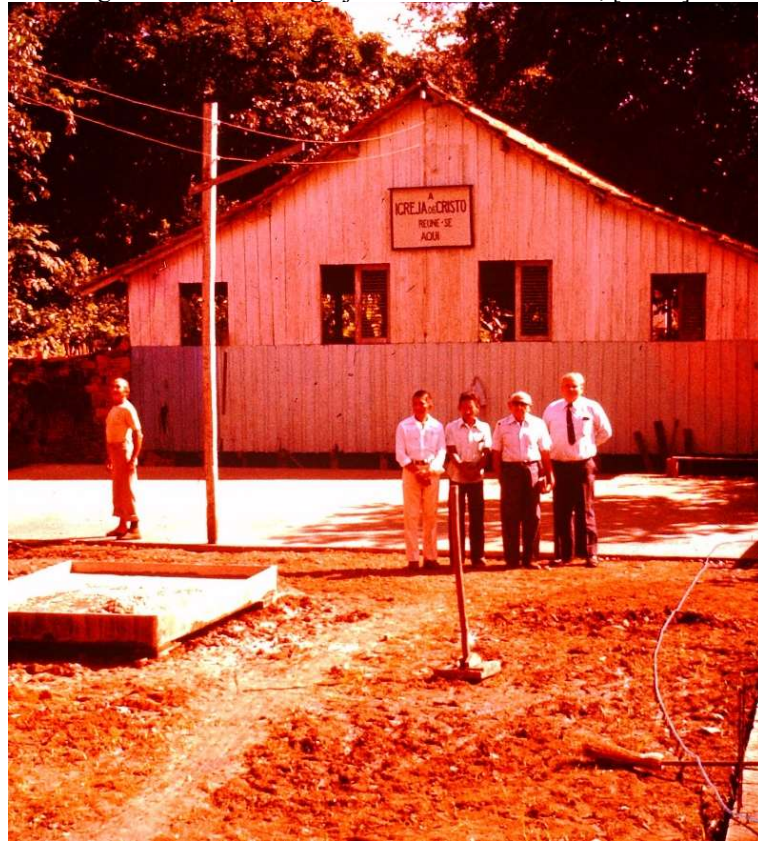
⁷⁴ Bezerra, 2024, p. 122.

⁷⁵ Cf. o terceiro capítulo de Bezerra (2024) para maiores detalhes sobre a inserção dos Thomas em Urucará e início da igreja.

A frase “a Igreja de Cristo reúne-se aqui” é encontrada nos locais de reunião da congregação de Clinton Thomas em Urucará, tanto no primeiro espaço alugado (Bezerra, 2024, p. 160), quanto no segundo espaço também de madeira (figura 3 desta tese) e por fim na fachada do templo. Outras fotografias, produzidas pelos próprios Thomas, dos seus locais de culto podem ser encontradas na galeria de imagens do livro citado.

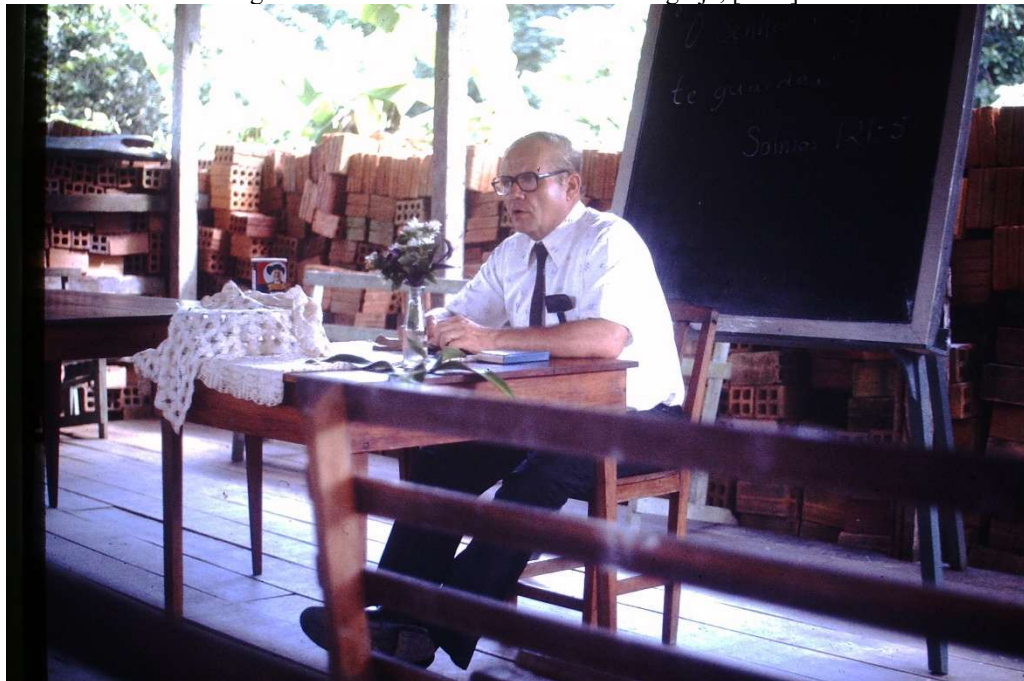
⁷⁶ Cf. o terceiro capítulo de Bezerra (2024).

Figura 3: Templo da Igreja de Cristo em Urucará, [197-?].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

Figura 4: Clinton Thomas ensinando na igreja, [198-].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

Timóteo Thomas, “guardião da memória” da família,⁷⁷ no que Pollak chama de trabalho de enquadramento da memória, “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”,⁷⁸ pois sua narração é “mais que um reviver de imagens do passado”.⁷⁹ Por isso, ele questiona: “Um parêntese aqui: por que Urucará? Eu já tenho procurado perguntar, por que o papai escolheu Urucará? Porque em 1965, estrategicamente, eu teria escolhido Itapiranga”.⁸⁰ Ele elucida dessa forma:

A razão é que Urucurituba sempre estava caindo a rua da frente, todo ano tava caindo rua da frente; Barreirinha tava mais perto de Parintins, e também está no Vale do Amazonas; Ramos, Urucurituba e Barreirinha estão na parte baixa do Vale do Amazonas. Nhamundá, Silves, são duas ilhas, então eles são basicamente fechados para crescimento futuro. São Sebastião não era município, era parte de Urucará, e Urucará tava no lado da Terra Firme. Por exemplo, deste lugar até o [...] não vai embaixo da água; nós estamos na terra firme.⁸¹

Ou seja, Urucará parece ter assumido algum destaque aos olhos do missionário Clinton Thomas. O narrador observa as condições naturais das localidades amazônicas, como a erosão causada pela força dos rios, e acredita que essas condições são impeditivas para o desenvolvimento econômico. Assim, Urucará parecia oferecer aos olhos estrangeiros maior segurança diante das forças da natureza e possibilidades para “crescimento futuro”.

Dentro das memórias compartilhadas, segundo Timóteo, “e eu já conversei com meu irmão Teodoro que tem mais perspicácia nisso aí e nós achamos que era tipo um lugar para um pioneiro; ele tinha que ser um pioneiro para viver aqui, porque as pessoas eram basicamente contra nós, considerava a gente protestante essas coisas”.⁸² Tal adjetivo – *pioneiro* – permite-nos conectar às “inovações que pessoas nunca viram antes” que trataremos adiante.

O Dr. Timóteo Thomas separa cinco áreas de influência de sua família na cidade: evangelização, medicina, mecânica, economia e política. Contudo, para ele, que pauta a história familiar a partir da Igreja de Cristo, onde a dimensão religiosa precede as demais áreas, “nós viemos aqui, número um, por causa de Cristo, evangelização e missões. Então a parte bíblica, educacional, é a prioritária pra nós. Nós não viemos aqui procurar minérios, ninguém veio aqui

⁷⁷ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, nº. 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397/397>. Acesso em: 10 abr. 2018.

⁷⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun. 1989, p. 9-10. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 fev. 2018.

⁷⁹ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003, p. 44.

⁸⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁸¹ *Idem*.

⁸² *Idem*.

ser rico, nós viemos aqui para igreja”.⁸³ Sua narrativa não esquece as possibilidades econômicas do município, conhecido pelas riquezas minerais, mas sugere a inversão de sua lógica: declara a missão como a motivação da imigração dos Thomas para Urucará e sua permanência nela, em detrimento dos interesses econômicos, reforçando a identidade missionária.

O altruísmo e serviço abnegado dos religiosos é uma perspectiva seguida por Timóteo Thomas e outros colaboradores; contudo, ao nos distanciarmos dessa dimensão, torna-se necessário a cautela sugerida por Ecléa Bosi, a qual orienta o pesquisador a “sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia”.⁸⁴ Por isso, a análise das narrativas sobre Clinton Thomas não esquece que o ato de rememorar de alguns colaboradores, é intrínseco à sua fé. Mais do que médico e mecânico, para muitos ele foi seu familiar ou líder religioso, ou seja, o ato de recordar é mediado pelas representações familiares e religiosas.

Uma característica de Clinton Thomas em Urucará pode indicar como o norte-americano dialogou com sua vida anterior nos Estados Unidos e a vida missionária. Além de todas as ações religiosas e sociais, das *inovações* que discutiremos adiante, Clinton também era identificado como “o homem da gravata”, usando a peça diariamente: “todo dia o papai vestia gravata. Essa era uma coisa dele, ele fazia [...] O papai geralmente ele gostava cor castanho, então sim ele foi conhecido [como homem da gravata]”.⁸⁵

Timóteo rememora que um outro missionário norte-americano desejava visitar o Amazonas e, em Belém, foi orientado a conversar com Clinton Thomas. Na conversa, por telefone, acertaram de Clinton recebê-lo no Aeroporto de Manaus, mas o outro missionário ficou preocupado: como reconheceria Clinton, a quem nunca tinha visto? Clinton disse: “procura um homem com a gravata”. Timóteo descreve o encontro:

Aí ele veio todo nervoso para Manaus, quando ele chegou em Manaus, de todas as pessoas que estavam lá no aeroporto, o papai era o único que tinha gravata. Então quer dizer, isso foi uma coisa conhecido aqui, quando ele tratava das pessoas, sempre ele tinha gravata. E mais que ficou idoso, mais vestia gravata, diariamente.⁸⁶

O tecido parece, então, ser um demarcador de Clinton Thomas, de sua identidade como homem estrangeiro, que ainda mantinha alguma ligação com seu país natal e com a seriedade que desejava manter, mesmo no clima quente e úmido.

Com exceção de Timóteo Thomas, todos os colaboradores se referem ao norte-

⁸³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁸⁴ Bosi, 2003, p. 22.

⁸⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁸⁶ *Idem*.

americano como *Pastor Clinton*, o que se reitera, inclusive, nas homenagens na cidade. O filho mais velho, entretanto, discorda dessa alcunha, pois nega que o pai – e ele próprio – fosse um pastor, título comum nas denominações protestantes, mas sim um *missionário*. Em sua interpretação, “a razão é: missionário é uma pessoa que trabalha transculturalmente e planta igrejas. Então por isso que meu pai, muitos chamavam ele de pastor, mas realmente ele é missionário”. Este termo seria o adequado “porque ele veio transculturalmente, é dos Estados Unidos para o Brasil e estabeleceu congregação”; ou seja, conforme Timóteo, *missionário* reflete uma posição pioneira dentro do campo religioso.⁸⁷

Quando houve a devolução do livro ao colaborador, ele retomou essa discussão, pontuando a validade do título “da Pensilvânia ao Amazonas”, ou seja, uma mudança radical, que trouxe o norte-americano para a vida missionária no interior do Amazonas, portanto, “transculturalmente”; resta imaginar o quão profunda tenha sido essa ruptura para as crenças e práticas pessoais do missionário. Em todo caso, como não pode interferir nas memórias e representações dos muitos moradores de Urucará que vivenciaram a trajetória de seu pai na cidade, a contragosto de Timóteo, *pastor Clinton* é como o líder religioso é lembrado e narrado.

As memórias e representações sobre Clinton Thomas não pertencem apenas aos familiares e aos fiéis da Igreja de Cristo. O político Aurimar Terço descreve a atuação do missionário norte-americano em Urucará, ressaltando sua versatilidade: “Ele era um cara, que tipo assim, fazia tudo, em atendimento para as pessoas. Ele era mecânico, na sua formação ele era mecânico, ele era enfermeiro, médico, pastor, entendeu? E era uma pessoa que se doava

⁸⁷ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

Timóteo também nega que a Igreja de Cristo, herdeira do Movimento de Restauração, seja parte do protestantismo. Essa orientação foi melhor expressa após sua leitura da dissertação, defendida em 2022, frisando que “nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”. Para ele, embasado nos textos dos fundadores no século XIX, eles são *cristãos* e apenas isso. Discorda completamente da direção seguida pela Igreja de Cristo no Brasil atualmente, que se tornou mais uma das denominações evangélicas do país (cf. última seção do capítulo dois de Bezerra, 2024). Isso se reflete também no afastamento que ele sofreu das posições dentro da igreja brasileira e rejeição por parte dos pastores-historiadores autorizados pela organização brasileira (Bezerra e Silva, 2025). Lembremos também a lacuna quanto a Igreja de Cristo no Brasil. Considerando discussões levantadas em Bezerra (2024) e nesta tese, há muito a se pesquisar sobre o estabelecimento do Movimento de Restauração no Brasil e suas igrejas espalhadas pelo país. Um exemplo é a Igreja de Cristo em Brasília, inaugurada no mesmo dia que a capital brasileira, em 1960, e onde, segundo Timóteo, houve uma proximidade entre os missionários e os militares (cf. Bezerra, 2024, segundo capítulo).

Convém destacar a diversificação do campo religioso urucaraense após a liderança pioneira de Clinton Thomas e “a Igreja de Cristo reúne-se aqui”. A partir da década de 1970, várias denominações se estabeleceram no município e por isso tensões manifestaram-se com a igreja do pastor Clinton. Segundo os ex-membros da igreja de pastor Clinton, houve a atração de membros batizados para as novas igrejas e, no caso das pentecostais, o questionamento da liturgia e das práticas da Igreja de Cristo (como veremos à frente, no fechamento do capítulo dois). Assim, o campo religioso local agora é composto por inúmeras igrejas grandes e pequenas, incluindo outras três Igrejas de Cristo. Curiosamente, estas não possuem conexão com a igreja de Clinton Thomas, pois derivam dos ministérios da Igreja de Cristo no Brasil (cf. Bezerra, 2024, segundo capítulo); logo, parece peculiar a escolha dessa pequena cidade do interior do Amazonas – onde um missionário norte-americano do Movimento de Restauração abriu a primeira igreja não católica – para se estabelecerem.

para a comunidade”.⁸⁸

Essa construção de memória, que associa Clinton Thomas à doação e assistencialismo, mostrou-se duradoura, conforme indica o relato de Terço sobre sua infância: “quando eu me entendi, o pastor, eu era garoto, ele já atuava nessa área, assim, de social, atendendo as pessoas, entendeu?”. Aurimar Terço não fez parte da Igreja de Cristo, então suas memórias são daqueles que observavam o pastor Clinton na vida diária da cidade, por isso identifica o missionário norte-americano como capaz de atender qualquer necessidade, “fazia tudo”, e solidário a todos, “atendendo as pessoas”.⁸⁹ O empresário Mário Falabella confirma a multiplicidade da atuação do pastor Clinton: “Atendia de tudo, era aquele cabra que, no interior, que fazia tudo, né! Pelo menos tentava, né?”⁹⁰

Toda essa trajetória na cidade rendeu homenagens do município: “tanto é que a prefeitura homenageou uma UBS aqui em nome dele, uma Unidade Básica de Saúde, em nome dele, Pastor Clinton, por conta dos inúmeros e bons serviços prestado ao município de Urucará”.⁹¹ Teodomiro Sicsú corrobora a importância de seu pastor para a cidade de Urucará: “O pastor era uma pessoa aqui, idônea, né? Vale ressaltar que era uma pessoa muito respeitada, né; era um homem conservador, mas que ajudou muito a cidade, não é?”. Nesse rememorar, o adjetivo *conservador* se releva, mas não se explicou diretamente. Talvez o colaborador se refira ao conhecido temperamento do pastor ou às suas ideias. Em todo caso, não escapa a interpretá-lo como essencial para a Urucará da segunda metade do século XX.⁹²

Quase três décadas após a saída de Clinton Thomas da cidade, dona Soliege Santos, ex-membra da Igreja de Cristo, afirma que “as pessoas de Urucará têm maior consideração pelo seu Clinton, quando falam dele, quando a dona Felícia vem, ela visita todo o pessoal, em Manaus, quando ela está em Manaus, eles convidam, ela vai almoçar e eles são todos católicos”.⁹³ Porém, a trajetória de *pastor Clinton* é cada vez menos conhecida, pois faz parte, agora, das “lembranças de velhos”,⁹⁴ como na saudade de dona Maria Auxiliadora: “Eu tenho. E como eu tenho [pausa longa]” e na memória de que “nos tempos do pastor, tudo era melhor”.⁹⁵

⁸⁸ OLIVEIRA, Aurimar Terço. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, no prédio da Prefeitura Municipal de Urucará/AM, em 06 de agosto de 2019.

⁸⁹ *Idem.*

⁹⁰ FALABELLA, Mário Rosário. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, Urucará/AM, em 05 de agosto de 2019.

⁹¹ Aurimar Terço de Oliveira, 2019.

⁹² Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁹³ SANTOS, Soliege Maria Vieira dos. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 15 de março de 2022.

⁹⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979.

⁹⁵ VIEIRA, Maria Auxiliadora da Costa. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 20 de agosto de 2017.

Segundo Timóteo, a última vez que seu pai esteve no Brasil foi em 2001, pois suas condições de saúde pioraram com o tempo. Clinton Benjamin Thomas faleceu em 21 de abril de 2007, aos 76 anos, em Knoxville, Condado de Knox, Tennessee, e foi sepultado no cemitério da Gap Creek Christian Church em Kimberlin Heights, Condado de Knox.⁹⁶

Pastor Clinton poderia ser mais um dos inúmeros missionários estrangeiros que atuaram no Brasil e cuja história fica restrita a pequenos círculos eclesiais; contudo, dez anos depois de sua morte, começamos a contar sua história no âmbito da universidade.

1.2 Pedro Geraldo Raimundo Falabella: “*brilhante Administrador Público*”

Mário Falabella, irmão do prefeito Pedro Falabella, resumiu sua trajetória com essas palavras:

Aqui em Urucará. Em 68. Foi o primeiro mandato dele, né. Aí, claro, teve os quatro anos, teve que sair, voltou para trabalhar em Manaus, depois voltou novamente. Sempre fazia isso, após o mandato era funcionário do BASA [Banco da Amazônia S.A.], né. Depois do BASA, ficou na AFEAM [Agência de Fomento do Estado do Amazonas] onze anos, foi o último trabalho dele, mas passou pela SUDEPE [Superintendência do Desenvolvimento da Pesca], passou por vários órgãos do governo. Mas sempre envolvido em política.⁹⁷

Mais que isso, Mário acredita “que Urucará foi ‘antes Falabella’ e ‘depois Falabella’, então, foi um cara que se dedicou muito a ela aqui. E gostava de Urucará, como eu gosto”. Ao se observar as obras por ele construídas, ou as nomeadas em sua homenagem, constata-se que a história da cidade de Urucará foi marcada por Falabella. Na verdade, há vários Falabella homenageados na cidade, o que pode provocar uma certa confusão: “com nome, nome, nome, tem do meu avô, que é Pedro Falabella, que o pessoal acha que é o dele, mas não é. Como o estádio Pedro Falabella, a rua Pedro Falabella, mas é o nome do meu avô, entende?”. Eram dois Pedro, “então ele botava o nome Pedro Falabella, mas era homenagem ao meu avô”.⁹⁸ Porém, nessa construção de trajetória política no município, a existência das pessoas homônimas não se configura como um obstáculo; pelo contrário, a diluição das diferenças entre os sujeitos da mesma família colabora para consolidar a importância simbólica do ex-prefeito e de seus herdeiros políticos.

⁹⁶ FIND A GRAVE. Clinton Benjamin Thomas (1930-2007). **Memorial Find a Grave**, 16 jan. 2014. Disponível em: <https://pt.findagrave.com/memorial/123584566>. Acesso em: 30 jun. 2020.

⁹⁷ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁹⁸ *Idem*. Segundo ele, seus avós e seu pai emigraram da Itália em 1911, passando primeiro pelo sul do Brasil, antes de chegarem à região de Urucará. Seu pai tinha doze anos na época.

Constatamos, ao longo das fontes, Falabella encetando algum tipo de relação com os principais políticos do Amazonas desde o período autoritário. Seja por seus mandatos na prefeitura ou por outros cargos, Falabella apertou as mãos de governadores, senadores, deputados e prefeitos por quase meio século. Mário Falabella corrobora essas relações:

Claro, claro que tinha. Tinha tanto com os governadores do estado também, porque exercia cargos, até secretário de estado ele foi, né! Então tinha um relacionamento, claro que nem com todos, que você político não pode... sempre tem os adversários, né? Mas no geral era política, acabava se dando bem, mesmo as coisas que não existia. Digamos, se não apoiava o governador, podia ficar chateado com ele, mas após política, tava tudo normal, não tinha... era natural de política.⁹⁹

Considerando a relevância de Pedro Falabella,¹⁰⁰ foi necessário recorrer ao *Jornal do Commercio* (JCAM) para reconstituir sua trajetória política. Como explicado por Tânia Regina de Luca, a renovação historiográfica a partir dos anos 1970 também assegurou aos historiadores o acesso a inúmeros jornais e revistas, com novas possibilidades, resumidas no título de seu texto: “a história dos, nos e por meio dos periódicos”.¹⁰¹ Enquanto uma fonte que se constrói tendo o periódico como um agente político, “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.¹⁰² Atentos aos procedimentos teórico-metodológicos envolvendo a pesquisa histórica com periódicos, acessamos os arquivos da Hemeroteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, onde o JCAM é o único periódico amazonense disponível para alcançar a segunda metade do século XX.

Desejando ultrapassar o papel “de guardiã estática da memória nacional”, foi oficialmente lançada em 2006 “a Biblioteca Nacional Digital - BNDigital, um sistema aberto, interconectado, e ao mesmo tempo voltado à preservação da memória documental brasileira”.¹⁰³ Sua existência “materializa duas das tradicionais missões das bibliotecas nacionais: preservar a memória cultural e proporcionar o amplo acesso às informações contidas em seu acervo”.¹⁰⁴ Tal perspectiva permite-nos alcançar “para consulta periódicos brasileiros e estrangeiros, de

⁹⁹ Mário Rosário Falabella, 2019.

¹⁰⁰ Destacamos que Falabella, apesar de sua importância política ao longo de décadas, não foi tema de nenhuma produção historiográfica. Mencionado em Serrão (2018), ele é visitado ao longo de nosso trabalho desde 2022 e também pela dissertação de Almeida (2024), onde ele é um dos sujeitos centrais para a trajetória da primeira gerente de banco de Urucará.

¹⁰¹ LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 111-153.

¹⁰² *Ibid.*, p. 139.

¹⁰³ BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Histórico. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/>. Acesso em: 30 maio 2024.

¹⁰⁴ BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Missão. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/missao/>. Acesso em: 30 maio 2024.

domínio público e aqueles de maior raridade”.¹⁰⁵ O processo de digitalização da Biblioteca Nacional é notável, como explica João Teixeira, e, “mediante a tecnologia *DocPro*, é possível realizar a pesquisa dos e por meio dos periódicos a partir de diferentes parâmetros. Tais como a consulta por: a) Periódico; b) Período; e c) Local”.¹⁰⁶ Esses três enfoques

[...] poderão abrir gamas distintas e direcionar a pesquisa para caminhos variados. Dessa forma, é possível acessar uma quantidade inimaginável de jornais, propiciando mapear todo o debate de uma época sobre determinado assunto, enquadrando a pesquisa dentro de marcos geográficos, temporais e de categorias de análise.¹⁰⁷

Teixeira chama ao debate teórico-metodológico a investigação na Hemeroteca Digital. A materialidade das fontes não é esquecida, mas igualmente se afirma a necessidade de reflexões próprias quanto a esse uso. Não esquecemos o ofício do historiador mesmo com a fonte no formato digital, mas celebramos o acesso viabilizado pela internet a arquivos antes restritos apenas em acervos distantes dos pesquisadores do interior do Amazonas. Nesse sentido, “a inevitabilidade da pesquisa em acervos digitais como na Hemeroteca Digital, é uma mudança permanente na pesquisa histórica e que tende a ampliar-se cada vez mais”.¹⁰⁸

Completando 120 anos de funcionamento em 2024, o *Jornal do Commercio* é reconhecido como tradicionalmente ligado às elites, sendo “um dos mais importantes diários da capital amazonense (posição que manteve por mais de cinquenta anos!)”.¹⁰⁹ O próprio *site* do JCAM se esmera em situar sua história dentro das transformações políticas e econômicas do país e da região Norte, evidenciando “o panorama histórico e de fausto em nossa região [em] que nasce o Jornal do Commercio sob a inspiração de Rocha dos Santos”.¹¹⁰

Definindo-se como “mais tradicional jornal da cidade de Manaus”, também não omite suas relações com intelectuais e “figuras destacadas que aqui prestaram valiosos serviços, ajudando a manter acesa por período que já ultrapassa um século a chama desta instituição”.¹¹¹ Sua linha editorial é evidenciada, alinhando-se aos interesses econômicos:

Ao segmentar-se, buscando atender os interesses específicos, deu a seus leitores a oportunidade de conseguir ler, na Amazônia, um veículo impresso voltado

¹⁰⁵ TEIXEIRA, João Vitor de Armas. A História dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas. *Revista Discente Offícios de Clio*, Pelotas, v. 8, n. 14, jan./jun. 2023, p. 417. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/25349>. Acesso em: 02 set. 2024.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 418.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 418.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 428.

¹⁰⁹ Pinheiro, 2015, p. 239.

¹¹⁰ JCAM. A Empresa. *Jornal do Commercio*, [202-]. Disponível em: <https://www.jcam.com.br/a-empresa/>. Acesso em: 01 set. 2024.

¹¹¹ *Ibid.*

basicamente para atividade econômica, voltado para a defesa dos interesses de crescimento e desenvolvimento econômico do Estado do Amazonas.¹¹²

A mesma direção é seguida no requerimento de uma sessão especial na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM) pelo aniversário de fundação do jornal centenário. A ementa do gabinete do deputado propositor declara e celebra a “especialização” do JCAM em temas que parecem mais elevados:

Atualmente, o jornal não possui uma grande circulação na cidade, fica mais restrito aos assinantes, em decorrência da sua especialização em economia, política, negócios e serviços. Isto mostra o quanto é um jornal sério, longe da grande maioria que circula em Manaus, que optaram pelo sensacionalismo.¹¹³

Desse modo, em um meio de comunicação cuja intencionalidade é voltada principalmente à economia e à política amazonense, próximo das “figuras destacadas” do Estado, encontramos várias remissões a Pedro Falabella.¹¹⁴ Os recortes cotejados nos arquivos do JCAM permitirão articular e conectar as fontes no sentido de compor a história de Falabella e de Urucará.

Filho e neto de imigrantes italianos, nascido em 1942, Pedro Geraldo Raimundo Falabella foi eleito prefeito em 1968, pelo partido Aliança Renovadora Nacional (Arena): “entrou para o cenário político do município com 26 anos, é o administrador mais novo que Urucará já teve”.¹¹⁵ O *Jornal do Commercio* destacou que sua eleição no 15 de novembro foi uma vitória do ex-deputado Adail Garcia de Vasconcelos,¹¹⁶ pois “seu candidato”, Pedro, “foi eleito ao lado de cinco dos seis vereadores que compõem a Câmara Municipal”.¹¹⁷ A notícia indica como a vitória de Pedro é lida pelo jornal: a interferência de políticos estaduais é que

¹¹² JCAM, [202-].

¹¹³ ALEAM. Requerimento 023.2016. Gabinete do Deputado Adjuto Afonso. **Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas**, fev. 2016. Disponível em: https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2016/109045/109045_texto_integral.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

¹¹⁴ Usamos as ferramentas de pesquisa da Hemeroteca Digital tanto nos termos “Pedro Falabella” quanto “Pedro Falabela”, considerando a existência das duas formas no JCAM, além do nome completo do prefeito e mesmo pelo termo simples “Urucará”. Como se verá a seguir, o acervo trouxe resultados de 1968 até 2007.

¹¹⁵ Santos, 2022, p. 92.

¹¹⁶ Adail Garcia de Vasconcelos foi membro da União Democrática Nacional, conseguindo ser eleito para ALEAM em 1958. Reeito em 1962 pelo Partido Socialista Brasileiro. Pela Arena, voltou ao cargo em 1970. Cf. TSE. Resultados – 1958. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1958>. Acesso em: 03 mar. 2026; TSE. Resultados – 1962. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1962>. Acesso em: 03 mar. 2026; TSE. Resultados – 1970. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1970>. Acesso em: 03 mar. 2026.

¹¹⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 24 nov. 1968. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/86231. Acesso em: 23 set. 2019.

assegurara a eleição em Urucará e nada se fala das políticas locais.

Falabella assumiu novamente a prefeitura municipal em 1977,¹¹⁸ contando em sua posse com a presença do líder estadual da Arena e do governo, deputado Homero Leão.¹¹⁹ A memorialista Darcineia Santos demarca que, “com experiência adquirida no campo político administrativo, aliado a força de vontade e a coragem desenvolveu seu plano de governo de maneira próspera para o município”. Importante para isso foi ter feito “aliados políticos importantes para o desempenho de sua administração”, onde se realça o deputado estadual Miranda Leão, “que se empenhava junto aos órgãos competentes para os projetos elaborados pelo Prefeito Pedro Falabella fossem aprovados e liberados os recursos necessários para que fossem executadas as obras”.¹²⁰

Sua segunda administração foi elogiada por um comentarista no JCAM: “O homem está com a corda toda e está dando aquela imagem para a velha Urucará”.¹²¹ Delineia-se no periódico, enquanto agente político, recorrentes menções laudatórias a Falabella, aparentemente um político da Arena em ascensão. Ainda em 1977, sobressai-se o papel do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) em Urucará, implantado por Falabella, e que comemorava a erradicação do analfabetismo no município.¹²² Seu governo é notório pelas obras realizadas, tais como a agência do Banco do Estado do Amazonas (BEA)¹²³ e o Mercado Senador José Esteves. Reconhece-se que, “em menos de dois anos, realizou um senhor trabalho em prol do município”.¹²⁴ Contudo, pouco depois, Falabella foi denunciado na tribuna da ALEAM, acusado por moradores por invadir suas propriedades, “para dar cumprimento às suas metas administrativas”, sem haver nenhum decreto de desapropriação.¹²⁵

Sua renúncia à prefeitura de Urucará foi tema de matéria no JCAM. Falabella estava

¹¹⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 27 jan. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/119389. Acesso em: 23 set. 2019.

¹¹⁹ Homero de Miranda Leão foi professor, prefeito nomeado de alguns municípios (inclusive Urucará entre 1938-1941), inspetor de vendas, escritor, deputado constituinte do Amazonas em 1947 e deputado estadual por vários mandatos. Cf. DUARTE, Durango. Quem foi Homero de Miranda Leão? **Blog do Durango**, 29 maio 2023. Disponível em: <https://blogdodurango.com.br/fatos-e-datas-historicas/quem-foi-homero-de-miranda-leao/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

¹²⁰ Santos, 2022, p. 100.

¹²¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 15 set. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/164900. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 19 nov. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/165749. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²³ Geize Almeida discute não apenas a chegada do BEA à cidade e a importância dessa instalação para os interesses de Falabella, mas também a relação entre Conceição Silva e o prefeito. Como a autora destaca, a gerente do banco percebeu nos primeiros contatos “esse o jeito dele mesmo, mandão” (Almeida, 2024, p. 114).

¹²⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 13 jul. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/167089. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 26 ago. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/168616. Acesso em: 23 set. 2019.

determinado a renunciar em 1º de fevereiro de 1979: “é definitiva e todos já sabem as razões”. Uma das justificativas é atender à sua família e seguir sua carreira no Banco da Amazônia em Belém. Outras motivações, o prefeito não quis falar: “até mesmo porque todos sabem o porquê”. Para o jornalista, a decisão de Falabella deixar o estado era lamentável, pois “como homem público e político, tem dado grande colaboração para o nosso desenvolvimento”.¹²⁶ Apesar dos elogios do jornal, os moradores de São Sebastião do Uatumã, então uma vila do município de Urucará, reclamavam do abandono da vila e exigiam resposta de Falabella.¹²⁷

Ainda em 1979, Pedro Falabella tornou-se diretor-presidente e presidente do Conselho de Administração da Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas (CODEAGRO), como revela um relatório aos acionistas publicado no *Jornal do Commercio* de 30 de abril de 1980.¹²⁸ Em 1981, uma nota comentava o desentendimento entre Falabella, “brilhante Administrador Público”, e Bernardo Lindoso, irmão do governador do Amazonas e diretor do Instituto de Terras do Amazonas. Por isso, considerava-se certa a demissão de Falabella da CODEAGRO.¹²⁹ Ao mesmo tempo, informa-se que a bancada federal do Partido Democrático Social (PDS) indicara o ex-prefeito para a coordenação regional da SUDEPE,¹³⁰ assim, se ele saísse da CODEAGRO, seria “uma medida de sensatez do nosso ‘Cap’ maior José Lindoso”.¹³¹

Ao final do ano, um novo presidente para a CODEAGRO foi nomeado pelo governador José Lindoso,¹³² enquanto Falabella iria para a SUDEPE. Segundo o governador, “houve apenas

¹²⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 04 nov. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/169813. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 14 jan. 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/132314. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 30 abr. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/1664. Acesso em: 23 set. 2019.

¹²⁹ A empresa de economia mista CODEAGRO foi criada em 1975, “como instrumento de execução da política agrária e agropecuária do Estado, visando acelerar o desenvolvimento do setor rural através da disponibilidade de fatores de produção e serviços agrícolas”. Cf. AMAZONAS. Lei n.º 1.161, de 24 de dezembro de 1975. **AUTORIZA o Poder Executivo a Constituir a sociedade de economia mista. Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas – CODEAGRO e dá outras providências.** Disponível em: https://legisla.imprensaoficial.am.gov.br/diario_am/12/1975/12/8856?o=1. Acesso em: 22 fev. 2024.

¹³⁰ A SUDEPE foi criada em 1962, como autarquia federal subordinada ao Ministério da Agricultura, responsável pela política pesqueira a nível nacional. Foi extinta em 1989, com a criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Cf. BRASIL. Lei delegada nº 10, de 11 de outubro de 1962. **Cria a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca e dá outras providências.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/ldl/ldl10.htm. Acesso em: 02 set. 2024.

¹³¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 11 nov. 1981. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/6468. Acesso em: 23 set. 2019.

¹³² O amazonense José Bernardino Lindoso (1920-1993) foi advogado, magistrado, professor, escritor e jornalista. Iniciou sua carreira política no Partido Social Democrático (PSD) e depois na Arena, pelo qual foi deputado federal (1967-1971), vice-líder do partido e do governo na Câmara dos Deputados, senador (1971-1979), vice-líder do partido e da maioria no Senado, e governador (1979-1982). Terminou seu mandato filiado ao PDS e foi derrotado ao Senado. Foi membro de diversas organizações, como a Academia Amazonense de Letras. Cf. CPDOC. José Bernardino Lindoso. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de

uma mudança da posição administrativa da Companhia”.¹³³ Em 1985, Falabella foi um dos políticos do Amazonas a filiar-se ao Partido da Frente Liberal¹³⁴ (PFL).¹³⁵ A seção amazonense do PFL, depois, o indicou para a função de gerente local do Banco da Amazônia, do qual o ex-prefeito era funcionário concursado.¹³⁶ Sua atuação à frente da SUDEPE rendeu-lhe uma homenagem da comunidade do setor pesqueiro de Manaus.¹³⁷ A experiência lhe permitiu lançar o livro “A Pesca no Amazonas: Problemas e Soluções”.¹³⁸ Falabella também atuou em outras áreas, tendo sido eleito em 1986 presidente do Bancrévea Clube, agremiação do BASA em Manaus, que mantinha um parque aquático, um time de basquete e de natação.¹³⁹

Em 1987, em visita a Urucará, o deputado Enéas Gonçalves,¹⁴⁰ líder da bancada do PFL na ALEAM, lançou Falabella como candidato a prefeito.¹⁴¹ Essa notícia provocou as críticas de um comentarista, afirmando que o regime de exceção que o país atravessara não permitiu a formação de novas lideranças. Falabella é um exemplo desse “continuismo político”, por já ter sido prefeito.¹⁴² Em 1989, o prefeito Falabella viajava a Manaus, com trinta pessoas cegas, para se candidatarem às cirurgias gratuitas que a Surgical Eye Expedition realizaria na capital.¹⁴³

História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bernardino-lindoso>. Acesso em: 20 fev. 2024.

¹³³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 31 dez. 1981. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/7089. Acesso em: 23 set. 2019.

¹³⁴ Importante perceber a continuidade política de Pedro Falabella, da Arena ao PFL. Com a extinção do bipartidarismo, no final de 1979, a maioria dos membros da Arena formou o Partido Democrático Social (PDS), no início de 1980. Apesar de não termos indicação de sua filiação ao PDS, é provável que ele tenha ingressado ainda em 1980; sua indicação pela bancada do PDS para a SUDEPE corrobora isso. Em 1985, dissidentes do PDS fundaram o Partido da Frente Liberal, já como o terceiro maior partido do Congresso. Para o processo de formação do PFL e suas transformações ao longo dos anos, cf. CIOCCARI, Deysi. **Do PFL ao DEM: uma análise das bancadas**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

¹³⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 23 abr. 1985. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/12323. Acesso em: 23 set. 2019.

¹³⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 28 abr. 1985. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/12425. Acesso em: 23 set. 2019.

¹³⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 12 jun. 1985. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/12622. Acesso em: 24 set. 2019.

¹³⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 11 ago. 1985. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/13500. Acesso em: 24 set. 2019.

¹³⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 28 jul. 1986. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/19909. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴⁰ Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho era filho do prefeito de Parintins, Gláucio Gonçalves, e se elegeu deputado estadual em 1986, como o mais jovem do pleito e o mais votado no interior. Foi eleito prefeito de Parintins em 1988, e depois foi três vezes consecutivas deputado estadual. Assumiu a prefeitura de Parintins novamente em 2000. Proprietário de uma rádio, era um popular radialista. Faleceu em 2021, em decorrência do Covid-19. Cf. BNC Amazonas. Morre aos 64 anos Enéas Gonçalves, ex-prefeito de Parintins. **BNC Amazonas**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://bncamazonas.com.br/municipios/morre-aos-64-anos-eneas-goncalves-ex-prefeito-de-parintins/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

¹⁴¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 19 jan. 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/24620. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 20 jan. 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/24643. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 24 ago. 1989. Disponível em:

Em 1990, o prefeito recebeu o então presidente da ALEAM, Eduardo Braga,¹⁴⁴ que elogiou a administração de Falabella: “enche os olhos”.¹⁴⁵ No mesmo ano, Falabella realizou o segundo Festival Folclórico da cidade, onde “tenta resgatar os dois maiores símbolos da tradição do folclore de Urucará”, com suas versões dos bois Caprichoso e Garantido. Segundo a matéria, os bois estariam “inseridos na cultura de Urucará há várias décadas”, mas, por falta de incentivo das autoridades, entrara em decadência, e apenas no ano anterior voltara a reorganizar-se. Falabella esperava que o festival promovesse o crescimento do turismo na cidade.¹⁴⁶ Em 1991, o governador eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Gilberto Mestrinho,¹⁴⁷ se encontrou com os prefeitos do estado, e Falabella foi um dos principais contribuintes nas discussões com o governador: “Só dinheiro no bolso e comida interessa ao homem do interior”, asseverou o prefeito de Urucará. Segundo ele, não tinham utilidade alguma as obras faraônicas e bonitas feitas pelo Estado, já que “não trazem nenhum retorno às comunidades e portanto não seguram o homem no interior”.¹⁴⁸

Em julho de 1991, o vice-prefeito de Urucará, Ananias Pinheiro de Cristo, entrou com mandado de segurança contra sua cassação pela Câmara Municipal de Urucará. Ananias argumentava que sua cassação era movida por perseguição política, já que as relações entre ele e o Prefeito Falabella não estavam boas, desde que Ananias impetrara um mandado de

http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/37397. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴⁴ Carlos Eduardo de Souza Braga (1960), paraense, engenheiro e empresário, foi vereador de Manaus pelo PDS (1983-1987); deputado estadual pelo PMDB (1987-1991); pelo Partido Democrata Cristão (PDC) foi eleito deputado federal (1991-1992) e vice-prefeito de Manaus (1993-1994), substituindo Amazonino Mendes como prefeito (1994-1997). Não se elegeu governador em 1998 nem à prefeitura em 2000; eleito governador pelo Partido Popular Socialista (2003-2006) e reeleito no PMDB (2007-2010), partido que representa desde então, como senador (2011-2018; 2019-). Não eleito ao governo do Estado em 2014, foi Ministro de Minas e Energia no governo Dilma Rousseff. Cf. CPDOC. Carlos Eduardo de Sousa Braga. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-eduardo-de-sousa-braga>. Acesso em: 01 jun. 2024.

¹⁴⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 02 fev. 1990. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/39513. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 11 jul. 1990. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/40926. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁴⁷ O amazonense Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1928-2009) teve uma intensa carreira política. Nomeado prefeito de Manaus por Plínio Coelho em 1957, no ano seguinte sucedeu a Coelho no governo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1963, assumiu como deputado federal por Roraima, mas foi um dos primeiros cassados pela ditadura em 1964. Mudou-se para o Rio de Janeiro e voltou para Manaus em 1979, anistiado, e foi eleito governador em 1982 pelo PMDB, partido que permaneceu até sua morte. Derrotado para a prefeitura de Manaus em 1988, foi eleito novamente para o governo estadual em 1990. Em 1996, derrotado para a prefeitura, mas foi eleito ao Senado em 1998. Foi derrotado para o governo em 2002 e não conseguiu se reeleger ao Senado em 2006. Cf. CPDOC. Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-mestrinho-de-medeiros-raposo>. Acesso em: 01 jun. 2024.

¹⁴⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 13 jun. 1991. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/44466. Acesso em: 24 set. 2019.

segurança para assumir a prefeitura na ausência de Falabella. Para Ananias, a denúncia que levaria à sua cassação partira do candidato de Falabella à prefeitura, Renato Libório, a quem recusara apoio. Segundo ele, “no interior não é preciso muita coisa para alguém perder o mandato, bastando que se oponha ao grupo que tem o poder”.¹⁴⁹ Em agosto, deputados estaduais criticaram a ineficiência e falta de zelo de alguns dos prefeitos do Amazonas com os recursos públicos. Contudo, a administração de Falabella foi elogiada: “realiza um bom trabalho com poucos recursos”.¹⁵⁰

Meses depois, Falabella foi um dos novos filiados a serem recebidos em festa do PMDB amazonense, com o governador Mestrinho.¹⁵¹ Em 1992, o prestígio de Pedro Falabella se revelou outra vez, ao palestrar no auditório da Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas sobre “Alternativas de Desenvolvimento para o Interior do Estado”, onde colocou “em evidência a criação de pescado no município de Urucará”.¹⁵² Também para tratar sobre a pesca no estado, dentro do Encontro sobre a Problemática Pesqueira no Amazonas, organizado pela Universidade do Amazonas, Falabella foi expositor do painel “Perfil sócio-econômico da pesca comercial no Estado do Amazonas: aspectos sociais”.¹⁵³ O prefeito foi notícia outra vez, ao ter levado a Mestrinho a informação de que Urucará teria a primeira escola de várzea do país. Falabella, seu idealizador, afirma que é “uma proposta nova e oferece as condições para a educação no meio rural”. Aprovada pelo Ministério da Educação, a escola atenderia sete comunidades, e, segundo o JCAM, previa “uma ruptura no processo de êxodo rural ora verificado em todo o interior face a inexistência de alternativas para a juventude”.¹⁵⁴

Falabella fez parte do grupo de trabalho do PMDB amazonense que organizaria e realizaria um Painel sobre a Forma e o Sistema de Governo que iriam a plebiscito em abril de 1993.¹⁵⁵ Subsecretário da Secretaria de Estado da Produção Rural (SEPROR) do governo Mestrinho, Falabella abriu a “Reunião sobre o Desenvolvimento da Cultura de Mandioca e de Fruticultura Tropical na Região Norte”, falando sobre a importância do setor primário de

¹⁴⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 jul. 1991. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/44866. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 08 ago. 1991. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/45274. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 12 nov. 1991. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/46590. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 14 maio 1992. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/48949. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 10 jul. 1992. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/49587. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 16 ago. 1992. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/50067. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 mar. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/51200. Acesso em: 24 set. 2019.

produção para o desenvolvimento do estado.¹⁵⁶ Também foi uma das autoridades presentes quando da entrega de 243 títulos de terra pelo governo estadual para pessoas da capital e do interior.¹⁵⁷ O subsecretário Falabella, com o diretor da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas (Emater-AM), verificou a plantação de 25 hectares de cana-de-açúcar para a produção de açúcar mascavo em Urucará. Tal programa contava com o apoio do prefeito Renato Libório, da Emater-AM e do BEA. Prevvia-se a produção de cem toneladas de açúcar mascavo, com destino à Costa Rica. A nota do *Jornal do Commercio* informava que o programa em Urucará era apenas o primeiro, pois o governo estadual pretendia expandir a produção de açúcar no Amazonas.¹⁵⁸ Ele também esteve presente no encerramento do encontro anual da Emater-AM.¹⁵⁹

Em 1994, afastado da subsecretaria, Falabella participou com outras lideranças políticas de encontros com cidadãos nos subúrbios da capital, visando às próximas eleições. O ex-prefeito comentou sua atuação na SEPROR, onde adotou “incentivos ao setor primário, com o objetivo de abrir alternativas de trabalho ao homem do interior”, desejando reduzir “também os problemas da capital, que sofre com o inchaço populacional e a falta de infra-estrutura para a absorção dessa população migrante”. Foi favorável a eleição dos candidatos do PMDB, para darem continuidade aos trabalhos desenvolvidos na gestão Mestrinho, pois, se não, “vamos voltar a enfrentar os problemas que já vivemos no passado”.¹⁶⁰ Como candidato à ALEAM, Falabella cobrou mais apoio para os municípios do interior, para enfrentar “a falta de crédito e a inibição na criatividade” no setor primário do estado. Falabella também afirmou “que um dos maiores problemas do Amazonas é o de cultura”, pois as escolas do interior não ensinam sobre a realidade, “muito mal a escrever e soletrar”. Por isso, defendeu a implantação de mais escolas agrícolas, como as três que deixou em Urucará em seu mandato.¹⁶¹

Como candidato, Falabella esperava ser eleito com os votos da sua região. O colunista do *Jornal do Commercio*, que caracterizava a administração municipal de Falabella como

¹⁵⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 01 jun. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/52113. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 13 set. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/55088. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 20 nov. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/55215. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁵⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 27 nov. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/55345. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 15 abr. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/56842. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 06 jul. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/58399. Acesso em: 24 set. 2019.

excelente, acreditava que ele seria um bom deputado estadual.¹⁶² Com mais de quatro mil votos, Pedro Geraldo Raimundo Falabella aguardou sua confirmação para a ALEAM, sendo apontado como um dos nomes que fortaleceram o interior do estado nas eleições de 1994.¹⁶³ Contudo, não foi eleito, provavelmente devido ao quociente eleitoral.¹⁶⁴ Em 1995, era o primeiro candidato anunciado à prefeitura de Urucará.¹⁶⁵ Já em 1996, o governador Amazonino Mendes¹⁶⁶ prometeu fazer tudo o possível para eleger os prefeitos de Manacapuru, Humaitá, Parintins e Urucará. Em alguns casos, os adversários do governador eram antigos aliados, entre os quais Falabella.¹⁶⁷ No entanto, ele foi eleito para o terceiro mandato na Prefeitura de Urucará, derrotando o candidato de Amazonino. Uma pequena nota informou a reconciliação do prefeito com o governador.¹⁶⁸

Falabella recebeu destaque no JCAM ao investir no aumento da produção de guaraná em Urucará, para elevar das então 50 para 500 toneladas, já que o município era o segundo maior produtor do fruto.¹⁶⁹ Falabella também procurou inserir a criação de abelhas melíferas como alternativa econômica para o município.¹⁷⁰ Um tema discutido nesse momento da política nacional, era a possibilidade de reeleição dos prefeitos. Ou, ao menos, a prorrogação dos mandatos. Quanto a esse momento, que define como “de crise”, Falabella, já no quarto mandato, afirma que “não está muito preocupado com a reeleição, mas se for aprovada ele tenta

¹⁶² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 24 set. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/59939. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 out. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/60207. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶⁴ TSE. Resultados das Eleições 1994 - Amazonas - deputado estadual. **Tribunal Superior Eleitoral**, 1994. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1994/resultados-das-eleicoes-1994/amazonas/resultados-das-eleicoes-1994-amazonas-deputado-estadual>. Acesso em: 24 set. 2023.

¹⁶⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 30 mar. 1995. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/63730. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶⁶ O amazonense Amazonino Armando Mendes (1939-2023) foi militante estudantil, advogado e empresário. Foi nomeado prefeito de Manaus (1983-1987) e eleito governador (1987-1990) pelo PMDB. Pelo PDC, foi eleito ao Senado (1991-1992), deixando o cargo para assumir a prefeitura de Manaus (1993-1994). Eleito governador (1995-1998) pelo Partido Progressista Reformador, sendo reeleito (1999-2002) pelo PFL. Em 2004, não conseguiu voltar à Prefeitura, nem em 2006 ao governo estadual. Prefeito da capital (2009-2012), pelo PTB, assumiu o governo em mandato tampão entre 2017-2019, pelo Partido Democrático Trabalhista. Em outros partidos, amargou derrotas ao governo em 2018, prefeitura em 2020 e governo em 2022. Cf. CPDOC. Amazonino Armando Mendes. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/amazonino-armando-mendes>. Acesso em: 01 jun. 2024.; G1 AM. Amazonino Mendes, ex-governador do AM, morre aos 83 anos. **G1**, 12 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/02/12/amazonino-mendes-ex-governador-do-am-morre-aos-83-anos.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

¹⁶⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 jul. 1996. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/72137. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 06 abr. 1997. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/76515. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁶⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 25 jan. 1998. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/80849. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 abr. 1998. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/82018. Acesso em: 24 set. 2019.

pela quinta vez”.¹⁷¹ Em abril de 1999, Falabella foi eleito presidente da Associação Amazonense de Municípios (AAM), para um mandato de dois anos. Sua meta era “fortalecer a Associação tanto entre os prefeitos como perante a sociedade”.¹⁷²

Quando da reunião de lançamento do Programa Caixa no Município, da Caixa Econômica Federal, que previa financiamento para projetos sociais, de infraestrutura e habitação no interior do Amazonas, Falabella, enquanto presidente da AAM, argumentava que era preciso vencer duas barreiras que impediam os municípios amazonenses de viabilizarem recursos federais: “a desinformação e a falta de assistência técnica para as prefeituras na elaboração de projetos”.¹⁷³ Depois, o prefeito denunciou à imprensa o aumento do uso de drogas em Urucará, bem como as dificuldades com a saúde no município, “onde há apenas um hospital com 25 leitos”, e protesta pela precariedade do serviço de telefonia.¹⁷⁴ Como representante da AAM, Falabella também comentou o prejuízo total que a enchente daquele ano causara às principais culturas de várzea do estado.¹⁷⁵

Quando o Tribunal de Contas do Amazonas orientou os prefeitos do interior sobre o uso dos recursos do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental, Falabella defendeu seus companheiros, argumentando que a maioria dos prefeitos que desviavam esse dinheiro para outras atividades, o fazia “por desconhecem suas normas”.¹⁷⁶ No mesmo ano, ele conseguiu o apoio do deputado federal Arthur Virgílio Neto,¹⁷⁷ para resolver a falta de energia elétrica, que estava afetando os projetos para geração de emprego e renda em Urucará. A estratégia do

¹⁷¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 21 nov. 1998. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/83867. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 21 abr. 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/85835. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 22 maio 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/86247. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 28 maio 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/86327. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 17 jun. 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/86597. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 16 ago. 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/87331. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁷ Amazonense, Artur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto (1945), diplomata de carreira, é filho de um senador cassado pela ditadura. Deputado federal pelo PMDB (1983), coordenou as Diretas Já e a campanha de Tancredo Neves no estado. Pelo Partido Socialista Brasileiro, não se elegeu ao governo em 1986, mas se elegeu prefeito de Manaus (1989-1992). Membro fundador do Partido da Social Democracia Brasileira, foi o deputado federal mais votado do estado (1995-1998) e se tornou um dos principais líderes do partido e do governo de Fernando Henrique Cardoso na Câmara. Reeito em 1998, tornou-se líder do governo no Congresso, e foi ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República e Conselheiro de Governo (2001-2002). Eleito Senador (2003-2010) tornou-se líder da oposição no Senado. Não se reelegeu em 2010, mas voltou à Prefeitura de Manaus (2013-2016; 2017-2020). Não conseguiu voltar ao Senado em 2022. Cf. CPDOC. Artur Virgílio (neto). **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/virgilio-artur-neto>. Acesso em: 02 jun. 2024.

deputado, líder do governo no Congresso, foi uma emenda ao orçamento da União para solucionar o problema no município.¹⁷⁸

Quando das eleições municipais de 2000, o JCAM comentava que o “mito da reeleição” caíra no estado, pois muitos candidatos tinham medo de não conseguirem vencer os prefeitos que eram candidatos à reeleição. A tendência nacional fora de 61% de reeleição. Contudo, se a maioria dos municípios trocara de prefeitos no Amazonas, a renovação era apenas aparente, “pois a maioria continua vinculada aos partidos que exercem o poder no estado”. Falabella foi um dos 24 prefeitos reeleitos.¹⁷⁹ No início do novo século, a eleição para a presidência da AAM chama a atenção, pois configuraria uma disputa para as próximas eleições estaduais. Falabella era um dos cinco candidatos.¹⁸⁰ Ao fim, Falabella tornou-se vice-presidente da associação, em outubro de 2001.¹⁸¹ Depois, o prefeito recebeu o deputado federal Arthur Virgílio Neto, para a inauguração de obras que foram possíveis graças aos recursos liberados pelo governo federal através da mediação do deputado.¹⁸²

No início de 2003 – também início do governo de Eduardo Braga, Falabella deixou a prefeitura e assumiu a Agência de Fomento do Estado do Amazonas (AFEAM), e é nesse cargo que ele visitou o JCAM.¹⁸³ A AFEAM “foi constituída em Assembleia Geral no dia 4 março de 1999, tendo como acionista controlador o Estado do Amazonas e acionista minoritário o município de Manacapuru”, e sendo uma “instituição financeira não bancária, [está] subordinada à fiscalização e à supervisão do Banco Central do Brasil”. As operações de crédito da entidade “financia[m] empreendedores dos segmentos do comércio, indústria, serviços e rural”, realizadas com recursos estaduais, com “o objetivo de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Estado do Amazonas por meio de programas de financiamento, tanto na capital quanto no interior”.¹⁸⁴

Em 2 de janeiro de 2004, na edição especial do centenário do *Jornal do Commercio*,

¹⁷⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 20 abr. 1999. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/88077. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁷⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 13 out. 2000. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/91282. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁸⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 24 jan. 2001. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/93512. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁸¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 03 out. 2001. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/97927. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁸² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 05 nov. 2001. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/98366. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁸³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 09 out. 2003. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/100022. Acesso em: 24 set. 2019.

¹⁸⁴ AFEAM. Afeam comemora 20 anos com aproximadamente R\$ 1,6 bilhão em créditos investidos no Estado. *Agência de Fomento do Estado do Amazonas*, Manaus, 04 set. 2019. Disponível em: <https://www.afeam.am.gov.br/afeam-comemora-20-anos-com-aproximadamente-r-16-bilhao-em-creditos-investidos-no-estado/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Pedro Falabella foi entrevistado. Balanceando os resultados da AFEAM, ele afirmou que realizaram dez mil operações, proporcionando a geração, ou permanência, de 30 mil empregos diretos, e fechando com um lucro de R\$ 3,5 milhões. Criticou o paternalismo na cessão de microcrédito, que impediria a interiorização da economia amazonense, e defendeu o Programa Zona Franca Verde, pelo qual a AFEAM pretendia levar desenvolvimento ao interior em convivência sustentável com a floresta, bem como a criação de agroindústrias e programas para permanência dos produtores no interior.¹⁸⁵ Contudo, se a facilidade das contratações de empréstimo aumentou o número de contratos com a AFEAM, a inadimplência também cresceu.¹⁸⁶ Pouco depois, Falabella informou a meta da agência de distribuir até dez mil cartões Zona Franca Verde, “criado para dar acesso ao crédito ao empreendedor”.¹⁸⁷

Em 2005, o periódico amazonense noticia a iniciativa do governo estadual em conceder incentivos para empreendimentos de etnias indígenas, com o lançamento do Programa Amazonas Indígena. Para Falabella, essas ações da AFEAM estavam “nivelando o indígena ao nível do homem branco, com exigências iguais às feitas aos outros produtores”.¹⁸⁸ Segundo ele, o governo de Eduardo Braga permitiu uma reformulação na agência de fomento, “ajudando a realizar o sonho dessas pessoas e, ao mesmo tempo, desenvolvendo o Estado”.¹⁸⁹ O diretor foi homenageado pelo Conselho Regional de Economia e pelo Sindicato dos Economistas do Estado do Amazonas, em 12 de agosto de 2005, recebendo o Diploma de Economista do Ano, por sua gestão na AFEAM.¹⁹⁰ Dois meses depois, Falabella afirmou que pretendia que a AFEAM financiasse R\$ 40 milhões para “auxiliar cerca de 12 mil pessoas a abrir seu próprio negócio” até o fim de 2005. Argumentou que “fomos educados a sermos empregados”, e por isso defendia o empreendedorismo.¹⁹¹

É destaque o programa Reintegrar, parceria da AFEAM com a Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, voltado a “ex-internos do sistema prisional do Estado, detentos do regime semi-aberto e suas famílias”. O programa objetivava “a reintegração dessas pessoas à

¹⁸⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 02 jan. 2004. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/101723. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁸⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 jan. 2004. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/101968. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁸⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 22 abr. 2004. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/103919. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁸⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 11 abr. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/113970. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁸⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 05 jul. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/109729. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 ago. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/110416. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 19 out. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/111695. Acesso em: 25 set. 2019.

sociedade por meio de incentivos a atividades econômicas”.¹⁹² Falabella também foi articulista em uma edição do jornal, sustentando o potencial da piscicultura como atividade econômica no estado.¹⁹³ Falabella recebeu a Ordem do Mérito Legislativo da ALEAM, em reconhecimento ao “importante serviço de interesse público” do então diretor da AFEAM.¹⁹⁴

Em maio de 2006, Pedro Falabella foi eleito vice-presidente da Associação Brasileira de Instituições de Desenvolvimento (ABDE), e a AFEAM realizou a XI Reunião Nacional da entidade, para “discutir assuntos relacionados a microcréditos e suas modalidades”.¹⁹⁵ Em 2006, também foi informada a parceria da AFEAM com a Secretaria Estadual de Educação, criando um programa que concedeu recursos a 224 professores “para aquisição de microcomputadores até o valor de R\$ 2,2 mil”. A ação foi comemorada por Falabella, pois “pela primeira vez estamos expandindo nossas ações de crédito aos professores”.¹⁹⁶ Em agosto de 2006, um balanço dos sete anos da AFEAM revelou incentivos de R\$ 357,9 milhões na economia amazonense, em todos os municípios do estado.¹⁹⁷ Em 29 de novembro de 2006, Falabella foi um dos onze homenageados com a Medalha do Mérito Empresarial Sebrae.¹⁹⁸ Em dezembro, então vice-presidente da ABDE, Falabella assumiu a presidência nacional da entidade, após a renúncia do então presidente. Anunciou eleições para a associação, e que seria candidato à reeleição.¹⁹⁹

Nos últimos anos de sua trajetória, Pedro Falabella estava se dedicando às artes plásticas, tendo realizado exposição de suas obras. A mostra “Depois dos Sessenta: um recomeço” reuniu vinte quadros de Falabella, em óleo sobre tela, expostas no Centro Cultural Palácio da Justiça.²⁰⁰ Em entrevista exclusiva, em junho de 2007, Pedro Falabella criticou as agências de crédito locais, conclamando para que estas atentassem à realidade da Amazônia, diferente das outras regiões do país. Defendeu a busca de alternativas de financiamento para os

¹⁹² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 27 out. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/111906. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 31 out. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/111974. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 28 nov. 2005. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/114875. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 31 maio 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/118287. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 14 jun. 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/118581. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 26-28 ago. 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/119992. Acesso em: 25 set. 2019.

¹⁹⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 29 nov. 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/121804.

¹⁹⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 16-18 dez. 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/122131. Acesso em: 25 set. 2019.

²⁰⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 22-23 abr. 2007. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/124492. Acesso em: 25 set. 2019.

produtores rurais e microempreendedores, crendo que “só vamos ter êxito com crédito quando nós acompanharmos, pois não adianta dar treinamento e deixar o financiamento a esmo”.²⁰¹

Pedro continuou na AFEAM durante a mudança do governo, com a entrada de Omar Aziz.²⁰² Em julho de 2012, recebeu a Medalha do Mérito Ruy Araújo da ALEAM, “em reconhecimento aos relevantes serviços desenvolvidos em prol do Amazonas”.²⁰³ Em dezembro de 2013, o diretor da AFEAM foi um dos agraciados com a Medalha da Ordem do Mérito Legislativo pela ALEAM.²⁰⁴

Falabella faleceu aos 72 anos, em 28 de maio de 2014, na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Beneficente Portuguesa, em Manaus, onde estava internado, após sofrer um infarto no dia anterior. O ex-prefeito chegou a passar por uma cirurgia, mas houve infecção generalizada e falência múltipla dos órgãos. Deixou sua viúva, Sheila Falabella, e três filhos, Raquel, Gisele e José Neto.²⁰⁵ O governador José Melo²⁰⁶ lançou nota de pesar por seu falecimento, como se segue:

²⁰¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**, Manaus, 10-11 jun. 2007. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/170054_02/125407. Acesso em: 26 set. 2019.

²⁰² Omar José Abdel Aziz (1958), paulista, engenheiro civil, foi militante estudantil, vereador de Manaus pelo PFL em 1988 e reeleito em 1992, como o mais votado. Também foi o deputado estadual mais votado em 1994, enquanto em 1996 foi eleito vice-prefeito na chapa de Alfredo Nascimento, sendo reeleitos em 2000. Em 2001, foi secretário estadual de Segurança Pública no governo de Amazonino Mendes, e em 2002 eleito vice-governador na chapa de Eduardo Braga. No Partido da Mobilização Nacional, foi reeleito em 2006. Em 2008, não se elegeu à prefeitura de Manaus. Em 2010, com a renúncia de Braga, assumiu o governo estadual, sendo reeleito como o governador mais votado da história do estado. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrático. Renunciou ao governo em 2014, quando foi eleito ao Senado e reeleito em 2022. Cf. CPDOC. Omar José Abdel Aziz. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/omar-jose-abdel-aziz>. Acesso em: 02 jun. 2024.

²⁰³ AFEAM. ALEAM concede Medalha do Mérito à Pedro Falabella, Presidente da AFEAM. **Agência de Fomento do Estado do Amazonas**, 05 jul. 2012. Disponível em: <https://www.afeam.am.gov.br/aleam-concede-medalha-do-merito-a-pedro-falabella-presidente-da-afeam/>. Acesso em: 02 set. 2024.

²⁰⁴ SEDUC. Secretário da Seduc, Rossieli Silva, recebe a Medalha do Mérito Legislativo. **Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar**, Manaus, 18 dez. 2013. Disponível em: <https://www.seduc.am.gov.br/secretario-da-seduc-rossieli-silva-recebe-a-medalha-do-merito-legislativo/>. Acesso em: 02 set. 2024.

²⁰⁵ SENADO FEDERAL. Requerimento Nº 583, 29 maio 2014. **Diário do Senado Federal**, 30 maio 2014. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4072715&ts=1543031696952&disposition=inline>. Acesso em: 26 set. 2019.

²⁰⁶ José Melo de Oliveira (1946), amazonense, economista e professor. Foi Secretário Estadual de Educação e Cultura e presidente do Conselho Estadual de Educação. Em 1993, tornou-se secretário municipal de Educação, sob o prefeito Amazonino Mendes. Foi eleito deputado federal em 1994 pelo Partido Progressista Reformador, mas em 1995 reassumiu a secretaria de Educação. Em 1998, voltou à Câmara dos Deputados e foi reeleito pelo PFL, como o mais votado do estado. Entre 2000-2002, foi secretário de Coordenação do Interior do Estado do Amazonas, e foi eleito deputado estadual. Em 2003, tornou-se Secretário de Estado de Governo de Eduardo Braga, até 2010, quando foi eleito vice-governador na chapa de Omar Aziz. Em 2014, se tornou governador após renúncia de Aziz, e depois foi reeleito, pelo Partido Republicano da Ordem Social. Em 2016, sua chapa foi cassada pelo Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas, mas permaneceu no cargo com seu vice, sendo depois absolvidos. No entanto, em 2017, a chapa foi cassada pelo TSE, e no mesmo ano ele foi preso. Cf. CPDOC. José Melo de Oliveira. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-melo-de-oliveira>. Acesso em: 02 jun. 2024.

O Governo do Amazonas lamenta, com pesar, o falecimento de Pedro Geraldo Falabella. Homem de profundo espírito público, dedicou sua vida à luta pela construção de tempos melhores para a população deste Estado.

Foi um político de talento, respeitado por todos; técnico dos mais competentes e conceituados; servidor do Amazonas, tendo ficado os últimos anos à frente da Agência de Fomento do Estado (Afeam). Foi também um homem de bem, ser humano sensível, pai de família amoroso; um artista de talento.

À família e amigos o desejo que Deus conforte os corações sofridos neste momento de profunda dor. E a certeza de que Pedro Falabella deixa um legado de dignidade e trabalho.

José Melo

Governador do Amazonas²⁰⁷

Na sessão da ALEAM no dia 29 de maio, ele foi homenageado pelos deputados estaduais.²⁰⁸ A senadora Vanessa Grazziotin²⁰⁹ solicitou Voto de Pesar pelo falecimento de Pedro Falabella, lamentando sua perda.²¹⁰ Por seu apoio ao setor primário amazonense, a Federação da Agricultura e Pecuária do Amazonas adiou uma reunião em respeito ao falecimento.²¹¹ Falabella também foi um dos membros do Conselho de Desenvolvimento do Amazonas (CODAM), representando a AFEAM durante muitos anos nesse conselho; por isso, o CODAM, na sua 250ª reunião, de 29 de maio de 2014, era outra das entidades a prestar homenagens ao falecido político.²¹² A ABDE também noticiou o falecimento de Falabella, que fora seu presidente de 2007 a 2009, destacando a importância da liderança do político na associação.²¹³ O Centro da Indústria do Estado do Amazonas, igualmente dedicou uma coluna à “sinergia luminosa” de Pedro Falabella, homenageando sua vida e obra.²¹⁴

²⁰⁷ CORREIO DA AMAZÔNIA. José Melo emite Nota de Pesar pela morte de Pedro Falabella. **Correio da Amazônia**, Manaus, 29 maio 2014. Disponível em: <https://correiodaamazonia.com/jose-melo-emite-nota-de-pesar-pela-morte-de-pedro-falabella/>. Acesso em: 02 set. 2024.

²⁰⁸ G1 AM. Economista amazonense Pedro Falabella morre aos 72 anos. **G1**, 29 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/05/economista-amazonense-pedro-falabella-morre-aos-72-anos.html>. Acesso em: 26 set. 2019.

²⁰⁹ Vanessa Grazziotin (1961), catarinense, farmacêutica pela UFAM, foi liderança estudantil e professora em Manaus. Filiada ao Partido Comunista do Brasil, dirigiu a Confederação Geral dos Trabalhadores do Amazonas. Foi eleita vereadora de Manaus (1988, 1992 e 1996); deputada federal em 1998, reeleita em 2002; e senadora em 2010. Parlamentar atuante, participou de várias comissões de inquérito e em posições de liderança do partido. Foi derrotada para prefeitura de Manaus em 2004 e 2012, e não se reelegeu ao Senado em 2018. Cf. CPDOC. Vanessa Grazziotin. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/grazziotin-vanessa>. Acesso em: 02 jun. 2024.

²¹⁰ Senado Federal, 2014.

²¹¹ FAEA. Nota Pública. **Federação da Agricultura e Pecuária do Amazonas**, Manaus, 29 maio 2014. Disponível em: <https://sistema-faeasena.org.br/?p=32&n=1342>. Acesso em: 26 set. 2019.

²¹² BRASIL. Homenagem a Pedro Falabella marca reunião do Codam. **SUFRAMA**, 29 maio 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/suframa/pt-br/publicacoes/noticias/homenagem-a-pedro-falabella-marca-reuniao-do-codam>. Acesso em: 02 set. 2024.

²¹³ ABDE. Pedro Falabella morre aos 72 anos. **Associação Brasileira de Desenvolvimento**, 30 maio 2014. Disponível em: <http://abde.org.br/noticias/pedro-falabella-morre-aos-72-anos/>. Acesso em: 26 set. 2019.

²¹⁴ CIEAM. A sinergia luminosa de Pedro Falabella. **Centro da Indústria do Estado do Amazonas**, 30 maio 2014. Disponível em: <http://www.cieam.com.br/?u=a-sinergia-luminosa-de-pedro-falabella-->. Acesso em: 26 set. 2019.

Figura 5: Foto do ex-prefeito no CETI Pedro Falabella.



Fonte: o autor, 2025.

Em junho de 2018, o governador Amazonino Mendes inaugurou o Centro de Educação em Tempo Integral (CETI) de Urucará, “a unidade mais moderna do interior do estado e que leva o nome do ex-prefeito urucaraense Pedro Geraldo Raimundo Falabella”.²¹⁵ A figura 5 foi fotografada em nossa visita ao CETI em 2025, indicando mais uma das memórias do prefeito nos espaços públicos da cidade.

Em 3 de setembro de 2019, a AFEAM foi homenageada na ALEAM, em comemoração aos seus vinte anos de atuação, com “aproximadamente R\$ 1,6 bilhão injetados na economia e chegará até o final deste ano com 200 mil operações de crédito, sendo os municípios do interior os maiores beneficiados”. Nessa ocasião, os ex-presidentes da AFEAM foram também homenageados. Pedro Falabella, segundo diretor-presidente da agência, foi representado por sua viúva.²¹⁶

Ao longo dessas inúmeras notícias publicadas no JCAM, revela-se a importância do Pedro Falabella para Urucará e para o Amazonas. Mostrou-se como um político e administrador celebrado, e mesmo quando se desvelava uma crítica, logo se amenizava diante dos novos elogios. Na cidade onde governou, por mais de cinco décadas, o sobrenome Falabella tem demarcado a história política. Mesmo após a saída de Pedro, venceram as eleições para a Prefeitura em 2008, 2016 e 2020 e 2024.

²¹⁵ SEDUC. Governo do Amazonas inaugura primeiro Centro de Educação de Tempo Integral no município de Urucará. **Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar**, Manaus, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.seduc.am.gov.br/governo-do-amazonas-inaugura-primeiro-centro-de-educacao-de-tempo-integral-no-municipio-de-urucara/>. Acesso em: 02 set. 2024.

²¹⁶ AFEAM, 2019.

1.3 Narradores da história

Desde 2017, nossa pesquisa sobre a trajetória de Clinton Thomas se organizou a partir da história oral, com discussões baseadas em teóricos como Alessandro Portelli,²¹⁷ José Carlos Sebe Bom Meihy²¹⁸ e Verena Alberti.²¹⁹ Tomando tais autores, partimos para as etapas do projeto e escrita, reconhecendo as possibilidades dessa metodologia, pois “compreender a complexidade do processo de ocupação humana que construiu a Amazônia contemporânea, a partir dos testemunhos, das memórias e das experiências de protagonistas em processos históricos pode ser extremamente valioso”.²²⁰

A história oral, constituindo suas fontes, as compreende como “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”.²²¹ Portanto, é um trabalho de cocriação, “gerado em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente uma troca de olhares”. Ainda que a história oral se paute em projetos, objetivos buscados pelo entrevistador/pesquisador, as trocas dialógicas “não vão necessariamente em uma única direção”; mesmo com roteiros prontos para a entrevista, “o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista”. A entrevista, nesse sentido, pode gerar surpresas: “é comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante”.²²²

Conforme Portelli, refletindo sobre os acontecimentos que se tornam o interesse do pesquisador, “a história oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”.²²³ Dessa forma, “a entrevista estrutura-se sobre um solo comum que torna o diálogo possível, mas também se estrutura sobre uma diferença que a torna significativa”.²²⁴ O conhecimento trocado, “não está previamente compartilhado”, portanto, “entre os sujeitos envolvidos existe uma diferença significativa e um

²¹⁷ PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

²¹⁸ MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011; GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (Org.). **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019.

²¹⁹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 155-202; ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

²²⁰ Bezerra; Santos, 2023, p. 15.

²²¹ Portelli, 2016, p. 9.

²²² *Ibid.*, p. 10.

²²³ *Ibid.*, p. 12.

²²⁴ *Ibid.*, p. 13.

deles está em situação de aprendizagem”.²²⁵ Nesse local de escuta, o pesquisador apreende o conhecimento de quem viveu as “histórias dentro da história”.²²⁶

Quando iniciamos esta pesquisa havia “pontos em comum [os quais] fazem com que a comunicação seja possível”,²²⁷ assim, o pesquisador pôde se apresentar aos primeiros entrevistados como alguém que conhecia a vida evangélica e compartilhava de seus pressupostos. Ao longo dos anos, as diferenças pessoais entre entrevistador e colaboradores se tornaram significativas; contudo, se “pontos em comum não precisam significar uma identidade compartilhada”, as distâncias não precisam apagar “uma disposição compartilhada de ouvir e de aceitar o outro, criticamente”.²²⁸

O narrador da história oral “também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes”, então, cabe a nós, historiadores em busca do conhecimento, abrirmo-nos “para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistado entrar”. Essa abertura garante liberdade para “a disposição do entrevistado de falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho”.²²⁹

Portelli salienta que “as fontes orais, então, nos ajudam a questionar as fronteiras que dividem o que diz respeito à História e o que não diz”.²³⁰ A abertura proposta pela história oral permite visualizar histórias que antes outras fontes não alcançaram, através da voz daqueles que viveram inúmeros acontecimentos históricos. Uma das pessoas entrevistadas, dona Soliege Vieira, graduou-se em História na UFAM, e tanto em nosso primeiro encontro em 2017 quanto no segundo em 2022, recordou que um professor não aceitou sua sugestão de escrever sobre a história de Clinton Thomas, pois aquilo não seria “História”. Não sabemos se o professor em questão rejeitou o tema por considerar a inexistência de fontes adequadas, mas a história oral possibilitou esta pesquisa, pois, como afirma Portelli, “na verdade, a fronteira móvel e esquiva entre a História e as histórias é uma das relações que torna a história oral significativa”.²³¹

Mesmo sem ter sido aceita, a professora Soliege era uma historiadora que queria escrever uma história que também lhe era pessoal, de seu pastor, de seu município, de sua família. Agora, como uma das colaboradoras dessa pesquisa, ela nos fornece suas experiências e interpretações: “em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da

²²⁵ Portelli, 2016, p. 13.

²²⁶ Alberti, 2014.

²²⁷ Portelli, 2016, p. 13.

²²⁸ *Ibid.*, p. 14.

²²⁹ *Ibid.*, p. 15.

²³⁰ *Ibid.*, p. 15.

²³¹ *Ibid.*, p. 16.

experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro”.²³² Portelli concebe que

O cerne duro da história oral reside exatamente nesse ponto, no qual a história invade as vidas privadas (por exemplo: quando a guerra invade o espaço doméstico sob a forma de uma bomba jogada de um avião) ou quando as vidas privadas são sugadas para dentro da história (por exemplo: a experiência das trincheiras na Primeira Guerra Mundial ou a experiência das tropas italianas na campanha russa na Segunda Guerra Mundial).²³³

Como definiu Ecléa Bosi, pela história oral, inúmeros sujeitos “tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.²³⁴ Logo, os sentimentos e interpretações de Timóteo, Soliege e os demais narradores podem ser acessados e analisados enquanto fontes para essa tese. Nas palavras de Portelli, “a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas – mas, mais importante, ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado, e do relacionamento entre eles”.²³⁵ A história oral promove a “revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilham a mesma época”, pois que “mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana”.²³⁶

O trabalho do historiador com a história oral recorda os cuidados do ofício com as fontes, sejam quais forem. Assim, observamos como as memórias reinterpretam o passado no ato da narrativa e os colaboradores escolhem como falar sobre ele nesse ato: “o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem”.²³⁷ Na mesma direção, alerta-se: “devemos traçar um caminho complexo cobrindo três níveis distintos, mas interconectados: um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluida, duradoura (a interação entre esses dois fatos)”.²³⁸

Na brilhante definição de Portelli: “a história oral, então, é a história dos eventos,

²³² Portelli, 2016, p. 16.

²³³ *Ibid.*, p. 16.

²³⁴ Bosi, 2003, p. 15.

²³⁵ Portelli, 2016, p. 17.

²³⁶ Bosi, 2003, p. 19-20.

²³⁷ Portelli, 2016, p. 18.

²³⁸ *Ibid.*, p. 18.

história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado”.²³⁹ Memória e narrativa, rememorar e contar, estão em “um processo e uma performance”, por isso, “podemos pensar nas fontes orais como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado”.²⁴⁰

Na prática da história oral, a partir das entrevistas, formamos nossas redes de colaboradores. Como a entrevista é o resultado do encontro gravado, com o pressuposto democrático da história oral, vemos entrevistador e entrevistado como *colaboradores*.²⁴¹ A começar da primeira entrevista, com Tomé Thomas, organizaram-se as redes:

A origem da rede é sempre o *ponto zero*, e essa entrevista deve orientar a formação das demais redes. A indicação da continuidade das redes preferencialmente deve ser derivada da entrevista anterior. Assim, em cada entrevista o colaborador deve indicar alguém que comporá a rede. A vantagem dessa estratégia é que por ela monta-se a rede de acordo com o argumento dos entrevistados e não dos diretores do projeto. Com isso, se fortalece a razão do grupo.²⁴²

Assim, as redes de colaboradores, parte de um grupo maior daqueles que estiveram em contato com Clinton Thomas em Urucará, constituíram-se de: familiares; fiéis da Igreja de Cristo; e outros moradores. Todos os nomes foram ouvidos em outras entrevistas que não as suas, e ainda que coube ao entrevistador a escolha por aqueles que seriam procurados e convidados a participar do projeto, foram os próprios entrevistados que nos conduziram pelas ruas de suas memórias e da cidade. A exceção foi o entrevistado em Parintins, o que não apaga sua conexão, já que o nome de seu pai foi alcançado nas entrevistas. Na ordem em que os encontramos e firmamos o diálogo, os colaboradores são:

Thomas Joel Thomas nasceu em 11 de janeiro de 1964, em Grand Junction, Colorado. Conhecido no Brasil como *Tomé*, ele trabalhou em fábricas e oficinas de mecânica nos dois países. De seu primeiro casamento de três décadas, com uma amazonense, teve dois filhos, também nascidos no Brasil, mas que cresceram e constituíram suas famílias nos Estados Unidos. Tomé voltou a morar no Brasil em 2015 e se casou com Alcilene Gama, residindo com ela em Urucará por mais alguns anos.²⁴³ Graças a Geize Almeida, realizamos a primeira viagem a Urucará já com a entrevista marcada com seu Tomé. Foi com ele que acessamos os arquivos

²³⁹ Portelli, 2016, p. 18.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 19.

²⁴¹ Meihy; Holanda, 2011, p. 20.

²⁴² *Ibid.*, p. 54.

²⁴³ THOMAS, Thomas “Tomé” Joel. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de agosto de 2017.

fotográficos da família, cedidos ao Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA), ainda no primeiro dia de pesquisa em Urucará, quando ele emprestou seus cartões de memória com o material. Logo, os Thomas sustentaram a afirmação de Artières: não manter tais arquivos familiares “constitui uma falta. É um dever produzir lembranças; não fazê-lo é reconhecer um fracasso, é confessar a existência de segredos”.²⁴⁴ O colaborador se dedicou por anos a cotejar os acervos familiares dispersos e produzir cópias, e, desde antes de nosso encontro, já compartilhava essas memórias familiares em rede social, pois podem ser compreendidas – e ele assim entende – como “uma contribuição ao conhecimento do gênero humano”²⁴⁵ e com “uma função pública”.²⁴⁶ Realizamos essa primeira entrevista em sua propriedade na cidade e as figuras utilizadas neste trabalho são parte de seu trabalho de cotejo de fotografias familiares.

Alcilene Canto da Gama Thomas nasceu em 4 de abril de 1965, em Urucará. Passou quase vinte anos longe da cidade; licenciada em Letras e especialista em Didática do Ensino Superior, atuou como professora em Manaus a partir do ano 2000. No momento de nossa entrevista, lecionava na rede estadual de ensino em Urucará, inclusive como colega de trabalho de Geize Almeida, e hoje está aposentada. Dona Alcilene não frequentou a Igreja de Cristo em Urucará na sua juventude, mas tinha proximidade com a família dada a amizade de seus pais com os missionários. Tornou-se evangélica em Manaus, seguindo os filhos. Tem três filhos de seu primeiro casamento e está casada com Tomé Thomas desde que ele voltou ao Brasil. Realizamos a entrevista logo após a com seu marido, em sua propriedade.²⁴⁷

Maria Auxiliadora da Costa Vieira nasceu em 24 de janeiro de 1935, no interior de Urucará. Foi casada por cerca de 57 anos com Carlos Marques Vieira, também do interior de Urucará, com quem teve dez filhos. Foram agricultores na zona rural, mas para assegurar a educação dos filhos, mudaram-se para a sede do município, onde dona Auxiliadora veio a se converter. Ela foi indicada como sendo a pessoa batizada mais antiga ainda viva da Igreja de Cristo em Urucará. Trabalhou como funcionária em uma escola municipal, onde se aposentou. Após um contato inicial com Teodomiro, a procuramos, conversamos com ela e a entrevista foi realizada na residência familiar, com a presença de uma de suas filhas, poucas horas antes de nosso retorno a Parintins. Dona Auxiliadora faleceu em 6 de setembro de 2020.²⁴⁸

Timothy Benjamin Thomas nasceu em 26 de agosto de 1956, em Belém do Pará.

²⁴⁴ Artières, 1998, p. 14.

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 16.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 32.

²⁴⁷ GAMA Thomas, Alcilene Canto da. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de agosto de 2017.

²⁴⁸ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

Conhecido no Brasil como *Timóteo*, ele possui dupla cidadania e serviu como missionário de ensino da Igreja de Cristo desde o começo dos anos 1980 em dezenas de países. De seu primeiro casamento, com uma norte-americana, teve dois filhos, residentes nos Estados Unidos. Formou-se no Johnson Bible College, depois alcançou um mestrado também nos Estados Unidos e um doutorado em Estudos Bíblicos no Japão. É casado com Racquel Burgos Thomas, natural das Filipinas, e residia com ela em Urucará há alguns anos no momento da entrevista. Desde a primeira visita à cidade, “o Timóteo” foi apontado no contato com os colaboradores e outras pessoas como aquele que devia ser procurado para contar a história de Clinton Thomas; ou seja, como o “guardião da memória”, posição que ele também admite, como o único que guarda – e expõe – determinadas memórias que os outros não sabem.²⁴⁹ Dr. Timóteo é aquele que “guarda/possui as ‘marcas’ do passado sobre o qual se remete”,²⁵⁰ e como “narrador privilegiado”, também é o mediador da história familiar. Ele não apenas guarda “objetos de memória”, “bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo”,²⁵¹ como elabora e divulga seus significados. Como intelectual, produziu textos sobre a história da Igreja de Cristo em Urucará, interpretando-a a partir de seus pressupostos religiosos e acadêmicos. Apesar da indicação de algumas pessoas de que Timóteo não seria fácil de alcançar ou de que não estaria facilmente disposto a colaborar, graças à intermediação de uma amiga e sua mãe, próximas dele, fomos bem recebidos em sua casa e ele concedeu uma longa entrevista, a qual foi assistida por sua esposa.²⁵²

Renato Braga Vieira nasceu em 06 de janeiro de 1948, em Urucará. Casado, com filhos e aposentado. Trabalhou com Clinton Thomas por quase três décadas, até sua partida da cidade, como marceneiro, pedreiro e outros serviços manuais, inclusive com seus filhos o acompanhando. O próprio Timóteo nos levou até sua casa e nos apresentou. Apesar de não frequentar ou se batizar na Igreja de Cristo, foi amigo próximo do pastor Clinton até sua morte. Ele concedeu a entrevista em sua residência, junto a sua esposa. Faleceu em julho de 2020.²⁵³

Teodomiro Farias Sicsú Filho nasceu em 7 de novembro de 1955, em Parintins. Graduou-se no Projeto Rondon da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e depois em Pedagogia na UFAM. Descendente de judeus, de uma família tradicionalmente evangélica, Teodomiro se converteu em Parintins, mas foi batizado na Igreja de Cristo em Urucará, no

²⁴⁹ Gomes, 1996.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 21.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 21.

²⁵² Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

²⁵³ VIEIRA, Renato Braga. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de dezembro de 2018.

começo da década de 1980, e instituído presbítero em 1997. Casado e com filhos, atuou como professor, pedagogo e gestor de escola. Nosso primeiro encontro foi na primeira viagem, quando o pesquisador acompanhou uma reunião dos remanescentes da Igreja de Cristo no domingo de manhã; apesar disso, a entrevista com o presbítero só ocorreu na segunda viagem, em sua residência.²⁵⁴

Mário Rosário Falabella tinha 67 anos à época de nossa entrevista. Neto e filho de italianos que imigraram para o Brasil no começo do século XX, casado e com filhos, Falabella é pecuarista, e sua família é conhecida pela atuação política na região. Além de Pedro Falabella, seu irmão Fernando foi prefeito de Urucará e de São Sebastião do Uatumã; um outro irmão, Bosco, foi eleito prefeito em 2024. Mário também é pai de Enrico, prefeito de Urucará por dois mandatos.²⁵⁵ Após ser consultado e ele concordar com a entrevista, esta ocorreu em sua residência, uma das casas mais antigas de Urucará, construída por seu avô, “uma das propriedades do passado que continua fazendo parte da atual história da cidade”.²⁵⁶

Aurimar Terço Oliveira nasceu em 23 de setembro de 1965, em Urucará. Tem uma sólida trajetória política na cidade, iniciada em 1989, exercendo mandatos consecutivos como vereador. Com a cassação do prefeito, e enquanto presidente da Câmara Municipal, assumiu a prefeitura entre final de 2003 – agosto de 2004, e por esse motivo o procuramos, considerando ser o único ex-prefeito residindo na cidade naquele momento e um político que conhecera pessoalmente o pastor Clinton. Aurimar ocupava o cargo de Secretário Municipal de Administração e Planejamento no momento de nossa entrevista e depois retornou à Câmara.²⁵⁷

Eduardo França Lessa Júnior nasceu em 1958, primeiro filho do pastor Eduardo Lessa, da Primeira Igreja Batista de Parintins. Deixou de estudar medicina para cursar pedagogia e auxiliar nos trabalhos do pai na década de 1980. Professor e pedagogo, a partir de 1990 atuou como diretor do Colégio Batista de Parintins, fundado por pastor Lessa em 1955. É casado com a professora Bruna Souza Aguiar Lessa, com filhos. Eduardo conheceu o pastor Clinton durante os contatos entre as duas famílias de religiosos ao longo dos anos. Firmamos contato graças à colaboração da colega historiadora e membro da igreja, Patrícia Regina, e a entrevista foi cedida em uma sala do Colégio, junto com sua esposa.²⁵⁸

Soliege Maria Vieira dos Santos, nascida em 1956, em Urucará, filha de dona Maria Auxiliadora Vieira, cresceu dentro da Igreja de Cristo, mas foi batizada apenas no começo dos

²⁵⁴ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

²⁵⁵ Mário Rosário Falabella, 2019.

²⁵⁶ Santos, 2022, p. 167.

²⁵⁷ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

²⁵⁸ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

anos 1990. Atualmente, faz parte de outra igreja evangélica. Graduou-se na UFAM e é professora de história aposentada. Nosso primeiro contato ocorreu na primeira viagem, mas a entrevista se deu apenas quando da entrega do livro *Um rio de histórias*, em sua residência.²⁵⁹ Nos dois diálogos, ela relembrou que tentou escrever sobre a história do missionário durante sua graduação, mas naquele momento sua ideia não foi aceita por um professor, negando caráter histórico à Igreja de Cristo e ao seu fundador.²⁶⁰

Diante dessa rede de pessoas entrevistadas, constatamos como “a oralidade pode trazer valiosas contribuições para a compreensão da Amazônia, das Amazônias ou mesmo da Amazônia profunda”.²⁶¹ E com as memórias e narrativas desses colaboradores, conhecemos e escrevemos sobre Clinton Thomas. Além de nos conduzirem a outros caminhos para a pesquisa.

1.4 A ditadura produzindo fontes

Na perspectiva do direito à memória dos anos da ditadura, em 2005, o governo federal “determinou a entrega dos acervos dos extintos Serviço Nacional de Informações (SNI), do Conselho de Segurança Nacional (CSN) e da Comissão Geral de Investigação (CGI), até então sob a guarda da Agência Brasileira de Inteligência-ABIN, ao Arquivo Nacional”. Especificamente quanto ao SNI, uma quantidade absurdamente grande de documentos foi recebida: “a documentação recolhida se refere ao período de 1964 a 1990, contendo mais de 220.000 microfichas, podendo atingir mais de 10 milhões de páginas de texto”.²⁶²

Vivien Ishaq e Pablo Franco esclarecem que, “no campo da pesquisa acadêmica, os acervos dos órgãos de segurança e informações do regime militar são, incontestavelmente, fontes importantes para o conhecimento histórico do período”.²⁶³ Apesar dos “sumiços” de inúmeros arquivos da ditadura, “o acesso a documentações anteriormente inacessíveis propiciou uma conjuntura relativamente favorável à produção de reflexões acerca do passado a partir da análise de fontes e arquivos oriundos de instituições públicas do período”.²⁶⁴ Essa nova

²⁵⁹ BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (org.). **Um rio de histórias: conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

²⁶⁰ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

²⁶¹ Bezerra; Santos, 2023, p. 16.

²⁶² ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo E. Os Acervos dos Órgãos Federais de Segurança e Informações do Regime Militar no Arquivo Nacional. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 30, 2008. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/293/293>. Acesso em: 19 jun. 2022.

²⁶³ *Ibid.*, p. 37.

²⁶⁴ FERNANDES, Leticia Wickert. Arquivos repressivos da ditadura de segurança nacional brasileira e acesso à informação: reflexões metodológicas para pesquisas no fundo do SNI pelo SIAN. **Sillogés**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 530, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/167>. Acesso em: 24 fev. 2024.

guardada dada aos arquivos gerou um novo proceder metodológico: “a partir do tratamento técnico e da digitalização dos acervos, os mesmos foram disponibilizados para consulta não-presencial a fim de agilizar o atendimento da grande demanda de requerimentos de consultas”.²⁶⁵

A direção que tomamos para o acesso e a busca de fontes disponíveis do SNI baseia-se nessa ferramenta:

O uso de recursos digitais, como a possibilidade de realização de buscas por palavras-chave em diversos fundos através da plataforma virtual do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), permite aos pesquisadores interessados em trabalhar com documentos repressivos da ditadura utilizarem ferramentas metodológicas que possibilitam o acesso a documentos referentes a uma infinidade de assuntos e possibilidades de análise.²⁶⁶

Quanto ao uso dos arquivos da ditadura para a escrita histórica, não se pode esquecer a problematização necessária a essa fonte, como alerta Letícia Fernandes:

A utilização de arquivos repressivos como fontes históricas requer uma série de cuidados metodológicos a fim de evitar diversas armadilhas geradas ao longo da própria produção do documento. Muitos documentos oriundos de órgãos repressivos contêm informações obtidas sob tortura, ou mesmo de teor falso, redigidas como produtos de uma racionalidade burocrática que se pretende eficiente, ágil e de resultados concretos, sobre os quais é necessário cuidado a fim de extrair deles o que é de relevância concreta [...]²⁶⁷

Como descreve Portelli, “a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro”,²⁶⁸ tal fato se reflete em Timóteo Thomas. Quando negou reconhecimentos da cidade a Clinton Thomas, ele rememorou sobre o inquérito do Serviço Nacional de Informações a respeito de seu pai:

[...] aí mandaram uma investigação aqui, 1978, do SNI esse que foi agradecimento. O SNI veio aqui, investigaram e pesquisaram 150 pessoas, vieram aqui na casa, perguntaram pela, pela rua... e as pessoas achavam que o SNI acha erros aqui, diz que tinha ouro escondido, todas essas mentiras do diabo, quando vieram aqui eles fizeram análise.²⁶⁹

Como o próprio colaborador sugeriu, “1978, tá lá no SNI pra ver as fichas”, tivemos a

²⁶⁵ Fernandes, 2021, p. 532.

²⁶⁶ *Ibid.*, p. 532.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 535.

²⁶⁸ Portelli, 2016, p. 16.

²⁶⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

grata surpresa de encontrar os arquivos, pois “a existência de um documento é, em geral, uma combinação delicada da fortuna e da consciência”.²⁷⁰ Dessa forma, descobrimos que a investigação foi movida pelas denúncias de Pedro Falabella a diversas autoridades estaduais e a Agência de Manaus do SNI (AMA) foi incumbida dessa tarefa.

Especificamente quanto ao arquivamento dos documentos do SNI, as ferramentas do SIAN possibilitam a pesquisa em variados níveis, abrangendo as 12 agências regionais mais a Central de Brasília, permitindo a “compreensão da atuação e articulação regional das agências do órgão enquanto elementos representantes da inteligência ditatorial disseminadas pelo território nacional”.²⁷¹

Para esse trabalho, trataremos com documentos da Agência Central e da Agência de Manaus, respectivamente AC e AMA, e com os códigos de referência na pesquisa multinível de AAA e LLL. Tal informação é necessária para compreender os processos de arquivamento e processamento de dados do SIAN e como “referenciar o documento em respeito ao seu suporte, fosse ele físico (em papel) ou virtual”.²⁷² Como veremos na análise nos dois últimos capítulos, os documentos do Fundo SNI são representados por um código, “aparecendo representado nas referências dos documentos na plataforma, o que permite identificar sua posição dentro da organização do fundo arquivístico correspondente”.²⁷³

Entretanto, cabe ressaltar que “os registros presentes no Fundo do SNI não correspondem à totalidade dos documentos produzidos e recebidos pelo órgão ao longo de toda a sua existência”,²⁷⁴ considerando as perdas propositais ou não dos documentos das agências ao longo dos anos.

Dessa forma, ainda que documentos do SNI sobre a busca a respeito de Clinton Thomas tenham sido preservados e agora estejam possíveis à escrita histórica, é plausível supor que alguma parte dessa documentação se perdeu; como trataremos adiante, o inquérito nos mostra denúncias e testemunhos sobre as atividades do missionário norte-americano, mas não temos nenhuma indicação de depoimentos com o investigado. Não sabemos se Clinton Thomas não foi interrogado pela autoridade policial ou se nenhuma evidência foi preservada.

Fernandes discute a pesquisa multinível dentro dos arquivos do SIAN, mas, em nosso caso, foi feita “a busca por palavras-chave específicas, tanto em um âmbito geral do fundo

²⁷⁰ KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 24.

²⁷¹ Fernandes, 2021, p. 545.

²⁷² *Ibid.*, p. 547.

²⁷³ *Ibid.*, p. 548.

²⁷⁴ *Ibid.*, p. 546.

quanto restrito a alguma seção específica das agências regionais, apresentando uma potencialidade infindável de pesquisas a serem feitas”. Assim, da indicação feita por Timothy Thomas sobre uma investigação feita pelo governo federal, realizamos a pesquisa pela palavra-chave *Clinton Thomas* no SIAN, onde descobrimos que *Pedro Falabella* foi o denunciante: “dentre as possibilidades, pode-se analisar a vigilância da ditadura sobre determinadas pessoas, grupos sociais, instituições, partidos políticos, organizações de resistência, regiões geográficas e muitas outras variantes”.²⁷⁵ Os documentos encontrados são analisados nas partes finais desta tese. Cabe mencionar que também usaremos documentos de outros fundos, a saber, “Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça” e “Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores”, os quais também se referem a serviços de inteligência do Estado brasileiro durante os governos militares.²⁷⁶

Portanto, o *corpus* documental reunido para esta tese nos permite identificar as diferentes fontes históricas relacionadas às atividades de Clinton Thomas em seus significados religiosos, socioeconômicos e políticos, e compreender aspectos da Amazônia da segunda metade do século XX, essa “região universal e teatro do mundo”,²⁷⁷ onde amazônidas e estrangeiros, moradores, missionários, políticos e militares viveram, disputaram e negociaram suas trajetórias.

²⁷⁵ Fernandes, 2021, p. 549.

²⁷⁶ O Arquivo Nacional, em sua organização a fim de conectar qualquer pessoa com os dados públicos brasileiros, fornece informações detalhadas sobre esses documentos. O Fundo SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES deu entrada em 22 de dezembro de 2005; com número de registro 7; código de referência BR DFANBSB V8; por recolhimento da Agência Brasileira de Inteligência; e processo 00321.5/2005-dv. O Fundo DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA deu entrada em 26 de novembro de 1990; com número de registro 5; código de referência BR RJANRIO TT; por recolhimento do Ministério da Justiça (Brasil); e processo 08060.641/1993-dv. Já o Fundo DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES tem duas entradas: o primeiro em 03 de maio de 2006; número de registro 24; código de referência BR DFANBSB Z4; por recolhimento do Ministério das Relações Exteriores (Brasil). Departamento de Comunicações e Documentação; e processo 00322.782/2006-dv. A segunda entrada se deu em 03 de agosto de 2007, com número de registro 21 e processo 08061.782/2006-48. Cf. BRASIL. Base de Dados Abertos (PDA 2022-2024). Regentes. **Arquivo Nacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos-2/bases-de-dados-abertos-pda-2022-2024/REGENTES.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

²⁷⁷ Bolle; Castro; Vejmelka, 2010.

2 “UM MÉDICO BOM MESMO”: MÉDICOS E MISSIONÁRIOS NA REGIÃO DE URUCARÁ

Este capítulo se volta à atuação do missionário Clinton Thomas na área da saúde, especialmente às representações e tensões advindas dessa prática. Todos os colaboradores distinguem as atividades médicas do missionário, que embora não tivesse formação específica nessa área, atendia a todos e nada recebia em troca: “naquele tempo era tudo doação... ele nunca cobrou medicamento de ninguém... nem ajuda” e por isso “qualquer coisa as pessoas corriam com ele naquela época”.²⁷⁸ Nesse lugar de carências, ele “marcou a comunidade assim, atendimento ele era muito bom sabe, ele distribuía remédio, ele atendia”.²⁷⁹

Dr. Timóteo Thomas rememora esse período e demarca o impacto da atuação médica para a cidade:

*A segunda parte que meus pais ajudaram muito, principalmente nesses anos primórdios, é na parte de medicina. Porque aqui, aqui quando nós chegamos morria até 200 crianças por ano. Depois de administrar simples remédio, aquele número baixou, de 200 para 50 por ano.*²⁸⁰

Como explica sua fala, “administrar simples remédio” podia ser muito eficiente para uma população onde o Estado não cumpria adequadamente suas competências em relação à saúde. Ao fim, essa atividade médica, interpretada como beneficente, altruísta, evangélica, legitima a presença missionária; e mesmo que não se traduza em grande número de fiéis, garante a permanência na cidade e uma convivência mais pacífica, pois “todo mundo precisava dele”.²⁸¹

A geógrafa Tatiana Schor, escrevendo sobre a dinâmica urbana da Amazônia brasileira, visualiza as “cidades invisíveis”, afastadas dos grandes projetos de desenvolvimento e da fronteira agropecuária. Ao estudar a cidade de Eirunepé, considerando sua invisibilidade (e de cidades da região sul do Amazonas) nas pesquisas científicas, constata que um dos poucos campos investigados sobre a cidade se refere à saúde.²⁸²

E qual a relação de Eirunepé com Urucará? Ainda que tal possa ser considerada inexistente, interessa a esta tese comparar a especificidade da “temática da saúde pública [a qual] é sem sombra de dúvida um elemento importante para se compreender a dinâmica urbana

²⁷⁸ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

²⁷⁹ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

²⁸⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

²⁸¹ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

²⁸² SCHOR, Tatiana. As cidades invisíveis da Amazônia brasileira. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 67-84, 2013. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1010>. Acesso em: 06 jan. 2023.

da cidade e do município, pois é na cidade que se encontram todos os fixos relacionados a saúde”, considerando que “o cotidiano da população do interior do Amazonas é marcado pela precariedade do acesso a serviços básicos de saúde”. Portanto, “uma das variáveis importantes para se analisar a cidade é referente as funções ligadas a área de saúde”.²⁸³ Em seu texto, Schor analisou diversas variáveis da paisagem urbana de Eirunepé, classificando-a como cidade de responsabilidade territorial, ou centro microrregional, diante de sua dinâmica intraurbana e interurbana. Dentro de sua tipologia, Urucará está demarcada como uma das cidades especiais, ou seja, cidades pequenas que

[...] pela ausência de infraestrutura que possibilite exercerem plenamente as funções urbanas e por sua localização geográfica que torna mais complicada a relação delas com a calha central do rio, tornam-se dependentes das cidades médias e pequenas de responsabilidade territorial.²⁸⁴

Considerando essas tipologias, quanto à população, desenvolvimento, envolvimento no capitalismo regional, e refletindo as dificuldades de Eirunepé, cidade que atualmente tem o dobro da população de Urucará, quais não seriam as falhas no acesso à saúde em Urucará? E se tal contexto se segue no século XXI, como não seria nos primeiros anos da ditadura?

Pensando nessas lacunas nos anos do regime autoritário, é que Clinton Benjamin Thomas desponta como essencial para a sociedade urucaraense. Para muitos moradores da cidade de Urucará, a mais importante representação sobre o pastor derivou de suas práticas médicas por cerca de vinte anos. Os caminhos da Igreja de Cristo em Urucará foram outros após seu pastor, mas a Unidade Básica de Saúde (UBS) *Mr. Clinton Benjamin Thomas* (figura 6) na cidade e, depois, a UBS Fluvial *Pastor Clinton Benjamin Thomas*²⁸⁵ (figura 7) ajudam seu nome a permanecer na memória coletiva da cidade, mesmo para aqueles que não o conheceram.

Este capítulo discutirá a atuação do Estado na saúde no Médio e Baixo Amazonas no início da segunda metade do século XX. Diante das carências do poder público, acompanhamos a entrada e a ação da medicina missionária naquela região – tanta católica quanto protestante – e a atuação propriamente dita do pastor Clinton no atendimento à população de Urucará e distribuição de remédios, através das entrevistas com aqueles que acompanharam e mesmo foram atendidos por ele. A discussão também nos insere no campo da historiografia da saúde e das doenças, em crescente desenvolvimento na Amazônia, aqui apresentada e representada em

²⁸³ Schor, 2013, p. 70.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 81.

²⁸⁵ AMAZON NEWS NO AR. UBS FLUVIAL de Urucará faz a sua primeira viagem. **Amazonas News no Ar**, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.amazonnewsnoar.com.br/2020/04/ubs-fluvial-de-urucara-faz-sua-primeira.html>. Acesso em: 10 abr. 2026.

vários sujeitos e entidades que tornam este um campo de pesquisa promissor.

Figura 6: Felícia Thomas em frente a UBS Mr. Clinton Benjamin Thomas, [200-].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

Figura 7: UBS Fluvial Pastor Clinton Benjamin Thomas, 2020.



Fonte: Amazon News no Ar, 2020.

2.1 Iniciativas governamentais: cuidar da saúde da Amazônia e do Amazonas no século XX

No início do século XX, evidencia-se a importância de agentes estrangeiros na saúde da Amazônia, quando a região “tornou-se o teatro de eventos importantes no processo global de disseminação da medicina tropical”.²⁸⁶ Um dos exemplos notáveis foi o médico e pesquisador canadense Harold Howard Shearme Wolferstan Thomas (1875-1931), o qual foi enviado pela Escola de Medicina Tropical de Liverpool para Manaus em 1905. Ele foi central no conhecimento e tratamento da febre amarela, da doença do sono e da doença de Chagas.

Conforme Jaime Benchimol, “Thomas envolveu-se com os problemas locais do Amazonas e com os médicos que estavam na vanguarda da saúde pública e da medicina experimental na região, sem perder de vista as razões que haviam determinado sua viagem para lá”, mas também “distanciou-se, por um lado, das questões médicas e científicas privilegiadas pela Escola de Liverpool, por outro, das estruturas sociais em que viviam e pensavam seus pares, incluindo a busca de prestígio e cargos”.²⁸⁷ Apesar do desinteresse e do distanciamento para com o médico, Harold Thomas decidiu permanecer em Manaus e seu laboratório na capital amazonense fechou após sua morte. Ele voltou a receber atenção apenas na década de 1950, quando foi postumamente premiado pelo rei da Bélgica com os demais descobridores da cura da doença do sono.

O papel do doutor Thomas na pesquisa e no tratamento das doenças tropicais se insere nas discussões da sociedade brasileira daquele período. Desde a Primeira República, a questão sanitária fazia parte da política de construção da identidade nacional, especialmente quanto aos “sertões do país”. Rômulo de Paula Andrade afirma que as falhas desse processo e a construção da imagem desse período como sendo de retrocessos, conduziram à reconfiguração e ao fortalecimento das ações sanitárias sob a centralização do poder estatal de Getúlio Vargas, cuja premissa para a região envolvia a colonização e o saneamento.²⁸⁸

Pensando no mesmo período, Júlio Cesar Schweickardt e Ludmila Rolim Martins discorrem que as instigações das expedições científicas e do movimento sanitário, criaram “uma oportunidade para que o estado nacional estivesse presente em regiões distantes da capital

²⁸⁶ BENCHIMOL, Jaime L. Doctor Thomas e a medicina tropical na Amazônia no início do século XX. **História**, São Paulo, v. 37, 2018, p. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/CsbbLXt49dyfWfdW7J4nDNS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2022.

²⁸⁷ Benchimol, 2018, p. 27.

²⁸⁸ ANDRADE, Rômulo de Paula. *A Amazônia vai ressurgir!* Saúde e saneamento na Amazônia no primeiro governo Vargas (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2007.

federal, lançando as bases para uma política de saúde pública nacional”.²⁸⁹ O aumento da centralização e da abrangência das ações de saúde na Era Vargas promoveu o combate às endemias rurais como política pública; assim, “novas e antigas doenças [como doença de Chagas e tuberculose, respectivamente] passaram a fazer parte dos programas nacionais”.²⁹⁰ O argumento político afirmava a necessidade de superar as péssimas condições sanitárias do país como condição para o desenvolvimento.

Nesse plano de desenvolvimento, configura-se um novo processo colonizador para a Amazônia, o qual, em primeiro lugar, promoveu a formação de profissionais e a criação de instituições, as quais, mesmo sem grandes resultados, indicavam a presença do poder público. O projeto da integração, marca do século XX, se iniciou, e “no discurso de Vargas, a conquista da Amazônia seria uma dura crítica aos antigos homens de Estado ou intelectuais brasileiros que tinham os olhos voltados somente para o litoral”.²⁹¹ Ou seja, o Estado que era Novo prometia não mais excluir a região amazônica.

As conjunturas internas e externas ao país reformularam os planos de saneamento para a Amazônia, resultando na implantação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) em 1942. Para isso, foi vital a assinatura dos Acordos de Washington, entre os Estados Unidos e o Brasil, após a entrada do primeiro na Segunda Guerra Mundial. Abrangendo aspectos econômicos e militares, os acordos previam o combate às doenças que grassavam na região amazônica, a qual tornara-se estratégica para a produção de borracha necessária para a fabricação de manufaturados no contexto de guerra. Logo, “as políticas internacionais de saúde do século XX interagiram com as políticas nacionais e fomentaram instituições que balizaram as ações de saúde no século passado”.²⁹²

A implantação do SESP era favorável tanto para os Estados Unidos quanto para o Brasil, em um jogo de interesses que atendeu aos dois lados. Segundo Amandia Sousa, “no âmbito nacional, as políticas públicas priorizavam centralizar os cuidados com a saúde no país, por outro lado os EUA buscavam uma forma tanto de garantir a produção de borracha, quanto de manter sua influência comercial sobre o Brasil”.²⁹³

O espaço onde o SESP atuaria estava nas preocupações do governo; além da visita do

²⁸⁹ SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; MARTINS, Ludmila Rolim. História das Políticas de Saúde no Amazonas: da Zona Franca ao SUS, 1967-1990. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar *et al.* **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 23.

²⁹⁰ *Ibid.*, p. 24.

²⁹¹ Andrade, 2007, p. 9.

²⁹² *Ibid.*, p. 11.

²⁹³ SOUSA, Amandia Braga Lima. Construção de uma rede de serviços no interior do Amazonas: a experiência do SESP e da FSESP. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar *et al.* **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 46.

presidente Vargas à região, intelectuais produziam textos “que tinham a preocupação em empreender uma nova análise da formação histórica e social da Amazônia”.²⁹⁴ Nos discursos daquele contexto, Andrade identifica o clamor pela ciência e a combate às tradições: “a crença na medicina ‘oficial’ e a ausência de citação às terapêuticas populares desenvolvidas por estes habitantes nos cursos dos séculos. Em um momento de afirmação da profissão médica, muitas destas práticas seriam consideradas falsas e charlatãs”.²⁹⁵ A parca atenção à saúde na região era fornecida por organizações estrangeiras, fossem particulares – como o laboratório de Harold Thomas e a Fundação Rockefeller – ou religiosas – como os salesianos, elogiados pelos cuidados no Rio Negro, inclusive com a construção de hospitais.

Na década de 1940, com o interesse norte-americano na conjuntura da guerra, na matéria-prima que seria fornecida pela Amazônia, a necessidade de tratar as doenças era primordial, para assegurar maior produção:

Segundo o acordo, para o aumento de produção da borracha deveria ser feito um prévio saneamento da região a ser explorada, o vale do Amazonas. Assim, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) foi criado com o objetivo de controlar doenças (principalmente a malária) e dar assistência aos trabalhadores que chegariam à região.²⁹⁶

Andrade aponta que tais ideias não eram novidade, com instituições científicas como o Serviço de Estudos das Grandes Epidemias e o Instituto de Patologia Experimental do Norte, já trabalhando na região; em todo caso, iniciativas governamentais, como o Plano de Saneamento da Amazônia, foram “formuladas em um processo de decisão política, que envolveriam mais diretamente a negociação entre os interesses dos representantes do governo central e aqueles identificados com os grupos locais de poder”.²⁹⁷

Apesar de suas diferenças para com o Plano de Saneamento da Amazônia, o SESP aproveitou-se de levantamentos realizados pelo Serviço de Estudos das Grandes Epidemias e formou a quase totalidade de seu corpo técnico com brasileiros. Conforme Andrade, o governo norte-americano projetava reduzir consideravelmente os gastos com o SESP até 1948, ao passo que deveria aumentar a parcela do investimento brasileiro.

O Amazonas foi um dos primeiros destinos do SESP, iniciando as atividades ainda em 1942. Sua importância se explica no seguinte:

No interior desse estado, ele foi responsável pela implantação da primeira rede fixa de serviços de saúde dessa região, construindo os primeiros prédios onde funcionaram

²⁹⁴ Andrade, 2007, p. 12.

²⁹⁵ *Ibid.*, p. 33.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 66.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 67.

as unidades de saúde na maior parte dessas localidades. Além disso, fixou recursos humanos, inclusive profissionais de nível superior, e, em grande parte delas, implantou os primeiros serviços de saneamento e disponibilização de água potável para população.²⁹⁸

Em seu primeiro ano, o SESP implantou dez postos de saúde. Até 1948, o SESP atuava no Amazonas, Pará, Territórios Federais e Vale do Rio Doce, expandindo-se em seguida para outras partes do país. Em sua relação com os entes federativos, o “SESP ficava responsável por supervisionar a criação e reprodução das unidades de saúde, que posteriormente seriam entregues à administração do estado”.²⁹⁹ As unidades serviriam para a rede de distribuição de medicamentos à população, especialmente contra a malária. Contudo, os estados não estavam preparados para manter os custos operacionais dessas unidades, logo, não podiam absorvê-las nas administrações estaduais, impedindo o cumprimento dos acordos com os estados.

As realizações do SESP foram muitas:

[...] montou unidades sanitárias, construiu e administrou escolas de enfermagem, hospitais, centros e postos de saúde, normatizou procedimentos através de seus manuais, estabeleceu convênios com estados e municípios, preocupou-se em formar mão de obra qualificada e promoveu a educação sanitária.³⁰⁰

Se houve a conexão dos interesses de norte-americanos e brasileiros para o estabelecimento do regime de 1964, no período da guerra essa visão positiva dos Estados Unidos já se fortalecia. Andrade delineia como os imigrantes alemães e, especialmente, os japoneses, passaram a ser vigiados e mesmo encarados com preocupação como agentes de uma possível invasão imperialista, mas os norte-americanos, em discursos como o do interventor Álvaro Maia,³⁰¹ eram “vistos como companheiros na retomada do vale do Amazonas”.³⁰²

Mas essa impressão favorável não foi eterna. Não eram poucas as tensões entre os brasileiros e norte-americanos vivendo no espaço alcançado pelos acordos entre os dois países:

²⁹⁸ Sousa, 2017, p. 46.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 48.

³⁰⁰ Andrade, 2007, p. 121.

³⁰¹ Álvaro Botelho Maia (1893-1969) foi um jornalista, advogado, professor, escritor e político amazonense. Nomeado Interventor do estado (1930-1931), ao qual renunciou. Pela União Cívica Amazonense, foi deputado constituinte (1933-1934), e deputado federal pelo Partido Popular (1934-1935). Pela Assembleia Constituinte estadual, eleito governador do Amazonas (1935-1937), e sendo aliado de Vargas, com o Estado Novo, interventor novamente (1937-1945). Com o fim da ditadura varguista, pelo PSD, se tornou senador constituinte (1946) e senador do Amazonas (1946-1951). Eleito governador pelo PSD (1951-1954), não conseguiu ser eleito senador em seguida, nem nas duas eleições posteriores. Por fim, Maia foi senador novamente, pela Arena (1967-1969). Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras. Cf. CPDOC. Álvaro Botelho Maia. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alvaro-botelho-maia>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁰² Andrade, 2007, p. 125.

A situação de guerra desestabilizara a sociedade amazônida, alterando a dinâmica das relações e provocando grave crise financeira devido ao pouco controle promovido pelo governo e, em especial, a pouca atenção dada pelos americanos (à exceção do SESP) à realidade local.³⁰³

Se o grande inimigo do SESP (e dos trabalhadores da borracha) era a malária, em sua primeira avaliação, em 1945, o órgão apontou as principais dificuldades de seus profissionais: “estavam a complexidade do meio ambiente e a baixa densidade populacional da região que, combinadas, acarretavam um custo maior que o resultado obtido”; além disso, o pouco sucesso das iniciativas era explicado pela insuficiência dos estudos, problemas de planejamento e coordenação.³⁰⁴ Mesmo com todas as benesses que se propunha a trazer para o Amazonas, personalidades do estado, como Djalma Batista,³⁰⁵ eram críticos do programa: “O médico reconheceu os méritos do SESP, mas criticou a falta de unidade da direção do serviço, que teriam trazido soluções norte-americanas para problemas regionais”.³⁰⁶

Sendo consequência dos Acordos de Washington visando a produção do valioso látex, o SESP fez parte da política migratória que atraiu nordestinos para a Amazônia e que transformou os seringueiros em “soldados da borracha”.³⁰⁷ Andrade assinala, em 1942, a criação do Programa de Migração do SESP, bem como o acordo com o Departamento Nacional de Imigração (DNI), dividindo “a responsabilidade no recrutamento e no posterior encaminhamento dos trabalhadores: o DNI recrutaria os imigrantes, enquanto o SESP selecionaria aqueles fisicamente capazes e proveria assistência médica nos postos do DNI”.³⁰⁸ Outro acordo no mesmo ano, com a Rubber Development Corporation,

[...] financiou a criação de dois órgãos: o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), responsável por levar homens, mulheres e crianças para o povoamento da Amazônia e a Superintendência de Abastecimento

³⁰³ Andrade, 2007, p. 144.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 134.

³⁰⁵ Djalma da Cunha Batista (1916-1979), nascido no Acre, foi médico, pesquisador e escritor. Entre suas várias atividades, coordenou ações contra tuberculose e malária, foi diretor do Departamento de Educação e Cultura do Amazonas, diretor da Associação Médica do Amazonas, diretor do Centro de Pesquisas Biológicas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e presidente da Academia Amazonense de Letras por três mandatos. Sua produção bibliográfica alcançou tanto a área médica quanto os estudos regionais. Cf. GOMES, Francisco; BARROS, Winnie. Djalma Batista: o Ser e a Lenda. **Facetas Culturais**, 13 jul. 2019. Disponível em: <https://facetasculturais.com.br/2019/07/13/djalma-batista-o-ser-e-a-lenda/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

³⁰⁶ Andrade, 2007, p. 135.

³⁰⁷ Sobre os soldados da borracha, cf. LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha**: das vivências do passado às lutas contemporâneas. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2019. Sobre a aliança entre a Igreja Católica e o Estado varguista para recrutar e enviar nordestinos para trabalhar na Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial através do SEMTA, cf. FREITAS, Norma Sueli Semião. “O que seria um corpo sem alma?": Estado e Igreja no recrutamento de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942-1945). **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 40, p. 162-181, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/249696>. Acesso em: 05 abr. 2023.

³⁰⁸ Andrade, 2007, p. 139.

do Vale Amazônico (SAVA), que receberia os recrutados em Belém e os distribuiria pelas áreas produtoras de borracha do vale. Diferentemente do acordo anterior assinado com o DNI, o SESP não ficaria mais responsável pelas condições de saúde dos recrutados, que desta vez, estaria a cargo de um grupo de médicos do SEMTA. Desta forma, o SESP só ficaria responsável pela saúde dos trabalhadores enquanto eles estivessem em trânsito.³⁰⁹

A imigração nordestina se intensificou a partir dessas políticas, mas as promessas das propagandas e dos contratos de trabalho não diminuíram as falhas do projeto. Um dos problemas era a falta de assistência médica, que implicava no alto número de doentes, tanto nos seringais, quanto naqueles que voltavam deles. Diante da conjuntura problemática que envolvia os novos sujeitos da produção gomífera, o SESP continuava trabalhando, “pois contava com profissionais entusiastas: médicos e auxiliares que percorriam os igarapés e rios, distribuindo preventivos e medicando enfermos”, isso quando não eram impedidos por autoridades locais.³¹⁰

Ao fim, a “Batalha da Borracha” fracassou e o SESP não conseguiu cumprir seus objetivos com clareza, impedido pela natureza ou por inúmeros sujeitos dessa produção. Considerando todas as falhas gerenciais,

[...] por mais que o SESP tenha resistido ao fim da guerra, vindo a se tornar um dos responsáveis pela implementação de políticas de saúde pública no Brasil no período estudado, ele se integra ao fracasso do programa do Amazonas. A dubiedade das classes conservadoras em relação ao programa também contribuiu para o ambiente de instabilidade e tensão provocado na região. Com o fim próximo do governo de Getúlio Vargas, os membros da elite amazônica e antigos apoiadores do programa resolveram voltar-se contra o mesmo, devido ao fracasso iminente.³¹¹

Entretanto, aqueles interesses que levaram à criação do SESP, mantiveram-no após a guerra, já que “a conjuntura internacional desse momento apresentava vantagens aos EUA na manutenção de seus programas na América Latina”,³¹² e para o Brasil, o acordo em saúde atendia à sua política interna. Assim, o SESP ultrapassou os anos da Segunda Guerra, em “um gradativo aumento da participação nacional no seu sustento e uma diminuição do capital externo”.³¹³

Os postos criados pelo Serviço também continuaram atuantes durante a ditadura, período no qual Clinton Thomas cuidava de doentes e feridos no interior do Amazonas. Mas o SESP havia se reestruturado, pois, durante os anos de seu funcionamento, o órgão ajustou muitas de suas diretrizes iniciais, considerando as particularidades nacionais. Assim, a

³⁰⁹ Andrade, 2007, p. 139.

³¹⁰ *Ibid.*, p. 143.

³¹¹ *Ibid.*, p. 148-149.

³¹² Sousa, 2017, p. 47.

³¹³ *Ibid.*, p. 48.

instituição atuou até 1960, quando se encerrou o convênio internacional e foi criada por lei, diretamente subordinada ao governo federal, a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, anos depois rebatizada de Fundação de Serviços de Saúde Pública (FSESP). Naquele momento, o SESP atuava em 24 municípios do Amazonas, atendendo 65,1% da população. De acordo com os registros encontrados por Sousa, um dos 12 subpostos do SESP encontrava-se em Urucará. Se olharmos para a região do Médio e Baixo Amazonas, Itacoatiara, Maués e Parintins tinham postos e Barreirinha, Itapiranga, Urucurituba, subpostos.

Sousa observa que as unidades do SESP também se inseriam no projeto de integração: nas cidades pesquisadas, “as unidades de saúde trouxeram transformações para estas localidades”, demarcando que “a presença do SESP na Amazônia implicou na sua ocupação territorial e econômica”.³¹⁴ Como quase a totalidade dos municípios do Amazonas ainda utilizava a água diretamente fluvial, “em muitos deles a atuação do SESP foi a primeira iniciativa de algum tipo de tratamento da água para consumo”,³¹⁵ além de ter iniciado a construção dos primeiros sistemas de abastecimento de água no estado, começando em Itacoatiara e Parintins. Ainda as coletas de dados que os agentes do SESP faziam em suas localidades, além de ajudar a conhecer melhor as características e necessidades do local, serviam para a gestão e o planejamento do programa, além de serem apresentados ao governo.

Entre as inúmeras características da atuação do SESP, seus profissionais também são destaque. Todos recebiam treinamentos para as funções que exerceriam. Graças à política de acompanhamento e valorização, trabalhadores da saúde de nível superior eram atraídos a trabalhar no interior do Amazonas. Mais importante: esses profissionais permaneciam, aproveitando as possibilidades de crescimento na carreira e formação. Mesmo os profissionais de nível médio, como as visitadoras sanitárias e os guardas sanitários, recebiam essa valorização profissional, o que colaborou para o funcionamento do serviço. Sousa registra que “o SESP e a FSESP foram caracterizados como entidades detentoras dos melhores profissionais da área prestadora de serviços de assistência médica e profilática, bem como serviços introdutórios de técnicas de saneamento”.³¹⁶

Sousa também demarca o choque entre a cultura dos amazônidas, inclusive indígenas, e a ciência dos profissionais, os quais estavam despreparados para lidar com as especificidades amazônicas. Apesar de ser uma diretriz do SESP e da FSESP o lidar com as questões culturais,

³¹⁴ Sousa, 2017, p. 52.

³¹⁵ *Ibid.*, p. 53.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 62. Cf. o relato biográfico do médico e professor universitário Eduardo de Azeredo Costa, que exerceu atividade médica no interior do Amazonas a partir do SESP. COSTA, Eduardo de Azeredo. **1967: um mergulho no Amazonas: em busca da medicina pública para o Brasil**. São Paulo: Novo Século, 2018.

“esses fatores eram considerados um empecilho para alcançar melhorias na saúde e, por sua vez, um entrave para que conseguissem se desenvolver”.³¹⁷ Tanto nos treinamentos de pessoal quanto nos documentos oficiais, esses temas estavam ausentes, sendo encontrados pela autora nas entrevistas com os agentes da fundação. Logo, mesmo com os autoritarismos de agentes, foi necessário mediar as normas e padrões da instituição e a realidade encontrada, especialmente ao se considerar que a maior parte dos atendimentos era nas zonas rurais dos municípios.

Antes do período da Zona Franca de Manaus (ZFM), Schweickardt e Martins registram “duas experiências de estruturação de serviços de saúde que atenderam tanto a área urbana como a região do interior do estado”.³¹⁸ Nos anos 1920, na primeira iniciativa, um convênio entre o estado e a União criou o Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural no Amazonas, gerando postos rurais e itinerantes nas principais calhas dos rios do estado. A segunda iniciativa foi o Serviço Especial Saúde Pública, no contexto da batalha da borracha, o qual criou infraestrutura de saúde e saneamento em várias partes da Amazônia.

Nos anos 1970, com o crescimento populacional de Manaus, a infraestrutura – hospital, postos de saúde e atendimento especializado – não suportava mais a demanda, precisando contar com os hospitais filantrópicos para atender a necessidade popular. Nos interiores, a precariedade alcançava a rede básica e hospitalar. Colaborava para essas condições, “a falta de continuidade das ações preventivas, pois eram diversas instituições que prestavam a assistência médica”.³¹⁹ Ou seja, como pode ser encontrado nos trabalhos de Andrade e Schweickardt e Martins, entre outros no crescente campo da história da saúde pública na Amazônia, inúmeras políticas de saúde tentaram ser implantadas na região, mas a inexistência de planejamento e a constância das ações, atrapalharam a efetivação das políticas públicas de saúde.

Por isso, o Estado do Amazonas recorreu aos convênios, com as mais diversas instituições, incluindo a Igreja Católica e o SESP. Nessa análise, o estado se desculpava pelas suas falhas culpando o tamanho do Amazonas, “o que gerava a dispersão populacional, carência de infraestrutura socioeconômica e a falta de pessoal especializado. Esses elementos dificultavam a realização de medidas preventivas”.³²⁰

Toda essa situação, de acordo com os autores, só começa a mudar na década de 1980, quando o Amazonas adota as fundações como modelo jurídico e a descentralização de ações de saúde que passaram da esfera federal para a estadual, com uma preocupação “ainda direcionada

³¹⁷ Sousa, 2017, p. 62.

³¹⁸ Schweickardt; Martins, 2017, p. 27.

³¹⁹ *Ibid.*, p. 29.

³²⁰ *Ibid.*, p. 30.

para a assistência hospitalar, o curativo em detrimento do preventivo”.³²¹ Esse “modelo de assistência curativa somente foi questionado com a criação da política da atenção básica em saúde”,³²² com a concepção do Sistema Único de Saúde. Contudo, inúmeras carências da saúde nos interiores do Amazonas só são realmente tratadas a partir do começo do século XXI.

Destaca-se, segundo Schweickardt e Martins, em 1967, a criação do Programa de Implantação de Unidades Médicas no Interior, com a finalidade de importar da Inglaterra “43 unidades médicas pré-fabricadas para atender as necessidades de infraestrutura no interior do Estado”.³²³ Ainda que essas unidades pudessem representar um grande avanço estrutural para a saúde do Amazonas, a iniciativa esbarrou na escassez de pessoal qualificado para todas as atividades e funções próprias de cada estrutura, especialmente as mais avançadas. Além disso, poucos profissionais estavam dispostos a trabalhar no interior.

Em 1975, ano em que o governo estadual decidiu atender localidades que ainda não contavam com unidades de saúde, apenas uma das unidades mais avançadas, com 30 leitos, funcionava no interior, em Coari. A maioria das unidades instaladas, do tipo I, estavam em Manaus e outros municípios do interior: “Vinte e oito Unidades permaneceram embaladas e armazenadas em Manaus, com um plano de distribuição para o interior. Até março de 1975, dos 43 municípios existentes no período, 13 já possuíam alguma estrutura de Saúde”.³²⁴

Outra estratégia estadual para ampliar as ações de saúde, foi o Programa de Unidades Móveis Flutuantes, de 1978, com unidades criadas por “convênio com a Superintendência da Borracha, que buscava incentivar a produção da borracha na Amazônia”; através desse programa, “o Estado tinha como meta auxiliar a assistência às famílias na promoção, proteção e recuperação da saúde e indiretamente contribuir com a fixação do seringueiro no interior”.³²⁵ Suas três unidades fluviais se encontravam nas calhas dos rios Madeira, Juruá e Purus.

Em todo caso, “após a implantação da ZFM, os incentivos financeiros no Estado foram centralizados para desenvolvimento econômico, em detrimento de um investimento no campo da saúde pública”,³²⁶ por isso, a necessidade de convênios com outras instituições, para tratar especialmente as doenças transmissíveis e as condições sanitárias, e, aos poucos, estabelecer estruturas como hospitais e postos de saúde.

Ainda em relação à ditadura, em 1967, uma nova Constituição foi implementada, cujo

³²¹ Schweickardt; Martins, 2017, p. 31.

³²² *Ibid.*, p. 31.

³²³ *Ibid.*, p. 31.

³²⁴ *Ibid.*, p. 32.

³²⁵ *Ibid.*, p. 35.

³²⁶ *Ibid.*, p. 37.

texto remetia duas vezes à “saúde” no seu artigo oitavo, que tratava das competências da União, quais sejam: “estabelecer planos nacionais de educação e de saúde” e legislar sobre “Normas gerais de direito financeiro; de seguro e previdência social; de defesa e proteção da saúde; de regime penitenciário”. Quanto à palavra “médico”, permitia a acumulação remunerada “de dois cargos privativos de Médico”; assegurava aos trabalhadores “assistência sanitária, hospitalar e médica preventiva”; e aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, “assistência médica, hospitalar e educacional, se carente de recursos”.³²⁷

Segundo Carlos Ponte e Dilene Nascimento, os anos de chumbo viram a crise da saúde brasileira:

O crescimento das cidades aliado às precárias condições de vida a que foi submetida a população de baixa renda, alocada em áreas destituídas de estrutura sanitária e sofrendo os efeitos da desnutrição, alterou o quadro epidemiológico do país, revelando, em sua face mais visível, o recrudescimento das doenças transmissíveis e o aumento da mortalidade infantil.³²⁸

Tal situação “comprometia a imagem do regime e desafiava a estrutura de atenção à saúde do Estado”. As áreas dos projetos de integração nacional e desenvolvimento “também davam sinais de graves problemas na área da saúde”. A “intensa exploração da força de trabalho” e as tensões externas não escondiam os sinais de crise.³²⁹ Ao fim,

Dividida entre a saúde pública, propriamente dita, e a medicina previdenciária, a área da saúde encontrava-se extremamente fragilizada e com escassas possibilidades de responder às novas e graves demandas que o modelo de desenvolvimento econômico trazia para o setor.³³⁰

Delineia-se também o processo de privatização da saúde. Na década de 1970, o Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social realizou empréstimos vantajosos a empresários do setor da saúde, criando “um verdadeiro processo de drenagem dos recursos públicos que passam a

³²⁷ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm. Acesso em: 03 set. 2024.

³²⁸ PONTE, Carlos Fidelis; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura. In: PONTE, Carlos Fidelis; FALLEIROS, Ialê (org.). **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010, p. 185. Cf. também: ESCOREL, Sarah. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. In: GIOVANELLA, Lígia *et al.* (org.). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. 2º ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, p. 323-363; MENICUCCI, Telma. A assistência à saúde no governo militar (1964-1985) e sua herança para o SUS: o híbrido público-privado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n10/e0094024/>. Acesso em: 01 nov. 2025; PONTE, Carlos Fidelis. Como a ditadura deixou o país adoecer. **Ciência Hoje**, ed. 406, jan./fev. 2024. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/como-a-ditadura-deixou-o-pais-adoecer/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

³²⁹ Ponte; Nascimento, 2010, p. 186.

³³⁰ *Ibid.*, p. 186.

capitalizar as empresas de medicina privada, transformando a saúde em um negócio bastante lucrativo”.³³¹ Portanto, o Estado reduziria sua participação no atendimento da população, legando tais cuidados à rede privada. Ao longo desses anos, a saúde é cada vez mais uma área lucrativa, preconizada nas ações curativas e não em prevenção. Dentro dessa conjuntura, a saúde pública agoniza:

Para além dos problemas resultantes da dicotomia básica entre as ações preventivas e curativas levados a efeito, respectivamente, pelo Ministério da Saúde e pela Previdência Social, a área da saúde pública, por ter seus programas distribuídos por vários ministérios, era também prejudicada pela grande pulverização de recursos e pela falta de coordenação que tal situação acarretava.³³²

Schweickardt e Martins, ao analisarem a questão da saúde no governo militar, esclarecem que ela “se caracterizou pelo predomínio financeiro das instituições previdenciárias e pela hegemonia de uma burocracia técnica que atuava no sentido da mercantilização crescente da saúde”. Assim, a saúde pública “não foi prioridade para o governo, com características conservadoras, limitando-se a uma em campanhas que tinham pouca eficácia”.³³³

Nessa conjuntura, as dificuldades do regime de exceção também implicavam nas falhas com a saúde pública, além da repressão que alcançou pesquisadores não alinhados ao governo. E, mesmo com a criação de novas estruturas na década de 1970, como a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública e a Fundação Oswaldo Cruz, “o perfil da política continua sendo vertical, com a centralização das instituições que pudessem responder às demandas nacionais”.³³⁴ Conforme Schweickardt e Martins, “no campo da saúde pública e da assistência médica, o governo militar intervinha na eficácia gerencial e na estrutura técnica, reduzindo ainda mais a ampliação das ações de saúde”.³³⁵

Apenas na segunda parte da década, no governo Geisel, o movimento sanitário conseguiu avançar suas propostas de acesso à saúde para a população. Uma dessas medidas, visando à interiorização das ações de saúde, atraiu profissionais para os interiores.

Ao se considerar as questões nacionais que afetavam a saúde pública no âmbito da ditadura, podemos vislumbrar a importância da FSESP. Ou seja, apesar de suas falhas, ela era necessária para atender aos interiores da Amazônia, que continuavam à margem. Mesmo com a transformação em fundação, a Amazônia continuou sendo sua prioridade, ainda que tenham

³³¹ Ponte; Nascimento, 2010, p. 187.

³³² *Ibid.*, p. 191.

³³³ Schweickardt; Martins, 2017, p. 25.

³³⁴ *Ibid.*, p. 25-26.

³³⁵ *Ibid.*, p. 26.

modado algumas de suas diretrizes operacionais. Mas a ditadura afetou profundamente a FSESP, que “sobreviveu à custa de manobras políticas e outras oportunidades de preservação institucional”,³³⁶ logo sofrendo restrições em seu orçamento, perdendo algumas de suas competências e sendo afastada dos planejamentos do governo, enfraquecendo a fundação.³³⁷

Voltando ao espaço do Baixo Amazonas e, especialmente, a Urucará, como vimos, o SESP também se fez presente naquela região. Contudo, parece que, aos olhos dos moradores, a ação médica missionária parecia mais indispensável – e talvez mais confiável – para atender suas necessidades.

2.2 Médicos e missionários no Baixo Amazonas

Antes de evidenciarmos iniciativas médico-missionárias na região de Urucará, identificamos as iniciativas de saúde pública nesse espaço, especialmente graças ao SESP/FSESP.

Segundo Sylvia Ribeiro, missionária leiga em Itacoatiara, a unidade do Serviço Especial de Saúde Pública foi inaugurada em 1945, “mas a função do SESP era preventiva, embora por necessidade, fossem nele atendidas parturientes com casos complicados”.³³⁸ Provavelmente essa unidade também atendesse urucaraenses que buscavam atendimentos, como aponta Francisco Gomes da Silva: “Com a instalação em Itacoatiara do Ambulatório do SESP, em 1945, o serviço médico-social local, e dos municípios próximos, foi altamente beneficiado”.³³⁹

Em 1948, a Prefeitura de Itacoatiara celebrou um convênio com o SESP, “propiciando a prestação do serviço de distribuição de água encanada à população da cidade”.³⁴⁰ Já em 1960, com a FSESP, o posto de saúde de Itacoatiara se transformou em unidade sanitária “e passa a trabalhar em sistema de cooperação com a Prelazia”.³⁴¹ No fim da década, a fundação cria, em convênio, o serviço de água e esgoto municipal.

Em Urucará, conforme Santos, “no ano de 1950, pela Lei N 620-A de 28 de julho, foi autorizada a construção de um posto de saúde”.³⁴² A autora não identifica esse posto, mas

³³⁶ Sousa, 2017, p. 49.

³³⁷ Segundo Sousa, ao final do período de exceção, em 1986, a FSESP havia alcançado 600 municípios, com quase 800 unidades de saúde. Números consideráveis dessa atuação se deu em pequenos municípios, além de realizar a formação de profissionais. A FSESP se encerrou em 1990, quando foi incorporada à Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, no processo de criação da Fundação Nacional de Saúde.

³³⁸ RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **“E Deus visitou seu povo”**: história do povo de Deus em Itacoatiara. Manaus: EDUA, 2003, p. 105.

³³⁹ SILVA, Francisco Gomes da. **Cronologia Eclesiástica de Itacoatiara**. Manaus: Gráfica Ziló, 2018, p. 142.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 120.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 130.

³⁴² Santos, 2022, p. 75.

informa que uma maternidade foi erguida na primeira metade da década de 1950, na administração municipal seguinte, “para atender o município, principalmente para os que não residiam na cidade”.³⁴³ Em 1961, por convênio entre o estado e o município, “foi recuperada a antiga Maternidade que estava abandonada e a partir dessa data passa a chamar-se ‘Balbina Mestrinho’ e passou prestar relevantes serviços à população Urucaraense”.³⁴⁴

No início do primeiro governo de Pedro Falabella, foi adquirido um terreno para construção da unidade hospitalar da Superintendência dos Serviços Médicos do Interior (SUSEMI). A empresa contratada iniciou “a construção do hospital no mês de setembro de 1970, com material importado da Inglaterra, que foi vendido ao Estado para ser montado nos municípios com apoio das prefeituras locais”; entretanto, “por atraso na entrega de material a unidade hospitalar foi inaugurada no mês de outubro de 1972”,³⁴⁵ pelo governador João Walter de Andrade.³⁴⁶ Além disso, o Projeto Rondon,³⁴⁷ instalado pela ditadura, também levou “assistência médica quando destinado ao município bem como em outras áreas”.³⁴⁸

Necessário assinalar que, naqueles primeiros anos de ditadura e após a instalação da Zona Franca de Manaus, “o Estado do Amazonas necessitou investir em novas instalações de saúde, principalmente na ampliação da rede básica de saúde e de hospitais ao mesmo tempo que passou a investir na formação e qualificação de profissionais de saúde”.³⁴⁹

³⁴³ Santos, 2022, p. 76.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 83.

³⁴⁵ *Ibid.*, p. 94. Ressalte-se que Semíramis Aguiar foi a primeira médica instalada na nova unidade hospitalar.

³⁴⁶ João Walter de Andrade (1919-2008), sergipano, militar de carreira e engenheiro militar, participou da Força Expedicionária Brasileira, foi promovido a tenente-coronel alguns dias após o golpe de 1964, e exerceu por alguns meses a função de interventor no porto de Manaus e em sua concessão Manaus Harbour. Passou à reserva em 1967, como coronel. Superintendente da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia em 1967; candidato da Arena, foi eleito pela ALEAM como governador do estado (1971-1975). Depois do mandato, não retornou mais ao cenário político, dedicando-se somente à engenharia. Cf. CPDOC. João Válter de Andrade. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-valter-de-andrade>. Acesso em: 02 set. 2024.

³⁴⁷ O Projeto Rondon nasceu em 1966, para “levar a juventude universitária a conhecer a realidade brasileira e a participar do processo de desenvolvimento”. A primeira missão, no ano seguinte, levou 30 universitários do estado da Guanabara para o território federal de Rondônia. Por decreto de 1968, foi instituído o Grupo de Trabalho Projeto Rondon subordinado ao Ministério de Interior – adotando seu nome em homenagem ao Marechal Cândido Rondon, o “bandeirante do século XX”. Dois anos depois, o Projeto se tornou órgão autônomo da administração direta e, em 1975, na Fundação Projeto Rondon. De 1967 a 1989, quando foi extinto, “integrando a estrutura do Governo, o Projeto envolveu mais de 350.000 universitários em todas as regiões do País”. O Projeto Rondon foi relançado em 2005, sendo coordenado atualmente pelo Ministério da Defesa, com a participação de vários ministérios. Suas operações são realizadas no período das férias escolares, atuando “para fomentar o desenvolvimento sustentável e a capacitação da população dos municípios atendidos, com vistas a aproveitar as políticas públicas disponibilizadas pelos governos federal, estaduais e municipais”. Cf. BRASIL. Ministério da Defesa. Projeto Rondon. Conheça. **Ministério da Defesa**, 31 dez. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/programas-sociais/copy_of_projeto-rondon/conheca. Acesso em: 01 maio 2026; LIMA, Gabriel Amato Bruno de. **“Aula prática de Brasil”**: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

³⁴⁸ Santos, 2022, p. 95.

³⁴⁹ Schweickardt; Martins, 2017, p. 21.

Santos informa que o posto de saúde foi desativado em 1972 e o prédio foi utilizado para a inauguração da Companhia Amazonense de Telecomunicações.³⁵⁰ Soliege Santos, sobre esse estabelecimento, recorda que “tinha um posto da malária, que tinha por aqui antigamente”.³⁵¹

Além disso, antes da maior presença do Estado na saúde de Urucará, “vale ressaltar o papel importante das parteiras na assistência às gestantes no município, como Dona Judith Torres da Cunha, Dona Lelé e tantas outras”.³⁵² Tomé Thomas também recorda dessas mulheres: “Tinha as parteiras né, mas a área delas é diferente. Ah, elas, elas ajudavam as pessoas... Hum, ferimento, eu vi elas ajudar pessoas”; contudo, distinguiu o trabalho delas do que foi realizado com a chegada do missionário Clinton Thomas: “mas o papai, medicamento, era com ele porque não tinha outro”.³⁵³ Santos também assinala a atuação do pastor e seu “papel relevante na área da saúde, na ausência de médicos, a população recorria aos seus conhecimentos e assistência para tratar de sua saúde”.³⁵⁴

Timóteo Thomas também alcança as memórias sobre o SESP (FSESP à essa altura), mas delimita a ausência de profissionais qualificados e mesmo de materiais:

O posto do SESP já desde 1962, não tinha nenhum atuante, tinha uma jovem senhora, aqui nossa vizinha, tô tentando lembrar, eu acho que Clarice era nome dela, e ela tava lá, mas ela não teria nem os princípios de enfermagem. E não tinha quase nada de remédio e no fim quando chegamos aqui não tinha nada.³⁵⁵

Em uma narrativa que colabora as falhas da instituição na cidade, Mário Falabella fala das dificuldades médicas em Urucará, tanto no passado do SESP quanto no presente:

Eu lembro que tinha o SESP, não sei se você ouviu falar sobre isso, porque criaram o posto do Estado, SESP, e existia... ele se dizia enfermeiro, eu não sei se era, o velho Borges, por sinal foi transferido depois para Parintins, já faleceu, e ele ficou aqui muitos anos, se dizia enfermeiro, né, não sei se era, se não era, e trabalhava no posto aqui na praça, SESP que chamava naquele tempo... e o pastor também, ficava na casa dele, mas os médicos que vieram foi depois de muito tempo, para esse hospital que foi criado, foi construído em Urucará... mas era muito carente, sempre, sempre, sempre foi muito carente. Depois com os médicos, começaram a trabalhar aqui, tinha os médicos peruanos, tinha de vários países aqui de perto, que vinham, e a prefeitura contratava, até médicos que não tinha nem CRM, né, e depois saíam buscando fazer, conseguir o CRM... e hoje continua assim, nós ainda temos muitos médicos estrangeiros, por aí tudo, principalmente cubanos que vieram... pela carência nossa.³⁵⁶

³⁵⁰ Santos, 2022, p. 95.

³⁵¹ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

³⁵² Santos, 2022, p. 95.

³⁵³ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

³⁵⁴ Santos, 2022, p. 95.

³⁵⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

³⁵⁶ Mário Rosário Falabella, 2019.

A construção de memória do colaborador procura reforçar o caráter de necessidade municipal, de um lugar “muito carente, sempre”. A ênfase no advérbio de tempo sugere a amplitude do vazio na área da saúde de Urucará, espaço onde Clinton Thomas se insere.

O colaborador não acompanhou a instalação da primeira unidade hospitalar da cidade, por isso não lembra quem o construiu, nem quem foram os primeiros médicos; acredita, entretanto, que “não foi nem o estado que construiu esse hospital”. Em todo caso, esses primeiros médicos não permaneciam no município: “permanecer mesmo médico aqui, muito depois que ficaram... a maioria vinha, passava uma temporada e iam embora, né, não eram... não ficavam em Urucará, não criaram raízes, depois que começaram a criar, né”.³⁵⁷

Dessa forma, mesmo que o processo de construção de memória dos nossos colaboradores não identifique com maiores detalhes memórias sobre o posto do SESP, é ressaltado por eles as carências da sua cidade e da região; por isso, Mário Falabella pode rememorar o passado e, ao mesmo tempo, demarcar o presente: “mas era muito carente, sempre, sempre, sempre foi muito carente”.

Logo, se as poucas tentativas dos governos não resolveram as deficiências da saúde pública em Urucará e no Baixo Amazonas, deixaram um vazio ocupado pelos religiosos católicos e protestantes, nacionais e estrangeiros, na assistência à população. Se o governo aspirava o saneamento do país, no projeto civilizador da República, os missionários estrangeiros atendiam a esse objetivo nos distantes locais onde o poder público não conseguia ou não queria alcançar. Por isso, esses missionários contaram com apoio direto ou indireto de prefeitos, governadores e presidentes para realizarem seus trabalhos de cunho conversionista e sanitário.

Vimos na sessão anterior, a importância dos convênios dos governos com outras instituições e entidades, tais como SESP/FSESP, mas também com a Igreja Católica. Em Ribeiro e em Silva, escritores da história do catolicismo em Itacoatiara, identificamos diversas formas de atuação da Prelazia, atravessando os mais diversos marcadores sociais. Ribeiro delimita que a Prelazia de Itacoatiara passou a dedicar-se a área da saúde na década de 1960.

Quando os missionários canadenses chegaram a Itacoatiara, “a saúde era uma das causas de maior sofrimento para o povo: a quase inexistência de atendimento médico e hospitalar levava as pessoas a procurarem curandeiros e donos de farmácia, que não eram farmacêuticos formados, e a buscarem ajuda junto aos padres”. A autora distingue a carência da área médica e expõe os únicos recursos dos moradores do interior: a medicina religiosa ou tradicional, nos “curandeiros”, nas pessoas que tinham pequenos conhecimentos sobre remédios, os

³⁵⁷ Mário Rosário Falabella, 2019.

“farmacêuticos”, e a religião institucionalizada, “os padres”. Enquanto de um lado existia o SESP, a prelazia, em uma orientação assistencialista, “após a compra do motor Santa Terezinha, buscava em Manaus roupas usadas, remédios e alimentos enviados pelos Estados Unidos através da Aliança para o Progresso”.³⁵⁸

Em 1965, essa conjuntura começou a mudar:

Com a chegada dos missionários, o governador do Amazonas, Arthur Reis, viu a possibilidade de conseguir, através dos padres, a vinda de algumas irmãs enfermeiras para trabalharem numa maternidade com o nome do senador Cunha Melo. Para isso, firmou-se um convênio governo-prelazia e padre Paulo McHugh conseguiu a vinda das irmãs de S. José de Peterborough, enfermeiras qualificadas.³⁵⁹

A referência ao “convênio governo-prelazia” destaca mais uma vez a importância desses acordos entre os poderes públicos e outras entidades para conseguir suprir de alguma forma as necessidades da saúde dos amazonenses. Nesse espaço, as religiosas, que também eram enfermeiras, chegaram em julho daquele ano e a maternidade foi inaugurada em setembro: “na verdade um hospital geral, servindo também de Pronto-Socorro e atendendo aos municípios vizinhos”, como Urucará, enquanto “toda a aparelhagem e instalações da maternidade foram doadas pelos padres: raio X, laboratório, cozinha, lavanderia automatizada”.³⁶⁰

Schweickardt e Martins apontam essa unidade como uma das poucas existentes no Amazonas no ano de 1975, gerenciado pelo poder público ou por outra instituição, e como a única do município: “Itacoatiara tinha uma unidade especializada com 15 leitos, registrado

³⁵⁸ Ribeiro, 2003, p. 87. Cabe explicar que a Aliança para o Progresso foi uma política externa elaborada durante o governo Kennedy (1961-1963), com fins de promover o desenvolvimento econômico e social na América Latina, e assim frear possíveis investidas do comunismo. As ações do programa antes de 1964 colaboraram para a desestabilização do governo brasileiro; com a ditadura, o país se tornou o principal destinatário dos recursos, pois apesar de alguns estranhamentos, os dois governos percebiam vantagens políticas e econômicas. Entre seus sucessos e fracassos, a Aliança foi encerrada no começo da década de 1970, após o relatório Rockefeller, já que os países não estavam dispostos a aplicar as políticas de reforma acordadas, os novos presidentes norte-americanos não apoiaram o programa e o investimento foi insuficiente. Cf. IORIS, Rafael R.; MOZER, Josiane. Parceiros em quê? A Aliança para o Progresso e a política editorial de modernização da América Latina no contexto da Guerra Fria. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 529–548, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019.e61478>. Acesso em: 13 jun. 2024; RIBEIRO, Ricardo Alaggio. A teoria da modernização, a aliança para o progresso e as relações Brasil - Estados Unidos. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, p. 151-175, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/368>. Acesso em: 13 jun. 2024.

³⁵⁹ Ribeiro, 2003, p. 105. Segundo Silva (2018, p. 266), as dez religiosas, “tanto bem elas fariam a Itacoatiara!”, como enfermeiras ou paramédicas, tanto na maternidade quanto no hospital; moravam no convento São José, construído pela Prelazia em frente à maternidade. A Congregation of the Sisters of St. Joseph (Congregação das Irmãs de São José) teve origem na França, em 1650; conseguiram sobreviver à Revolução Francesa e se estabeleceram no Canadá a partir da década de 1850. A congregação de Peterborough nasceu em 1890. Em 2012, quatro das seis congregações canadenses formaram a Congregation of the Sisters of St. Joseph in Canada. Tal como a outra comunidade religiosa canadense que serviu no Brasil, a SFM, as irmãs também tem visto a diminuição de seu número. Cf. CSJ. About. **Congregation of the Sisters of St. Joseph in Canada**. Disponível em: <https://www.csjcanada.org/about>. Acesso em: 02 set. 2024.

³⁶⁰ Ribeiro, 2003, p. 106.

como Maternidade ‘Cunha Mello’, em regime de administração indireta através da Prelazia”.³⁶¹ Também indicava na cidade uma unidade que pertencia a outras instituições; neste caso, “Itacoatiara possuía uma Unidade Sanitária da Fundação SESP para assistência preventiva”.³⁶²

Ao lado do treinamento de “jovens do lugar para serem assistentes de enfermagem, para ajudarem na limpeza, lavanderia e cozinha”, ao longo dos anos “especialistas estrangeiros”, por um ou dois meses, “prestaram serviços na Maternidade, como voluntários”.³⁶³ As dificuldades financeiras eram sanadas com iniciativas das irmãs no Canadá conseguindo doações; também investiram em cursos de higiene, treinamentos para agentes de saúde e parteiras; e transporte de doentes. Em 1972 foi inaugurado o Hospital Estadual Unidade Mista de Itacoatiara “José Mendes”, mas houve atritos com o governo, pois “a maior parte da aparelhagem da maternidade, inclusive o raio X, foi transferido” para outras localidades do Amazonas, provocando a indignação da população de Itacoatiara. Tal fato teria levado o bispo a encerrar o convênio com o estado naquele ano, além das crescentes pressões sofridas por parte dos militares. Assim, “quase todos os funcionários da maternidade passaram a trabalhar para o Estado” no hospital inaugurado.³⁶⁴ Entretanto, as religiosas, diante de “erros e injustiças, sem ‘voz’ para defender os doentes e mudarem a situação, se retiraram”.³⁶⁵ Desse ponto em diante, as irmãs se dedicaram à formação de brasileiros em serviços da área hospitalar, antes de voltarem ao seu país, e as que chegaram, se dedicaram às comunidades do interior.

A Dra. Ruth Sky, professora assistente na Universidade de Toronto e parte da equipe de dois hospitais em Toronto, Canadá, esteve na região de Itacoatiara no começo da década de 1970, e fez seus registros sobre a viagem em um periódico médico. O sugestivo título “Medicina Missionária no Amazonas”, em tradução livre, serve como um relatório de sua atuação na Prelazia junto aos padres da Sociedade de Scarboro para as Missões Estrangeiras.³⁶⁶

Ela introduz seu texto descrevendo Manaus e Itacoatiara e a viagem às cidades, realçando, em Itacoatiara, seu encontro com a natureza, os habitantes e os modos de viver. Em seguida, na seção “Canadian nurses”, Sky desvela que as profissionais de enfermagem do hospital da cidade vieram do convento de Peterborough, enquanto os médicos brasileiros, que atendem em seus próprios consultórios, usam o hospital e a equipe. Outra canadense, Dra.

³⁶¹ Schweickardt; Martins, 2017, p. 33.

³⁶² *Ibid.*, p. 33.

³⁶³ Ribeiro, 2003, p. 107.

³⁶⁴ *Ibid.*, p. 108.

³⁶⁵ *Ibid.*, p. 109.

³⁶⁶ SKY, Ruth. Missionary Medicine On The Amazon. **Canadian Family Physician**, August, 1971, p. 47-50. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2370056/pdf/canfamphys00377-0049.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Heather Morris, ginecologista obstetra, atendeu no hospital de Itacoatiara, enquanto Sky visitou as comunidades ribeirinhas. Ela relata ter conhecido o médico de saúde pública e a enfermeira contratada pelo governo do Amazonas, afirmando:

Eles me deram a impressão de fazer um trabalho maravilhoso atendendo uma grande área e população. As crianças são imunizadas assim como as nossas contra a coqueluche, difteria, tétano e poliomielite. Sarampo é um grave perigo para a saúde e a vacina ainda é muito cara.³⁶⁷

Com essas palavras, a médica canadense elogia o trabalho exercido pelos profissionais da saúde em Itacoatiara, constatando as dificuldades existentes para o tratamento das doenças na cidade, incluindo o alto valor das vacinas contra o sarampo, uma das principais doenças virais. Ela informa que seu trabalho transcorreu a bordo do barco da missão, *Santa Terezinha*, acompanhada de uma enfermeira canadense, Irmã Theresa. No barco também estavam o Padre Omar Dixon, da SFM, e a religiosa brasileira Irmã Letícia, em suas atividades eclesiais e encontros com as comunidades, onde também ensinavam questões de saúde. O barco levava uma carga de várias caixas de remédios variados, como antibióticos, aspirina, vitaminas, ferro, preparações, anti-helmínticos, diversas pomadas, entre outros medicamentos.

O relato de Dra. Sky nos é valioso mais ainda por narrar sua viagem a Urucará, que ela identifica como “village”. Explica as funções da fazenda iniciada pelos padres em Urucará, voltada ao trabalho e ao ensino. Ao analisar as condições da saúde pública, pondera: “Não há médico em Urucará. Há uma pequena enfermaria com uma jovem que pode suturar lacerações, administrar antitoxina tetânica ou toxoide, e encaminhar os muito doentes para o sacerdote residente.”³⁶⁸ Ou seja, o relatório de Sky colabora com os processos de construção de memória dos colaboradores, qual seja, a inexistência de profissionais adequados em Urucará e a fragilidade dos serviços oferecidos na cidade. A médica também sublinha os atendimentos de pré-natais, provavelmente surpresa porque a maioria das pacientes “parecia ter gestações sem complicações, dando à luz umas às outras ou por uma parteira com formação incerta”.³⁶⁹ Contudo, sinaliza a má-nutrição das crianças.

A próxima seção, “Attractive, Gentle Folk”, ressalta as recepções das comunidades ao

³⁶⁷ Sky, 1971, p. 49. Tradução livre. No original: “They gave me the impression of doing wonderful work servicing a large area and population. Children are immunized as are ours against pertussis, diphtheria, tetanus and polio. Measles is a serious health hazard and the vaccine is still very expensive.”

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 49. Tradução livre. No original: “There is no doctor at Urucara. There is a small infirmary staffed by a young woman who can suture lacerations, administer tetanus antitoxin or toxoid, and refer the very sick to the resident priest.”

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 49. Tradução livre. No original: “Most of the women appeared to have uncomplicated pregnancies, are delivered by each other, or by a midwife of uncertain training.”

barco médico-missionário. Observa que “as pessoas no interior do Brasil são muito bonitas e gentis. Eles parecem ser uma mistura racial de índios, caucasianos (portugueses) e negros; de baixa estatura para os padrões canadenses”.³⁷⁰ Em seguida, descreve o problema mais comum em Urucará, a infestação de vermes, que atingia crianças e adultos, pois não havia condições sanitárias adequadas na região, o que preocupou até a equipe médica. Uma das explicações para as doenças, conforme evidencia, é o trabalho com a juta:

Os homens e meninos passam muitas horas em pé no rio colhendo juta nesta época do ano, e vimos muitas pessoas com úlceras na pele e feridas abertas nas pernas. Tudo o que podíamos fazer era aconselhar a secagem completa ao final do trabalho e o uso de uma pomada calmante. Prescrevíamos antibióticos quando indicados para feridas infectadas, abscessos dentários e celulite causada por picadas de insetos.³⁷¹

Outro problema encontrado eram as doenças de visão, relatando: “A única sugestão que pude dar foi uma consulta com um oftalmologista em Manaus, o que era praticamente uma viagem à lua. Há uma grande necessidade de oftalmologistas no interior do Brasil.”³⁷² Dessa forma, a médica canadense constatou as amplas necessidades no interior do Amazonas, ainda mais prejudicadas pela distância dos grandes centros urbanos.

Na última seção, “Worm Medicine”, ela descreve as viagens a várias vilas, ainda destacando o problema da verminose. Contudo, Sky, que também pode ser lida como uma missionária, já que estava no Baixo Amazonas em serviço com a Prelazia de Itacoatiara, interpreta algumas das consultas como meramente curiosidade: “Muitos dos nossos visitantes eram pessoas com queixas vagas, uma desculpa mal disfarçada para receber a visita de alguém do mundo exterior”.³⁷³

Sky comenta as várias condições de saúde que encontrou, incluindo “uma linda menina [que] apresentava sinais de uma cardiopatia congênita tratável. Coletamos os dados para identificação e o bispo da paróquia providenciará sua viagem a um centro médico no Brasil onde são realizadas cirurgias cardíacas”.³⁷⁴ Sua narrativa sinaliza que a Prelazia não apenas

³⁷⁰ Sky, 1971, p. 49-50. Tradução livre. No original: “The people in the interior of Brazil are very attractive, gentle folk. They appear to be a racial mixture of Indian, Caucasian (Portuguese) and black; small in stature by Canadian standards.”

³⁷¹ *Ibid.*, p. 50. Tradução livre. No original: “The men and boys spend many hours standing in the river harvesting jute at this time of year, and we saw many people with skin ulcers and open sores on their legs. All we could do was advise thorough drying at the end of work, and a soothing ointment. We gave antibiotics when indicated for infected sores, dental abscesses and cellulitis from insect bites.”

³⁷² *Ibid.*, p. 50. Tradução livre. No original: “All I could suggest was a visit to an eye specialist in Manaus which might as well have been a trip to the moon. An ophthalmologist is sorely needed in the interior of Brazil.”

³⁷³ *Ibid.*, p. 50. Tradução livre. No original: “Many of our visitors were people with vague complaints, a barely veiled excuse to see the visitor from the outside world.”

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 50. Tradução livre. No original: “One beautiful small girl had evidence of a repairable congenital heart defect. We took details of identification, and the bishop of the parish will arrange for her trip to a medical center

convidava médicos estrangeiros para tratar a saúde dos moradores do Baixo Amazonas, quanto promovia outras formas de alcance médico, inclusive negociando transporte e tratamento em lugares mais favoráveis; provavelmente o “centro médico no Brasil” sugere uma viagem para longe do Amazonas.

Entre outras situações, Ruth Sky analisa a nutrição dos amazonenses, notando que muitas pessoas eram malnutridas; os outros canadenses, trabalhando há mais tempo no Amazonas, lhe disseram que isso se devia à falta de educação nutricional. Para tentar resolver isso, os estrangeiros usaram duas estratégias:

Fizemos cartazes coloridos incentivando-os a alimentar as crianças com bananas, laranjas, carne amassada e frango. A dieta é composta principalmente de mandioca – uma raiz rica em amido colhida na selva.

Os padres ensinam pessoas escolhidas nas vilas para serem “catequistas”. Esses homens e mulheres retornam às suas aldeias após o curso ministrado em Itacoatiara e aprendem sobre nutrição, saneamento, água fervida, etc., bem como sobre a realização de alguns serviços religiosos. As visitas dos padres da paróquia complementam o programa de treinamento. Eu conseguia perceber quais vilas tinham catequistas, porque as pessoas eram visivelmente mais bem alimentadas e saudáveis do que nas aldeias sem catequistas.³⁷⁵

Em primeiro, eles recorriam a formas mais lúdicas para ensinar os amazônidas que consideravam carentes de conhecimento nutricional, com cartazes coloridos, que poderiam ser questionados: eles não sabiam que precisavam variar a dieta ou estavam com dificuldades momentâneas pra se alimentar? Não parece natural acreditar que os ribeirinhos não sabiam valorizar a banana como alimento. Depois, ressalta-se o papel dos moradores que eram treinados pela Prelazia. O termo “catequistas” já sugere que esse treinamento era em prol da evangelização católica, das estratégias de consolidação religiosa dos fiéis ribeirinhos. Mas eles também eram educados em questões de saúde, ajudando suas vilas nos cuidados sanitários, o que se refletia nas melhorias nutricionais.

Sky também se surpreende com a limpeza das pessoas do interior e comenta sobre a alta taxa de tuberculose nas comunidades rurais. Segundo ela, mesmo que o médico e a enfermeira fornecessem medicamentos enviados pelo governo, faltava espaço adequado para internação e tratamento: “O maior problema tem sido encontrar um lugar para os pacientes ficarem durante

in Brazil at which heart surgery is done.”

³⁷⁵ Sky, 1971, p. 50. Tradução livre. No original: “We made colourful posters urging them to feed the children bananas, oranges, mashed meat and chicken. The diet is chiefly manioc - a starchy root dug up in the jungle. The priests teach people chosen in the villages to be “catechysts”. These men and women return to their villages after the course taught in Itacoatiara, and have learned about nutrition, sanitation, boiled water, etc., as well as about conducting some religious services. The parish priests' visits supplement the training program. I could tell which villages had catechysts, because the people were obviously better fed, and healthier, than in the villages with no catechyst.”

os três primeiros meses de tratamento. O governo havia providenciado uma moradia para essas pessoas em Itacoatiara, mas o prefeito de polícia local estava usando-a”.³⁷⁶ Por fim, a Dra. Ruth Sky encerra seu texto no *Canadian Family Physician* elogiando e aprovando sua experiência: “Como médico de família, achei a experiência na missão no Brasil um grande aprendizado. E tenho certeza de que minha experiência não é única: qualquer médico que tenha trabalhado em uma missão tem uma história semelhante para contar”.³⁷⁷

Além dos católicos canadenses, outra iniciativa católica no Baixo (e no Médio) Amazonas que teve alcance na saúde foram dos religiosos italianos na Prelazia de Parintins.³⁷⁸ Em Parintins, cuja Prelazia fora criada em 1955, a principal força religiosa atuante eram os missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), que estavam no Amazonas desde 1948. Esses padres e irmãos italianos eram responsáveis pela Prelazia desde sua fundação, liderados pelo seu primeiro prelado, Dom Arcângelo Cerqua, que continuou à frente da circunscrição eclesiástica durante a ditadura.

Os religiosos do PIME atuaram em várias frentes sociais na Prelazia de Parintins, como educação e formação profissional, e na saúde. Conforme o enquadramento histórico realizado por Dom Arcângelo em sua obra, sobre os avanços da Prelazia sob sua direção, onde afirma o desenvolvimento não apenas da instituição eclesiástica, mas igualmente seu papel na formação socioeconômica e social da região, “a Prelazia sempre cuidou da assistência aos doentes”. O bispo demarca os exemplos dos primeiros ambulatórios em Barreirinha e Maués e os ambulatórios auxiliares paroquiais de Parintins e Maués. Semelhantemente, aponta que “nossas embarcações durante anos foram verdadeiros ambulatórios itinerantes em nossa região”, com o trabalho de padres, religiosas e enfermeiras. Com o esforço desses sujeitos, “nasceram verdadeiras unidades de saúde com o funcionamento e auxílio do Estado”.³⁷⁹

Cerqua também relata a “ideia dum Hospital moderno que se unisse aos SESP no

³⁷⁶ Sky, 1971, p. 50. Tradução livre. No original: “The biggest problem has been finding a place for the patients to stay for the first three months of therapy. The government had provided a dwelling for these people in Itacoatiara, but the local prefect of police was using it.”

³⁷⁷ *Ibid.*, p. 50. Tradução livre. No original: “As a family physician I found the experience at the mission in Brazil a great education. And I'm sure that my experience is not unique: any doctor who has worked at a mission has a similar story to tell.”

³⁷⁸ CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2ª ed. Manaus: ProGrafGráfica e Editora, 2009; CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. **Ide pelo Mundo inteiro e anunciai o evangelho**: As Práticas Sociais e Religiosas do PIME em Parintins. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019; SOUZA, Juliete Batalha de; SOUZA, Julielza Batalha de. História de Vida: Trabalho Assistencial do Irmão Francisco Galliani com Hansenianos em Parintins-Am na década de 1970. **Revista Eletrônica Mutações**, Manaus, v. 8, n. 15, p. 237-254, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/4260>. Acesso em: 07 dez. 2020.

³⁷⁹ Cerqua, 2009, p. 100.

atendimento à população cada vez mais numerosa”.³⁸⁰ Assim, iniciaram a construção do Hospital Pe. Colombo, inaugurado em 1976. Também se realizaram outras iniciativas, como a Ilha da Paz, comprada em 1970, para abrigar hansenianos abandonados. Todas as atividades da Prelazia de Parintins na área da saúde contaram com a cooperação e ajuda de políticos do estado, aproveitando a boa relação do bispo com os políticos.

Ronaldo Bentes Cavalcante, ao analisar as atividades do PIME na cidade, argumenta que o instituto religioso “utilizou vários instrumentos de evangelização ligada às ações sociais, principalmente nas classes mais carentes, levando-a ao seu reconhecimento e aceitação por grande parte da população”.³⁸¹ Conforme o autor, a Prelazia de Parintins, “através do PIME atuou dessa maneira como forma de se organizar e ganhar espaço dentro da sociedade, para isso empreendeu várias ações no campo religioso, social e educacional como forma de estender sua influência em diversas áreas”.³⁸² Sua afirmação concorda com nosso argumento de que as ações sociais dos religiosos no Baixo Amazonas, legitima sua presença e consolida seu crescimento: “O trabalho social desenvolvido pela Igreja ganha respaldo, uma vez que o poder público não atende à necessidade básica da sociedade”.³⁸³

Nessa perspectiva, Cavalcante afirma:

Podemos perceber que o trabalho social da Prelazia foi uma estratégia usada para evangelizar, uma vez que, não se pode falar em uma verdadeira evangelização sem cuidar do lado humano, dessa forma, à Igreja Católica em Parintins por meio do PIME, atuou em benefício da população desenvolvendo ações no campo social, com efeito, o poder político da Igreja consolidava-se, isso só foi possível, pelas condições que disponha a Instituição.³⁸⁴

É importante destacar que os membros do PIME seguiam o propósito de evangelizar, ou seja, por mais que os amazônidas já fossem católicos, não o eram o suficiente; as propostas e estratégias missionárias voltavam-se ao projeto de romanização, visando levar os fiéis a obedecer às ordens e dogmas da Santa Sé, abandonando práticas religiosas populares que não estavam de acordo com as regras eclesiais. Cavalcante esclarece que as ações sociais do PIME, o qual “é produto e produtor da cultura romanizada”,³⁸⁵ colaboram para formar uma igreja amazônica romanizada. Provavelmente o sucesso dessa empreitada favoreceu a elevação da prelazia à dignidade de diocese em 1980.

³⁸⁰ Cerqua, 2009, p. 101.

³⁸¹ Cavalcante, 2019, p. 12.

³⁸² *Ibid.*, p. 62.

³⁸³ *Ibid.*, p. 75.

³⁸⁴ *Ibid.*, p. 75.

³⁸⁵ *Ibid.*, p. 62.

Não só os católicos (e seus aliados políticos e/ou estrangeiros) atuaram nas ações médicas no Baixo Amazonas no século XX. Temos os registros de mais grupos cristãos com iniciativas parecidas. Já algumas décadas antes, o missionário adventista norte-americano Leo Blair Halliwell, como indica a pesquisa de Diogo Gonzaga Torres Neto, dirigia uma crescente ação médica no Pará e Amazonas, especialmente conectada ao Baixo Amazonas.³⁸⁶

Halliwell assumiu a direção da missão em Belém em 1929. De acordo com Torres Neto, Leo “fez curso básico para tratamento de doenças tropicais e, mesmo sem formação médica, juntamente com sua esposa, a enfermeira Jessie Halliwell, salvou a vida de milhares de pessoas que habitavam os labirintos verdes do organismo complexo e vivo da Amazônia”.³⁸⁷

Dois anos após se instalar em Belém, o pastor Leo começou a realizar viagens médico-missionárias na lancha Luzeiro pelos rios da Amazônia:

O casal Halliwell destacou-se em seu papel civilizatório pela imensidão amazônica. A partir de 1931, viajaram na lancha Luzeiro I, projetada pelo pastor Leo e construída com doações dos Estados Unidos, levando assistência médica e a evangelização adventista. Assistiram e medicaram pessoas com diversas enfermidades por cidades e localidades ribeirinhas; ensinaram sobre higiene, saúde, alimentação; construíram igrejas, escolas e clínicas médicas.³⁸⁸

Segundo o pesquisador e pastor adventista Antônio Ribamar Diniz Barbosa, a historiografia da denominação identifica Halliwell como “a primeira pessoa que atuou no serviço médico-missionário no Norte do Brasil, ao lado de sua esposa”.³⁸⁹ Já na primeira viagem, Jessie Halliwell tratou de 300 pacientes. Conforme o autor,

Os Halliwell subiam o Amazonas todos os anos de Belém a Manaus, uma viagem de 3.200 quilômetros, ida e volta. Antes de voltar para casa, eles costumavam percorrer entre 16.000 e 24.000 quilômetros, tratando enfermos, ensinando a Bíblia e plantando as primeiras igrejas para os ribeirinhos.³⁹⁰

Os Halliwell atravessavam de Belém para a ilha do Marajó e então para Manaus e Maués, principal espaço do início do adventismo no Amazonas. O relato sobre o estabelecimento da igreja no Marajó elucida a estratégia da lancha missionária:

³⁸⁶ TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia**: Os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

³⁸⁷ *Ibid.*, p. 80.

³⁸⁸ Bezerra, 2025, p. 12.

³⁸⁹ BARBOSA, Antônio Ribamar Diniz. **O Adventismo e os Palikur**: representações, memórias e mudanças nas relações sociais dos missionários adventistas com os Palikur da Aldeia Tawary (1998-2022). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023, p. 59.

³⁹⁰ DINIZ, Ribamar. **A Igreja das Águas**: Uma breve história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Arquipélago do Marajó (1937-2020). Macapá: Edição do autor, 2021, p. 30.

O casal e Leo e Jessie Halliwell visitava os rios na Lancha Luzeiro I, que era munida de um alto falante. Com isso, eles informavam pelo alto falante, a programação da lancha. De uma comunidade em um rio eles se comunicavam com outra, em outro rio, pedindo permissão para visitar.³⁹¹

Provavelmente, os encontros nas comunidades no Baixo Amazonas se davam da mesma forma. Assim, o comentário de Diniz revela a estratégia missionária para o contato, resultando em atendimentos e evangelização. Em outra localidade, o autor explica o “trabalho relevante” de Halliwell “através da lancha médica que atendia gratuitamente os ribeirinhos”, pois o “barco tinha uma sala de pequenas cirurgias, e entre os serviços oferecidos, eram feitos partos, extraídos dentes e distribuídos diversos medicamentos”.³⁹²

Diniz assinala o sucesso do projeto da lancha Luzeiro, não apenas na Amazônia, mas sendo replicado pelo país:

Depois da Luzeiro I, uma frota de lanchas identificadas por números sequenciais continuou realizando o trabalho no Amazonas, onde a obra médico-missionária prosperou mais que em qualquer outro lugar na América do Sul. Além do Amazonas, as demais regiões brasileiras também tiveram suas próprias lanchas, sendo um dos melhores métodos no trabalho missionário por década.³⁹³

A importância do trabalho de Leo Halliwell e das lanchas Luzeiro para o estabelecimento da Igreja Adventista na Amazônia é celebrado até hoje pela denominação, sendo fundamentais para transformar o Amazonas no estado mais adventista do país mais adventista do planeta.

Outro importante trabalho de assistência médica no Baixo Amazonas veio do pastor Eduardo França Lessa, o qual comentamos na primeira seção do capítulo um.³⁹⁴ Esse pastor brasileiro, que estudou nos Estados Unidos, assumiu os batistas em Parintins em 1953. Foi graças a ele que Clinton Thomas foi convencido a visitar o Baixo Amazonas e, então, decidiu se estabelecer em Urucará. Em Parintins, Lessa exerceu notável influência não apenas por sua pregação e evangelismo protestante, mas igualmente pelas suas atividades sociais.

As falas dos filhos de Eduardo França Lessa, o pastor Elmer Lessa e o professor Eduardo Lessa Júnior, em entrevista a Bruna Lessa, nos remetem a algumas comparações com a trajetória de Clinton Thomas:

³⁹¹ Diniz, 2021, p. 46.

³⁹² *Ibid.*, p. 46.

³⁹³ *Ibid.*, p. 30.

³⁹⁴ Cf. Bezerra, 2024, segundo capítulo; LESSA, Bruna Souza Aguiar. **História, religião e educação: a trajetória do pastor Eduardo França Lessa**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2012.

Vindo a Parintins ele sentiu de Deus que esse aqui era o local que Deus tinha pra ele. [...] ele passa ter uma influência muito grande devido seu nível educacional e com o seu conhecimento de farmácia, ele acabou sendo em Parintins praticamente quase que o único médico, como sua família enviava medicamentos pra ele, ele trabalhava quase como farmacêutico ajudando na época as pessoas principalmente as crianças, trabalhou também com as pessoas na área de hanseníase, tuberculose e algumas outras coisas.³⁹⁵

Elmer Lessa, interpretando a atuação médica primeiramente como algo religioso, identifica que Deus que fez seu pai se estabelecer em Parintins, onde pregou e teve “uma influência muito grande”, conseguindo alcançar a população graças aos seus conhecimentos e relações.

Pastor Lessa foi o único médico, foi quem sustentava a saúde dentro de Parintins, tinha médico aqui mas vinham e ia embora, e o Pastor fica ele que distribuía fichas e nunca cobrou um centavo de ninguém, dava remédios e tudo mais, naquela época trazia óculos, vinha aquelas caixas de óculos para experimentar, cuidava das pessoas com hanseníase, fazia suturas, partos, fazia um pouco de tudo, hoje meu irmão continua com o trabalho que meu pai começou trazendo as equipes dos Estados Unidos [...]³⁹⁶

Eduardo Lessa ressalta seu pai como “o único médico”, destacando aquela conjuntura dos anos 1950 e 1960 como vazia de profissionais e de medicamentos na região. É importante verificar como em todos os relatos, escritos ou narrados, os religiosos – tanto católicos quanto protestantes – são identificados com a gratuidade, oferecendo medicamentos e atendimentos sem cobrar nada, e com a permanência, assegurando a continuidade do cuidado.

Ao entrevistarmos o professor Eduardo, ele explicou a importância do apoio dos familiares de seu pai para o fornecimento de medicamentos à população em Parintins:

O meu avô, a família do meu pai tinha um laboratório, no Rio de Janeiro... ele era do Rio de Janeiro, depois se mudou para Niterói. Da cidade do Rio de Janeiro, depois se mudou pra Niterói, mesmo estado, do Rio de Janeiro. Então ali meu avô e depois substituído por um primo meu, sobrinho do meu pai, então eles mandavam amostra grátis, colhiam de outros laboratórios amostra grátis e nas farmácias e tudo mais, tinham esse acesso, e mandavam muitas caixas de remédio para o meu pai. Meu pai distribuía esse remédio, sabe?³⁹⁷

Assim, essa rede familiar, do Rio de Janeiro, garantiu o trabalho médico de Lessa. Quanto aos Thomas, Eduardo Lessa Júnior rememora que as duas famílias se encontravam tanto em Parintins quanto em Urucará: “Em uma das visitas lá ficamos na casa deles e tivemos essa

³⁹⁵ Elmer Lessa *apud* Lessa, 2012, p. 09.

³⁹⁶ Eduardo Lessa Júnior *apud* Lessa, 2012, p. 13.

³⁹⁷ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

oportunidade, havia uma relação muito grande, portanto, da nossa família com a família do pastor Clinton”.³⁹⁸ Conforme seu processo de construção de memória, as ações de Clinton Thomas eram necessárias para a cidade e havia semelhanças entre as duas missões:

Urucará era uma cidade pequena e necessitando muito, muito mesmo de alguém que apoiasse, alguém que fizesse trabalho tanto na parte de evangelismo quanto na área de saúde. E como meu pai já havia começado aqui o trabalho, pastor Clinton também começou a fazer esse trabalho lá, e eles tavam sempre em contato um com outro, constantemente em contato.³⁹⁹

Esse contato, outra vez, remete à importância da rede de relações dos migrantes religiosos, elaborada para viabilizar seus trabalhos, apesar das diferenças que houvesse entre suas igrejas. Lessa Júnior delinea claramente essa relação:

E foi assim que eu conheci o pastor Clinton, nesse contato com meu pai, onde meu pai aprendia um pouco com ele e ele também aprendia um pouco com meu pai, aquilo que meu pai fazia aqui também passava para ele e como da maneira como ele agia lá também Urucará, ele também passava para o meu pai. Eles trocavam muitas ideias, quando eles sentavam, quando eles conversavam, estavam juntos, conversavam durante horas, inclusive por telefone também, conversava muito tempo, durante horas, eles conversavam. E um contava para o outro o que estava fazendo, como estava fazendo, como estava conseguindo, como tava conseguindo contornar os problemas também, as estratégias que um criava, passava para o outro, porque eram trabalho semelhante, não era iguais, mas havia uma grande semelhança nesse, no trabalho que meu pai realizava em Parintins e o pastor Clinton Thomas realizava. E a amizade dele também era uma amizade muito forte.⁴⁰⁰

Logo, a atividade de pregação e assistência médica no interior do Amazonas não ocorria ausente da rede de relações, especialmente estando tão próximos, no Baixo Amazonas. No processo de construção de memória do colaborador, as trocas entre os dois religiosos abrangiam o aprendizado médico e o diálogo com frequência. A comparação pode estender-se à aceitação dos religiosos pela comunidade, quando Eduardo Lessa Júnior lembra que seu pai conseguiu trabalhar apesar das rejeições:

E meu pai ele tinha feito curso de enfermagem e o curso de paramédico, iniciou em Cuba, ele foi para lá para aprender realmente e isso ajudou muito, isso abriu as portas, porque não havia aceitação aqui por questão religiosa, não havia aceitação assim também com pastor Clinton também passou por uma barreira bem forte ali também em Urucará, além de ser alguém que não era da região, do país... meu pai era do país, mas não era da mesma região e tinha vindo também dos Estados Unidos, isso gerava uma barreira religiosa e social muito grande entre eles, e foi através das ações sociais que o meu pai conseguiu se estabelecer aqui. Sendo respeitado. É, através das ações sociais, ele trazia remédios de fora, ele distribuía remédios... como não tinha médico,

³⁹⁸ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

³⁹⁹ *Idem.*

⁴⁰⁰ *Idem.*

em terra de cego que tem um olho é rei né?⁴⁰¹

Quando o colaborador sinaliza a existência de “uma barreira religiosa e social muito grande entre eles”, descortina a complexidade das relações entre os amazônidas e os estrangeiros, tanto em nacionalidade quanto em religião. Os missionários eram o estranho que chegava anunciando uma nova religião, uma nova relação com o mundo, assustando, então, por essa ruptura, mas ao mesmo tempo era aquele que oferecia recursos que a população não tinha, assistência física para quem precisava, com isso, pode-se verificar que “foi através das ações sociais que o meu pai conseguiu se estabelecer aqui”. A conquista do respeito da população então se desvela como base para o estabelecimento e consolidação da igreja.

Bruna Lessa identifica a transformação e a respeitabilidade que o trabalho social em Parintins garantiu à missão batista:

A primeira Igreja Batista de Parintins tinha agora reconhecidamente, um papel de extrema importância espiritual e social dentro da comunidade. A cada dia, ferrenhos adversários inimigos tornavam-se aliados, surpreendendo a comunidade. Os Batistas passaram a ser sempre lembrados e convidados para as atividades da sociedade. O respeito adquirido era de forma tão grande que facilitou a instalação de outras Denominações Evangélicas que se estalavam com mais facilidade. Assim solidificou-se a pluralidade religiosa, estruturando a identidade Batista na cidade de Parintins.⁴⁰²

Em sua leitura, não só a evangelização, mas também a validação dos trabalhos sociais realizados pelo pastor Lessa e pelos batistas asseguraram o crescimento da igreja em Parintins, firmando seu espaço dentro da sociedade, e até viabilizando o trabalho de outras instituições.

Por fim, salientamos que o trabalho social iniciado pelo pastor Lessa com seus atendimentos médicos, depois também com a fundação do Colégio Batista e do Centro Social Bom Samaritano, perdurou até a atualidade, inclusive com atendimentos médicos em comunidades rurais, levando equipes formadas por profissionais brasileiros e norte-americanos:

E os Estados Unidos têm uma relação muito grande, os missionários americanos, com nosso trabalho aqui e continuam nessa parceria, inclusive vindo... eles trazem de lá equipes grandes de médicos e odontólogos. Então como eles não podem trabalhar direto aqui, nós juntamos eles aos médicos brasileiros, a dentistas brasileiros, a oculistas brasileiros e fazemos esse trabalho juntos em parceria com o poder público, fazemos trabalho no interior, atendendo as pessoas carentes nas comunidades.⁴⁰³

Sabendo que “o contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de

⁴⁰¹ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁴⁰² Lessa, 2012, p. 11.

⁴⁰³ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado”,⁴⁰⁴ é importante percebermos que a medicina missionária – católica e protestante, nacional e estrangeira – assume posições inegáveis na Amazônia. Além disso, os missionários de igrejas não católicas conseguiam estabelecer-se com certa independência, apesar das oposições católicas, inserindo-se no espaço de necessidade das populações urbanas e rurais, levando “a luz do Evangelho” às cidades, comunidades e aldeias, além de cuidados médico-sanitários.

Para terminar essa seção, assinalamos a necessidade de estudos quanto aos missionários católicos e aos trabalhos sociais em Itacoatiara e Parintins e as circunscrições eclesiásticas correspondentes. Nesta tese, algumas pesquisas e produções sobre as duas unidades territoriais são referenciadas ao longo do texto. Vários pesquisadores têm destacado aspectos da Prelazia de Itacoatiara a partir do movimento indigenista, como discutido no capítulo quatro, sessão “Progressistas cristãos no médio e baixo Amazonas”; porém, parece-nos que somos o primeiro trabalho acadêmico quanto às ações médicas da Prelazia ou mesmo quanto à Sociedade de Scarboro, uma pequena congregação religiosa canadense que, no Brasil, trabalhou nos interiores da Amazônia.⁴⁰⁵ Logo, há muito em aberto quanto aos trabalhos sociais da Prelazia, suas lideranças e os impactos desses grupos na região ou na Amazônia em geral.

Por outro lado, a Diocese de Parintins conta com uma maior investigação de suas áreas de atuação, incluindo a assistência médica, como em Ronaldo Cavalcante e Juliete e Julielza Souza, mesmo que não com aprofundamento. Provavelmente, isso se deve à maior presença de cursos de ciências humanas e sociais em Parintins, que permitem a gênese de pesquisas sobre aspectos da Prelazia/Diocese, sendo levadas depois para a pós-graduação. Certamente ainda há inúmeros aspectos da trajetória dos bispos, missionários e religiosos, da atuação política e sociocultural da Diocese de Parintins que carecem de atenção acadêmica e investigação.

Observa-se um cenário semelhante quanto aos protestantes. Embora os pesquisadores adventistas produzam um volume crescente de trabalhos sobre a denominação, desconhecemos investigações quanto ao trabalho dos Halliwell no Baixo Amazonas ou de outros missionários estrangeiros adventistas na região. Essa lacuna também se aplica ao trabalho batista em Parintins e às suas contínuas assistências sociais, tanto médicas quanto educacionais, que se consolidaram para além de Eduardo Lessa. Levanta-se, por fim, a possibilidade de que outras missões tenham exercido atividades médicas nos interiores dos rios do Amazonas ao longo do

⁴⁰⁴ Levi, 2006, p. 176.

⁴⁰⁵ SCARBORO Missions. BRAZIL: 1962-present. **Scarboro Missions.** Disponível em <https://www.scarboromissions.ca/about-us/where-we-are/13>. Acesso em: 23 dez. 2018.

século XX; iniciativas que, tal como ocorreu com a atividade médica de Clinton Thomas, ainda não são conhecidas pela historiografia.

A riqueza da metodologia da história oral tem muito a oferecer para novas pesquisas no Médio e Baixo Amazonas, não só sobre os bispos e pastores presidentes, mas também sobre inúmeros aspectos da atuação das prelazias e das nascentes igrejas não católicas.

2.3 Um médico “na época lá que não tinha pra onde correr”

Discutimos sobre as iniciativas médico-missionárias de católicos, batistas e adventistas no espaço geográfico de nossa pesquisa. Observamos semelhanças entre as ações, que poderiam até ser pensadas em relação a Clinton Thomas em Urucará, como o papel dos recursos estrangeiros e das alianças sociais e políticas, mas uma diferença importante se encontra. Os católicos estrangeiros empregavam diversos religiosos em sua variedade de atividades da área da saúde e até traziam equipes externas para atender às necessidades da população do interior do Amazonas; os adventistas logo dispuseram de novos barcos e lanchas para os atendimentos e mais profissionais além dos Halliwell; apesar dos batistas terem iniciado apenas com os trabalhos de Lessa, com o tempo puderam investir em mais profissionais e equipamentos; mas e quanto a Clinton Thomas?

Ao mesmo tempo em que observamos as similaridades, precisamos privilegiar as peculiaridades da história,⁴⁰⁶ ou seja, indagamos como se deu a experiência médica de Clinton Thomas no Baixo Amazonas, reconhecendo a “considerável margem de liberdade” por ele exercida a partir “das incoerências dos confins sociais”, que suscitaram “a mudança social”.⁴⁰⁷ Contextos e comparações são importantes, mas “a especificidade das ações de cada indivíduo não pode ser considerada irrelevante ou não pertinente”.⁴⁰⁸

Segundo consta, pastor Clinton realizou seus atendimentos sozinho ao longo de toda a sua trajetória. Os narradores não identificam outros colaboradores nas ações médicas, pelo menos não de forma duradoura. Dessa forma, ele começou e terminou sua carreira de “um médico bom mesmo” sozinho, sem construir instalações ou treinar continuadores de sua atividade.

Teodomiro Sicsú chegou a Urucará alguns anos depois dos Thomas; ele presenciou o vazio na área da saúde e, a partir desse ponto, descreveu a conjuntura de necessidades da cidade:

⁴⁰⁶ Levi, 2006, p. 175.

⁴⁰⁷ *Ibid.*, p. 182.

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 182.

“uma época difícil aqui, que não tinha médico, né, pastor ele ia pra Manaus, buscar remédio, e ele às vezes consultava as pessoas, mesmo não sendo médico, né”. Tornando-se morador da cidade no final da década de 1970, sua memória alcança a busca dos moradores pelas práticas médicas do pastor Clinton no dia-a-dia: “eu me lembro que tinha fila na casa dele, até onze horas, meio-dia, pessoas lá, para receber uma consulta e o remédio também, né?”.⁴⁰⁹

Tomé Thomas, terceiro filho do missionário, confirma que as consultas eram realizadas “de manhã até meio-dia”. Havia “fila de pessoas”, que “ocupava bastante tempo” do pastor Clinton. Na residência da família, “ele tinha um consultório em casa, as pessoas vinham... com muitos, muitos problemas né, de coceiras, feridas”. Além disso, “pessoas que não podiam chegar em casa ele ia visitar na casa deles, como ferrada de arraia, assim, que eles não podiam andar, ele ia tratar eles na casa deles”. Levava “desinflamatório, essas coisas pra ajudar a pessoa a se recuperar né”.⁴¹⁰ A figura 8 nos ajuda a visualizar parte desses atendimentos, que ocorriam na casa do líder religioso. A imagem, retratando a aplicação de algum remédio líquido em uma criança, ajuda a perceber como as mais simples ações sanitárias do norte-americano podiam ser indispensáveis para o bem-estar dos moradores de Urucará.

Figura 8: Clinton Thomas atende criança na porta de sua casa, [197-?].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

⁴⁰⁹ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁴¹⁰ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

Mário Falabella, que estava presente no dia que os Thomas chegaram a Urucará, rememora sobre a atuação médica do pastor Clinton: “ele começou a atender na própria casa né, ele chegou já foi fazendo uma casa e começou a atender as pessoas, porque ele conseguia remédio de graça”.⁴¹¹ Logo,

[...] as pessoas o procuravam, sentindo alguma coisa e ele tinha seus conhecimentos e acabava dando remédio e ajudando as pessoas, né, que não tinha médico no interior. Nesse tempo era muito carente de médicos, até mesmo de enfermeiros e técnicos, não tinha nada, e... ele dava uma de doutor, né?⁴¹²

Sua narrativa indica a ausência de profissionais e de medicamentos na cidade, sugerindo que o pastor Clinton era o único com esses recursos, por isso “ele dava uma de doutor”.

Dona Maria Auxiliadora, revisitando a atuação médica do seu pastor, aponta que “ele visitava a gente, ele tinha uma farmaciuzinha, ele dava remédio para gente, assim, a gente se sentia doente, ia lá”. Conforme ela, Clinton “servia muito a gente, o povo daqui. Ele era o médico daqui”; suas lembranças também foram as únicas a descrever que trabalho semelhante já fora executado por outro sujeito na cidade: “antes dele o seu Eustáquio Libório, também um senhor que era tabelião, e ajudava a gente, ninguém tinha médico, ninguém tinha nada, né, era só mesmo a graça de Deus, a benção de Deus que a gente tinha”.⁴¹³

A figura 9, uma das inúmeras registradas pela família em Urucará, retrata o pastor realizando atendimento a um homem ferido na perna, na segunda metade da década de 1970, como deduzido pela placa acima dos dois sujeitos na imagem.

⁴¹¹ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁴¹² Mário Rosário Falabella, 2019.

⁴¹³ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

Figura 9: Clinton Thomas cuida de homem ferido, [197-].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

Aurimar Terço rememora as dificuldades da área da saúde em Urucará, mesmo em situações consideradas mais simples, e como Clinton Thomas era indispensável para a população: “por exemplo, tudo que ocorria aqui, no município, não tinha... o local era ir pra lá, o horário que você chegasse lá, por exemplo, alguém cortado, tinha um corte, um acidente ou alguém estava com uma febre alta, ou tava com uma malária, corria para lá, para ele”. Em sua memória, “geralmente ficava com as filas de manhã e ficava atendendo. Você chegava lá, batia lá na casa dele, aí ele ia lá, abria a porta e aí ele dava a medicação, eu não sei como é que vinha, eu acho que doavam para ele, dos Estados Unidos, sei que ele chegava lá e dava a medicação”. Além de atendimentos, “ele inclusive chegava a acompanhar pacientes graves, quando iam encaminhada daqui de Urucará para Itacoatiara, que era o principal polo onde já tinha uma condição melhor de saúde, ele acompanhava dando aquela assistência, tal, até chegar lá e depois retornava”. Em resumo, conforme o colaborador, Clinton Thomas “fazia o atendimento diário e ainda contribuía, ainda doava os medicamentos”.⁴¹⁴

⁴¹⁴ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

Conforme o processo de rememoração de Aurimar Terço, o atendimento do missionário Clinton Thomas transcorria principalmente na sede municipal. Contudo, também abarcava o interior: “o interior que ele viajava, que dava uma assistência, era São Sebastião [do Uatumã], que era um distrito nosso, entendeu? E algumas comunidades mais assim, com a população maior, próxima mais”. A frequência aos interiores era menor devido a seus outros compromissos na cidade: “porque, além disso, ele ficava como mecânico, atendia outras coisas, né, aí ele priorizava mais a cidade, onde concentrava maior população”.⁴¹⁵

Timóteo recordou uma dessas viagens, quando questionado sobre o início de uma igreja em São Sebastião: “nós começamos ir lá distribuir remédio [...] nós íamos um dia por semana”. Explicou detalhes da viagem e como participavam dessa distribuição de remédios no interior de Urucará:

Geralmente eu ficava na proa, porque quando a gente subia tinha que indicar se tinha um pedaço de madeira, alguma coisa, aí vai para direita ou para esquerda, depois assim, então eu ficava na frente, aí tinha essa grande caixa de remédio e o papai ficava atrás, às vezes meu irmão Teodoro vinha, alguma coisa assim, dependendo de quem estudava de manhã e quem estudava a tarde aqui no Ramalho Júnior né.⁴¹⁶

Como indicado pela pesquisadora francesa Véronique Boyer, os barcos missionários são essenciais no fortalecimento da presença das igrejas evangélicas na Amazônia, graças às suas intervenções pontuais junto aos moradores espalhados por seus rios.⁴¹⁷ Ainda que o barco com medicamentos de Clinton Thomas não tenha alcançado a proeminência ou as décadas de serviço das lanchas e barcos adventistas, batistas, ou ainda das missões Asas do Socorro ou PAZ, investigadas por Boyer, ele faz parte de uma estratégia mais ampla que continua alcançando cidades pequenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e aldeias, nos interiores do Amazonas e Pará, no contínuo processo da expansão evangélica na região Norte.

A figura 10 indica o pastor Clinton, em um barco, no porto de São Sebastião do Uatumã, naquele momento parte do município de Urucará, e nos permite visualizar a mala de madeira que carregava, levando medicamentos a serem administrados aos moradores dos interiores do rio Amazonas.

⁴¹⁵ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁴¹⁶ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴¹⁷ BOYER, Véronique. Les bateaux missionnaires en Amazonie brésilienne. *Études rurales*, 165-166, p. 33-52, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudesrurales/8000>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Figura 10: Clinton Thomas em viagem para São Sebastião, com sua mala de madeira com medicamentos, [197-?].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

A narrativa de Dona Alcilene sobre as ações de pastor Clinton na área da saúde confirma tanto sua falta de formação, quanto a dependência do trabalho dele: “ele não era médico, médico formado né, mas era a única pessoa que entendia desse tipo de coisa e ajudava as pessoas”. Desvela sua observação das práticas do missionário:

[...] ele levava pra casa dele lá, pra fazer tipo a consulta né, consultava, medicava eles, dava a medicação, ele ajudava com medicação mesmo; ele ia nas casas quando chamavam ele, ele ajudava lá, aquelas suturas pequenas assim ele fazia, ele mesmo fazia, então ele atuava bastante nesse sentido.⁴¹⁸

Assevera a extrema carência da população, suprida por Clinton, o qual por isso recebia confiança dos moradores, já que *não tinha para onde correr*. Reconhece, assim, a excepcionalidade daquelas práticas, de um sujeito que não era um profissional habilitado, o qual no presente seria impedido dessas atividades:

⁴¹⁸ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

[...] mas antes não, que era tudo ele; o pessoal confiava tanto, acreditava tanto, acho que pela fé deles já dava tudo certo né. Porque se fosse hoje não iam permitir né, que ele não tinha uma formação de médico, mas na época lá que não tinha pra onde correr, não tinha hospital, não tinha nada.⁴¹⁹

A excepcionalidade da experiência missionária na Amazônia, marcada pelas carências na segunda metade do século XX, também atingiu diretamente o missionário norte-americano. Timóteo demarca como Clinton precisou cuidar até de si mesmo em um momento de extrema necessidade, quando não havia dentista na cidade:

Ele encheu o próprio dente dele, nós enchemos aqui, estão falando contra o mercúrio hoje, o papai quebrou esse dente, aí ele disse, “não tem dentista aqui”, ele disse, “tu vai ter que ajudar a remendar meu dente aqui”, aí ele pegou um prego, ele temperou, ele martelou para ficar duro, temperado que chama, aí ele tinha um *dime*, que é moeda de 10 centavos dos Estados Unidos que era feita de prata puro, aí ele tirou aquela prata com lima aqui na oficina e tinha mercúrio, totalmente proibido.⁴²⁰

Timóteo reconhece os perigos do mercúrio para a saúde, mas aponta que seu pai não encontrou outra solução e, por isso, precisou da ajuda dos filhos para realizar a operação caseira:

[...] ele fez a mistura, ele disse, “agora vocês tem que me ajudar” e era eu e o Teodoro. E o Teodoro é para segurar o espelho assim e o papai ia cavando no dente dele e eu era para bombear com a bomba de bicicleta em cima para ter ar porque doía tanto que não tinha anestesia e a mamãe estava tão nervosa e era pra ficar, para ajudar, aí o papai cavou o próprio dente dele aqui, aí encheu lá e eu com a bomba e ele tapou em cima lá, tudo.⁴²¹

Essa experiência se deu nos primeiros anos da família em Urucará, ainda na década de 1960. Timóteo rememora que o tratamento de Clinton Thomas conseguiu resolver o problema do dente, até o tempo que viajaram aos Estados Unidos e o missionário buscou um profissional:

Quando nós fomos para os Estados Unidos, em 1969, nós fomos no doutor [...] que era o dentista lá, aí ele perguntou quem é que tinha feito, porque ele achou interessante, mas estava bom, aí o papai disse, “foi eu que fiz isso aí”, ele disse, “não, não é possível”, aí o papai explicou para ele e até o papai tirar os dentes e ficou aquele lá. Foi bem aqui que ele encheu o dente dele e a gente ajudou. Isso que era, a gente tinha que fazer as nossas coisas, não tinha apelo para pedir ajuda, então ou você faz ou fica para trás.⁴²²

A narrativa do Dr. Timóteo Thomas resgata as dificuldades da vida missionária no interior do Amazonas, das ausências de profissionais na cidade, e de como Clinton tentava

⁴¹⁹ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴²⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴²¹ *Idem.*

⁴²² *Idem.*

contornar essas necessidades. Seu relato, outra vez, indica como ele também participou das experiências familiares, não apenas as ouviu, e como “a gente tinha que fazer as nossas coisas, não tinha apelo para pedir ajuda, então ou você faz ou fica para trás”.⁴²³

Outro exemplo do início da atividade missionária em Urucará é a história do senhor Paulo Serrão, um acontecimento singular que deu significado ao trabalho médico de Clinton Thomas para a população:

Tinha um senhor que parece que ele adquiriu a lepra, aquela doença, hanseníase né, e pessoal tinha nojo, inclusive os filhos do doente eles davam comida parece que por um buraco na porta, alguma coisa assim, para essa pessoa, porque eles tinham nojo de chegar lá e achando que iam pegar doença, e seu Clinton foi o único que foi lá, entrou, pegou a rede do homem que estava lá sabe quantos anos suja, levou pra lavar todinho, trouxe, cuidou do homem, o homem ficou bonzinho. Essas histórias assim que a gente ouviu muito né.⁴²⁴

A doença conhecida como *lepra* ajuda a iluminar a imbricação entre indivíduo, sociedade e doença.⁴²⁵ O doente era um homem estigmatizado, pois a representação social da doença, *lepra*, era de uma carga simbólica extremamente negativa, a qual estava em discussão, sendo resignificada em *hanseníase*,⁴²⁶ inclusive na narrativa de nossa colaboradora. A exclusão e o isolamento dos doentes, práticas milenares, começam a se transformar na segunda metade do século XIX, depois que o agente causador foi identificado e a “a doença deixou de ser somente uma referência bíblica para se tornar alvo das políticas públicas”.⁴²⁷ Além disso, “a lepra se torna visível para a ciência e para as políticas públicas, não sendo mais possível somente isolar os doentes numa massa desconhecida e uniforme, mas surgiu a necessidade de conhecer os casos e produzir um determinado conhecimento sobre esse grupo social”.⁴²⁸

Antônio Souto Loureiro, médico e acadêmico, discorre sobre a hanseníase no Amazonas, afirmando que ela se torna uma das piores doenças na região em consequência das imigrações de nordestinos para o trabalho na borracha. O autor afirma que “seu diagnóstico colocava toda a família contra o médico, e passava a recorrer aos charlatães e às panaceias, esquecendo os aconselhamentos de higiene e facilitando a sua propagação”.⁴²⁹ Desde o início

⁴²³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴²⁴ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴²⁵ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do *et al.* O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças”. *Khronos: Revista de História da Ciência*, São Paulo, nº 6, p. 31-47, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/31122>. Acesso em: 30 nov. 2020.

⁴²⁶ Nascimento *et al.*, 2018, p. 39.

⁴²⁷ SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. A história da política de controle da hanseníase no Estado do Amazonas. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar *et al.* (org.). **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 74.

⁴²⁸ *Ibid.*, p. 76.

⁴²⁹ LOUREIRO, Antônio José Souto. A chegada da hanseníase no Amazonas. **Veredas Amazônicas**, Porto Velho,

do século XX, houve medidas de isolamento para pessoas doentes em Manaus, mas era extremamente limitado o internamento, pois a falta de recursos impedia o abrigo às centenas de amazônidas que buscavam a colônia de hansenianos.

Em 1968, Loureiro, que era diretor do Serviço Estadual de Lepra, analisou sete mil fichas de doentes cadastrados ao longo de trinta anos. Segundo ele, naquele momento, havia mais de cinco mil doentes no estado e “as regiões mais atingidas correspondiam às de produção extrativa de borracha”.⁴³⁰ Foram esses dados que levantaram sua hipótese da influência das migrações no aumento dos casos no Amazonas. Segundo Schweickardt:

A tese dos médicos do Amazonas era que a doença surgiu no Amazonas com a migração de pessoas doentes de outros estados e países. A maior parte dos migrantes chegou entre 1885 e 1910, quando a economia da borracha estava em alta. Nesse período, não havia uma estrutura de serviços de saúde no interior, dificultando ainda mais o acompanhamento dos doentes em seus locais de moradia.⁴³¹

Na área delimitada como Zona do Médio Amazonas, que englobava municípios das atuais regiões do Baixo e Médio Amazonas, havia 471 doentes, dos quais 16 estariam em Urucará, então com menos de sete mil habitantes.

Esse período se enquadra na fase que Schweickardt caracteriza como a de isolamento compulsório em leprosarias e colônias, que vai de 1930 até a política nacional do fim do isolamento em 1978. Destaca-se que apenas na década de 1940 houve avanços quanto a medicamentos eficazes contra o bacilo. O autor ainda aponta o papel do SESP e da FSESP no combate a doenças, incluindo a hanseníase, prevista desde os primeiros acordos, em colaboração com o Serviço Nacional de Lepra; a construção da coordenação estadual no Amazonas, da qual Loureiro foi diretor, fez parte desse convênio. Contudo, as mais conhecidas instituições para o cuidado dos hansenianos desse período no Amazonas foram a Vila Belisário Penna, com pacientes desde 1931 e encerrada entre 1965 e 1967, e a Colônia Antônio Aleixo, funcionando desde 1942 e desativada em 1979.⁴³²

Nesse contexto, não se deve descartar a possibilidade de os familiares terem buscado assistência para Paulo Serrão anteriormente, mas talvez não tenham encontrado meios de levá-lo para tratamento em Manaus ou vaga para a internação. Considerando a escassez de medicamentos e de profissionais em Urucará, já que Clinton Thomas foi quem forneceu e

v. 5, n. 1, jan./jul. 2019, p. 7. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/view/4684>. Acesso em: 31 jan. 2021.

⁴³⁰ Loureiro, 2019, p. 9.

⁴³¹ Schweickardt, 2017, p. 87.

⁴³² Cf. o texto de Schweickardt (2017), útil para a compreensão da história e das políticas públicas e de saúde para o tratamento de pessoas com hanseníase no Amazonas.

ministrou remédios a Paulo Serrão, a falta de esperança dos familiares na recuperação do homem torna-se compreensível, refletindo as limitações da saúde na região.

Conforme discutido anteriormente, esse episódio de Paulo Serrão foi um dos primeiros da atuação médica do pastor no município: “naquele espaço, temporal e geográfico [...] o conhecimento sobre a *lepra* era pouco ou inexistente, quer sobre sua transmissão, quer sobre seu tratamento, e nesse vazio científico o homem doente já fora tomado como morto antes mesmo de falecer”.⁴³³ Os familiares, que o consideravam perdido mesmo antes da morte, foram atrás de um caixão:

Foi nesse ínterim que contataram Clinton Thomas, cuja intervenção aparece como salvadora da vida do homem, mas também evoca a antiga representação religiosa da *lepra* como sinônimo de maldição ou pecado – é o missionário o responsável pelo cuidado do enfermo.

Por isso, é possível perceber que o missionário assume protagonismo, como um agente da modernidade, ao levantar-se contra os preconceitos arraigados; seria um indicativo do seu projeto civilizador na cidade.⁴³⁴

Diante da ajuda do pastor a Paulo Serrão, os moradores, “logo que viram a recuperação, acho que começaram a confiar no trabalho do papai né, ajudando as pessoas”.⁴³⁵ Os cuidados oferecidos por Clinton Thomas ao homem estigmatizado pela doença, além do acolhimento da nascente comunidade da Igreja de Cristo, e mesmo o encaminhamento para continuar o tratamento em Parintins, “ajuda a mostrar à população a disposição do pai [Clinton] em ajudar alguém doente, bem como o papel da igreja em estar com ele toda semana, desvelando a presença religiosa como participante e inclusiva”.⁴³⁶ Como lembra dona Alcilene, “essas histórias assim que a gente ouviu muito”.⁴³⁷

Parece necessário realçar que, em Parintins, Eduardo Lessa teve experiências similares com doentes de hanseníase:

[...] uma colônia de hansenianos muito grande em Parintins, e meu pai tinha que tratá-los, e não tinha médicos, meu pai mandava buscar remédio e eles vinham todos os dias na nossa casa, chegavam, ficavam na calçada ali, cerca de trinta pessoas meu pai atendendo, a minha mãe ficava desesperada... eu era criança e ela tinha medo né? Esse contato muito grande, porque ainda havia um estigma muito grande com relação a hanseníase naquela época e meu pai tinha um contato direto com eles, examinando, atendendo, sentando junto com eles, trazendo comida, dando comida, remédio para eles. Até que veio um padre, Irmão Francisco, e assumiu esse trabalho, onde montou uma ilha, chamada Ilha da Paz, e lá os hansenianos, o pessoal que tinha hanseníase

⁴³³ Bezerra, 2024, p. 170.

⁴³⁴ *Ibid.*, p. 170.

⁴³⁵ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴³⁶ Bezerra, 2024, p. 171.

⁴³⁷ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

era levado para lá e praticamente separado, porque já estava num estado terminal a maioria deles, foi quando meu pai os encontrou assim. E o Pastor Clinton também fazia o mesmo tipo de trabalho lá, e foi esse tipo de trabalho que abriu as portas para que houvesse uma aceitação deles nos dois pontos. Pastor Clinton em Urucará e meu pai aqui. O atendimento, a ajuda às pessoas, né, eles passavam... durante domingo eles estavam nos cultos, fazendo os cultos, mas durante a semana toda era uma vida dedicada à comunidade.⁴³⁸

Suas memórias sobre a atuação do pastor Lessa corroboram o alto número de doentes na região e a necessidade de cuidado deles; logo, diante da inexistência de alternativas médico-sanitárias, coube ao pastor batista importar-se com o cuidado e o tratamento deles, mesmo diante dos estigmas da doença, como também ocorreu em Urucará com pastor Clinton. A diferença dos trabalhos foi a intervenção católica em Parintins, que promoveu outras formas de cuidado aos hansenianos. Seu processo de construção de memória conecta os dois líderes religiosos em suas cidades, enquadrando o trabalho religioso e o trabalho de saúde em Parintins e em Urucará como “uma vida dedicada à comunidade”.

Quando retomamos os relatos de Timóteo Thomas, observamos como seguem na direção de novos tempos que seriam trazidos pelos missionários. Ao comentar sobre o que considera superstições locais, Timóteo rememora:

[...] é quando nós viemos aqui tinha negócio de pajé, negócio de macumba, por exemplo botar macumba aqui, aí disseram pro papai, “ei, seu Clinton, vão jogar maldade em ti hein”, [risos], “te mandam lá o negócio”, o papai “o quê?!”, tinha as botas de couro desse tamanho, [levanta], ia lá, “tá rindo de quê”, aí diziam, “ah, te amaldiçoar”, “mas eu não eu não acredito nessas coisas”. Então, o que que é aquilo fez? De uma maneira, meus pais confrontaram essa superstição e quebraram muito daquela superstição.⁴³⁹

Sua narrativa ressalta as relações entre os estrangeiros e as crenças populares, de um universo rico de encantamentos e práticas da religiosidade tradicional, o que provavelmente abarca as artes e ofícios de curar próprias do mundo amazônida.⁴⁴⁰ Tal perspectiva sugere o contrário de Torres Neto, em cuja interpretação “o espírito da Amazônia se amalgama no *modus vivendis* do missionário na Amazônia e não o desencanta, mas o reencanta”,⁴⁴¹ tornando-o,

⁴³⁸ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁴³⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁴⁰ Cf. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Anfiteatro da Cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 273-304; SOUZA, Sérgio Roberto Gomes de; PACHECO, Agenor Sarraf. Saberes médicos e outras artes de curar na Amazônia: conflitos e ambiguidades (1890-1910). **Jamaxi**, Rio Branco, v.5, n. 1, p. 98-116, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/5925>. Acesso em: 23 out. 2024.

⁴⁴¹ Torres Neto, 2019, p. 141.

assim, “uma gente da Amazônia”.⁴⁴² No caso de Clinton Thomas, contudo, as crenças locais parecem não atingi-lo, não tocam em sua mente protestante e científica; por isso, Timóteo Thomas afirma que, “de uma maneira, meus pais confrontaram essa superstição e quebraram muito daquela superstição”, evidenciando um processo de enfrentamento e superação do que classificava como *superstição*.

Como exemplos, alude a falas ouvidas de um trabalhador de seu pai,

[...] que está fazendo aquela casa lá, ele disse para mim, “ah, se beber café e pisar na água fria, então você vai ficar doente”, aí diz “isso aqui”, aí pegava um canecão e bebia, a gente ia pular na água, aí dizia “não, é doutro jeito, se pular na água”. Tá, então vamos lá, voltar aqui e beber um caneco de café, aí ficava olhando. Aí tem esse negócio de comer manga, com isso... bom, de fato pode ser que tem alguma coisa química, mas muito era só superstição, né?⁴⁴³

Sua narrativa também nos recorda a realidade encontrada pelos agentes do SESP e da FSESP nos interiores, quando as normas e padrões ensinados e exigidos pela instituição não eram suficientes para lidar com as crenças e culturas locais.

Conforme o narrador, tais crenças populares atrapalhavam os moradores e foram combatidas pelos missionários. A ciência parece chegar com os Thomas, com seus conhecimentos e medicamentos:

[...] então de uma maneira, nós quebramos essa superstição com remédios, que dizia que era espíritos mal, esse negócio assim, que o papai “não, que precisam é uma injeção de benzetacil e aí você vai ficar sarado”. Então, duma forma, a missiologia, muitas vezes, seculariza, então, como acreditamos que Deus criou o mundo e tem leis naturais, de uma certa forma nós secularizamos as pessoas aqui. Ele tem luz, a gente não ora pra luz, a gente pega lá tomada e acende, né? Que parece natural para nós, mas para muitas pessoas aqui... então, nós tiramos muito daquele misticismo, superstição, nós secularizamos.⁴⁴⁴

Tal narrativa, no que parece paradoxal, conecta a atuação de um missionário com um avanço científico na cidade de Urucará, indicando a superação do “misticismo” e da “superstição”, em uma perspectiva de secularização. Timóteo Thomas parece reverberar a concepção das missões protestantes do século XIX, onde alinham-se protestantismo e modernidade, contrapondo-se ao catolicismo, demarcado como signo de atraso e superstição. Portanto, o missionarismo protestante representaria o progresso, e este aos moldes norte-americanos.⁴⁴⁵ Para isso, sua inserção no Brasil, como agente da modernidade, seguia o ideal

⁴⁴² *Ibid.*, p. 164.

⁴⁴³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁴⁴ *Idem.*

⁴⁴⁵ Cf. discussão no primeiro capítulo de Bezerra (2024).

de “educar, curar e salvar”.⁴⁴⁶ Timóteo vislumbra a atuação da família dentro desses parâmetros: “Mesmo que a maioria do povo não agradece, a Igreja de Cristo com a mensagem de Cristo mostrou o caminho da salvação e iniciou desenvolvimentos sociais e econômicos nesta região de Urucará”.⁴⁴⁷

Nosso colaborador demarca “a ética da medicina”, com os resultados da medicina missionária; aponta que, “quando nós chegamos aqui, o papai calculava que mais ou menos, aqui, São Sebastião, Santana, tudo é um município né, que tinha 200 mortes infantil por ano. Onde vinha sarampo, catapora”, e em cenário tão desastroso, as pessoas não sabiam cuidar das grávidas ou dos recém-nascidos.⁴⁴⁸ Exemplifica mais uma vez, comparando os desconhecimentos daquela conjuntura com o privilégio dado à injeção antitetânica:

Aqui quando nós chegamos todo mundo chamava “um santo remédio”, era uma injeção antitetânica. Todo mundo aqui antitetânica. Achavam que era um santo remédio, porque uma pessoa tomou ficou bom, aí “então se ficou bom, todo mundo vai ficar”, então todo lugar tão dando antitetânica pra todo mundo, mesmo que não tem nada a ver com tétano.⁴⁴⁹

Portanto, “nessa parte aí com remédio, nós ajudamos as pessoas com simples remédio”. Explica que Clinton Thomas não se apresentava como médico: “o papai não era médico, nunca falou que era médico, não teve curso formal de medicina, eram as pessoas que vinha aqui. É o que o doutor Tancredo ensinou para ele lá em Macapá. Ele fazia o que chama ‘remédio tropical’”. Diante disso, Timóteo compartilha as memórias do aprendizado de seu pai quando serviu como missionário da Igreja de Cristo no Território Federal do Amapá:

Por exemplo, quando vinha alguém tinha corte de terçado, hospitais e tal diz pra saturar, mas o Tancredo disse para o papai “você vai ter muitas infecções, vai perder muitos braços aí com gangrena, você não tenta saturar, você faz, você o esparadrapo, dobra, corta aqui, aí abre”, e é chamada borboleta, então a gente vem aí ele fica fininho e ele abre de novo. Agora, ele deixa uma cicatriz maior, mas dá pra drenar.⁴⁵⁰

Um dos problemas médicos mais comuns, conforme relata Timóteo, envolvia acidentes com arraias, peixes cujo ferrão venenoso é extremamente doloroso:

Quantas pessoas ferradas de arraia vem aqui, até um homem batendo a cabeça dele, “ai, me mata, me mata, me atira, me mata”, e papai dizia “você não pode deixar sarar

⁴⁴⁶ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

⁴⁴⁷ Thomas, 1981 p. 2.

⁴⁴⁸ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁴⁹ *Idem*.

⁴⁵⁰ *Idem*.

em cima, tem que empurrar gaze”. E eu lembro lá, que eu segurava as pessoas, eu que fervia as agulhas aí nesse fogão, e aí tinha que empurrar gaze dentro daquele buraco para que não sarasse fora, para que ele drenasse. Coisa simples, não é?⁴⁵¹

Tomé Thomas também rememorou outros casos que demonstram a assistência médica do pai: “E outro era uma vítima de onça em Castanhal que a onça mordeu um homem que arriou fundo... aqui que rasgou. E outro, vítima de terçado, papai ajudando, porque não tinha hospital, nem médico naquele tempo”. Diante de tantas necessidades, “qualquer coisa as pessoas corriam com ele naquela época”.⁴⁵² Como resultado de todas as mudanças trazidas pelos Thomas, “então, por causa disso diminuiu as mortes, sobre ética médica, de 200 para 50”.⁴⁵³

Dona Alcilene Gama narra as experiências pessoais e familiares com o médico não oficial da cidade. Lembra dos cuidados do pastor com seu pai, de quem era muito amigo: “E o meu pai teve uma ferrada de arraia. Lavando juta. Pisou numa arraia e pegou infecção muito forte. Parece que afetou o tendão e alguns médicos que tavam tratando dele, achavam assim que tava muito difícil de curar aquele ferimento”. Para ela, “quem abaixo de Deus cuidou mesmo do papai foi seu Clinton”. Em sua memória, avalia o trabalho do missionário como vital para a saúde do pai: “meu pai andava de pontinha de pé com aquela ferrada de arraia. Sei que ele cuidou muito, ele mesmo ia lá, ele mesmo fazia os curativos. Dava os remédios, e graças a Deus ele ficou bom”.⁴⁵⁴

Dona Alcilene também teve sua experiência no vazio de atendimento médico na cidade:

[...] eu lembro que eu caí lá na praça do banco, eu tinha uns sete anos de idade, minha mãe disse, eu tava brincando lá, e caí lá de cima, uma menina me empurrou, eu caí em cima dessa vara, que eles colocam pra amarrar canoa, que entrou na minha perna assim que foi rasgando a pele até no osso, e não tinha um médico, não tinha anestesia, não tinha nada! Costuraram com fio de linha mesmo!⁴⁵⁵

Diante dessa situação, “minha mãe correu lá com ele, que era pra fazer esse curativo”, contudo, “ele não estava nesse tempo”; a solução dada para o ferimento provavelmente veio do posto do SESP: “aí me levaram lá pra uma casinha de saúde que era só uma portinha, é só o que eu me lembro né; aquela correria de um lado pra outro, ela disse que costuraram com linha de costura porque não tinha né. E é só isso”.⁴⁵⁶

Dona Alcilene demarca a busca dos moradores pelo pastor:

⁴⁵¹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁵² Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁵³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁵⁴ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴⁵⁵ *Idem.*

⁴⁵⁶ *Idem.*

[...] eu me lembro muito dele assim com frequência andando naquela lambretinha na rua, visitando as casas, as famílias, porque tudo que acontecia “chama o Seu Clinton”, “fulano tá doente, chama o Seu Clinton”, né, então são essas lembranças que eu tenho assim, bem viva dele.⁴⁵⁷

Mesmo sem formação médica, o missionário que fazia trabalhos na área de saúde procurava se atualizar. Dona Auxiliadora afirma que “ele conhecia, porque ele lia muito, ele conhecia as doenças. O pessoal contava o que tava sentindo, aí ele ia no livro, lá, o remédio, e quando ele tinha pra dar, ele dava”.⁴⁵⁸ Sua filha, dona Soliege, também não consegue precisar a formação dele, “eu não sei se ele foi enfermeiro, nunca, nunca ouvi falar né, mas ele atendia as pessoas chegavam doentes, chegavam lá, explicavam pra ele o que estava sentindo, ele ia pegava o remédio, ele dava o remédio”.⁴⁵⁹ Tomé Thomas, ainda que não tomasse parte nas memórias compartilhadas sobre os aprendizados do pai em Macapá, como fez Timóteo, propôs três fontes de conhecimentos médicos: “a mãe dele era enfermeira. Então ele tinha os livros, estudava antes de vim... era um dom de Deus que ele tinha”.⁴⁶⁰ Assim, os aprendizados familiares, os aprendizados nos livros, e a capacidade divina atribuída ao missionário, tornaram possíveis os milhares de atendimentos em Urucará ao longo das décadas.

Outro pastor e médico não oficial atuando nas proximidades no mesmo recorte temporal, também aproveitou os cursos que fizera no exterior para atender às necessidades da saúde parintinense:

Meu pai durante certo tempo aqui em Parintins, ele era o médico da cidade, não tinha médicos. E meu pai ele tinha feito curso de enfermagem e o curso de paramédico, iniciou em Cuba, ele foi para lá para aprender realmente e isso ajudou muito, isso abriu as portas, porque não havia aceitação aqui por questão religiosa, não havia aceitação assim também com pastor Clinton também passou por uma barreira bem forte ali também em Urucará, além de ser alguém que não era da região, do país...⁴⁶¹

Graças a seu conhecimento e práticas, o brasileiro Eduardo Lessa superou aos poucos as barreiras religiosas, “abriu as portas”, negociando sua permanência por meio de atendimentos médicos. Ele igualmente distribuía remédios e cuidava das mais diversas questões de saúde, transpondo o serviço religioso em ações médicas:

É, através das ações sociais, ele trazia remédios de fora, ele distribuía remédios... como não tinha médico, em terra de cego que tem um olho é rei né? Então, ele que era o médico aqui e alguns médicos que passavam pela região, ele ajudou a fazer

⁴⁵⁷ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴⁵⁸ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

⁴⁵⁹ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁴⁶⁰ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁶¹ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

amputação até de pernas, eu consegui ver... conheci pessoas que ele fez isso. [...] E uma das coisas engraçadas que eles vinham muito atrás, além do remédio para hanseníase que meu pai dava, era remédio pra vermes e vitaminas. A alimentação era muito pobre, era mais a farinha e o peixe na época aqui, então isso também levava as pessoas a necessitar... e eles sabiam disso, e isso era uma das procuras bem grande era através disso aí. Antibióticos, sabe, remédio para dor, remédio pra dor de dente.⁴⁶²

Além disso, eram similares as necessidades da população em questões sanitárias, dores e ferimentos:

E quando a nossa água sobe e nossa água baixa tem esse problema da diarreia, que dava em crianças e em pessoas idosas, e meu pai tinha sempre que manter o estoque bem grande desses remédios para ser ministrado, porque era problema sério né? E também muito reumatismo também, porque as pessoas também trabalhavam muito tempo dentro da água por causa do plantio da juta. Pessoas ferradas de arraia constantemente na casa do meu pai, pessoas com ferrada de arraia, picada de cobra né? Esse tipo de situação, meu pai tratava diariamente... aliás era manhã, tarde e noite meu pai trabalhando com isso aí.⁴⁶³

Dessa forma, havia problemas que poderiam parecer menores aos olhos de alguém de fora, mas para os moradores do interior do Amazonas, eram de vital importância, tanto em Urucará, quanto em Parintins, envolvendo seu cotidiano com o mundo do trabalho e das águas.

Os colaboradores não souberam determinar como Clinton Thomas conseguia os remédios que doava. Segundo Mário Falabella, “ah, não sei, acredito até que parte ele comprava um pouco né; quando não, ele medicava e pedia”, mas tem suas memórias dos atendimentos: “se fosse uma injeção, ele mesmo aplicava né, tinha aqueles, suas técnicas, que era meio grosseira, né, porque... pelo menos ele tinha o conhecimento, né... tinha que preparar seu bracinho, que a porrada era segura”.⁴⁶⁴ Alcilene Gama assinala: “eu só sei que ele sempre tinha, pra tudo que era dor, tudo que era ferimento, tudo que era doença, eles iam lá, sempre ele tinha uma pílula para dar para essas pessoas”.⁴⁶⁵

Dona Maria Auxiliadora identificava as viagens a Manaus como origem: “ele ia pra Manaus sempre, né. Ele tinha amizade lá por Manaus, com algum médico, governador eu acho, os conhecidos, deputados, sabe lá, né. Ele arrumava e trazia para dar pras pessoas”.⁴⁶⁶ Na mesma direção segue a narrativa de Renato Vieira, que, apesar da proximidade com o pastor ao longo dos anos, também não soube precisar a origem dos remédios, mas acreditava que a fonte seria de algum membro do governo em Manaus:

⁴⁶² Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁴⁶³ *Idem*.

⁴⁶⁴ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁴⁶⁵ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴⁶⁶ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

Esse remédio ele conseguia parece que era com o governo mesmo que ele falava, é... aí, não sei bem se era com o governo, ou ele tinha outro amigo que podia arrumar pra ele né, porque ele trazia muito remédio quando ele ia em Manaus. Trazia muito, e aí chegava aí ele dava e quando acabava ele ia buscar de novo, eu acredito - ele, ele nunca me falou como ele conseguia esse remédio né, mas eu acredito que só pode ser pela parte do governo, né. Pois é.⁴⁶⁷

Teodomiro Sicsú também identifica alguém em Manaus como remetente dos remédios: “era remédios de amostra grátis que ele pegava... de Manaus, eu acho. Remédio de amostra grátis”. Nas memórias do presbítero da Igreja de Cristo, “o pessoal gostava, né. Tinha gente que preferia ir com ele que ir pra hospital às vezes. Que era difícil, tinha médico, tinha um lá, em vez de madrugar pegar uma consulta, preferiam ir lá”. O narrador também recorda das práticas de Clinton no cuidado da saúde: “consultava na base do sintoma: o pessoal falava o que tava sentindo e aí dava um remédio, e dava certo, né, dizia como era pra tomar, aí. Eu mesmo às vezes peguei remédio com ele, precisava ia lá. Remédio que ele dava era bom”.⁴⁶⁸

Porém, nem sempre o pastor Clinton tinha o remédio necessário para doar ou podia atender à necessidade dos moradores. Dona Auxiliadora afirma que, se não tivesse o medicamento, “se a gente podia comprar, a gente comprava. Quando não, ele dava o dinheiro pra gente comprar”. Ela não apenas corrobora que o pastor Clinton “ajudava pra ir pra Manaus”, como recorda que foi uma das pessoas que ele auxiliou nessa área. Segundo ela, após uma queda que sofrera, quando “fiquei sem andar, depois lá, pessoa dizia que era desmentidura. Eu sei que foi lá uma senhora me puxou, ele me dava remédio também, aí ele disse que eu devia ir pra Manaus, ver se nessa queda não tinha ofendido algum osso”. Nessa situação, “ele deu, ajudou a gente com a passagem. Nós fomos. Eu e meu marido. Mas graças a Deus, não era nada”.⁴⁶⁹

Tomé Thomas aponta que o limite das habilidades médicas do Pastor Clinton se devia a falta de melhores condições de trabalho na cidade: “a cirurgia ele não podia fazer porque não tinha condições, mas se tivesse alguém com corte, ele tinha que costurar pra enviar pra Itacoatiara né.” Ainda assim, ele ajudava “do jeito que podia”. Tomé narra episódios, com duas vítimas de afogamento, onde seu pai seria mais útil que médicos profissionais:

[...] duas pessoas que basicamente faleceram, ele conseguiu trazer de volta. Uma foi uma vítima afogada, já estava em cima da mesa com vela ao redor, e ela é viva até hoje [...] E outro era... o filho do prefeito [...] foi uma queda de moto que bateu a cabeça e ele ficou em coma, trinta dias... mas o coração dele parou no hospital. E o papai passou mertiolate na ferida aberta, deu um choque que voltou... a bater o coração

⁴⁶⁷ Renato Braga Vieira, 2018.

⁴⁶⁸ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁴⁶⁹ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

né... basicamente a doutora Semíramis mesmo naquele tempo já tinha, é descartado ele... como falecido.⁴⁷⁰

O atendimento médico de pastor Clinton é também uma “memória sagrada”, a qual alicerça “o todo da existência do ator religioso”.⁴⁷¹ Por isso, Tomé, filho de missionários, credita a Deus a atuação de seu pai: “era um dom que é difícil de explicar né”. Continua explicando todo o trabalho efetuado pelo pai a partir da visão religiosa, e por esse “dom”, afirma a validade dos cuidados médicos: “Porque quando Deus tem um trabalho pra demonstrar Ele usa certas pessoas [...] Pode ser considerado um milagre né, mas, ele não levava o crédito assim. Ele fazia o necessário para ajudar as pessoas”.⁴⁷²

No rememorar de seu Renato Vieira, a confiança para com o trabalho médico de Clinton Thomas parecia inabalável: “ele era o médico daqui da cidade, médico bom, muito bom, se ele aplicasse um remédio pra pessoa podia dizer, ia ficar bom mesmo”. Também para atestar que, independentemente de tensões com autoridades, discutidas no capítulo seguinte, “o povo aqui gostava muito dele porque ele era um médico bom mesmo, muito bom, então o povo gostava, era gente todo dia ali, ó, na fila, e ele atendendo”. Contudo, era preciso atender os acordos não escritos com o pastor, conhecido por seu temperamento: “é, ele só não atendia fora de hora, na hora que não era hora de ele atender, colega... hum, nem fosse lá, [risos] ele gritava com o pessoal, ele era assim, pois é”.⁴⁷³

Dona Soliege alude ao fato que, mesmo com o hospital em funcionamento, “todo dia ele visitava o hospital, todos os dias ele visitava pra ver como estavam”.⁴⁷⁴ Nas palavras de Teodomiro Sicsú, “aí depois, quando vieram os médicos, ele parou, ele reconheceu que tinha chegado o momento dele parar com esse trabalho, aí. Ele continuou as visitas, ele visitava o hospital, visitava as casas dos irmãos, né”.⁴⁷⁵ Dessa forma, as práticas médicas de pastor Clinton foram limitadas pela presença de profissionais enviados pelo Estado, não havendo mais margem autorizada que permitisse a esse sujeito estrangeiro não profissionalizado atender os moradores de Urucará.

Aurimar Terço nos ajuda a compreender a coexistência entre Clinton Thomas e os serviços de saúde do Estado, a partir do momento em que ele não era mais a principal frente de

⁴⁷⁰ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁷¹ HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **Cadernos CERU**, São Paulo, série 2, v. 19, n. 2, dez. 2008, p. 61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11857>. Acesso em: 24 set. 2019.

⁴⁷² Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁷³ Renato Braga Vieira, 2018.

⁴⁷⁴ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁴⁷⁵ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

atendimento à população. O colaborador nega problemas entre o missionário e funcionários da saúde, “porque sempre não era o suficiente”. Logo, “geralmente não tinha, os serviços públicos não eram a contento”, então “sempre ele tava ajudando”; com o tempo ele teria direcionado sua atuação: “aí sim nessa parte, quando chegou mais, que foi implantado na cidade, aí ele se direcionou mais para algumas pessoas do interior”. As memórias da população, de tantos anos de recursos de Clinton Thomas, o mantiveram sendo alvo da procura para situações de doenças: “e como já era uma rotina, muita gente já tinha aquela segurança, confiava no trabalho dele, e muita gente continuava indo [na casa], embora tendo hospital”. Colaborava para tal confiança, no *médico bom mesmo*, as narrativas do cuidado de Clinton: “e nunca, por exemplo, eu tive alguma notícia de que algum medicamento, algum serviço médico dele, tivesse sido prejudicial a alguém... ou ocorrido um erro médico, alguma coisa assim. Nunca tive notícia”.⁴⁷⁶

Mário Falabella confirma que “o povo, tem isso, né. Mesmo com médicos, apesar de procurarem médico, acabavam procurando o pastor, porque você acaba criando aquela história, de que ele é bom, que ele faz isso, então às vezes atendia sim”. Porém, “depois um pouco, foi caindo, né?”, mas continuou por algum tempo: “ele atendeu praticamente até ir embora de Urucará; sempre tinha alguma pessoa, ele atendendo né, seja lá para que fosse né, qualquer outra coisa não... não só em medicina, como outras coisas, né”.⁴⁷⁷

Com a instalação do hospital, conforme dona Soliege,

[...] ele foi deixando mais, né, porque as pessoas já foram, os gestores né, foram pedindo pra ele deixar, também ele não tivesse formação né, aí foi deixando mais, mas ele ia no hospital, ele visitava lá, até que chegou um tempo que ele parou de uma vez, ampliaram mais.⁴⁷⁸

Aurimar afirma que Clinton não foi impedido de prestar serviços médicos, mas com o tempo cessou essa atividade: “ele parou de atender, mas, foi por questão física, ele começou por conta da idade né, a esposa viajou e ele ficou com a idade, ficou um pouco debilitado, e ele teve que viajar para os Estados Unidos”.⁴⁷⁹

Considerando a relação entre o médico autodidata e o serviço público de saúde, o processo de construção de memória de dona Alcilene Gama expõe os acordos para a coexistência:

⁴⁷⁶ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁴⁷⁷ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁴⁷⁸ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁴⁷⁹ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

Inclusive quando o doutor Taumaturgo veio assumir aí, que é um médico que passou alguns tempos, alguns anos aí, ele foi até prefeito da cidade né, ele foi pedir para o seu Clinton parar de atender o povo na casa dele, porque fizeram lá o hospital, mas o povo não queria ir para hospital, já iam direto com o seu Clinton, que eles confiavam nele, eles confiavam que eles iam sair de lá bem; então ele foi lá e fez uma proposta para ele, ele disse “olha o senhor tá proibido de atender qualquer pessoa aqui na sua casa”, aí ele dizia que não sabia o que podia fazer, porque o povo ia lá atrás dele né, o que que ele podia fazer, ele não podia mandar embora assim a pessoa que chegava lá pedindo ajuda. Aí ele disse “então bora fazer o seguinte, vamo fazer diferente, o senhor vai lá para o hospital e o senhor dá assistência lá perto da gente, aí vai estar o pessoal que é o profissional mesmo e já, o senhor já ajuda por lá”; e parece que foi assim que ele foi desacostumando mais o pessoal.⁴⁸⁰

Dona Maria Auxiliadora alude que a idade e a condição física do pastor, somadas ao desenvolvimento das organizações governamentais na área da saúde, afastaram Clinton Thomas dos atendimentos, se reservando apenas às visitas domiciliares: “depois que apareceu, fizeram uns postos, hospital aí, ele não trabalhou mais. Com doentes. Ia visitar, quando tava doente, ia visitar, mas não tinha mais remédio pra ajudar”.⁴⁸¹

A narrativa linear apresentada por Timóteo Thomas demarca as mudanças da atuação médica do pai. Segundo ele, “essa década de 70 até 80 foi também marcante”, primeiramente, pela “diminuição da nossa participação em remédio”.⁴⁸² O missionário aponta a diferença entre aquilo que é elogiado pelos moradores de Urucará e o que era, a seu ver, o mais importante para eles e a real causa da permanência de Clinton Thomas na cidade:

Dos anos 60 para 70, o papai era conhecido como “nosso médico aqui da cidade”, você pergunta de pessoas velhas, pergunta do Clinton, a primeira coisa que eles vão fazer – o que é triste para mim – em vez de falar da Bíblia, eles vão dizer “ah, esse era o nosso médico”. E uma das razões, não é por querer ser melhor tal, é que o papai nunca perdeu um caso médico aqui.⁴⁸³

Dessa forma, ao dialogar com as memórias dos mais velhos, Timóteo Thomas configura sua memória sob um teor religioso; ou seja, ela é “de outra ordem, é memória sagrada a embasar o todo da existência do ator religioso”.⁴⁸⁴ Sua interpretação da trajetória paterna recorre apenas ao ator religioso, aquele que segue uma orientação missionária, “falar da Bíblia”. Porém, para os demais participantes dessa experiência missionária, os moradores de Urucará, a representação de Clinton Thomas como médico é a que prevalece, como “a primeira coisa” a ser rememorada. Assim, a memória social recai sobre a figura do “nosso médico”.

⁴⁸⁰ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁴⁸¹ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

⁴⁸² Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁸³ *Idem*.

⁴⁸⁴ Huff Júnior, 2008, p. 61.

As memórias entram em disputa, mas o missionário não escapa a concordar com a valorização dos aspectos médicos da missão norte-americana em Urucará, pois “o papai nunca perdeu um caso médico aqui”. Ele demarca as ocorrências à procura de seu pai: “vamos dizer, morreu gente daqui, mas as coisas que o papai [atendeu], mordida de cobra, pessoas cortando o pé com o machado, anzol que tava pendurado, arpão na perna”.⁴⁸⁵

O caso do arpão é melhor explicado; antes da presença de Clinton na cidade, “por exemplo, um que [estava ferido com] um arpão na perna e o costume aqui era dar cachaça para pessoa, amarrar no esteio e quinze homens puxavam a corda e ia arrancando com tudo”. Em determinada ocasião, nas proximidades da casa da família, Clinton Thomas encontrou um homem com arpão fincado em suas costas, em um contexto onde “não tinha transporte para Manaus, para Itacoatiara, para Parintins”, ou seja, o homem não teria condições de ser atendido na cidade e extrema dificuldade para se deslocar a outras cidades.⁴⁸⁶ Além disso, Timóteo indica o receio dos moradores com o tratamento médico em outras localidades:

[...] as pessoas ficavam horrorizadas em falar Itacoatiara, porque tinha um doutor lá que morreu um paciente dele com infecção. Então, se você tinha um corte aqui, de cortar teu dedo, ele nem tentava tratar isso aqui; se você tinha um corte aqui, cortaram uma mão, então onde era atrás as pessoas não queriam ir para Itacoatiara de jeito nenhum, porque eles diziam “vai para Itacoatiara, só volta cotó lá”.⁴⁸⁷

Encontrando o homem ferido nessas condições, “então o papai veio aqui, ele pediu para nós reunir e disse, ‘vamos orar, porque se errar um pouquinho, corta veia, vai morrer, vai morrer’. Aí o papai foi lá, ele conseguiu, não cortou a veia, o homem melhorou, andou”; diante disso, uma foi a reação dos moradores e outra a reelaboração do trabalho de enquadramento de memória⁴⁸⁸ de Timóteo: “‘Puxa’, aquilo todo mundo, ‘nosso médico’, e nós não viemos para ser médico, nós viemos para evangelizar, para fazer missões, né?”.⁴⁸⁹ É importante constatar como o colaborador não apenas compartilha memórias familiares, mas se insere na prestação do serviço médico, o que lhe legitima para discordar da importância única dada a esse aspecto.

Se Clinton Thomas era “nosso médico”, por que a busca a ele diminuiu? Timóteo Thomas também remete à instalação do hospital da SUSEMI, o qual representa um Estado mais presente: “mas de qualquer maneira, quando chegou hospital aqui, em 1973, o governo é basicamente sufocou a gente, mesmo que a gente não queria fazer, vinha 80 pessoas aqui todo

⁴⁸⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁸⁶ *Idem.*

⁴⁸⁷ *Idem.*

⁴⁸⁸ Pollak, 1989.

⁴⁸⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

dia, todo santo dia, vinha 80 pessoas aqui para ser atendidas”. Se dezenas de pessoas buscavam o norte-americano diariamente, o colaborador frisa que todos eram atendidos: “E nós demos remédio para todas essas pessoas. E eles queriam mais injeção do que pílula, se você desse pílula, pastilha, iam lá no quintal faziam assim, jogavam no capim; agora se desse injeção, santo remédio! Então aquela parte foi diminuindo”.⁴⁹⁰

Os anos de trabalho médico de Clinton Thomas justificaram sua aceitação pela população e sua permanência na memória da cidade. Como elucida Tomé Thomas, mesmo que a população fosse profundamente católica,

O papai foi bem aceito, porque nos anos 60 e 70 ele era uma pessoa que ajudava a comunidade em geral, tanto faz católico ou da Igreja de Cristo. E na ajuda mecânica e também na ajuda que não tinha hospital. O papai era a única pessoa, naquele tempo, que podia correr pra ele.⁴⁹¹

Conforme compara o professor Eduardo Lessa Júnior, “houve várias situações” de perseguição ao seu pai em Parintins e “o pastor Clinton também passou algumas tensões religiosas de não aceitação”, mas ao fim, “os dois souberam contornar, tanto o pai com uma situação mais extrema, quanto o Pastor Clinton ali, souberam contornar e ganhar”.⁴⁹² Ao “contornar e ganhar” o apoio popular por meio das ações sociais extrarreligiosas, os líderes religiosos não católicos conseguiam superar barreiras e perseguições, assegurando sua permanência nas cidades do Amazonas:

[...] até porque a própria população, apesar de algumas lideranças não aceitarem a presença deles, mas a população passou a necessitar da presença deles e isso... fez com que houvesse uma aceitação. Independente dos líderes, que aceitarem ou não aceitarem, sabe, houve essa aceitação por parte, porque em pouco tempo passou não só a necessidade, mas uma dependência deles também, parte da população também passou a uma dependência deles, nisso ajudou bastante.⁴⁹³

Logo, se verifica como a “dependência” dos moradores do Amazonas, dos serviços dispensados pelos religiosos, favorece a aceitação da presença estranha – que é não católica e, por vezes, estrangeira – e facilita a inserção religiosa e o desenvolvimento das novas igrejas.

Entretanto, a posição de Clinton Thomas, assumindo um lugar no vazio das falhas do Estado com a saúde dos amazonenses, não apaga problemas, como deixou revelar Tomé Thomas em nossa primeira entrevista: “Sempre tem, a diferença de quem está certo ou errado

⁴⁹⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁴⁹¹ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁹² Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁴⁹³ *Idem*.

[...] Mas se você precisa ajuda de alguém, você não vai brigar com aquela pessoa”. Se o colaborador não enumera essas diferenças ou as tensões que surgiam, rapidamente confirma a aceitação do pastor norte-americano: “Sim, ele era aceito... porque ele ajudava em outras áreas, além da igreja”. Segundo ele, as autoridades da cidade apoiavam o trabalho de seu pai, “porque todo mundo precisava dele. Se ele doava o tempo dele ninguém ia empatar ele né [...] tanto faz prefeito, policial, todo mundo confiava nele, no trabalho dele”.⁴⁹⁴

O professor Eduardo Lessa afirma que, dentre as perseguições que seu pai sofreu, houve tentativas de assassinato, e ao pensar em Clinton Thomas, contextualiza:

[...] mas o pastor Clinton também passou algumas tensões religiosas de não aceitação. Mas todos os dois souberam contornar, tanto o pai com uma situação mais extrema, quanto o Pastor Clinton ali, souberam contornar e ganhar... até porque a própria população, apesar de algumas lideranças não aceitarem a presença deles, mas a população passou a necessitar da presença deles e isso... fez com que houvesse uma aceitação. Independente dos líderes, que aceitarem ou não aceitarem, sabe, houve essa aceitação por parte, porque em pouco tempo passou não só a necessidade, mas uma dependência deles também, parte da população também passou a uma dependência deles, nisso ajudou bastante.⁴⁹⁵

Em seu trabalho de enquadramento de memória, não se apagam as tensões sofridas pelos religiosos no Baixo Amazonas, mas expressa como “souberam contornar e ganhar” a tolerância e mesmo o respeito, principalmente “porque em pouco tempo passou não só a necessidade, mas uma dependência deles também, parte da população também passou a uma dependência deles, nisso ajudou bastante”.

As memórias sobre os remédios distribuídos por Clinton Thomas nos permitem uma comparação com seu colega na cidade próxima. Eduardo Lessa Júnior sinaliza a importância do laboratório pertencente a familiares no estado do Rio de Janeiro e das doações de remédios:

Então ali meu avô e depois substituído por um primo meu, sobrinho do meu pai, então eles mandavam amostra grátis, colhiam de outros laboratórios amostra grátis e nas farmácias e tudo mais, tinham esse acesso, e mandavam muitas caixas de remédio para o meu pai. Meu pai distribuía esse remédio, sabe?⁴⁹⁶

Se voltarmos à questão dos problemas enfrentados na narrativa de Tomé, foram as relações encetadas pelo missionário norte-americano que permitiram o seu atendimento médico, a começar pelos remédios. Mesmo que os demais colaboradores não soubessem a origem dos medicamentos, os filhos informaram que um médico amazonense ajudava o pastor:

⁴⁹⁴ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁹⁵ Eduardo França Lessa Júnior, 2021.

⁴⁹⁶ *Idem*.

“Só tinha o doutor João Lúcio que dava amostra grátis pra ele, medicamentos, em Manaus”.⁴⁹⁷

Dessa forma, podemos afirmar que os dois missionários no Baixo Amazonas, recorriam à estratégia semelhante de usar amostras grátis, conseguidas nas relações com profissionais da saúde, destinando esses medicamentos àqueles que não os conseguiam, por mais simples que fossem, no interior do Amazonas.

Enquanto as redes familiares foram vitais na doação de medicamentos ao pastor Lessa em Parintins, os filhos de pastor Clinton indicam a importância da amizade de seu pai com o médico João Lúcio, que dá nome a um hospital em Manaus.⁴⁹⁸ Conforme Tomé Thomas, era ele quem “dava assim, medicamentos pro papai trazer, distribuir aqui pro pessoal”, garantindo a doação ao Baixo Amazonas.⁴⁹⁹

Em um dos poucos temas em que a construção de memória de Timóteo não alcançou maiores detalhes, ele não sabe quando Clinton e João Lúcio se conheceram, mas conecta a relação com às necessidades médicas de Urucará:

Eu não sei qual foi o primeiro contato, mas aqui quando vinham e tinha um caso que era além de nós, então nós encaminhava. Primeiro para o Eduardo Lessa e depois, eu não sei aonde foi o exato momento não é, mas nós encaminhava pessoa para Manaus. Então um dos doutores que começou aceitar era o doutor João Lúcio. O doutor João Lúcio, ele era o perito, não um dos, ele era o perito de tórax e peito [...]⁵⁰⁰

Como já discutido, quando o cuidado médico de Clinton Thomas não era suficiente, ele encaminhava doentes e feridos para onde havia recursos, cidades próximas ou para a capital. Nisso, estabeleceu contato com um médico, apontado como “o perito”, ou seja, um profissional extremamente qualificado: o doutor João Lúcio Pereira Machado.

Conforme Timóteo, a aproximação entre seu pai e o médico foi viabilizada pelo conhecimento de armas de Clinton Thomas. Como veremos adiante, a técnica armeira do missionário foi importante para a construção de suas relações na cidade de Urucará e além. Quanto a João Lúcio, Timóteo rememora uma visita deles a casa do médico, onde Clinton levou uma pistola fabricada em Urucará:

⁴⁹⁷ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁴⁹⁸ O médico amazonense João Lúcio Pereira Machado (1933-1998) estudou em Niterói e se especializou em cirurgia torácica, entre outros cursos. Em Manaus, trabalhou em diversas instituições, inclusive como diretor, em estabelecimentos de saúde como o Hospital Getúlio Vargas e o Hospital Geral Adriano Jorge. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia até poucos dias de sua morte. Também foi professor na Faculdade de Medicina da UFAM. Em sua homenagem, o Governo do Amazonas deu seu nome ao pronto socorro na Zona Leste de Manaus, inaugurada no ano de sua morte. Cf. MACHADO, Gabriel. O legado de Dr. João Lúcio Machado. **Informativo CREMAM**, ano XIV, n. 33, jul./ago. 2015, p. 7. Disponível em: <https://cremam.org.br/images/stories/informativo/07-08-15.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025.

⁴⁹⁹ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵⁰⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

Eu fui na casa dele quando era pequeno papai fez um revólver a mão, ele fez aqui, era do *flint* [pederneira, em língua portuguesa], era do tempo da guerra revolucionária [guerra de independência dos Estados Unidos] que usa uma pedrinha, então era uma réplica e das pistolas dos 1700 por aí. O papai fez, eu lembro dele fazendo aqui, ele fez todas as partes do ferro, aí levou lá para o João Lúcio. Ele deu lá para o João Lúcio [...]⁵⁰¹

Nessa relação com as armas, típica de décadas passadas, Clinton e João Lúcio fortaleceram sua amizade. Segundo Timóteo, o médico também tinha temperamento difícil, “mas por quê que ele gosta do papai? Era as armas, as armas, por isso que te falei, as armas nos deram mais contatos do que quase todas as coisas”. Ele explica que “não era arma para matar, era só para qualidade de armas”,⁵⁰² então, provavelmente, Clinton atendia o desejo de colecionador do médico amazonense, e assim forjaram uma relação que beneficiou os doentes de Urucará e região.

Tomé também lembra de conhecer o médico pessoalmente: “fui na casa do doutor João Lúcio quando o papai ia lá no escritório dele... e ele fez cirurgia de hérnia quando eu tinha seis anos, ele fez, em mim”. Clinton Thomas “ia em Manaus, numa base de uma vez por mês, fazer compras e ia visitar o doutor João, sempre tinha um estoque de remédio para mandar pra ele”.⁵⁰³

Participando desses encontros, Timóteo nega que todos os remédios vinham de João Lúcio Machado: “Ah, ele dava alguns remédios, sacos de remédio, mas não era a maioria, a maioria de remédios nós compramos”, inclusive durante as viagens para o país de origem, “sim a gente trazia alguns remédios dos Estados Unidos, mas não dava para dar para toda a população principalmente o carregamento, né”. Diante disso, as doações do médico eram vitais para o trabalho de saúde em Urucará: “Doutor João Lúcio dava o que era amostra grátis, que ele recebia de farmacêuticos essa coisa toda, mas sobretudo remédio de verme esse negócio, a gente comprava lá nas farmácias” próximas ao porto de Manaus.⁵⁰⁴

Timóteo delimita as doações, mas sem deixar de reconhecer a importância, nem dos remédios em si, nem do ato da doação pelo doutor João Lúcio. Como os remédios vinham de amostras grátis que o médico recebia, a quantidade de produtos não era tão grande: “ele não vai poder dar as caixas cheias, ele pode dar uma amostra grátis que ele recebeu. E então ele era generoso, mas ele não deu assim é, toneladas de remédio né”. Timóteo reconhece o papel do médico, tanto na doação de remédios para o interior, quanto no atendimento a pessoas de Urucará, marcando assim a relação do missionário e do médico como indispensável para o

⁵⁰¹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁰² *Idem*.

⁵⁰³ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵⁰⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

trabalho de Clinton: “nessa parte o doutor João Lúcio ele foi generoso, papai encaminhou dezenas de pessoas para ele daqui para lá, muitas pessoas receberam tratamento do doutor João Lúcio que eles nunca teriam recebido”.⁵⁰⁵

Ao concluir este capítulo, frise-se que o pastor Clinton Thomas, enquanto provedor de serviços de saúde, não aliava a pregação religiosa aos cuidados básicos. Durante as consultas – em sua casa ou em outros lugares –, segundo os narradores, ele se limitava apenas ao atendimento médico. Não fazia orações, não entregava literatura evangélica, nem realizava tentativas proselitistas. Também não foi um “curador” ou um pregador de milagres; pelo contrário, seus dois filhos apontam a rejeição de Clinton Thomas ao pentecostalismo e às suas práticas de culto. Seu trabalho foi à luz da interpretação protestante tradicional sobre as doenças: o recurso à ciência. Isso explicaria o esforço missionário em promover medicamentos, tratamentos, condições sanitárias e aconselhamentos.

Tal postura do pastor Clinton, inclusive, demarca a diferença entre a Igreja de Cristo e as denominações recém-chegadas a Urucará, que criticavam a primeira igreja não católica naquele campo religioso. Tomé relata que, por diversas vezes, ouviu comentários negativos sobre a igreja na qual cresceu, sendo esta comparada às pentecostais: “chamaram a Igreja de Cristo de uma igreja morta [...] falaram pra mim que eu não tenho o Espírito Santo porque eu não falava em línguas. Eu acho que eles não entendem a Escritura né”.⁵⁰⁶ O reconhecimento dessa tensão por parte de Tomé Thomas sugere o quanto as críticas das demais igrejas podem ter abalado o trabalho missionário dos Thomas e contribuído para o apagamento do líder religioso pioneiro.

Entretanto, isso não impede que as ações assistenciais também sejam justificadas pelo mundo religioso. Alguns narradores marcaram os atendimentos médicos como dádiva divina: “mas antes não, que era tudo ele; o pessoal confiava tanto, acreditava tanto, acho que pela fé deles já dava tudo certo né”.⁵⁰⁷ Interpreta-se que, apesar de não ter os conhecimentos próprios de uma formação superior em medicina, “era um dom de Deus que ele tinha”.⁵⁰⁸ Márcia Liberal aponta que tais ações de instituições religiosas permanecerão existindo enquanto “a sociedade não for capaz de atender a contento às necessidades sociais da população, em especial, da população carente”.⁵⁰⁹

⁵⁰⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁰⁶ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵⁰⁷ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁵⁰⁸ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵⁰⁹ LIBERAL, Márcia Mello Costa de. Religião, Identidade e Sentido de Pertencimento. *In*: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, Universidade de Coimbra, 16-18 set. 2004. *Anais [...]*, Coimbra, 2004, p. 12. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciadeLiberal.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

Em reconhecimento a essas ações do fundador da Igreja de Cristo, pela Lei Municipal nº 01, de 23 de maio de 2005, foi “criado Programa de Saúde da Família, posto localizado na sede do município passa a denominar-se MR. CLINTON BENJAMIN THOMAS”.⁵¹⁰ É curioso que a lei não demarca o papel religioso de Clinton Thomas, o chamando de *Pastor*, mas sim pelo tratamento respeitoso comum na língua inglesa, *Mister*. A figura 6, no começo desse capítulo, mostra Dona Felícia na frente da UBS assim nomeada; porém, na pintura, vemos o nome *Pastor Clinton* em evidência na parede. Igualmente, na UBS Fluvial, apresentada na figura 7, identifica o nome completo e o adjetivo que o missionário norte-americano era conhecido, *Pastor Clinton Benjamin Thomas*.

Ao fim, constatamos a importância das práticas médicas de Clinton Thomas no município de Urucará, definido como “um médico bom mesmo” “na época lá que não tinha pra onde correr”. Mas esse espaço ocupado pelo estrangeiro gerou tensões, silenciadas ao longo do tempo, especialmente com os reconhecimentos recentes, depois que a memória e os mais velhos vão sendo esquecidos pelas décadas. Conforme algumas acusações de um importante líder político de Urucará, os atendimentos médicos podiam ser usados para fazer política, o que levou a embates e a denúncias.

⁵¹⁰ Santos, 2022, p. 116. Tal se deu durante a administração do prefeito Antônio Taumaturgo Caldas Coelho, ex-médico na cidade, e vice-prefeito Valmir Fernandes Guimarães.

3 MAIS DO QUE ALTO-FALANTES: MUDANÇAS, INOVAÇÕES E TENSÕES NA URUCARÁ DA DITADURA

O terceiro capítulo ilumina as transformações na Urucará dos anos 1960 a 1980 e as tensões produzidas pela presença do protestantismo norte-americano, do catolicismo progressista e das relações sociopolíticas no tempo do regime autoritário, entre a ditadura e a redemocratização, também conhecido como Quarta República.⁵¹¹ É o período de intensa atuação de Clinton Thomas no município, e as representações e tensões advindas dessas práticas nos ajudam a compreender as relações e conflitos com lideranças e autoridades de Urucará.

O missionário norte-americano parece ser representado como um agente de *mudanças*, que ultrapassa os aspectos religiosos do “homem branco que vinha trazer um evangelho”.⁵¹² Além da medicina, à qual dedicamos o capítulo anterior, a mecânica, a política e a economia, são constantes que retornam nas memórias da década de 1970. Essas transformações parecem apontar para a atuação na “organização coletiva da sociedade”.⁵¹³ Logo, buscamos investigar algumas das ações de Clinton e família na cidade, assinaladas como “inovações que pessoas nunca viram antes”.⁵¹⁴ Na economia ou na política municipal, parece aos colaboradores “que Deus abençoou Urucará com a vinda do pastor para cá”,⁵¹⁵ em um contexto de profundas transformações nas cidades da Amazônia,⁵¹⁶ mas não se negam os problemas: “política você tem que estar de um lado ou de outro, se você não está... de acordo com o prefeito, você se torna um contra né, inimigo... e já que ele não participava na política, sempre perseguiram ele”.⁵¹⁷

Segundo Basílio Tenório, “a cidade de Urucará vinha tendo pouco desenvolvimento demográfico e progresso administrativo, até mais ou menos 1960 [...]. Entretanto, dessa época em diante houve um razoável desenvolvimento”.⁵¹⁸ Esse avanço tem destaque principalmente na segunda metade da década, entrando em uma crescente ao longo dos anos. Podemos distinguir que esses anos são marcados principalmente pelos governos de Pedro Falabella, transcorridos durante a ditadura. O autor não menciona Clinton Thomas em sua história, mas ele seria outro sujeito demarcado nessa conjuntura, como indicam as narrativas orais. Se a

⁵¹¹ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização – Quarta República (1964-1985)**. Coleção O Brasil Republicano. Volume 4. 9. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

⁵¹² Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵¹³ Liberal, 2004, p. 12.

⁵¹⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵¹⁵ Teodomiro Farias Sicsú Filho, entrevista realizada em 19 de dezembro 2018, em sua residência, em Urucará/AM. Entrevistador: César Aquino Bezerra.

⁵¹⁶ Haller *et al.* 2000; Vicentini, 2004.

⁵¹⁷ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁵¹⁸ Tenório, 2016, p. 41.

cidade, em sua história política, estava em transformação, as investidas do missionário em diversas áreas da sociedade urucaraense fornecem um plano de fundo para compreender a ameaça que ele parece oferecer. Mesmo sendo alguém disposto a “atender o povo”, as tensões não tardaram a aparecer, sendo muito mais do que simples barulho de alto-falantes.

A estrutura desse capítulo inicia pelas inovações que são enumeradas como tendo a participação de Clinton, principalmente a partir da narração de Timóteo, como economia e política; passando pelas relações e tensões que o pastor experimentou na cidade, como o (ou a falta de) envolvimento com determinadas autoridades e a atuação mecânica como fator de aproximação. Por fim, analisaremos o relatório do SNI com as denúncias que Pedro Falabella fez sobre o pastor, desvelando essas tensões com o “americano, pastor e agitador”.

3.1 “Inovações que pessoas nunca viram antes”: as mudanças de Urucará com a chegada dos Thomas

O regime imposto após o golpe de 1964 reescreveu a política brasileira através dos atos institucionais (AIs), ocasionando cassações de mandatos, eleições indiretas para a presidência e governadores, dissolução do pluripartidarismo e aumento dos poderes do Executivo Federal, entre outras medidas autoritárias. No início de 1966, estavam articulados, em uma ilusão democrática, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), como base de sustentação do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), reunindo a oposição permitida. Também no Amazonas, as lideranças políticas que antes pertenciam a outros partidos – e não perderam seus direitos políticos – se organizaram nos dois novos partidos. Nesse reordenamento, conforme César Queirós, à Arena se juntaram principalmente aqueles que foram oposição ao trabalhismo de Plínio Coelho e Gilberto Mestrinho; contudo, alguns antigos membros do PTB também ingressaram no partido do governo, indicando a possibilidade da adesão para evitar represálias do regime autoritário e mesmo para a obtenção de ganhos pessoais. O MDB amazonense contou com uma renovação maior de quadros saindo candidatos, mas a Arena teve uma significativa vitória nas eleições gerais de 1966.⁵¹⁹

Urucará, não sendo considerada uma área de segurança nacional, experimentou as primeiras eleições municipais durante a ditadura em 1968: “veio em 68, uma grande mudança, uma grande mudança porque era ano de eleições em Urucará e afetou a igreja diretamente até

⁵¹⁹ QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. “Faz escuro, mas eu canto”: história e historiografia sobre ditadura militar no Amazonas. In: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz (org.). **Historiografia amazonense em perspectiva**. Manaus: Editora Valer, 2020.

o dia de hoje; e afetou Urucará também até o dia de hoje”.⁵²⁰ Essa “grande mudança” foi a eleição de Pedro Falabella, na qual o missionário Clinton Thomas teria desempenhado um importante papel, o que reverberaria ao longo dos anos, como veremos.

Nas memórias compartilhadas de Timóteo Thomas, naqueles anos, um adolescente, a situação da cidade não era das melhores: “Urucará tava tão corrupto e tanto no escuro, faziam tudo para fiscal não passar aqui; se viesse fiscal do governo, tentavam embriagar e botar num barco para Parintins, não tinha comarca aqui para fazer qualquer coisa judiciária e era muito fechada Urucará”.⁵²¹ Essa narrativa parece recorrer a alguns argumentos usados por defensores do novo regime de 1964, demarcando a corrupção de governos e políticos e a necessidade de uma intervenção forte para sanar essa conjuntura. Os Thomas não seriam políticos no sentido tradicional do termo, mas, considerando o retorno da História Política, não nos prendemos “a uma definição estreita do político, que o isolasse das outras dimensões da vida coletiva e dos outros aspectos da existência individual”.⁵²² Assim,

[...] a [nova] história política - e esta não é a menor das contribuições que ela extraiu da convivência com outras disciplinas - aprendeu que, se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.⁵²³

No processo de construção de memórias do Sr. Thomas, em resultado de práticas da família, “os comerciantes viraram contra nós, porque nós fomos os primeiros de introduzir uso de dinheiro por produto em Urucará”. Antes, “aqui era sistema de patrão, patrão até para matar outras pessoas, o papai é que parou esse negócio de matar outras pessoas em 1966, é porque nós não podíamos concordar com isso, nem humanamente claro, não pela Bíblia”.⁵²⁴ Naquelas décadas, no começo da segunda metade do século XX, o sistema da juta continuava gerando lucro aos patrões e usando a mão de obra dos camponeses e ribeirinhos amazonenses; Arenilton Serrão e Geize Almeida, em Urucará, e Everton Vieira, em Parintins, apontam como a experiência da juta foi marcada por relações de exploração e subjugação.⁵²⁵ O colaborador

⁵²⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵²¹ *Idem*.

⁵²² RÉMOND, René. Por uma história presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 35.

⁵²³ *Ibid.*, p. 35-36.

⁵²⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵²⁵ Cf. Almeida, 2018; Serrão, 2018; VIEIRA, Everton Dorzane. A maldição da juta na Amazônia: história e memória de trabalhadores rurais de uma comunidade amazônica. **Manduarisawa**: Revista Discente do Curso de História da UFAM, Manaus, v. 7, n. 2, p. 61-81, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/13414>. Acesso em: 12 jun. 2024.

relembra que, “se você era de um patrão e você fosse vender um regatão, aí eles te marcavam, te matavam”. Demarca as violências até mesmo com um “poste lá que eles amarravam pessoas, até foi 1955, e cortava o que chama bunda né, glúteo, nas máximas e botava sal; então isso aí é um fato registrado, isso não é um fado”.⁵²⁶ Em todas as violências ouvidas ou testemunhadas, ele aponta que “Sr. Clinton também se pôs ao lado do oprimido quando aparecia ‘mortos de afogamentos misteriosas’ no médio da década sessenta (60)”.⁵²⁷

Nessas relações de trabalho pautadas na desigualdade, conclui que “Urucará era muito dominado, era dominado pela dívida, se plantava juta, devia, aí trazia juta no fim do ano e sempre faltava. Era eterno dívida, nunca saía de dívida”.⁵²⁸ Nessa conjuntura, Timóteo Thomas enuncia problemas financeiros nos primeiros anos da família na cidade:

Quando nós viemos aqui em 1965, meu pai começou a mudar o cenário, a grande custa a nós, porque a inflação chegou a ser 2000% por ano, então, dos cruzeiros e novo cruzeiro, então a nossa perda era muito extensa porque nós íamos para Manaus, basicamente tinha três 3 meses, 900 dólares, o papai trocava lá em Manaus. Então todos aqueles meses não, não evoluía, tinha devolução, de 2000% por ano.⁵²⁹

Os norte-americanos sofreram episódios de intolerância religiosa naqueles primeiros tempos, inclusive com a recusa de lhes venderem alimentos, e, por isso, precisaram recorrer à caça e à pesca para a subsistência. Também havia a escassez de bens: “naquele tempo você podia ter, era cruzeiro naquele tempo né, você podia ter dois milhões de cruzeiros e você não achava uma bolacha em Urucará. E faltava trigo”, bem como “sempre tinha no fim do ano, faltava gás, faltava açúcar, faltava tudo essas coisas”.⁵³⁰ Os dólares foram essenciais para a permanência dos imigrantes:

Para resolver esse problema, Clinton Thomas realizava viagens a Manaus. Mencionamos que os missionários seriam sustentados pela ajuda financeira da igreja local do Colorado que os enviara; destarte, como os recursos que vinham eram na moeda norte-americana, “cada três meses, papai subia para Manaus para destrocá cheque de dólar”.⁵³¹

Almeida registra a instalação da agência do Banco do Estado do Amazonas em Urucará apenas no final da década de 1970, dentro da política de expansão do BEA no interior do

⁵²⁶ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵²⁷ Thomas, 1981 p. 2.

⁵²⁸ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵²⁹ *Idem.*

⁵³⁰ *Idem.*

⁵³¹ Bezerra, 2024, p. 166.

estado.⁵³² Enquanto a agência bancária não se estabeleceu na cidade, pastor Clinton precisou continuar indo a Manaus para fazer o câmbio e “comprava comida, que era para aguentar mais três meses, era a casa União, lá perto do mercado em Manaus, onde a gente botava em caixa de madeira, tinha que trazer tudo a gasolina, querosene, tudo, tudo tinha que trazer de fora, não tinha nada aqui”.⁵³³

Conforme a narrativa do colaborador, o uso do dinheiro em papel pelos Thomas foi uma novidade na cidade, onde se rompia com o sistema de aviamento em uma tentativa de inserir uma mentalidade mais adequada ao capital:

Aí nós pagávamos a dinheiro para todos os produtos, e um dos produtos foi madeira; então muitas vezes compramos madeira pelo qual a pessoa ainda pode ver por aqui se consumindo pelos bichos, e pagava dinheiro. Por quê? Isso era para fluir dinheiro na economia e o papai ensinava, “você faz o trabalho, recebe o dinheiro e aí você compra os produtos onde você quer”, e isso foi contra, contra maneira aqui...⁵³⁴

Em um dos indícios das tensões locais que levaram à investigação do SNI, Timothy continua sua narrativa, informando que, por causa das atitudes de Clinton, “teve denúncias no militar e foi assim que o papai conheceu militar, porque o militar chamava o papai para ver esses processos e tal, e depois eles sabiam que era perseguição”.⁵³⁵

Essas *inovações* quanto ao dinheiro afirmam seu argumento: “a quarta área que nós tivemos efeito foi sobre a economia”.⁵³⁶ A indicação dessa mudança já estava nos escritos de Timóteo em 1981: “Sr. Clinton introduziu o sistema monetário, isto é o pagamento em dinheiro e não a troca de mercadorias, aos serviços e matérias primas adquiridos”.⁵³⁷ Arvorando-se como civilizadores de um novo tempo para o interior do Amazonas, “nós mudamos o padrão, sistema de coronel de barranco, nós as mudamos realmente para autonomia”. Seu discurso retorna a leitura de um conflito capitalismo *versus* socialismo, temeroso da vitória do segundo: “Agora tá cedendo ao socialismo não é, do grande sistema”. Rememora, contudo, alguns que agradeceram essa influência econômica: “é interessante que depois que o Padre Humberto veio para introduzir essas colônias e socialização, já os comerciantes vieram agradecer a gente aqui”. Esse agradecimento se deveria à mudança do “sistema de cachaça, de troca, [o qual] era

⁵³² Almeida, 2024. Conforme a autora (p. 122), a relação de Clinton Thomas e Conceição Silva, gerente do BEA em Urucará, não era amistosa, “nunca criticou meu trabalho no BEA”, apesar das críticas do religioso à vida social da bancária, “eu era uma mulher muito festeira, algumas vezes ele chegou a falar isso pra mim”.

⁵³³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵³⁴ *Idem.*

⁵³⁵ *Idem.*

⁵³⁶ *Idem.*

⁵³⁷ Thomas, 1981 p. 2.

improdutivo”, pois no “máximo recebia três dias de trabalho”, já que muitos homens trocavam as mercadorias que tinham a receber por bebidas, e passavam “sexta-feira, sábado, domingo [bebendo], segunda voltando, eles tão de ressaca e não tem nada, a família não tem nada”. Nessa leitura, apenas três dias seriam de trabalho efetivo: “Aí trabalha terça, quarta, quinta, sexta vem, síndrome e começa de novo”.⁵³⁸ A mudança do pagamento para dinheiro geraria menos prejuízos:

[...] quando era por dinheiro, então a pessoa não trocava aquela cachaça, mesmo que tinha gente que bebia, mas era mais à maneira social. Aí tinha segunda, terça, quarta, quinta, sexta, dias produtivos, então podia produzir mais madeira, mais juta, mais mandioca, principalmente pessoas da igreja que aí não bebiam mais, não fumavam mais, e o nível de saúde sobe; isso é chamado de “redenção e levante” na sociologia. Então isso ocorreu e vários outros fatores por causa disso.⁵³⁹

Sobre as relações econômicas e de patrão e empregado, Renato Vieira sustenta que “ele pegava esse dinheiro e construía as coisas né”, ou seja, “movimentava aqui mesmo”:

[...] não saía dinheiro dele daqui pra fora não, só quando ele viajava que ele gastava em passagem né. Mas o dinheiro que vinha pra cá era tudo investido aí, pagava nós todos fim de semana, toda sexta feira ele tava pagando, trabalhava de segunda a sexta, sábado trabalhava se quisesse, mas ele dizia “oh Renato vai pescar ou caçar, não tem problema”, “tá bom”, mas se quisesse trabalhar, trabalhava, ele aceitava mesmo.⁵⁴⁰

Nas memórias compartilhadas, Teodomiro Sicsú apresentou a economia da cidade na chegada do pastor e a inserção da Igreja de Cristo: “e também a questão econômica, que falava que o pessoal não pagava antes, pessoa trabalhava, era paga com coisinha, a pessoa não via a cor do dinheiro, sabe”. Em seu rememorar, “foi o pastor, segundo ele, que plantou aqui o pagamento com moeda. Naquele tempo figurava o trabalho do patrão, aviador, época da juta, né; trabalhava já ficava devendo”. No sistema de trabalho da juta, “comprava aquilo que era necessário, açúcar, sal, querosene, e quando vinha ajustar, às vezes não sobrava nada. E quando sobrava, não pagava com dinheiro: mercadoria, assim, né? Então o pastor inaugurou praticamente aqui, essa questão aqui em Urucará né”.⁵⁴¹ Nessa representação, o pastor é mais uma vez um *pioneiro*, e como tal, tem permissão de inaugurar *inovações*.

A narração de Timothy Thomas sobre as *inovações* dos missionários descreve tanto o acesso à água, “nós cavamos o primeiro poço que tem em Urucará; ninguém sabia, todo mundo

⁵³⁸ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵³⁹ *Idem*.

⁵⁴⁰ Renato Braga Vieira, 2018.

⁵⁴¹ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

trazia água do rio e o papai disse ‘eu tô cansado de trazer água do rio’ e ele fez o primeiro poço”, quanto saneamento básico, “nós fizemos o primeiro banheiro interno, este aqui, o primeiro banheiro interno, o primeiro sanitário que vinha até prefeito para ver”; assim, “então tudo isso foi em inovações que pessoas nunca viram antes. Nós fizemos o primeiro encanamento de água, nós botamos barril e enchia de água, tinha uma bomba de água e para ter água dentro da casa. Isso levou a muita inveja”.⁵⁴²

A inveja, na reelaboração da memória de Timóteo Thomas, provavelmente levou aos problemas: “os comerciantes diz[iam] que nós tínhamos uma fábrica de armas subterrâneo e tinha helicóptero que vinha dos Estados Unidos receber mensagem secreta de noite, que eram os barris, eles disseram que eles paravam no barril, com todas as mangueira grande ao redor”.⁵⁴³ Como outros estrangeiros passavam pela cidade e visitavam o pastor, dona Soliege lembra que isso colaborava com as narrativas de desconfiança: “o povo falava muito que de noite ele recebe, vem um disco voador aí deixa, que ele está, é, estão explorando pra cá, coisa de, de fofoca né, mas não era verdade”. Nega que ele pudesse ser espião, pois idealiza que sua preocupação era apenas a evangélica: “mas não era não, ele era mesmo de Deus, é do evangelho. Ele amou Urucará, ele não queria ir daqui”.⁵⁴⁴

Aurimar Oliveira também aponta a existência dessas denúncias: “inclusive para Manaus, ‘olha, o cara, ele é espião americano aqui’, entendeu? Mas não passava de falácia, de fofoca”. O colaborador acredita que a conjuntura mundial colaborava para tais pensamentos: “aquela questão de... de se ouvir nos noticiários né, que os americanos estavam naquela Guerra Fria com a Rússia, e que o governo americano investia em algumas pessoas para estarem em alguns municípios pequenos”. Alguém poderia pensar que os estrangeiros tivessem informações privilegiadas: “de repente, Urucará aqui teria algum tipo de minério, alguma coisa de riqueza, que de repente poderia servir de interesse ou até mesmo algumas informações que tivessem aqui no Brasil, que pudesse servir para alguma coisa para os americanos, da Inteligência Americana”.⁵⁴⁵

Como visto, Urucará realmente detém algumas das grandes reservas minerais do estado, as quais são exploradas há décadas.⁵⁴⁶ Não é surpreendente que os moradores questionassem

⁵⁴² Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁴³ *Idem*.

⁵⁴⁴ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁵⁴⁵ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁵⁴⁶ Por exemplo, a ditadura concedeu em 1969 a um único indivíduo o direito de exploração de ferro em uma área de 500 hectares no distrito do Jatapu, em Urucará. Cf. BRASIL. Decreto nº 64.268, de 21 de março de 1969. **Concede ao cidadão brasileiro Socrates Bonfim o direito de lavrar minério de ferro no município de Urucará, Estado do Amazonas.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64268-21-marco-1969-405644-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2026. Essa

os possíveis interesses dos missionários e outros estrangeiros na cidade, pois, como lembra Ana Pizarro, “a América como a projeção do enriquecimento possível é uma forma utópica, que nasce nesses tempos [de busca do Eldorado] e se estende até hoje”.⁵⁴⁷

A existência dessas conversas paralelas na cidade, ouvidas pelos lugares, evidencia que

concessão foi retirada nove anos depois. Cf. BRASIL. Decreto nº 82.025, de 24 de julho de 1978. **Declara a caducidade da concessão de lavra que menciona.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-82025-24-julho-1978-431033-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

Em 2011, quando os minérios no Amazonas foram avaliados em R\$ 4,3 trilhões, Urucará foi destacada por suas jazidas de bauxita. Cf. D24AM. Minérios sob o solo do Amazonas são avaliados em R\$ 4,3 trilhões. **D24AM**, 10 dez. 2011. Disponível em: <https://d24am.com/noticias/minerios-sob-o-solo-do-amazonas-sao-avaliados-em-rs-43-trilhoes/>. Acesso em: 15 abr. 2026. Por essa importante participação nos minerais do estado, o município continuou atraindo atenção dos governos no século XXI. Cf. AMAZONAS. Governo do Amazonas inicia análise para exploração de reserva de calcário agrícola em Urucará. **Companhia de Desenvolvimento do Estado do Amazonas**, 19 fev. 2013. Disponível em: <https://www.ciama.am.gov.br/governo-do-amazonas-inicia-analise-para-exploracao-de-reserva-de-calcario-agricola-em-urucara/>. Acesso em: 15 abr. 2026; AMAZONAS ATUAL. Segunda maior reserva de gás do país atrai investidores para o Amazonas. **Amazonas Atual**, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/segunda-maior-reserva-de-gas-do-pais-atrai-investidores-para-o-amazonas/>. acesso em: 15 abr. 2026.

A empresa de energia Eneva, em 2026, obteve o controle total do campo de gás natural Japiim, localizado em São Sebastião do Uatumã e Urucará; a Eneva já era dona de 80% do campo após leilão da Agência Nacional de Petróleo e Gás em 2024. Cf. TOOGE, Rikardy. Eneva compra fatia da Atem e assume controle total de campo de gás no Amazonas. **InvestNews**, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://investnews.com.br/negocios/eneva-gas-amazonas-atem-enev3/>. Acesso em: 15 abr. 2026. A empresa Mineração Taboca, com larga atuação em Urucará e em outras partes do Amazonas, tem sido celebrada pelo governo estadual. Cf. AMAZONAS. Semig destaca investimento de US\$ 100 milhões da Mineração Taboca como marco para o desenvolvimento mineral do Amazonas. **Secretaria de Estado de Energia, Mineração e Gás**, 29 jan. 2026. Disponível em: <https://www.semig.am.gov.br/semig-destaca-investimento-de-us-100-milhoes-da-mineracao-taboca-como-marco-para-o-desenvolvimento-mineral-do-amazonas/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

A atividade mineradora em Urucará, há décadas, ataca as terras e direitos indígenas. Cf. SCHWADE, Egydio. Nas terras Waimiri-Atroari: projetos de morte. **Travessia**: revista do migrante, v. 2, n. 6, p. 39-43, jan.-abr. 1990. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/116>. Acesso em: 15 abr. 2026; CONGRESSO EM FOCO. MPF pede cancelamento de pedidos de mineração em terras indígenas do Pará. **Congresso em Foco**, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/23982/mpf-pede-cancelamento-de-pedidos-de-mineracao-em-terras-indigenas-do-para>. Acesso em: 15 abr. 2026; PEREIRA, Jullie. Campo de gás arrematado em leilão da ANP está em região que impacta área protegida no Amazonas. **InfoAmazônia**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/12/21/campo-de-gas-arrematado-em-leilao-da-anp-esta-em-regiao-que-impacta-area-protegida-no-amazonas/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

Pedro Falabella, em 2000, já apontava os prejuízos da exploração mineral em Urucará. Ele destacou, em entrevista, o valor insignificante dos *royalties* e os prejuízos ambientais, como as crateras encontradas no Jatapu. Cf. PATRÍCIA, Terezinha. Urucará quer mais que prejuízos. **A Crítica**, Manaus, 18-19 jun. 2000. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/55350_20210927_102232.PDF. Acesso em: 15 abr. 2026.

A baixa compensação pela exploração é um problema permanente para o município. Em dezembro de 2023, recebeu apenas 1,1 mil reais da Contribuição Financeira pela Exploração Mineral, distribuído pela Agência Nacional de Mineração, pela retirada do calcário dolomítico. Cf. AMAZONAS ATUAL. Municípios no AM recebem de R\$ 23 a R\$ 95 mil por exploração mineral. **Amazonas Atual**, 25 fev. 2024. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/municipios-no-am-recebem-de-r-23-a-r-95-mil-por-exploracao-mineral/>. Acesso em: 15 abr. 2026. No mesmo período, o município teve negado seu recurso que solicitava sua inclusão na lista dos entes federativos beneficiários da Contribuição Financeira pela Exploração Mineral. BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Resposta Recurso Urucará AM. **Agência Nacional de Mineração**, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt-br/assuntos/arrecadacao/apuracao-municipios-afetados-1/apuracao-municipios-afetados-por-ano-1/apuracao-de-municipios-afetados-2023/resposta-recurso-urucara-am.pdf/view>. Acesso em: 15 abr. 2026.

⁵⁴⁷ Pizarro, 2012, p. 80.

as tensões não estavam ausentes. Aurimar, contudo, diminui a gravidade dessas narrativas: eram “coisa do cotidiano, rotina até daquela coisa da socialização, da fofoca que rola”. Mesmo que alguém pensasse “que o cara, ele tava aqui plantado para passar informações, daquilo que teria no subsolo nosso”, ele discorda totalmente: “não tinha nada a ver com aquilo”.⁵⁴⁸

O vereador registra sua perspectiva sobre o papel fundamental do pastor norte-americano para a cidade e como, mesmo diante de possíveis tensões quanto a uma suposta espionagem, “no final, pelo trabalho que ele fazia, acabavam que todo mundo se curvando pela grande importância que ele representava no município. E acabavam que todo mundo deixava ele quieto, né, tranquilo”.⁵⁴⁹ Em outras palavras, potenciais tensões podiam ser relevadas em nome das ações médicas e mecânicas do estrangeiro. Destaca-se nessa narrativa do colaborador a sentença “se curvando”, o que pode sugerir uma aceitação não tão fácil, relutante e negociada, da figura do missionário. Em todo caso, o narrador aponta indícios de como a legitimação da presença norte-americana na cidade ocorria pela atuação extrarreligiosa.

Tais denúncias para Timóteo eram “coisas totalmente ridículas”, como apontou Aurimar Terço, mas os anos de Guerra Fria, de espionagens estrangeiras, de segurança nacional e os receios da internacionalização da Amazônia,⁵⁵⁰ podem situar a paranoia de alguns urucaraenses. Timóteo, enquanto guardião da memória familiar, que deseja falar “sobre seu pai, cuja memória vinha sendo sistematicamente deturpada e esquecida”,⁵⁵¹ não deixa de logo apontar como os poderes do regime não concordavam e endossavam o pastor:

[...] o Exército em Manaus, realmente eu tenho positivo a maneira que eles reagiram e também viram sobre muitas coisas obscuras aqui em Urucará e isso fez um bom relacionamento do papai com vários militares; aí a pessoa interpreta por bem, por mal, eu acho que na época e para situação foi bem.⁵⁵²

No relatório “O significado da Igreja de Cristo ao povo de Urucará”, de 1981, o jovem missionário Timóteo Thomas já expressava essa interpretação: “o missionário fazendo estes benefícios ao povo de Urucará foi muitas vezes denunciado injustamente por várias pessoas nesta cidade. Até uma vez foi preso sem caso justificável. Mas isto geralmente levava-o a ter mais amizade com autoridades em Manaus”.⁵⁵³ Ou seja, segundo sua narrativa, Clinton Thomas

⁵⁴⁸ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁵⁴⁹ *Idem*.

⁵⁵⁰ Vale lembrar que o primeiro governador do Amazonas durante a ditadura, Ferreira Reis, tinha esses temores desde muito antes do golpe de 1964. Cf. REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Coleção Pensamento Amazônico. Série João Leda – v. 1. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

⁵⁵¹ Gomes, 1996, p. 17.

⁵⁵² Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁵³ Thomas, 1981 p. 2.

teria feito muito pela cidade, mas em troca recebeu denúncias e foi preso, o que também serviu para fortalecer suas relações com autoridades militares.

Em seu processo de construção de memória, retomando a linha de pensamento da “mudança” que sua família trouxe na área econômica, o colaborador contou uma “historinha” para exemplificar a introdução do dinheiro. Certo homem, chamado de Duca, vendeu algumas tábuas para o missionário, por cinco mil cruzeiros, e, quando foi visto com esse valor em mãos, “prenderam ele e levaram preso”.⁵⁵⁴ Essa narrativa então exemplificaria as condições econômicas da cidade bem como fornece indícios das relações com as autoridades:

Agora cinco mil cruzeiros naquele tempo valiam uns seis reais hoje, e botaram o Duca preso. E disseram “só um ladrão pode ter esse tanto de dinheiro”, seis reais, hã! Seis reais! “Só um ladrão pode ter esse tanto de dinheiro”. O Duca disse “não, o missionário ele que pagou minhas tábuas”, aí foram na loja do Dedezinho para levar o Dedezinho e o papai para dar depoimento que ele tinha pago os cinco mil cruzeiros. Para você ver, as pessoas diz que tem crise de hoje, mas eles nunca viram o quê que é crise.⁵⁵⁵

Contudo, nem tudo parece ser *inovações*. Quando Timóteo anuncia que “essa década de 70 até 80 foi também marcante”, delimita as contradições da economia:

[...] outra parte que foi diminuindo foi sobre a parte econômica, porque de lá veio o banco... eles nos lograram milhares e milhares de reais, de meus pais, de mim não foi tanto porque eu fechei minha mão, mas durante os seus anos 90 todo mundo que queria dinheiro fácil, eles vinham aqui. Mas ao passo que abriu o banco, abriu outras instituições, nós fomos menos e menos procurados, não é? Então essa influência foi diminuindo.⁵⁵⁶

Ressalta-se o papel do banco, o BEA, instalado em 1978 no segundo governo de Falabella, alterando a dinâmica econômica regional, como observado por Almeida.⁵⁵⁷ Além disso, parece sugerir que alguns moradores também procuravam o pastor Clinton para pedir ou emprestar dinheiro, o que passou a ser menos comum, considerando que a agência bancária poderia oferecer valores maiores e projetos de fomento.

É igualmente necessário esclarecer que Timóteo Thomas nega o enriquecimento da família devido ao trabalho missionário. Muito pelo contrário, para ele, a vida missionária foi de perdas e não de lucros financeiros. Quando questionado se seu pai recebia salário, ele negou: “não, nós é que damos o dinheiro. Recebia de Burlington, 300 dólares por mês do Estados

⁵⁵⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁵⁵ *Idem*.

⁵⁵⁶ *Idem*.

⁵⁵⁷ Almeida, 2024, cap. 3.

Unidos”.⁵⁵⁸ O recurso externo era necessário porque “aqui não dava nada pra nós”. Nem o trabalho médico, nem o trabalho mecânico trariam salário, “tudo zero, nossa perda. Nossa perda. Não recebeu nenhuma honra, nenhuma aposentadoria, tudo zero, tudo perda”. Conforme seu processo de construção de memória, nunca houve retorno financeiro para os Thomas, “nem no Brasil e nem nos Estados Unidos”.⁵⁵⁹

Timóteo reforça que “não teve finanças da Igreja”, ou seja, verbas fixas entrando na Igreja de Cristo de Urucará, “é por isso que eu fico meio rancoroso, com as pessoas falam ‘não, todo aquele dinheiro veio da América’, não senhor! O que veio foi os trezentos dólares para meus pais, que era o dinheiro pessoal deles. Isso que nós fizemos as coisas”.⁵⁶⁰

Conecta-se sua narrativa com uma afirmação já exposta, “nós não viemos aqui procurar minérios, ninguém veio aqui ser rico, nós viemos aqui para igreja”. Timóteo parece ciente das interpretações de alguns moradores, sobre a presença de estrangeiros em um território rico de recursos naturais, em uma possível tensão que pode ter se mostrado de formas variadas nos primeiros anos da presença dos Thomas em Urucará. Ao negar o interesse na exploração das vastas reservas minerais locais, reitera o altruísmo de quem não “veio aqui ser rico”, além de especificar seu sentimento “meio rancoroso” quanto às acusações. Diante disso, justifica que o dinheiro recebido, o qual era estritamente pessoal, “para meus pais”, era investido na missão:

E também daqui da Igreja, quem pagou foi nossa família, daqui de Urucará, eu queria é que mostrasse quando que dava, porque como te falei, eu contava o dízimo com o nosso só dava 1 dólar por semana. Então quer dizer, você vai construir um prédio desse, você vai construir uma casa desse por 1 dólar, 3 reais por semana? Eu duvido, é impossível.⁵⁶¹

Em seu trabalho de enquadramento da memória, “que depende da coerência dos discursos sucessivos”,⁵⁶² Timóteo prossegue sua interpretação linear: “aí tinha medicina, tinha mecânica, tinha a economia e [logo] veio uma fase que tinha a política”. Por que o missionário norte-americano precisava se inserir na política urucaraense? Timóteo contextualiza os anos que chegaram ao município e que teriam levado a essa intervenção:

⁵⁵⁸ Obviamente esses dólares foram trocados por variados valores ao longo dos anos. Em 1977, por exemplo, o Banco Central cotava um dólar a 15,275 cruzeiros para a venda, em um momento de desvalorização da moeda brasileira. Cf. R7. Anos 70: valor do cruzeiro cai, enquanto o dólar sobe. **R7**, 17 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/anos-70-valor-do-cruzeiro-cai-enquanto-o-dolar-sobe-29062022/>. Acesso em: 14 jan. 2026.

⁵⁵⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁶⁰ *Idem*.

⁵⁶¹ *Idem*.

⁵⁶² Pollak, 1989, p. 10.

Quando ficou tão baixo Urucará que fizeram o Partido do Pote. O Partido do Pote: então eles fizeram um pote de cachaça, aqui onde tem o bairro de São José, a casa do Dibo, a Escola Ramalho Júnior onde eu escutei lá e fizeram um palanque com o Partido do Pote de Cachaça [...]⁵⁶³

Timóteo alia a essa narrativa o exemplo de um comerciante local, o qual estaria desviando doações norte-americanas e as revendendo: “embaixo da cama deles tinha essa comida da Aliança para o Progresso que Estados Unidos mandou, o fubá velho mandava cheio de bicho lá para o [grupo escolar] Ramalho Júnior, o trigo, o óleo, tudo aquilo foi vendido”. Em latas de alguns alimentos “dizia ‘no for sale, give by the people of the United States’, ‘não pra venda, dada pelas pessoas dos Estados Unidos, Aliança para o Progresso’”.⁵⁶⁴ Ele nem mudava a lata, vendia aqui na primeira rua da frente. Então essa é a realidade!”.⁵⁶⁵

Em sua avaliação, a mudança dessa realidade tem origem nos religiosos estrangeiros: “depois, quando nós viemos aqui, veio outros padres, como padre Justino [MacInnis], padre Bryan [Manning]... com padre Brian, eles do lado católico, nós aqui do lado da Igreja de Cristo, tentava modificar a situação da cidade”.⁵⁶⁶ A figura 11, que retrata o pastor Clinton e o padre Justino, pode indicar alguma proximidade entre os dois líderes religiosos em Urucará, se ajudando de alguma forma na dura realidade amazônica:

Figura 11: Pastor Clinton e Padre Justino, 1966.



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

⁵⁶³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁶⁴ Ioris; Mozer, 2019; Ribeiro, 2006.

⁵⁶⁵ Thomas, 1981 p. 2.

⁵⁶⁶ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

Entretanto, Timóteo Thomas afirma que tais atitudes não foram bem vistas pelo então prefeito, o qual teria afirmado “que iam jogar fora o padre e pastor, que usaram em vez de usar o termo correto *missionário*, iam jogar fora para não ter mais assim esse negócio de cristianismo empatando o sistema econômico opressivo que eles tinham”.⁵⁶⁷ Esta narrativa destaca as tensões políticas na cidade, mas também provoca quanto ao termo “pastor”, lembrando que seu pai era *missionário*, o qual pode ser pensado com a qualidade de *pioneiro*, mencionada antes por Timóteo: “ele tinha que ser um pioneiro para viver aqui”. No texto produzido em 1981, Timóteo já apontava a importância religiosa dos agentes estrangeiros: “Ambos o missionário e os padres empregaram muita gente que trouxe desenvolvimento”.⁵⁶⁸ Esse trabalho de enquadramento da memória sugere que o *pioneirismo* dos religiosos era abrangente, incluindo a contratação de moradores para trabalhos; se lembrarmos a narrativa de terem sido os Thomas a introduzir dinheiro em papel na cidade, e se considerarmos ainda que os missionários da Igreja de Cristo e da Igreja Católica recebiam algum recurso externo para suas missões, o *desenvolvimento* pode ter vindo para Urucará com esses aportes financeiros missionários.

Nos primeiros anos do trabalho missionário, Dr. Timóteo Thomas argumenta a existência de uma perseguição religiosa cujas raízes seriam políticas:

[...] se uma pessoa trabalhava na prefeitura, domingo foi batizado, domingo à noite foi batizado aqui no rio na frente, segunda-feira de manhã ele não tinha trabalho. Então nós perdemos um terço do nosso povo indo para Manaus por causa disso aí; então a gente era perseguido dessa maneira. Você entrou lá na igreja, pode contar que não entra no governo, você vai sair.⁵⁶⁹

Assim, a conversão à Igreja de Cristo implicaria a dissolução dos laços com o serviço público, já que a prefeitura era a fonte de trabalho para muitos moradores. Esse também seria um dos fatores que aliaram Clinton Thomas a outras forças políticas pela *mudança* de Urucará.

O próprio ato de batizar à noite, no rio, se devia à perseguição religiosa. Timóteo também recordou uma proibição, que tentava impedir os batismos da igreja:

[...] eu achei até a carta lá em cima, acho que não sabe, mas eu sei, eu achei a carta que disseram que nós não podia batizar no rio, porque podia tá poluído, olha só! Não acredito, as pessoas tomando banho lá no rio, disse que nós não podia batizar, então isso era perseguição religiosa.⁵⁷⁰

⁵⁶⁷ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁶⁸ Thomas, 1981 p. 2.

⁵⁶⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁷⁰ *Idem*.

Conforme Timóteo, dessa tentativa de solução dos problemas da cidade é que “vem uma situação muito de agonia”. Em uma justificativa que antevê possíveis críticas às atitudes dos missionários naquele ano de 1968, explica que “a Igreja de Cristo é apolítica, nós não participamos como a Igreja em política e nós nunca permitimos nada dentro da igreja que refere à política”. Por isso, “fora da Igreja”, seu pai, Arthur Libório, primeiro urucaraense batizado na Igreja de Cristo, padre Brian e o próprio Timóteo, aos treze anos, “fomos lá no banco em Manaus pedir do Pedro Falabella vir aqui ser prefeito”.⁵⁷¹

Provavelmente, os religiosos escolheram Pedro Falabella como seu candidato por considerá-lo o mais qualificado ao cargo. Sua família já tinha meio século na cidade, possuía boas condições financeiras e não era coligada aos demais poderes políticos locais. O próprio Pedro era alguém com formação e carreira consolidada, trabalhando em um importante órgão do Estado brasileiro. Ao pensarem em alguém para concorrer à prefeitura de Urucará e trazer “uma grande mudança”, Falabella foi visto como um forte nome para essa disputa.

Desvelando os fundamentos da história oral, onde podemos estudar e escrever a história também a partir de memórias que não foram vividas, mas compartilhadas, o presbítero Teodomiro, da Igreja de Cristo em Urucará, expressa como conheceu a história da cidade no final da década de 1960: “eu sei que, pelo que ele me falou, o próprio pastor, ele ajudou foi a mudar aqui, uma liderança aqui, da época”. E assim, narra a virada na política municipal com a ajuda dos líderes religiosos: “que o Pedro Falabella, que já faleceu, ele foi prefeito com a ajuda não só de pastor, mas de padre, de outras pessoas importantes da comunidade, né?”. A colaboração de todas essas “pessoas importantes” foi necessária “porque os prefeitos antigamente, aqueles coronéis de barranco, né, e aí o Pedro já tinha um estudo, fazendo faculdade, reuniram para elegê-lo prefeito, para ver se melhorava essa questão aí, da política”.⁵⁷² Ou seja, Falabella era percebido como alguém com qualidades pessoais e administrativas que favoreciam um futuro governo, o que viabilizou o apoio das lideranças religiosas, desejosas de superar os tempos dos coronéis de barranco.

Diante disso, segundo o colaborador, “o pastor fez um bom relacionamento com ele”. Esse bom relacionamento parece logo ter se desfeito, pois “depois alguns acerto aí, que aconteceu, eu acho que é mais por questão de postura administrativa; mas eu acho que ele não chegou a ter inimizade com ele não, o Falabella, né”. A frase sugere os desacordos entre pastor e prefeito, mas também minimiza essas questões, como não sendo “inimizade”. Teodomiro Sicsú reflete sobre as mudanças dessa nova Urucará a começar dos anos 1970, tendo o

⁵⁷¹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁷² Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

envolvimento de seu pastor, “eu sei que ele ajudou a modificar aqui, essa questão aí, da política, visando melhorar. E também a questão econômica”, a qual vimos antes.⁵⁷³

A figura 12 retrata Pedro e Sheila Falabella, na segunda metade da década de 1960, em frente à casa do pastor Clinton.

Figura 12: Pedro e Sheila Falabella, [196-].



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

Saliente-se que Falabella já estava inserido nos projetos desenvolvimentistas para a Amazônia, enquanto funcionário do BASA. O banco foi fundado em 1942, como Banco de Crédito da Borracha, em 1950 tornou-se Banco de Crédito da Amazônia, e foi reformulado pela ditadura como Banco da Amazônia em setembro de 1966, dentro das diretrizes do novo Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Configurou-se como “o principal dispositivo bancário da ditadura na administração de recursos, incentivos fiscais e financiamentos para a região amazônica”; firmou-se relevante em seu “caráter estratégico, uma vez que ele é um banco público, voltado para executar as diretrizes do governo e, além disso, é um instrumento financeiro próprio da Amazônia, que chegou aos interiores que demais agências bancárias não

⁵⁷³ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

chegavam”.⁵⁷⁴ Segundo Camila Miranda, no começo da década de 1970, o banco tinha 49 agências pela Amazônia Legal; tal alcance, pioneiro naquela conjuntura, “favorece o controle financeiro do território, ao mesmo tempo em que legitima o governo ditatorial junto à população local, visto que boa parte dos moradores do interior não contavam com nenhum banco até a criação do BASA”. A reconfiguração aplicada pela ditadura representou a imposição do desenvolvimentismo sobre as economias tradicionais, o que incluía a borracha, em prol da industrialização completa da região.⁵⁷⁵

Voltando a linha de raciocínio tomada por Timóteo, para demonstrar a excepcionalidade daquele momento, ele informa:

E aquilo foi muito, muito duro para nós, porque a gente não queria intervir no sistema político, mas chegou uma podridão de tão tamanho, que católico, pessoas da Igreja de Cristo, viram a corrupção, a imoralidade, direto imoralidade e seu Partido de Cachaça, Pote de Cachaça, e eu lembro, eu era criança, aí nós pedimos do Pedro Falabella... e ele não queria vir, ele tinha um bom posto em Manaus e era quase impossível ele ganhar [...]⁵⁷⁶

Essa descrição, em tons negativos, reafirma o espaço urucaraense como tomado de más influências, onde os religiosos *precisam* intervir, pois, se não o fizessem, a cidade estaria perdida. Por isso, eles buscam Falabella, um agente que é, ao mesmo tempo, local e próximo, pois os Falabella estão ali, mas também externo e distante, pois mora e trabalha na capital, desenvolvendo uma carreira que se sugere promissora.

Conforme Timóteo Thomas, a relutância de Pedro Falabella se deveu, em primeiro momento, à constatação de pertencer a “uma família pequena, estrangeira, italiano”, enquanto o município até então teria na família Felipe a força política dominante, especialmente graças à aliança com a família Libório. Logo, se “a imoralidade, a denegação chegou a ser tão grande, afronta contra o governo do Brasil”, o missionário Clinton Thomas “ajudou e o Pedro Falabella ganhou aqui em Urucará, eleição de 1968, 15 de novembro”.⁵⁷⁷

Dona Soliege Santos rememora ter ouvido do próprio pastor Clinton a confirmação de sua ajuda naquela eleição:

⁵⁷⁴ MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **Ditadura Militar e Amazônia: Desenvolvimentismo, representações, legitimação política e autoritarismo nas décadas de 1960 e 1970.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018, p. 169.

⁵⁷⁵ Miranda, 2018, p. 169. A autora também salienta a reinvenção do BASA, “que inclusive não atende mais pela sigla, uma tentativa de afastar-se do legado autoritário, legitimando-se como um banco da região apenas”, o que inclui a identidade visual, “como BASA, a logomarca era um cadeado, significando ‘segurança e tradição’. Atualmente, o símbolo do Banco é um ‘A’ verde, maiúsculo, como uma onda amarela” (p. 213-214).

⁵⁷⁶ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁷⁷ *Idem.*

Ele uma vez, ele disse foi lá no BASA, conversar com o Pedro Falabella, e dizer: “olha, agora é a sua vez”; ele ainda ficou assim. Eles não sabem disso, aqui, acham que o pastor Clinton não teve essa participação, mas ele disse pra nós, que ele foi no BASA e disse “agora a sua vez, dá pra você ir ser candidato em Urucará” e ele se envolveu na política, o pastor Clinton.⁵⁷⁸

Segundo Timóteo Thomas, Falabella “ganhou de 2 a 1 contra o Antenor Tiago de Mello”,⁵⁷⁹ e por isso recebeu do Presidente Costa e Silva “uma carta para ele dizendo de todos os municípios do Brasil, em porcentagem, proporção, Urucará foi o maior de todos os municípios do Brasil”.⁵⁸⁰ Não conseguimos acessar essa certificação ao prefeito eleito no interior do Amazonas, mas poderia ser um indício da importância que o governo militar dava ao processo de estabelecimento do partido de sustentação pelo país, apenas dois anos após sua criação e na primeira eleição municipal realizada durante a ditadura.

No quadro abaixo, reproduzimos informações quanto aos prefeitos de Urucará durante o período da tese:

Quadro 1: Prefeitos de Urucará entre 1964-1980

Chefe do Executivo	Período	Destaques do mandato
Felipe Antônio Filho “Dibo Felipe”	10 de janeiro de 1964 – 31 de janeiro de 1969	Eleito pelo Partido Social Trabalhista. Golpe e instalação do regime militar; criação do cargo de vice-prefeito com a nova constituição estadual e prorrogação dos mandatos de prefeito por mais um ano. Reincorporação de São Sebastião e Castanhal ao município. A Escola Plínio Ramos Coelho tem seu nome alterado para Ramalho Júnior por decreto estadual. Nessa gestão, foi inaugurada a prefeitura e restaurados diversos prédios, incluindo o mercado municipal; instalada a CELETRAMAZON (Centrais Elétricas do Amazonas) – que só funcionava das 18 às 23 horas – e o Serviço de Água e Esgoto; construção de três escolas (na sede, povoado do Castanho e Vila de São Sebastião), contratação de professores, criação de parque de recreação, além da pavimentação da cidade e construção de muro de arrimo. Realização de campeonatos municipais. Por pouco tempo, a cidade foi atendida pela empresa Panair com aviões catalinas. Chegada da família Thomas na cidade e dos padres Miguel O’Kane e Jorge Marskell, início da construção da Igreja Matriz e instalação da Igreja de Cristo.

⁵⁷⁸ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁵⁷⁹ Na cronologia política de Santos (2022), Antenor Tiago de Melo foi prefeito de Urucará quatro vezes: 1945, 1946-1947, 1952-1956 e 1960-1964.

⁵⁸⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

Pedro Geraldo Raimundo Falabella	31 de janeiro de 1969 – 31 de janeiro de 1973	Eleito pela Arena, tendo como vice-prefeito José Marques Paes, o primeiro da cidade. Nessa “administração houve regular progresso na cidade e logo no Município”. ⁵⁸¹ Construção do prédio do Serviço Rodoviário Municipal, instalação do Curso Ginásial, ampliação da Escola Ramalho Júnior e construção de escolas nas comunidades Carará Açú e Marajá. Abertura da estrada Urucará/Amanari, novo parque de diversão em frente da Matriz, o Fórum de Justiça, o Serviço Telefônico, uma olaria municipal, concluiu a Delegacia de Polícia, abriu ruas, recuperou a estrada de São Pedro e a praça em frente à prefeitura. Construção da unidade hospitalar da SUSEMI e instalação da Companhia Amazonense de Telecomunicações. Fundação da Liga Desportiva de Urucará, da qual Pedro foi aclamado presidente de honra. Mas “na zona rural também houve melhoramentos”, como o Serviço de Luz em São Sebastião, e “por essa época chegavam os primeiros veículos à Urucará”. ⁵⁸²
Francisco da Cunha Monteiro “Chico Monteiro”	31 de janeiro de 1973 – 31 de janeiro de 1977	Eleito pela Arena, com Manoel Pedro Monteiro Marques como vice-prefeito. Em seu mandato, foi construído o campo da aviação para pequenas aeronaves, ampliação na usina de energia, pavimentação de ruas e aumento nas instalações do sistema de água, término da obra do Fórum, construção de escolas de madeiras e melhoramentos em várias localidades. A CELETRAMAZON passou a funcionar pela parte do dia, e um terreno foi doado para sua construção em São Sebastião. Governo estadual entregou títulos de terra a colonos do CETRU, o qual cria uma escola agrícola. Instalação efetiva da Comarca de Urucará.
Pedro Geraldo Raimundo Falabella	31 de janeiro de 1977 – 01 de fevereiro de 1979	Eleito pela Arena 02, com José Lúcio Barreto Guimarães como vice. Nesse mandato, “Urucará é contemplado com recursos em vários seguimentos, tornando-se um canteiro de obras”. ⁵⁸³ Foi construído o porto de embarque e desembarque da cidade, uma casa de força para subida de carga desembarcada no flutuante, Praça de Sant’Ana, o Auditório Carmen Pinto da Silva, Olaria, Almoxtarifado, o Mercado Público Senador José Esteves, grupo escolar em São Sebastião, estradas vicinais, reconstruiu-se a lancha motor Costa e Silva. Instalação da usina de beneficiamento de arroz e milho. Ampliação da pista do aeroporto, com linha de voo de uma empresa. Pavimentação do sistema viário. Implementação do MOBRL para combate ao analfabetismo. Instalação da agência do BEA. O município desponta na produção de guaraná.
José Lúcio Barreto Guimarães	02 de fevereiro de 1979 – 31 de janeiro de 1983	Vice-prefeito de Falabella, assume com a renúncia do primeiro. Prosseguiu as obras. Na gestão foi construída e/ou inaugurado o sistema viário, o prédio da Câmara Municipal, a Escola Professor Lázaro Ramos, Centro Social Urbano, Matadouro Municipal, o Estádio Municipal Pedro Falabella, sede do correio, a Escola Agrícola, instalada a torre e a sede da Rede Amazonas de Televisão. Teve o mandato prorrogado pela Emenda Constitucional n.º 14 e Urucará perde parte do território para o novo município de São Sebastião do Uatumã.

Fonte: Tenório (2016); Santos (2022). Organização: o autor.

Mário Falabella afirma que seu irmão e o pastor “se davam muito bem, porque o Pedro, até no primeiro mandato dele de prefeito, ele teve o apoio muito grande dele, e do padre, que na altura estava aqui, né? Trabalhou direto com ele na campanha, e tudo, tirou a camisa e foi para, para a guerra com Pedro né”. O padre canadense “via que Urucará não crescia, não tinha

⁵⁸¹ Tenório, 2016, p. 46.

⁵⁸² *Ibid.*, p. 47.

⁵⁸³ Santos, 2022, p. 100.

nada, saía de uma família que ele ficava nas coisas... era Felipe, Antenor, Antenor, Felipe, e nada se fazia, né?"; assim, "quando buscaram Pedro, eles mesmo procuraram o Pedro para ser candidato, aí ele aceitou, aí vestiram a camisa, né? Naquele período, Urucará tão pequena, teve uma votação de o dobro dos votos, é sinal de que o povo queria mudança".⁵⁸⁴

Conforme Timóteo Thomas, essa vitória, ao longo do tempo, foi interpretada como "moléstia". À primeira vista, "a pessoa diria que então tivemos sucesso, iria crescer. Quase tipo como Constantino,⁵⁸⁵ porque foi por causa de nós que o Pedro Falabella veio para cá com basicamente um mandato".⁵⁸⁶ Segundo Timóteo:

Mas aí chegou um Padre Humberto e ele era socialista, ele não acreditou no capitalismo e também ele promoveu essas comunidades que fica ao redor de Urucará. E ele tinha ideologia do grande governo papai sobre os plebes, ao passo que o papai até o Padre Brian, o Justino, era para levantar as pessoas para ter menos governo centralizado e mais pessoas independentes. Então você não pede tanto do governo, você vê o que você pode fazer e dos impostos e dos produtos é que vem o progresso, não vem de um sistema centralizado.⁵⁸⁷

Em 1981, Timóteo descrevia seu pai como uma defesa contra o socialismo: "O missionário representou a defesa para os oprimidos e também defende elementos da composição urucaraense contra ameaças socialistas. Nisto Sr. Clinton e a Igreja de Cristo tem recebido várias provações".⁵⁸⁸ Seu esforço interpretativo, em nossa entrevista, igualmente aponta Clinton Thomas como alguém que queria impedir o comunismo e propagar o capitalismo. A interferência dos missionários católicos teria colaborado para a rejeição dos ideais *capitalistas* de Clinton; logo, parece indicar um reeditar local dos embates do Brasil pré e pós-golpe de 1964, de caráter anticomunista, mesmo que não tenhamos informações sobre ataques diretos e físicos.

Nessa conjuntura, o colaborador afirma a presença de "duas grandes ideologias em contraste" na cidade, ainda que "o José Lindoso e as pessoas em Manaus viram que esse negócio de dar dinheiro como até acontece hoje no município de Urucará cria dependência". Sua crítica faz uma curva até depois da ditadura, como intérprete da história do Brasil, comparando a situação com a década de 1990: "É igual que o Fernando Henrique Cardoso fez, tirar o Brasil de dívida externa, mas ele botou os municípios; então basicamente Brasília manda sobre os

⁵⁸⁴ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁵⁸⁵ Enquanto teólogo, Timóteo Thomas faz referência a Constantino, que teria sido o primeiro imperador romano convertido ao cristianismo, promovendo mais liberdades e benefícios a religião.

⁵⁸⁶ Timothy "Timóteo" Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁸⁷ *Idem*.

⁵⁸⁸ Thomas, 1981 p. 2.

outros, de um sistema hierárquico, e isso vem por causa de dependência, porque a mãozinha tá lá para pedir e cai produção”.⁵⁸⁹ As afirmações de Timóteo, como defensor do liberalismo e do capitalismo, parecem sugerir que seu pai concordava com as mesmas posições.

Dessa digressão, o missionário pergunta: “Qual foi o nosso problema?”. Em uma reflexão posterior, “o Clinton analisou, que nós fomos para dar relatório de missões naquele ano, que era o primeiro ano do Pedro Falabella, e então nós trouxemos a vitória, mas nós não estivermos aqui na reestruturação”. Ou seja, durante a ausência de Clinton em viagem aos Estados Unidos, sua influência *capitalista* não teve efeito e “os padres mudaram e mandaram esse Humberto, que não tinha essa visão anterior”; por isso, “o que parecia ser algo de sucesso na área política realmente veio a ser uma moléstia e uma perseguição que persiste até o dia de hoje”.⁵⁹⁰ Se naquele momento de nossa entrevista, em 2018, Timóteo enfrentava problemas em disputa pelo prédio da igreja, ele rastreia a origem dessa “dissonância” até 1968.

A influência dos Thomas na política da cidade, segundo Timóteo, não foi pouca: “pro bem ou pro mal nós mudamos Urucará, aqui, até o dia de hoje, porque o Enrico [prefeito entre 2017-2024] seria o sobrinho do Pedro Falabella”. Com o resultado, “então depois da política, a gente ficou do lado do vitorioso”.⁵⁹¹ Contudo, Timóteo é rápido em descartar favorecimentos. Pelo contrário,

[...] mas o papai foi a única pessoa presa, ele foi três vezes [preso] aqui em Urucará, injustamente... a primeira foi esse 1969, quando Pedro Falabella ganhou e as pessoas foram embora e os Felipe arranjaram para botar o papai preso, na prisão, e depois duas vezes também ele foi preso.⁵⁹²

Constata-se como o processo de construção de memória de Timóteo Thomas pretende demonstrar a perseguição que seu pai sofreu; por outro lado, esse trabalho de memória é formado por “não-ditos” e “silenciamentos”⁵⁹³ da atuação do missionário nas tensões locais que levaram a essas prisões.

Apesar de todos os problemas, Timóteo não nega que a entrada de Falabella “foi positivo para Urucará, foi, porque Urucará tá no mapa hoje”.⁵⁹⁴ Sua interpretação do passado inclui o prefeito, eles próprios e os canadenses na reviravolta da sociedade urucaraense:

⁵⁸⁹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁹⁰ *Idem.*

⁵⁹¹ *Idem.*

⁵⁹² *Idem.*

⁵⁹³ Pollak, 1989.

⁵⁹⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

[...] bom, nós viemos, isso trouxe os padres, que trouxeram toneladas de dinheiro, de assistência. Por exemplo, nós trouxemos aquele motor Johnson, eles traziam 12, outro tipo de motor, só para dizer que era promoção né, e eles tinha não somente dinheiro da Igreja Católica, mas a influência do... por exemplo, do [padre] Humberto sobre o governador José Lindoso para eles darem títulos definitivos a essas comunidades, mas todos os títulos ficavam na Prelazia, não ficava com o povo, certo? Então tinha poder. E também recebia subsídio nessa Festa do Divino. Então isso é para mostrar que veio um grande fluido de dinheiro que antes não tinha, mesmo que nós não trouxemos, assim o dinheiro, mas porque nós viemos aqui, trouxe interesse para botar esse dinheiro, para tentar mudar... e isso foi pelo Pedro Falabella e posteriormente, mas basicamente foi nesse ano, nessa primeira gestão que mudou as coisas.⁵⁹⁵

Essa longa fala alinha interesses e interferências políticas, os cristianismos no Baixo Amazonas e a introdução de recursos privados e públicos. Segundo ele, o dinheiro da Igreja Católica, as relações dos padres com o governo estadual, as festas religiosas anuais, era traduzido em “toneladas de dinheiro, de assistência”, em “um grande fluido de dinheiro que antes não tinha”. Tudo isso, conforme o narrador, colaborou “para tentar mudar” a cidade.

Na sua linearidade dos anos 1970, informa as mudanças políticas na cidade: “segunda coisa que ele fez, ele quebrou o monopólio dos Felipes e mesmo que ainda continua sendo maior família comercial e envolvimento na política, eles não têm o monopólio como eles tinham nos anos 30, 40, 50, não tem aquele domínio total”. Alia a isso o fato de que “a família Libório tem procurado sair, mais autônomo, não ficar debaixo da família Felipe”.⁵⁹⁶ Dessa forma, Timóteo Thomas interpreta as disputas políticas locais, das alternâncias do poder, entre as famílias tradicionais de Urucará.

Após refletir sobre os recursos que entraram na cidade desde a década de 1980, quando “vem mais gente de fora, do governo federal, de outros projetos, de outro estado, que não sabe a coligação que tinha aqui dentro, esse negócio tudo, e tem tanta força que nem precisa pedir”, Timóteo discorre que as pessoas “que vem agora não vê isso, mas eu vivi por isso, então eu sei que tá acontecendo”.⁵⁹⁷ Outra vez, firma seu direito de interpretar o passado e o presente, enquanto testemunha de todos os acontecimentos, como quem tem uma “visão de mundo – de mundo político, em particular –, fundada em muita sensibilidade e informação privilegiada”,⁵⁹⁸ pois fala a partir de sua “função primordial [de] ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar”, como aquele que “guarda/possui as ‘marcas’ do passado sobre o qual se remete”.⁵⁹⁹

Nessa direção, novos recursos e projetos na cidade, agora, “vêm pelo governo federal,

⁵⁹⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁵⁹⁶ *Idem.*

⁵⁹⁷ *Idem.*

⁵⁹⁸ Gomes, 1996, p. 18.

⁵⁹⁹ *Ibid.*, p. 21.

estadual, independente da família Thomas, da família Falabella, da família Felipe, da família Libório”. Portanto, àqueles “não interessa o custo”, bem diferente da segunda metade do século XX: “já nos anos 60 e 70, não tinha tanto dinheiro de fora, então era os grupos, por exemplo, a Igreja Católica apresentava mais trabalhos, empregos e projetos, como o CETRU, né”.⁶⁰⁰

Em sua percepção, a instalação do Centro de Treinamento Rural de Urucará, através da Igreja Católica, resultou em recursos para a cidade, obtidos por meios governamentais, ao contrário dos recursos da Igreja de Cristo, bem menores: “então como os padres abriram o CETRU e receberam dinheiro federal, então aquilo levou muito assistência da Igreja Católica Romana”. Timóteo concorda que outros sujeitos, além dos Thomas, investiram em Urucará, “então é por isso que eu tô dizendo, a mudança não é que nós fizemos tudo”, todos atuando como “o agente que te ajudou fomentar”. Assume que se não houvesse esses fomentos, adquiridos pelos diferentes missionários a partir do final da década de 1960 bem como devido à atuação política de Falabella, a cidade não mudaria: “por exemplo, se continuasse com o Felipe, eu acho que o Antenor, eu não acho que Urucará tava desenvolvida assim, tava como Nhamundá, porque não houve fomento, né”.⁶⁰¹

Não apenas Timóteo Thomas interpreta a experiência de 1968 negativamente. Dona Soliege Santos confirma que ela provocou arrependimento ao pastor Clinton: “aí depois ele se arrependeu de se envolver na política, né? E disse que nunca mais ele ia assim ficar, tomar partido, sabe?”. A memória da narradora alcança, inclusive, gestores posteriores a Falabella, como a primeira prefeita eleita na redemocratização: “Aí quando veio Conceição, essas outras, ele não se envolveu mais, quando veio outro, né, não se envolveu mais. Ele falava assim, dava, dava opinião assim, né?”. Contudo, apesar de expressar suas visões individuais, conforme a professora Soliege, Clinton não se envolveu mais diretamente em campanhas: “ir pra rua como ele foi com Falabella, ele ia... O Falabella ia chegar assim nas primeiras campanhas, ele ia pra rua e chamava o povo, se envolveu mesmo, mas depois, acho que o Espírito Santo chamou a atenção dele”.⁶⁰²

Mesmo que a colaboradora negue a intromissão direta de Clinton Thomas nas eleições municipais, desvela sua importância para a política local, já que outros políticos do estado, de passagem pela cidade, o encontravam: “até uma vez veio um deputado aqui, que parece-me que era, ele foi secretário, ele foi ministro, aí ele foi, ele era crente, ele botou ele no púlpito lá, depois se arrependeu, disse que nunca mais, nenhum político lá no púlpito sagrado”. E tal teria

⁶⁰⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁰¹ *Idem.*

⁶⁰² Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

acontecido: “aí nunca mais, olha”. Recorta que mesmo o governador reconhecia o pastor como liderança local de expressão: “O Enoque Reis⁶⁰³ quando veio em Urucará, ele não foi na igreja, mas ele foi na casa do pastor, visitar ele. Governador era. Terminou lá, o comício que ele estava fazendo, ele desceu e foi embora pra casa do pastor, ele tinha assim um envolvimento”.⁶⁰⁴

Timóteo Thomas também destacou a visita do governador ao município e sua procura pelo missionário. Como seu processo de construção de memória não diferencia aquilo que ele testemunhou do que foi compartilhado com ele, narra o encontro: “o governador Enoque Reis, veio de Manaus na lancha dele, parou a lancha dele aqui no tabuleiro, sabe quem pediu falar, pediu para falar com Clinton Thomas aqui de Urucará”. Assim, o governador teria dito ao seu pai: “Clinton eu tenho que ganhar esse município esse ano, qual é o prefeito que ganha para mim?”, e seu pai teria respondido: “Eu posso te dizer quem ganha pra ti, mas não é o melhor nesse, nesse período”.⁶⁰⁵ Em todo caso, afirma que o encontro entre governador e missionário selou o candidato à prefeitura da cidade:

O Enoque Reis disse “quem é que ganha pra mim aqui?”, o papai disse “Pedro Falabella ganha aqui pra ti, mas como ele está agora não é a melhor escolha”; o Enoque Reis disse “Tá bom irmão, mas eu preciso ganhar esse município”. Botou Pedro Falabella, é pior coisa pra nós, botaram, vingaram em cima de nós pra tomar esse terreno.⁶⁰⁶

Dessa forma, podemos situar esse encontro antes da segunda eleição de Falabella, em 1976. Timóteo também argumenta que esse encontro legitima seu pai, enquanto pessoa idônea, até mesmo por parte da maior autoridade do estado: “agora, o governador do Amazonas veio aqui, ele não falou com outras pessoas, só veio aqui perguntar isso pro papai. Por que ele perguntou do papai?”.⁶⁰⁷ Enumera outros sujeitos da cidade, como lideranças que podiam ser buscadas, e justifica a procura por Clinton, alguém que não estava “encoberto de interesse”:

É porque nenhum deles não iam contar a história direto, mas o Enoque Reis sabia se ele viesse aqui com papai ele ter a resposta direto, não ia estar encoberto de interesse

⁶⁰³ O amazonense Enoque (grafia original, Henoch, por isso também Enoc) da Silva Reis (1907-1998) exerceu diversos cargos como magistrado, professor universitário e político. Foi prefeito de Manacapuru (1943-1946), juiz do Trabalho, presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Manaus e corregedor-geral da Justiça Federal. Em 1966, foi nomeado Ministro do Tribunal Federal de Recursos, pelo Presidente Castello Branco, do qual se aposentou em 1974, para assumir em seguida como Governador do Estado do Amazonas (1975-1978). Cf. CPDOC. Enoc da Silva Reis. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/enoc-da-silva-reis>. Acesso em: 03 fev. 2024.

⁶⁰⁴ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

⁶⁰⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁰⁶ *Idem*.

⁶⁰⁷ *Idem*.

e esse negócio assim. Realmente foi ruim para nós, nós sofremos, mas estava correto, Pedro Falabela ganhou. Então, essa é uma dinâmica que fizeram.⁶⁰⁸

Entretanto, a “força política” não foi perene. Conforme Timóteo Thomas, dentro da “década de 70 até 80 foi também marcante” o refrear nessa área, como indicara também sobre a medicina e economia:

Da força política nós fomos diminuindo porque a gente não quis participar da política e o Pedro Falabella basicamente virou contra a gente e os inimigos dele também virou contra a gente, porque a gente tinha botado ele, eles já eram contra, aí ele vira contra, de todos os lados vira contra a gente [...] Então essa parte também nós diminuimos.⁶⁰⁹

Por outro lado, sua crítica também alcança políticos locais que integraram a Igreja de Cristo ao menos por um curto período: “agora na política, tinha um período, no médio 70, que nós tivemos a metade da Câmara, tinha três aqui na igreja dos seis, mas todos os três, eu sei que não vão gostar, mas todos os três foram uma negação para igreja”. Pensando as atitudes dessas pessoas, as julga como prejudiciais, pois não colaboraram para a imagem ou o crescimento da congregação: “então não tem sido positivo, às vezes, algumas pessoas que você pensa que deveria ter mudado e na história do crescimento da igreja deveria ter feito, realmente foram os maiores empecilhos que nós tivemos”. Nessas situações, como alguém que observou essas experiências políticas e as interpreta, “eu não tô falando mal, eu posso mostrar, porque até eu fico indagando como é que aconteceu, né?”.⁶¹⁰

Aurimar Terço Oliveira, político urucaraense experiente, analisou a atuação dos missionários norte-americanos na cidade, para além do serviço na Igreja de Cristo, e, por isso, reconheceu a existência de “divergências”:

Agora, tinha algumas divergências na política, porque ele era um senhor de uma personalidade muito forte, né, ele se preocupava com a vida das pessoas, com a limpeza da cidade, com o comportamento de algumas pessoas, por conta de que ele gostaria de transmitir alguma coisa melhor para as pessoas e o nível educacional da população naquela época era um pouco deficitário, então eu tenho... até que a esposa dele foi minha professora de inglês, eles se doavam de todas as formas para melhorar a vida das pessoas.⁶¹¹

Desse modo, essa “personalidade muito forte” e preocupação “com a vida das pessoas” colaboraram para as tensões que acompanharam a trajetória de Clinton Thomas em Urucará.

⁶⁰⁸ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁰⁹ *Idem.*

⁶¹⁰ *Idem.*

⁶¹¹ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

Conforme o vereador, “eles, tipo assim, se preocupavam muito com o comportamento, com a vida das pessoas, com a rotina, então eles procuravam... a educar, a determinar, inclusive aulas particulares eles davam lá na casa deles e tudo”.⁶¹²

O que conecta essa *preocupação* com a missão religiosa? Conforme estudiosos do protestantismo na América Latina, o intenso missionarismo protestante se vincula à submissão e à assimilação dos povos latino-americanos ao imaginário e formas religiosas eurocêntricas, ou seja, ao processo civilizacional ensejado especialmente pelos norte-americanos.⁶¹³ Desde o século XIX, o protestantismo se apresenta como capaz de superar as falhas do catolicismo, bem como de propagar a cultura anglo-saxônica. Mais que isso, o protestantismo construiu uma imagem como agente da modernidade, pautando seu projeto de “educar, curar e salvar”,⁶¹⁴ praticado em diversas regiões do país, consolidando sua inserção no Brasil a partir da conexão protestantismo-modernidade-processo civilizatório.

A narrativa do vereador Aurimar Terço parece colaborar com a representação dos missionários em Urucará, visualizados como agentes pioneiros de transformações, dispostos a se doar em prol do bem comum. Assim, “tudo era 0800, de graça mesmo. O cara chegava lá para consertar uma máquina, eles consertavam, mas se fosse para uma consulta simples ou qualquer coisa que fosse possível eles estavam sempre à disposição da população”. Naquele momento, “bem jovem, que eu lembro, a parte mais atuante deles, Urucará não tinha praticamente nada, um hospital bem pequeno, muito simples, não tinha, o serviço público muito carente, entendeu?”, logo, “girava muito em torno do trabalho deles aqui, o trabalho missionário que vinha acompanhado de todos esses serviços”.⁶¹⁵

Aurimar Terço desvela em suas memórias a interpretação dos urucaraenses: o pastor estrangeiro estava ali para evangelizar, para realizar uma missão proselitista, mas também ajudava a população, onde não havia serviços adequados, “girava muito em torno do trabalho deles”; assim, o trabalho missionário podia ser tolerado ou mesmo aceito, pois não vinha só com a pregação, os Thomas trouxeram algo mais, essa “parte mais atuante”.

⁶¹² Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁶¹³ Cf. OLIVEIRA, Guilherme Ferreira. **Para a glória de Deus e para o progresso dos homens**: pensamento missionário norte-americano e representações de Brasil a partir de *The Evangelical Invasion* (1910), de Samuel R. Grammon. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014; VILELA, Márcio Ananias Ferreira. Ações imperialistas dos Estados Unidos da América e a propagação da fé reformada no Brasil. **História Unicap**, Recife, v. 3, n. 5, p. 234-244, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/829>. Acesso em: 23 dez. 2022; WIRTH, Lauro Emilio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 34, p. 105-125, jan./jul. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342547>. Acesso em: 28 jul. 2020.

⁶¹⁴ Nascimento, 2005.

⁶¹⁵ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

Ao recorrermos às memórias dos colaboradores, a chegada dos Thomas parece um demarcador de mudanças para a cidade, iniciando como o esperado “homem branco, que vinha trazer um evangelho”⁶¹⁶ e atravessando outras áreas. Liberal esclarece que, “quando a instituição religiosa objetiva atuar na organização coletiva da sociedade” despontam aí seus “agentes transmissores” nos diferentes campos – na saúde, política, economia, educação.⁶¹⁷ Clinton e Phyllis Thomas, como tantos outros missionários, são “pioneiros”, (auto)representados como “inspirados, zelosos e dedicados”.⁶¹⁸

Nosso colaborador exprime a singularidade do diálogo e da harmonia entre Clinton, os religiosos e a política, principalmente devido à sua natureza voluntária: “no geral, no geral assim, era um cara de diálogo. Eu acho que o senso humanitário era, se sobressaía, e ele acabava assim, pela dificuldade das pessoas, pela necessidade de fazer, isso aí, superava a divergência e acabava que vivia harmonicamente”.⁶¹⁹ Contudo, a *divergência* existia e as tensões são indelévels na cidade.

3.2 Tensões e relações do pastor de Urucará

Uma das primeiras hipóteses levadas a campo a respeito do missionário Clinton Thomas foi quanto à existência de conflitos em Urucará. Mas esse pensamento ia em direção ao reconhecimento do interior do Amazonas como espaço dos catolicismos, o que poderia ter gerado perseguições aos novos religiosos, como a historiografia protestante indica ter ocorrido em tantas regiões do país.⁶²⁰ Contudo, nas entrevistas, a narrativa caminhou em outro sentido.

⁶¹⁶ Bezerra, 2024, p. 156.

⁶¹⁷ Liberal, 2004, p. 12.

⁶¹⁸ Oliveira, 2014, p. 92.

⁶¹⁹ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁶²⁰ O tema da perseguição é muito caro às igrejas e fundamental na construção das memórias de suas lideranças. Como observação pessoal, é um elemento presente na vida diária das igrejas, tanto em referências a perseguições literais sofridas no passado – como no período de estabelecimento dessas igrejas pelo país ou nos discursos sobre os países comunistas da Guerra Fria – quanto das perseguições que seriam atuais, cenário onde se inserem as pautas políticas tão comuns nos debates da última década. Em Bezerra (2024), ao discutirmos o encontro dos pastores Clinton e Eduardo, Timóteo recorda que o pastor batista mancava em consequência da perseguição sofrida em Parintins.

Livros de história eclesiástica tendem a discutir esse assunto, especialmente como parte dos “trabalhos pioneiros”. Uma referência que se pretende mais acadêmica, mas ainda de teor religioso, é o “Dicionário do Movimento Pentecostal”, organizado por um pastor e historiador institucional, onde encontram-se relatos de violências sofridas por pentecostais brasileiros ao longo do século XX devido às suas pregações e missões. Cf. ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

Esse tema, apropriada por discursos políticos do campo da direita, é afirmado como “cristofobia”, alegando uma suposta perseguição religiosa contra cristãos no Brasil. O advogado e professor Saulo Soares, ao comentar o tema, discute não apenas as violências em países sob fundamentalismos islâmicos, mas afirma haver no Brasil uma “perseguição jurídica aos cristãos”, criticando “o silêncio desumano da mídia arcaica diante da cristofobia”. Cf. SOARES, Saulo Cerqueira de Aguiar. Cristãos perseguidos e esquecidos: 360 milhões de fiéis sob ataque no

Mesmo que não se neguem tensões devido à inserção de outra igreja na cidade,⁶²¹ não teriam ocorrido violências físicas aos missionários norte-americanos; por outro lado, as tensões também teriam Clinton Thomas como agente. É quando entram os alto-falantes nos processos de construção de memória.

Na primeira entrevista desse projeto, Tomé Thomas sugeriu que pessoas não nomeadas pelo colaborador não simpatizam com seu pai. Segundo Tomé, isso se dava “porque ele era independente do que o prefeito queria, né”; além disso, “ele não gostava de som alto e ele reclamava sempre... e as pessoas diziam que pagavam direito, então era um motivo de encrenca”. Concluía que “era pelo alto-falante e barulho, naquele tempo, que perseguiam ele”, pois se punham o aparelho para funcionar “durante o culto... eles faziam barulho né, sabendo que ele tinha o culto”, certamente buscavam enfrentar o missionário.⁶²²

O aparelho de alto-falante tornou-se um indício para compreender as relações e tensões envolvendo Clinton Thomas, a população e as autoridades de Urucará. Como demarcado ao se falar dos seus atendimentos médicos em casa, o temperamento do pastor Clinton era explosivo: “nem fosse lá [fora de hora], [risos] ele gritava com o pessoal, ele era assim”. Renato Vieira, um de seus amigos mais próximos, indica: “aí nesse tempo ele era brabo, brabo colega, ninguém triscasse um pouquinho com ele que ele gritava com a gente, era brabo o velho”. Logo, isso colaborou para os desentendimentos com os moradores devido aos barulhos.⁶²³

Conforme o vereador Aurimar Oliveira:

Ele não gostava, por exemplo, de barulho. Aqui, o município não tinha rádio, aí tinha um serviço de alto-falante, entendeu? E ele ficava enfurecido, por conta do sistema de

mundo - violação ao direito fundamental à liberdade de crença e o silêncio desumano da mídia arcaica diante da cristofobia. In: SOARES, Saulo Cerqueira de Aguiar Soares; EÇA, Vitor Salino de Moura; SOARES, Ivna Maria Mello (org.). **Constituição e Estado Democrático de Direito**. Curitiba: CRV, 2022, p. 19-33.

Pesquisadores dos protestantismos históricos – cujos grupos chegaram ao Brasil no século XIX – destacam as perseguições que os primeiros missionários e igrejas sofreram devido à intolerância religiosa no país esmagadoramente católico. Delineamos algumas dessas questões no primeiro capítulo de Bezerra (2024). Cf. também: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

Quanto à retórica da perseguição política que toma as disputas eleitorais e a questão da liberdade religiosa e do discurso da cristofobia, cf. COSTA, Sandson de Souza; SILVA, Francisco Vieira da. Cristofobia, ressentimento religioso e discurso político no X. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://homologacaoperiodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/5739>. Acesso em: 21 dez. 2025; PEREIRA, Derly Nunes. Evangélicos e liberdade religiosa no Brasil: questões históricas e contemporâneas. **Último Andar**, São Paulo, v. 28, n. 45, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/68786>. Acesso em: 21 dez. 2025; SILVA, Clemildo Anacleto da Silva. Os evangélicos e o exercício da liberdade religiosa no Brasil. **REVER**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 29-44, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/63692>. Acesso em: 21 dez. 2025.

⁶²¹ Cf. terceiro capítulo, Bezerra (2024).

⁶²² Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁶²³ Renato Braga Vieira, 2018.

serviço de alto-falante, que ficava próximo da casa dele, e as pessoas comentavam que pelo fato dele ter participado da guerra, e não sei quê, ele não gostava muito de barulho por conta daqueles conflitos, que ele tinha passado na vida dele... ele reclamava muito sobre isso, ele ficava enfurecido; ele chegou inclusive a tentar invadir o local onde estava funcionando e tentar quebrar aqueles equipamentos, mas era assim, uma coisa pontual, depois aquilo passava. Não era coisa de ficar raivoso, e por conta disso deixar de atender o povo. Ele, ele pedia que fosse feito o silêncio, até porque ficava próximo da casa dele, e você, até a gente mesmo, ficar com um barulho ali... toda a tarde, então ele ficava, não ficava gostando daquilo, ficava chateado.⁶²⁴

Observamos que a população conhecia a discordância do pastor com os alto-falantes, e tentava justificar ele ficar “enfurecido” com algum passado em experiências traumáticas de guerra. Contudo, não encontramos nenhuma referência dos filhos de Clinton Thomas quanto à participação do pai em guerra, nem mesmo em serviço militar. Aurimar também fornece pistas dessa relação pastor-população, afirmando que Clinton Thomas não ficava “raivoso” a ponto de “deixar de atender o povo”. O vereador, diplomaticamente, além de definir os acontecimentos como uma questão pontual, compreende os sentimentos do pastor, pois “ficava próximo da casa dele, e você, até a gente mesmo, ficar com um barulho ali”.

Os episódios com os alto-falantes são marcos nas memórias de todos os narradores, e como veremos, não eram de menor importância nas relações entre o missionário, os políticos e a cidade de Urucará.

Dona Auxiliadora guarda em seu processo de construção de memória a questão do alto-falante do senhor Manoel Pedro. Segundo ela, isso aconteceu quando ela “ainda não estava na igreja”. Em suas palavras,

[...] tinha aquele alto-falante... com a voz alta, alta, bem perto da igreja. Aí ele [Clinton] foi lá, pedir pra parar uma vez, pra abaixar. [...] não era só dia de culto, era toda noite parece que ele colocava. Aí, ele foi lá, puxou os fios do aparelho, desligou, porque já tava muito alto, ali perto, né, não dava pra fazer o trabalho.⁶²⁵

Com isso, o comerciante Manoel Pedro “foi dar parte, o delegado veio. Ele passou detido, parece lá, umas horas”.⁶²⁶ No rememorar de dona Soliege Santos:

É, ele não gostava de som alto, ele dizia que ele foi pra guerra parece né, soube que lá na guerra aquele barulho, assim tipo ele ficou entediado né? E várias vezes mesmo ele chegou na *Voz Renovadora* lá ali, no seu Manoel, entrou lá e arrancou alguns negócios e foi pra polícia, ele foi preso duas vezes. [risada]⁶²⁷

⁶²⁴ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁶²⁵ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

⁶²⁶ *Idem*.

⁶²⁷ Soliege Maria Vieira dos Santos, 2022.

Mário Falabella não apontou perseguições das autoridades ou moradores contra o pastor, mas atestou a existência de diversos confrontos que partiram dele: “o pastor teve vários atritos, com várias pessoas, com prefeitos, mais por questão de barulho né. Ele era uma pessoa que não gostava de barulho, de som principalmente. Se você colocasse o alto-falante em qualquer lugar, ele ia lá e brigava contigo”. Conforme o narrador, a reação do pastor acontecia independentemente do local de onde vinha o som, se “fosse na praça, fosse na tua casa, teve vários lances”. Por isso, “chegou até ser detido pela polícia, que ele arrancou o sistema do Manoel Pedro, que tinha um bar, e ele botava um serviço de alto-falante, com negócio de futebol e tudo, e era bem próximo à casa dele, ele foi lá e arrancou tudo”. Em ocasião semelhante, “com Baltazar, que tinha um programa na praça também, de esporte e outras coisas, ele foi lá e arrancou também o serviço de alto-falante da praça. E ele tinha esses problemas, era muito problema que o pastor tinha, não podia ter muito barulho perto dele”.⁶²⁸

Tal como outros colaboradores, Mário Falabella rememora as conversas que a população tinha sobre esses *problemas*: “acredito que fosse, não sei, algum problema que ele teve pela sua infância, não sei. Falavam que foi problema de guerra, não sei né, que ele participou. Não tenho nenhuma ideia de que foi isso”. Apesar disso, o colaborador confirma o fato: “sei que esse problema ele tinha, que todo povo sabia. Brigou com várias pessoas por causa disso”. Sendo episódios recorrentes de tensões devido ao alto-falante, o empresário confirma que essa era a única preocupação que se devia ter com ele: “fora isso, não tinha nada, era o caso dele era esse: se quisesse brigar com o pastor Clinton era botar o sistema de som perto dele, aí a briga era feia”.⁶²⁹

Ao ser indagada sobre a relação do pastor com as autoridades da cidade, Alcilene Gama evidencia as dinâmicas da memória, ao contar do que foi compartilhado consigo em sua juventude:

Assim, por ouvir né. Por ouvir, por alto também. As histórias. Porque quando a gente é jovem assim, nova, a gente não leva muito a sério as coisas, não dá atenção né. Mas o que eu ouvi falar assim, que o prefeito, aquele que era o prefeito Falabella, que era um dos primeiros né, parece que ele perseguiu muito ele, com relação à parte política, né, que parece que ele queria que ele acompanhasse na... fizesse, tipo a cabeça das pessoas pra votar nele, e ele não era assim de se envolver com política. Eu sabia assim que ele tinha essa rixa assim com ele, da parte do Falabella pro seu Clinton né.⁶³⁰

⁶²⁸ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁶²⁹ *Idem*.

⁶³⁰ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

Em relação ao chefe do Executivo, segundo dona Alcilene Gama, “prefeito que também perseguia. Queria que ele fosse embora daí, Falabella né, era essas histórias que eu ouvia assim, mas não é com clareza, de certeza, eu não sei te explicar assim, sabe”.⁶³¹ Mais uma vez, a colaboradora ressalta que tais memórias foram compartilhadas e não lhes assegura veracidade.

Nessas narrativas, o prefeito “queria assim interferir em várias coisas, porque o seu Clinton ele gostava muito... por exemplo, tudo que ia aparecendo de terra pra ele comprar, terrenos, ele ia comprando né, ele tinha muitas terras”. Esse relato evidencia a dimensão econômica do missionário estrangeiro com a cidade, com o acúmulo de terras, e revela como, possivelmente, a relação do pastor com o prefeito se deteriorou diante disso: “e eu não sei se ele não gostava disso, às vezes ele [o prefeito] pegava terras que ele [Clinton] tinha comprado já, ele fazia voltar, tipo pra prefeitura e doava para outras pessoas, não indenizava ele”. Alcilene Gama reforça o papel das memórias compartilhadas na cidade, por isso “sabia dessa história também, que eu ouvia; não sei explicar direito como é que era”.⁶³²

A colaboradora não pontua outras situações de fortes desentendimentos, “é que eu lembro só; nunca soube de outro atrito assim não, que viesse ter conhecimento na cidade”. Em contrapartida às possíveis tensões em relação ao pastor Clinton, ela reitera a representação altruísta do pastor: “que eu sabia muito sempre era de ajuda deles, tudo o seu Clinton ajudava. Ajudava financeiramente, ajudava espiritualmente, do jeito que ele podia.”⁶³³

Renato Vieira atesta o afastamento do pastor das autoridades da cidade:

[...] ele não era muito chegado com esse pessoal aí. Juiz, delegado, essa gente toda ele nunca era chegado assim né. Ele conversava com eles, mas não era do gosto dele não, porque aborreciam ele né, e ele ficava brabo, ele esculhambava com os cara, aí ele ficava afastado né, do prefeito, delegado, juiz, tudo ele ficava assim, fora dele, porque ele não era chegado assim.⁶³⁴

Em outro momento, nosso colaborador reafirma: “é como eu tô dizendo, ele só não gostava de delegado, não gostava de juiz, não gostava de prefeito, porque o prefeito fazia uma sujeira com ele aí, ele já viu”.⁶³⁵ Corroborando a narrativa de dona Alcilene quanto às disputas pela propriedade de terras, a sujeira mencionada por seu Renato envolvia a disputa por um terreno:

⁶³¹ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

⁶³² *Idem.*

⁶³³ *Idem.*

⁶³⁴ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶³⁵ *Idem.*

[...] o Falabella tomou um terreno dele pra cá, tomou outro... aí esse fora aí, que é onde é dele agora, só tem um pedaço da prefeitura, ele tomou isso aí dele tudinho. Era do velho, aí o Pedro, prefeito tomou né, por isso que ele ficou todo tempo brigando com ele, assim ele morreu e nunca gostou dele não... pois é.⁶³⁶

Ou seja, na interpretação do marceneiro e pedreiro aposentado, a disputa por terras entre o pastor e a prefeitura dirigida por Falabella era motivo mais do que propício para que Clinton morresse sem reatar relações. Os terrenos enquanto motivos de disputas também foram desvelados na narrativa de Timóteo sobre a segunda eleição de Pedro Falabella, “é pior coisa pra nós, botaram, vingaram em cima de nós pra tomar esse terreno”. Essa questão das terras é importante nas acusações feitas por Falabella e que chegam ao SNI, como veremos adiante.

Tomé Thomas atesta que havia diferenças entre as lideranças, mas não entra em detalhes: “Sempre tem, a diferença de quem está certo ou errado [...] mas se você precisa ajuda de alguém, você não vai brigar com aquela pessoa”. Ou seja, Clinton, era uma pessoa bem aceita, dadas suas ações fora da Igreja de Cristo: “sim, ele era aceito... porque ele ajudava em outras áreas, além da igreja”.⁶³⁷ Teodomiro Sicsú, observador a partir da década de 1980, diminui a importância dos *problemas*, privilegiando a posição do pastor na hierarquia da cidade:

Tinha alguns problemas aí, de barulho, sabe? Botavam voz aí, ele ia lá, pedia para fechar, né, mas é isso aí. E o pastor também era uma pessoa que era tido como uma autoridade, sabe, que tem pessoas que são religiosas, mas que são autoridades. Que tem aquele status, devido a pessoa, devido o que a pessoa é, né? O pastor, eu sei o que eu posso dizer, que era uma pessoa respeitada, aqui não só pelos pequenos, os humildes, mas também pelos grandes, né? É assim né, mas pela questão da idoneidade dele, moral, uma pessoa que é respeitada, né? Se a pessoa que ser respeitada, mas não tem moral, já era, já deixa a desejar, né? Então às vezes não é o nome que faz a pessoa, o pastor, mas é o ser, como diz lá né, ser uma nova criatura, uma pessoa de Deus.⁶³⁸

Sua narrativa, embora silencie quanto às tensões na cidade, evidencia que Clinton Thomas era alguém respeitado tanto “pelos pequenos” quanto “pelos grandes”. Portanto, as possíveis divergências deviam ser minimizadas diante “da idoneidade dele”, especialmente por considerá-lo como “uma pessoa de Deus”. Diante disso, o colaborador reforça: “eu posso te dizer que o relacionamento dele com as pessoas era mais positivo, positivo, né, tanto que hoje tem um posto com o nome dele aí, né”. A existência do posto de saúde em homenagem ao pastor corroboraria essa respeitabilidade, “foi colocado aí por um político aí, o nome dele num posto de saúde, no reconhecimento pelo trabalho que ele prestou a população, né?”.⁶³⁹

⁶³⁶ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶³⁷ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁶³⁸ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁶³⁹ *Idem*.

Teodomiro Sicsú também não confirma conflitos judiciais com Clinton Thomas: “o pastor procurou sempre se relacionar bem com eles aí, né, os cartórios. Não lembro de algum problema aí que tenha passado”. Entretanto, deixa revelar possíveis tensões ao continuar sua narrativa: “o problema aí, às vezes, é cultural, né. Tem a festa aí, quando chega aquela festa, eles interditam lá a rua lá, e coloca um ferro lá, essas coisas, tanto de um lado quanto da outra”.

⁶⁴⁰ Logo, o problema de ordem *cultural*, implicando provavelmente a Festa do Divino Espírito Santo, principal manifestação religiosa da cidade, pode se estender desde o início da Igreja de Cristo, instalada a algumas dezenas de metros da praça da Matriz (figura 13).

Nessa permanência, “e aí, você vai, procura conviver com isso, para não tá envolvendo negócio de justiça, a gente vai convivendo, né, com essa questão. Mesmo sabendo que a rua de uma igreja não pode ser interditada, né, nós procuramos conversar, para evitar problema, né”, pois “principalmente em festa, eles fecham lá, vigia deixa a gente passar, e assim a gente vai sobrevivendo para não entrar em atrito”.⁶⁴¹ É provável que tais problemas de locomoção, somados ao barulho das festas, tenham ocasionado *atrito* entre o pastor e os moradores católicos.

Figura 13: Vista da frente de Urucará, identificando as torres das igrejas de Cristo (centro) e católica (centro-direita), [198-?]



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA.

⁶⁴⁰ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁶⁴¹ *Idem*.

Diante dos problemas envolvendo os alto-falantes, Mário Falabella recorda que “até o padre, que também era canadense, brigou por causa dele; tentaram prendê-lo, e ele foi lá defender o pastor”. Segundo seu processo de construção de memória, a motivação era a origem dos dois religiosos: “porque eles eram da mesma... como diz a história, da mesma cidade, do Canadá, Estados Unidos, são próximos”; por isso, “ele foi defender o colega”. Ainda que não tenha sido possível identificar a qual dos padres canadenses o relato se refere, a narrativa ajuda a compreender a rede de relações missionárias em Urucará.⁶⁴²

Conforme Mário Falabella, pastor e padre “sempre foram [amigos], porque os dois falavam a mesma língua, não é, sempre estavam juntos, conversando, não teve nunca atrito entre eles”. Falabella não omite as possíveis falhas do pastor na cidade, mas destaca o papel do sacerdote canadense em interceder em favor do norte-americano: “o pastor Clinton né, apesar de estar errado, porque você não pode tá invadindo uma propriedade para tirar, arrancar o som, né”. Contudo, Clinton “não chegou a ser preso, levaram para lá, conversar com ele, ficou lá, mas foi a única vez também”.⁶⁴³

Tomé Thomas revela que, em relação às autoridades policiais, “tinha alguns que não gostavam dele”.⁶⁴⁴ No entanto, destaca-se que Clinton Thomas buscou aproximar-se de tais poderes. Renato Vieira confirma amizades do pastor com militares, apesar de não recordar nomes: “agora ele era chegado muito era com o pessoal lá do quartel, em Manaus... ele tinha um amigo lá que... até esqueci o nome dele, Deus o livre, ele vinha aí com ele, ele preparava armas pra eles, e eu sei que antes de ele ir embora, ele deu muita coisa pra ele”. Assim, ao contrário de com autoridades da cidade, “com esse aí ele era amigo mesmo, é, muito amigo”.⁶⁴⁵

Renato Vieira, no que pese admitir os estranhamentos entre o pastor e as autoridades da cidade, nega que ele tenha sido alvo de investigações: “não né... ele não foi investigado não, porque ele ficava assim... só com raiva, só com ele mesmo né, nunca brigaram, mas com raiva ele ficava né, porque os homi mexiam com ele”. Nisso, sua memória alcança que “o delegado uma vez prendeu ele... e por isso que ele ficava brabo com esse delegado aí”. Ainda que não se tenha identificado o nome dessa autoridade, o episódio conecta-se mais uma vez aos ruídos que Clinton tomava como afronta: “porque o pessoal botava som alto por aí, né, e ele ia lá, e esculhambava, quando não ele desligava o aparelho doutro, e aí uma vez acabou dando uma cadeia pra ele”.⁶⁴⁶

⁶⁴² Mário Rosário Falabella, 2019.

⁶⁴³ *Idem*.

⁶⁴⁴ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁶⁴⁵ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁴⁶ *Idem*.

O colaborador contemporiza essas situações com o temperamento do norte-americano: “é. Ele era brabo, naquele tempo ele era muito brabo, não botasse aqueles alto-falante ali, hum... Deus o livre, ficava o bicho lá [risos]”. Contudo, seu Renato percebe que houve uma transformação ao longo dos anos: “então... era isso que era, depois ele ficou humilde né, com o tempo foi, foi, foi, ele ficou humilde com o pessoal, esses gente grande né, assim ele foi embora e não mexeu com mais ninguém, pois é”. Apesar de descrever o pastor como uma vítima das autoridades, alguém que sofria com os que “mexiam com ele”, a narrativa revela o papel de Clinton nessas tensões locais, já que “ele foi embora e não mexeu com mais ninguém”.⁶⁴⁷

Dona Maria Auxiliadora, que passou a integrar a Igreja de Cristo no começo dos anos 1970, não rememora pastor Clinton em atos políticos na cidade: “Ele não apoiava. Quando ele ouvia alguma coisa, ele ainda dizia pra gente: ‘Vocês têm que escolher, mas eu acho melhor seu fulano.’ Dava uma opinião, né. Mas, era difícil. Ixi. Era difícil mesmo”. Essas opiniões eram “fora da igreja, conversando com a gente, ele dizia, mas na igreja não. Não falava em política, nunca falou”. Poderiam ser esses comentários fora dos espaços da igreja que provocaram problemas e investigações do pastor? Em todo caso, em seu processo de construção de memória, Dona Auxiliadora afirma que o pastor Clinton “respeitava muito as leis aqui. Agora não queria que abusassem, essas vozes aí que botavam, alto-falante”.⁶⁴⁸

Arvorada em seus mais de vinte anos vivendo como batizada ao lado de Clinton Thomas, dona Auxiliadora rechaça conexões da igreja com políticos em troca de benefícios: “a Igreja de Cristo, ela nunca dependeu de... tanto coisa que os prefeitos aí dizem que a Igreja de Cristo foi a igreja que nunca chegou lá pedindo nada. Essas outras igrejas dizem que vão, né? Pedem ajuda de cimento, de tijolo, pedem ajuda”. Para aludir à diferença entre sua congregação e outras igrejas, afirma: “mas a Igreja de Cristo nunca foi pidona não assim. A gente fazia as coisas, se a gente fazia as coisas, com o dinheiro da igreja se tiver, ou com a nossa ajuda mesmo”. Mesmo que alguns tenham tentado se aproveitar das relações políticas, a direção da igreja parece ter se dedicado a negar essa dependência: “Teve um tempo que algumas pessoas inventaram de pedir ajuda pra Igreja de Cristo. Dona Felícia não gostou; ela disse ‘não, não precisa pedir, nós mesmos que temos que trabalhar, que ajudar’. Aí a gente deixou de pedir”. Assim, mesmo que “tudo quanto é igreja pede ajuda, né? Da prefeitura, alguma coisa”, mas “a Igreja de Cristo nunca foi dependente assim, não, de tá pedindo, pedindo”.⁶⁴⁹ Sua narrativa parece indicar que as experiências com tensões políticas na cidade, envolvendo o pastor e

⁶⁴⁷ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁴⁸ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

⁶⁴⁹ *Idem*.

autoridades, tornaram a Igreja de Cristo, ao longo do tempo, avessa a relações de proximidade com os políticos, atitude ainda em prática com os remanescentes.

Com a presença de uma família norte-americana em Urucará, a cidade também pareceu atrair outros visitantes do mesmo país: “Sempre vinha algum. (...) eu acho que era tudo da igreja, né, porque eles iam na igreja, né. Mas não era sempre, todo tempo não, né. Alguma vez. Tanto que ele só trouxe o pai dele alguma vez, parece”. O que eles faziam na cidade? Será que suas presenças ajudavam na lenda local do pastor ser um espião? Segundo dona Auxiliadora, os estrangeiros “só vinham uns dias só mesmo, passear, né, conhecer. Ficavam passeando com ele, pra cá, pra ali, na cidade. Só visitar mesmo”. Na sua memória, “até antes dele ir mesmo [em 1996], já não vinham mais”.⁶⁵⁰

Timóteo, mais uma vez em seu papel de guardião da memória do pai, explica que os primeiros visitantes estrangeiros eram missionários da Igreja de Cristo. Apontando sujeitos que atuavam em lugares como Belém, Macapá e Goiânia, explica que, logo em 1966, primeiro ano da igreja em Urucará, dois missionários se deslocaram para viagens rápidas à cidade: “o que a gente fazia era duas semanas de pregação tudo à noite”.⁶⁵¹ Ele precisa o ano de 1966 e o momento dessa primeira viagem por rememorar que foi o ano de seu batismo nas águas. Ao longo dos anos da atividade missionária de Clinton Thomas, vários missionários estrangeiros estiveram em Urucará, e mesmo alguns se estabeleceram após ele.

Mas outras pessoas também visitaram Urucará e se encontraram seu pai, mesmo sem ser do Movimento de Restauração. Um caso específico foi o de uma inglesa: “nos anos 1970, veio pessoas como, que não era da igreja, Margaret Mee, da Inglaterra, que fazia orquídeas”.⁶⁵² Mee era uma artista botânica que residia no Brasil desde os anos 1950, como professora em São Paulo. A partir de 1964, ela explorou o estado do Amazonas em viagens, para pintar as plantas, mas também colecionando espécies raras brasileiras devido ao temor do desaparecimento. Ela produziu centenas de ilustrações, tendo “como grande objetivo estudar e registrar fielmente a flora brasileira”.⁶⁵³

A menção às orquídeas na fala de Timóteo conecta Mee diretamente a Clinton pois ele também foi um artista botânico, catalogando e pintando principalmente orquídeas. Não

⁶⁵⁰ Maria Auxiliadora da Costa Vieira, 2017.

⁶⁵¹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁵² *Idem*.

⁶⁵³ IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Margaret Mee - Artista dedicada à botânica da Amazônia. **História das Artes**, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/margaret-mee-artista-dedicada-a-botanica-da-amazonia/>. Acesso em: 09 jan. 2026. Cf. GUERINO, Lydia Varela. **Entre passos, traços e pinceladas**: articulações de Margaret Mee com os cânones da ilustração botânica. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

sabemos se ele foi inspirado pela interação com Margaret Mee ou se essa aproximação se deu devido ao interesse em comum; porém, nos arquivos de fotografias de Tomé Thomas, constam vários registros dessas pinturas realizadas pelo pastor. Em todo caso, a presença de um norte-americano em Urucará, viabilizava a passagem de outros falantes de língua inglesa, quais fossem seus interesses: salvação, natureza, minerais.

Em meio aos problemas dos alto-falantes, recordamos que Clinton Thomas forjava, no torno mecânico, relações com moradores e autoridades. Considerando as carências em uma cidade do interior em plena década de 1970, dependente apenas do transporte fluvial, a presença de um profissional com conhecimento e material de trabalho era essencial para Urucará, onde um motor ou uma arma era um item caro e de necessidade. Além disso, Clinton ser um profissional capacitado a reparar e modificar armas – atendendo a moradores de Urucará que dependiam destes instrumentos para segurança e alimentação, a integrantes do Exército em Manaus e em Urucará, e mesmo a outras pessoas influentes, como doutor João Lúcio – fortaleceu a posição e permanência dos Thomas na cidade e no estado. Nas palavras de Timóteo, as armas faziam muitas pessoas gostarem de seu pai, “as armas nos deram mais contatos do que quase todas as coisas”.⁶⁵⁴

Introduzindo a atuação mecânica de seu pai, Tomé Thomas rememora que “ele tinha torno, ele fazia de tudo, até peças pra máquina elétrica”. Assim, ele cuidava dos poucos veículos presentes na cidade, “alguns né, que não tinha muitos naquele tempo”, e dedicava principalmente suas tardes “ajudando o povo” em serviços mecânicos: “pela tarde ele trabalhava na área mecânica... de vez em quando ele saía pra pescar, se ele pudesse... mas é, dedicava à tarde na área mecânica, assim, ajudando o povo”.⁶⁵⁵

Segundo Aurimar Terço, desde suas memórias de infância, o norte-americano “fazia de tudo. Por exemplo, se o cara tinha uma rabetinha ou tinha uma máquina, o cara chegava lá, ‘pô, Clinton, esculhambou, tem um problema aqui, na minha moto, no meu caminhão, no carro, ou numa moto, no barco’, chegava lá ele arrumava, ajeitava”. Da mesma forma, “por exemplo, uma espingarda que não conseguia mais funcionar, uma armazinha, ele chegava lá, e arrumava, consertava, entendeu? Ele fazia muito. Negócio de espingarda, de rifle, ele tinha uma habilidade muito grande com esse material”.⁶⁵⁶

O vereador interpreta que essa habilidade seria a razão de alguns dos falatórios: “acho que daí também falavam por conta disso, pelo fato dele ter participado, ser combatente na

⁶⁵⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁵⁵ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁶⁵⁶ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

guerra, e talvez ele tivesse esse conhecimento e achavam que ele fosse espião [risada]”. Mesmo quando o missionário se despediu da cidade e do Brasil, “ele deixou várias pessoas que trabalhavam com ele assim, como mecânico, de arma, de moto, consertar algumas máquinas assim, deixou algumas pessoas aqui que trabalhava com ele, que aprendeu o ofício”.⁶⁵⁷ Em outras palavras, a ajuda oferecida por Clinton Thomas ao longo das décadas resultou também na formação de outros profissionais locais.

Mário Falabella afirma que o pastor Clinton “não era o único mecânico”; entretanto, sublinha que “ele tinha uma oficina equipada, com muitas ferramentas, um torno mecânico, para fazer pequeno serviço” e “quando você precisava de uma peça que necessitava passar de um acabamento, de torneiro, ia lá com ele, ele fazia e voltava”. Seu lembrar é especialmente valioso sobre a qualificação de Clinton Thomas para fazer reparos em armas de fogo: “ele também era armeiro, que você tinha uma espingarda que não funcionando, uma arma que não funcionava direito, ele ia lá, arrumava para você... então, essa parte, ele era muito bom”. O colaborador resumiu: “na parte de mecânica e armeiro ele, ele conhecia mesmo, isso ele era bom. Atendia de tudo, era aquele cabra que, no interior, que fazia tudo, né? Pelo menos tentava, né?”.⁶⁵⁸ Mesmo Eduardo Lessa Júnior, em Parintins, conhecia esses trabalhos:

E o pastor Clinton ali também, ele era mecânico, ele... se não me engano ele trabalhou até no exército como armeiro, alguma coisa assim, ele entendia muito de armas, muito de mecânica também e isso ajudou, também abriu as portas, porque as pessoas tinham pequenas embarcações e motores, não tinha quem consertasse, não tinha mecânico na época e o pastor Clinton dava jeito em tudo. Então isso também foi uma das coisas que ajudou abrir as portas. [...] Ele tinha um conhecimento, um conhecimento muito mais avançado do que qualquer mecânico aqui na nossa região. E tinha os equipamentos também, então facilitou bastante para ele.⁶⁵⁹

Quanto ao material usado no trabalho mecânico de Clinton Thomas, Renato Vieira assegura que “ele mesmo comprava e trabalhava aí mesmo. Máquina ele tinha muito”. O colaborador também define os equipamentos da oficina:

[...] A oficina que eu trabalhava tinha nove máquinas, a dele tinha... Deixo ver... Tinha um torno, duas furadeiras e... Não me lembro o que mais tinha, sei que era umas cinco máquinas que ele tinha lá na oficina dele, a oficina dele era daqui pra cá, a minha era daqui pra cá, ele trabalhava lá e eu pra cá [...]⁶⁶⁰

⁶⁵⁷ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁶⁵⁸ Mário Rosário Falabella, 2019.

⁶⁵⁹ Eduardo Lessa Júnior, 2021.

⁶⁶⁰ Renato Braga Vieira, 2018.

Mesmo depois de muitos anos, seu Renato continuava a afiançar o trabalho do mecânico Clinton Thomas: “o homem era muito bom. Perfeito no trabalho. Fazia... fazia uma peça... ele fazia uma peça que você ficava admirado, você olhava assim e achava que não era feito aqui, mas era, ele que fazia no torno... muito... muito especial aquelas peças, muito bom”. Já que esse trabalho mecânico era explorado pelas mais diferentes pessoas da cidade, “ele fazia o seguinte: o pessoal levava lá máquina ou qualquer coisa de mecânico, ele levava lá, ele fazia, ele cobrava, assim que ele fazia, ele cobrava”. Entretanto, esses pagamentos exibiam diferenças, indicando a importância das relações construídas por Clinton: “ele cobrava uma importância né, pra uns, agora pros amigos, dele que era amigo mesmo ele fazia e não cobrava nada. É... pois é, assim que é o negócio”.⁶⁶¹

Tomé Thomas, quando comparou as duas principais atuações extrarreligiosas de seu pai na cidade, referiu-se a doações e cobranças: “naquele tempo era tudo doação... ele nunca cobrou medicamento de ninguém... nem ajuda, só na área de mecânica, porque precisava o material e ele teria que pagar pra ajudar então ele cobrava, mas era pouco”.⁶⁶² Renato Vieira, companheiro de trabalho de Clinton por décadas, rememora que “ele cobrava uma importância né, pra uns, agora pros amigos, dele que era amigo mesmo ele fazia e não cobrava nada”.⁶⁶³ Essa indicação da variação de cobrança pode sugerir a construção das relações com as autoridades militares.

Em outro momento, o colaborador confirmou amizades do pastor com militares: “agora ele era chegado muito era com o pessoal lá do quartel, em Manaus”, e um desses amigos visitava o pastor e era atendido por ele: “ele vinha aí com ele, ele preparava armas pra eles, e eu sei que antes de ele ir embora, ele [Clinton] deu muita coisa pra ele [o amigo militar]”.⁶⁶⁴ Segundo Timóteo, como destacamos antes, o pastor aproveitava os contatos devido às denúncias para cultivar relações com militares: “teve denúncias no militar e foi assim que o papai conheceu militar, porque o militar chamava o papai para ver esses processos e tal, e depois eles sabiam que era perseguição”.⁶⁶⁵ Portanto, o missionário estrategicamente se aproximava dos poderes militares, também a partir de sua atuação como mecânico e como armeiro, construindo uma rede que permitiu suas disputas com o prefeito.

Não era apenas a mecânica que tinha lugar na casa de Clinton Thomas. Renato Vieira relembrou com saudosismo as quase três décadas trabalhando para o pastor; enquanto outros carpinteiros não permaneceram, “é o velho que não gostava, porque eles eram devagar no

⁶⁶¹ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁶² Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

⁶⁶³ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁶⁴ *Idem*.

⁶⁶⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

trabalho e trabalhavam mal e eu foi o único que fiz muito trabalho bem feito porque ele gostava do meu trabalho né. Aquele velho pra mim era como um pai pra mim, muito bom meu velho”.⁶⁶⁶ O colaborador descreveu as formas de trabalho na propriedade:

[...] trabalhava tanto em móvel como de pedreiro né, aí fiz muito trabalho, muitos móveis eu fiz pra aquela casa, aquela janela, porta, tudo, tudo foi meu trabalho. Então, banco da igreja, móvel pra igreja, tudinho, aquele colégio que tem atrás da igreja você não chegou a ver porque vocês não puderam entrar lá né, foi feito por mim, mim e meus amigos, meus trabalhador né, eu trabalhava com nove pessoa fazendo aquele colégio, então.... fiz muito móvel pra aquela igreja lá, muito mesmo! Você não pode ver porque não puderam entrar né, mas eu trabalhei todo esse tempo, todas essas casa aí, foi feito o término do trabalho, foi eu que terminei tudo, acabamento tudo... então, esse tempo todo eu tirei trabalhando com ele né, 29 anos.⁶⁶⁷

Seu Renato rememorou sua atividade em serviços manuais a serviço de Clinton Thomas, mas afirma que “nunca fui empregado dele”, pois isso tiraria sua independência: “eu ia trabalhar assim mesmo, porque num queria assinado a carteira porque senão eu não podia sair pra pescar, pra fazer alguma coisa fora pra mim, né, aí ele disse ‘tá bom’. E fiquemos assim até ele ir embora e assim que foi os trabalhos”. Não apenas ele, mas vários familiares o acompanharam: “todos os meus filhos trabalharam, meus sobrinhos trabalharam comigo, lá, mas pouco tempo, não foi muito tempo. Agora eu não, eu fiquei lá direto”.⁶⁶⁸

Teodomiro Sicsú confirma a abrangência dos outros trabalhos de Clinton, que não dependia apenas de ofertas dos Estados Unidos: “ele também sempre trabalhou, pastor sempre trabalhou, né! Fazia móveis, aí, fazia uns móveis, vendia em Manaus, fabricava aí, fazia para vender”. Conforme o narrador, ele “sempre trabalhou. Trabalhava praticamente todo dia; ele tinha uma oficina, acho que ainda tem até hoje, né? Tinha o maquinário completo aí”.⁶⁶⁹

Com o tempo, o trabalho do mecânico Clinton também foi afetado: “essa década de 70 até 80 foi também marcante”. Não que tenha sido interrompido, mas “a parte mecânica, até o papai ir embora, muitas pessoas trouxeram coisas mecânica, mas aí começou a vir outros”. Com a multiplicação de profissionais da área, “que realiza conserto, então a gente não era o único procurado como nos anos 60, 70”.⁶⁷⁰

A partir desses relatos e discussões, configura-se a construção da representação do pastor Clinton Thomas nas memórias dos urucaraenses, transitando entre diversas esferas de atuação e consolidando-se também como um sujeito político, mesmo que não tenha disputado

⁶⁶⁶ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁶⁷ *Idem*.

⁶⁶⁸ Renato Braga Vieira, 2018.

⁶⁶⁹ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

⁶⁷⁰ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

cargos eletivos. Essa trajetória desperta as tensões com as autoridades locais, já que o missionário não parece fugir das disputas, afirmando suas posições, quer enfrentando os alto-falantes, quer se opondo ao prefeito. Seria Clinton Thomas uma ameaça?

3.3 As denúncias do prefeito de Urucará

Demarcamos a importância de Clinton Thomas e Pedro Falabella para a história da cidade de Urucará na segunda metade do século XX. A pergunta sobre a relação dos dois sujeitos foi feita a todos os colaboradores, e com exceção de Timóteo Thomas, nenhum dos narradores detalhou gravidades na animosidade entre pastor e prefeito na década de 1970; mas nas entrelinhas dos não-ditos, podíamos encontrar as evidências das tensões.

Aurimar Terço não acompanhou diretamente a relação entre as duas lideranças no final dos anos 1960, por sua idade, mas afirma que “logo no primeiro mandato, que eles tiveram bem mais próximos. Tiveram um relacionamento muito bom”. Ao longo dos demais mandatos de Falabella, “conversava e tudo, mas não era uma coisa muito próxima, mas também não era uma coisa de um pra lá, outro para cá, se denegrindo. Viviam amistosamente, cada um na sua”. Rechaça choques intensos e confirma a permanência do respeito: “Não, não... teve assim muito respeito muito, inclusive por parte do prefeito Falabella. A informação no primeiro foi muito mais forte, no segundo mandato, no terceiro, que ele foi cinco vezes prefeito, não tão assim próximo, mas com um respeito”.⁶⁷¹

Contudo, nesses afastamentos, apesar de negar os enfrentamentos, “eu me recordo alguma coisa, muito simples, sobre uma reserva de cedro aqui, houve um desentendimento, mas foi assim, coisa muito simples, em relação a uma área de preservação”. O narrador evidencia a singularidade das duas famílias serem estrangeiras, então ambos estariam dispostos a trabalhar pelo bem comum da cidade que os acolhera: “Porque o Falabella também era descendente de italianos, os pais dele morava aqui, e era italiano. Então, ele não, a família dele também era de imigrante, do Falabella, então, eles acabavam conversando, querendo fazer o melhor para o município”. Portanto, “não tem nada assim, de uma coisa, uma briga, alguma coisa assim, que eu pudesse lembrar se destacasse, não recordo”. Consciente das flutuações da memória ou do seu papel enquanto sujeito político de Urucará, o vereador não confirma tensões do pastor com outros políticos da cidade: “eu tenho uma vaga impressão que teve alguma coisa, mas eu não tenho essa certeza para dizer para ti, seria leviano eu afirmar isso”.⁶⁷²

⁶⁷¹ Aurimar Terço Oliveira, 2019.

⁶⁷² *Idem*.

Então, qual o sentido da ameaça que Clinton Thomas parece oferecer para que Falabella o denunciasse? Toda a construção da atuação do missionário pode ser constatada como uma liderança que ultrapassa o campo religioso e transita em outras esferas, por isso, também nos permite pensar em uma trajetória atravessada pela noção de “poder”. Torres Neto, estudando a inserção adventista, questiona como se estruturam as “relações de poder pela construção e disputa de espaço religioso na Amazônia, isto, outrossim, com o uso de estratégia de ação social”,⁶⁷³ enquanto Oliveira e Pinto, na releitura de comunidades ribeirinhas no Amazonas, e suas relações sociopolíticas e religiosas, argumentam “que a igreja se caracteriza como instituição chave no processo de organização social desses lugares”.⁶⁷⁴ Desse modo, questionamos a possibilidade de compreender as relações de poder envolvendo nosso sujeito missionário norte-americano e sua igreja e como isso explicaria a necessidade de investigá-lo.

O Serviço Nacional de Informações foi criado pela ditadura para servir aos seus pretensos interesses de “segurança nacional”, tema ao qual nos voltaremos no próximo capítulo. O rememorar de Dr. Timóteo Thomas, ao apontar a investigação do SNI a respeito de seu pai, mostra como “a história invade as vidas privadas” ou como “as vidas privadas são sugadas para dentro da história”.⁶⁷⁵ Assim, no final da década de 1970, os Thomas foram puxados para dentro do aparelho de inteligência da ditadura.

A informação desse escrutínio partiu de Timóteo após ser perguntado sobre o título de cidadania concedido a seus pais em 1999: “recebeu, recebeu, mas mais uma vez ele parece bonito, mas é feio. Porque todos os anos estamos aqui ‘Igreja de Cristo que reúne-se aqui’, aí mandaram uma investigação aqui, 1978, do SNI, esse que foi agradecimento”.⁶⁷⁶ Em sua perspectiva, seu pai não recebeu honrarias de políticos ou autoridades locais por sua abnegada atuação na cidade, apenas perseguição, resultando inclusive no inquérito do SNI. Informa sobre essa denúncia e verificação do serviço de inteligência do regime autoritário: “o SNI veio aqui, investigaram e pesquisaram 150 pessoas, vieram aqui na casa, perguntaram pela, pela rua... e as pessoas achavam que o SNI acha erros aqui, diz que tinha ouro escondido, todas essas mentiras do diabo, quando vieram aqui eles fizeram análise”.⁶⁷⁷

Com a indicação no diálogo com Timóteo, empreendemos a busca por registros da

⁶⁷³ Torres Neto, 2019, p. 50.

⁶⁷⁴ OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano XI, n. 33, janeiro/abril 2019, p. 52. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/45608>. Acesso em: 19 ago. 2019.

⁶⁷⁵ Portelli, 2016, p. 16.

⁶⁷⁶ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁷⁷ *Idem*.

“análise” do SNI em Urucará: “1978, tá lá no SNI pra ver as fichas”.⁶⁷⁸ Conforme os arquivos disponíveis no SIAN, a agência regional do serviço de inteligência realizou sua averiguação após denúncia formalizada por Pedro Geraldo Raimundo Falabella. O material abarca os meandros do processo, com depoimentos colhidos pela Polícia Federal em Urucará e Manaus, sobre a atuação do missionário e sua oposição ao prefeito.

Os autos que aqui investigamos compõem um documento registrado no Arquivo Nacional, na Coordenação de Documentos Escritos/Documentos do Executivo e do Legislativo, com a identificação “BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.643”, com 53 folhas/64 páginas. Todos são carimbados como sigilosos ou confidenciais.⁶⁷⁹

O processo investigativo do SNI nos proporciona conhecer as primeiras denúncias do então Prefeito Falabella contra o Pastor Clinton dirigidas ao governador do Amazonas, Enoque Reis. A missiva é datada de 13 de maio de 1977 e Pedro escreve em nome da Prefeitura, já que o título vem no cabeçalho. E indica que o prefeito já enfrentara problemas antes e tentara a intervenção do governador para solucionar os problemas locais:

Infelizmente sou forçado a voltar a insistir junto a V. Exa. na substituição do Delegado de Polícia e dos demais policiais destacados neste Município, uma vez que o clima de descontentamento está se agravando cada vez mais.
Sei que V. Exa. já determinou as substituições, contudo, não sabemos quais as razões da permanência dos policiais nesta cidade, zombando de todas as autoridades.
A própria Juíza desta Comarca⁶⁸⁰ já pediu a sua substituição e também não foi atendida...
Diz o Delegado que nesta cidade só quem manda é o Pastor Clinton, Americano que se envolve em tudo e faz serviços de graça, e o Presidente do MDB, Vereador José Raimundo de Oliveira Felipe [...] ⁶⁸¹

Segundo Falabella, a tensão era crescente entre a população, ocasionada pelas atitudes do vereador – um dos membros da família Felipe, além de membro do MDB – e do pastor – “americano que se envolve em tudo” –, além da inoperância do delegado. Nesse cenário, “o povo está revoltado e ficando difícil de ser segurado. Festas só quem pode fazer é o Sr. Felipe. Outros são obrigados a cumprir as ordens do Pastor que não gosta de barulho e o Delegado cumpre suas ordens e disso não faz segredo”. O prefeito parece sugerir que o pastor está aliado à família Felipe, pois estaria isento das proibições quanto aos barulhos. Ele também dá o tom de alarme quanto às consequências dessa instabilidade: “Senhor Governador, já não temos mais

⁶⁷⁸ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

⁶⁷⁹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁸⁰ Segundo Santos (2022, p. 155), Dra. Leda de Aguiar Raposo da Câmara foi juíza de Urucará, nomeada em 29 de março de 1977 e transferida em 7 de julho de 1977.

⁶⁸¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

paciência e não mais nos responsabilizamos pelo que vier a ocorrer neste Município”.⁶⁸²

A carta seguinte foi enviada ao Chefe da Casa Militar, Major José Cavalcanti Campos, com data de 8 de agosto de 1977. Falabella anuncia que está “encaminhando a essa Chefia, alguns documentos que comprovam a conduta dirigida do senhor Delegado de Polícia deste município”.⁶⁸³ Ou seja, para o prefeito não há dúvida sobre a conduta errada do delegado, o que estaria comprovado em documentos.

Conforme Santos, “a função de delegado de polícia, até os anos sessenta, por muitas vezes foi exercida por muitos filhos do município nomeados pelo governo do Estado. Com a mudança da Constituição, os delegados são nomeados para o cargo através de concurso público ou por militares de carreira”.⁶⁸⁴

Logo, a denúncia é contra o responsável pela segurança, Sargento Lopes, mas diretamente conectado ao missionário. O prefeito enumera quatro pontos em sua denúncia. Primeiramente, o alto-falante.

1. ALTO-FALANTE – Após a substituição do Sgt. Matos, comprovadamente seguidor da cartilha do americano, pastor e agitador CLINTON THOMAS, essa Chefia recomendou ao Sgt. Lopes que se afastasse do tal pastor. Os fatos comprovam exatamente o contrário.

O referido pastor não gosta de alto-falante. Este tipo de serviço de comunicação funciona há 25 anos em Urucará e após a chegada neste município do Sr. Clinton começou a famigerada briga pelo seu funcionamento [...]⁶⁸⁵

Como observado na fonte, Clinton Thomas era designado como “agitador”. Um adjetivo que parece bem escolhido, considerando suas denúncias a sujeitos e órgãos da ditadura. Na concepção de Falabella, todos os agentes de segurança deveriam se afastar do pastor para poderem cumprir seus deveres. Lembrando do alto-falante, aponta que o problema se desenrola desde 1965, após a chegada dos Thomas a Urucará. Naquele ano, “inclusive foi preso pelo então Prefeito Felipe Antonio Filho por haver invadido o estúdio e inutilizado o aparelho da Prefeitura”.⁶⁸⁶ E prossegue:

A solução que ele encontra é corromper os Delegados que aqui chegam e precisam de seus serviços de mecânico para consertar as motos estrangeiras que para aqui trazem (só o Sgt. Matos trouxe quatro) sem inclusive a necessária licença da Receita Federal. Outro passo é converte-los à sua crença “Igreja de Cristo” que no Brasil só funciona em Macapá (de onde veio para Urucará e teve sérios problemas também por causa de alto-falante) e em Urucará onde atualmente cria seus casos.

⁶⁸² Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁸³ *Ibid.*

⁶⁸⁴ Santos, 2022, p. 160.

⁶⁸⁵ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁸⁶ *Ibid.*

Isto ocorreu com o Sgt. Matos e está ocorrendo com o Sgt. Lopes.
Como o Pastor não gosta de alto-falante a maneira de retribuir os “favores” é perseguir a Voz, ou como fazia o Sgt. Matos não permitir festas. ISSO TUDO COM O ESPÍRITO CRISTÃO.⁶⁸⁷

Observamos anteriormente que Timothy Thomas identifica a área da mecânica como uma das essenciais para a “mudança” em Urucará nos anos 1970. Nas entrevistas de história oral, todos os colaboradores narram, com proeminência ou não, a importância dessa atuação para a cidade. Logo, Pedro Falabella interpreta o trabalho mecânico de Clinton Thomas como uma estratégia, tanto para a fixação e aceitação da população local quanto dos militares. Para isso, aproveitaria sua habilidade, como único capaz de prestar serviços aos delegados e às suas motos, para cooptá-los no apoio à sua disputa com o alto-falante. Falabella também propõe a conversão dos agentes como caminho de cooptação.

Entretanto, vemos o erro em acreditar que a Igreja de Cristo só existisse em Macapá e em Urucará, visto que ela estava desde 1948 estabelecida no Centro-Oeste. Os Thomas saíram de Macapá e deixaram o trabalho missionário por um problema, segundo Timothy Thomas, envolvendo outros missionários da missão norte-americana.⁶⁸⁸ Poderiam os urucaraenses ter informações sobre o motivo da saída dos Thomas do Amapá ou seria a narrativa de Falabella apenas um meio de descredibilizar o pastor diante do Chefe da Casa Militar?

Conforme a carta, Clinton teria tecido histórias sobre o funcionamento do alto-falante, levando à perseguição policial e atrapalhando o funcionamento de um dos mais importantes eventos da cidade:

Assim, incutiu na cabeça do Delegado que nosso locutor Luiz Paes o provocava etc. Na realidade isso não acontecia, o que de fato ocorreu foi que em pleno FESTIVAL FOLCLÓRICO DE URUCARÁ, cuja resistência do senhor pastor foi gritante, chegando a ameaçar uma de nossas juradas, o Delegado não respeitando a população que se encontrava nas arquibancadas determinou que parasse o alto-falante. Apesar dos pedidos para que deixasse funcionar bem baixo, com as bocas no chão, o pedido não foi aceito e o povo todo ficou frustrado e voltou para suas casas. Passavam das 22 horas, mas o povo lá estava, participando, vibrando com o que é de mais nosso. O bom senso não prevaleceu. Prevalecia mais de uma vez a vontade de um estrangeiro que de missionário não tem absolutamente nada.⁶⁸⁹

Pedro Falabella nega pela terceira vez o caráter religioso do pastor: primeiro, com a ironia do espírito cristão, depois diante da conversão de militares e a existência da Igreja de Cristo, e agora como um estrangeiro que não tem nada de missionário. Provavelmente o prefeito

⁶⁸⁷ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁸⁸ Bezerra, 2024, p. 113-114.

⁶⁸⁹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

pensava nos missionários canadenses e na proximidade entre as lideranças católicas e as festas populares, compreendendo as atitudes de Clinton Thomas como divergentes.

Em continuidade, narra que apenas no dia seguinte o Juiz de Direito⁶⁹⁰ “entendeu o problema [e] os serviços voltaram a funcionar”. No entanto, demonstra que não era apenas ele que percebia as dissensões e revela parte das tensões locais e mesmo estaduais:

Veio aí o desabafo do locutor: “Quando o Prefeito não está todo mundo quer mandar”. Realmente foi um desabafo de toda a população. Mas, o Sargento que se diz “a maior autoridade do município”, veja-se a Ata da Câmara anexa onde diz que “até o Governador para fazer alguma coisa tem que pedir ao Comandante da Polícia Militar”. Ora isso o Governador, imagine um Prefeitinho... como sempre diz.⁶⁹¹

Pensando nas particularidades da ditadura, da relação entre a classe política e os militares, Falabella insinua a diferença dos poderes. Quem teria mais autoridade no município? Quem seria o real governante do estado?

Chegando de sua viagem, o prefeito procurou o delegado: “lhe perguntei qual era o problema. Queixou-se do locutor. Para acabar com o atrito afastei aquele locutor e coloquei outro e tudo parecia bem”. Porém, ao retornar de uma nova viagem, Falabella informa a continuidade da tensão causada pelo alto-falante: “Quando aqui cheguei encontrei a Portaria nº 18/77-DPU, de 12.07.77, proibindo o funcionamento do alto-falante”.⁶⁹² Rapidamente ele explica o motivo:

O Sr. Clinton, que não é professor de coisa nenhuma foi substituir sua esposa no Ginásio (imaginem dando aula de educação artística) e quando o alto-falante começou a funcionar (distante a aproximadamente 1.000 metros) ele abandonou a sala e foi direto a Delegacia fazer queixas verbais, nunca faz por escrito, na Delegacia.⁶⁹³

Nas memórias dos colaboradores, se atestam os episódios em que Clinton Thomas substituiu dona Felícia na escola, como indicado pelo filho Tomé Thomas: “Se ela viajasse, ele preenchia assim, uma noite, que ela não podia ir, mesmo que ele não era um professor”.⁶⁹⁴ Dona Felícia foi professora por cerca de uma década, dedicando-se depois apenas às aulas de inglês em casa. Sobre o tempo dela na Escola Ramalho Júnior e a participação do pastor nessa atividade, a professora Alcilene Gama Thomas detalha:

⁶⁹⁰ Conforme Santos (2022, p. 155), Dr. Walfrido Augusto Hermida Maia foi removido para Urucará de 7 de julho de 1977 a 2 de agosto de 1978.

⁶⁹¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁹² *Ibid.*

⁶⁹³ *Ibid.*

⁶⁹⁴ Thomas “Tomé” Joel Thomas, 2017.

[...] por exemplo, quando ela estava indisposta, tava doente, ou quando ela tinha que viajar acho pra Manaus né, por algum motivo, aí ele ia pôr aquela aula, pra gente não ficar sem... mas os alunos não gostavam muito dele, diziam que ele não tinha muita paciência [risada], ele era bravo. Mas nada assim que viesse prejudicar ninguém. Aquela coisa de homem durão né. Sério.⁶⁹⁵

Pedro Falabella narra que, naquela noite em que Clinton estava na escola, o delegado rapidamente teria tomado partido do pastor mais uma vez: “O Senhor Delegado, apesar da hora 19.30 foi imediatamente ao Ginásio perguntar a Diretora se o alto-falante estava perturbando. Esta respondeu-lhe que não”. O episódio não parou por aí, pois o delegado “estava predisposto a cometer arbitrariedade” e por isso “baixou imediatamente a portaria”. A resposta do prefeito foi procurar, mais uma vez, conversar com o militar e tentar “amigavelmente resolver o problema”. Porém, “como não nos deu resposta, três dias mais tarde, em plena festa da Padroeira da cidade, mandamos colocar a Voz no ar e convidar o povo para um leilão”.⁶⁹⁶ Ressalte-se que as principais festas da cidade também são palcos de tensões entre as autoridades; pela importância da festa de Santa Ana, seria oportuno para Falabella testar novamente essa relação de forças, além de contar, provavelmente, com o apoio da paróquia, que lucraria com o leilão, e da população extremamente católica.

A reação do delegado de polícia não tardou: “Às 19.30 hs o Sr. Delegado em companhia de um soldado invadiu os nossos estúdios e ameaçou o locutor com várias pornofonias, dizendo que sua portaria estava em vigor e que não seria um prefeitinho qualquer que o desmoralizaria”.⁶⁹⁷ Ou seja, segundo o relato, o delegado não apenas impediu o funcionamento da *Voz*, como proferiu palavras grosseiras ou obscenas, “pornofonias”, e alertou que sua autoridade era maior que a do “prefeitinho”. E, mais uma vez, o prefeito teria tentado dialogar:

Disse-lhe que se ele não poderia ser desmoralizado e acabar com a Voz o envadeceria nós ficaríamos desmoralizados, mas, preveníamos que ele estava sendo usado pelo Pastor e não estava usando o bom senso. Eu não merecia o tratamento que estava me dispensando e o povo de Urucará me conhecia bastante e sabia da minha capacidade de trabalho e não seria um alto-falante, funcionando ou não que me deixaria frustrado. Mas, não houve acordo o rapaz queria se exhibir para sua namorada que o observava.⁶⁹⁸

Em vista disso, Falabella conseguiu do juiz a autorização: “a Voz voltou imediatamente a funcionar. Se o problema era a desmoralização não pude evitar. Infelizmente ficou muito chato para ele. Mas ele queria isso. Conseguiu. Faltou-lhe maturidade e humildade”. E, para

⁶⁹⁵ Alcilene Canto da Gama Thomas, entrevista realizada em 19 de agosto de 2017, em sua propriedade, em Urucará/AM. Entrevistador: César Aquino Bezerra.

⁶⁹⁶ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁶⁹⁷ *Ibid.*

⁶⁹⁸ *Ibid.*

tentar resolver finalmente a questão, solicitou a intermediação do juiz: “A meu pedido o Senhor Juiz convocou uma reunião para o dia seguinte com todos os interessados no horário de funcionamento da Voz. Ninguém compareceu, nem Delegado nem Pastor. Eu lá estive esperando.” Se os interessados não protestaram, “desta forma o alto-falante voltou a funcionar normalmente”.⁶⁹⁹

O segundo ponto da carta-denúncia de Falabella ao Chefe da Casa Militar versava sobre a interferência do Sargento Lopes no Poder Legislativo Municipal:

2. DECLARAÇÕES NA CÂMARA

O Senhor Delegado fez algumas declarações na Câmara Municipal antes do ocorrido, bastante comprometedoras e que mostram a sua predisposição em querer aparecer. O seu respeito pela vida humana estão bem longe de “um novo crente” e o seu respeito pelas autoridades (Prefeito, Juiz etc) demonstram quanto não está preparado para a função que exerce.⁷⁰⁰

Segundo Falabella o sargento/delegado pronunciou-se na Câmara Municipal de Urucará, criticando o “Prefeitinho”, como dito anteriormente, e apresentando-se como “a maior autoridade do município”. Mais uma vez, Falabella questiona a veracidade dos convertidos de Clinton Thomas: como “um novo crente” seria tão desrespeitoso com a população e as autoridades locais? Por isso, afirma, tensionando uma ameaça maior: “creia, Senhor Chefe, o conceito de nossos policiais estará seriamente comprometido com essas declarações”.⁷⁰¹

O terceiro ponto da narrativa de Pedro Falabella volta-se propriamente à relação entre os dois poderes da pequena cidade em disputa, o prefeito e o delegado:

3. RELACIONAMENTO PREFEITO X DELEGADO

Sempre dispensei ao Sargento Lopes o melhor tratamento. Nunca lhe pedi para prender ou soltar alguém. Nunca lhe perguntei porque prendeu o soltou alguém. Quando alguém me procura e o assunto diz respeito à Delegacia, encaminho a parte interessada a sua presença pedindo que estude o caso com justiça.⁷⁰²

Falabella, para evitar interpretações que o apontem como inimigo da polícia ou do poder militar, logo se declara como bom cooperador do delegado instituído e respeitador dos limites dos poderes que cabiam a cada um. Aponta que construiu o prédio da delegacia na sua primeira gestão como chefe do Executivo e mantinha todas as contas, inclusive alimentação: “A alimentação do Delegado e de um soldado era por conta da Prefeitura. Suspendi, antes da crise,

⁶⁹⁹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁰⁰ *Ibid.*

⁷⁰¹ *Ibid.*

⁷⁰² *Ibid.*

por motivos orçamentários, sugerindo que montassem uma casa e nós lhes daríamos uma ajuda de custo razoável. Tudo ficou bem”. Diante disso, é bem firme na sua posição de líder político que não se opõe ao delegado: “Desafio o Senhor Delegado ou um de seus soldados a dizer quando lhes tratei mal e se mereço o tipo de tratamento que estão me dispensando”.⁷⁰³

O quarto ponto nos conecta diretamente às atuações católicas em Urucará, como anteriormente referido, mais especificamente ao CETRU.

4. PRISÃO DO CAMINHÃO DO CENTRO DE TREINAMENTO RURAL DE URUCARÁ (CETRU)

Mais uma vez o dedo do Pastor Clinton, velho inimigo do CETRU, que inclusive já denunciou a essa Chefia esse trabalho como de comunista. Disso V. Sa. tem conhecimento de sobra.⁷⁰⁴

Timothy Thomas, dissertando sobre a política local no começo dos anos 1970, lembra do CETRU e sugere a memória familiar compartilhada sobre o trabalho nas comunidades conduzido pelos missionários católicos:

Mas aí chegou um Padre Humberto e ele era socialista, ele não acreditou no capitalismo e também ele promoveu essas comunidades que fica ao redor de Urucará. E ele tinha ideologia do grande governo papai sobre os plebes, ao passo que o papai até o Padre Brian, o Justino, era para levantar as pessoas para ter menos governo centralizado e mais pessoas independentes. Então você não pede tanto do governo, você vê o que você pode fazer e dos impostos e dos produtos é que vem o progresso, não vem de um sistema centralizado.⁷⁰⁵

Se quase cinco décadas depois da fundação do CETRU, no momento de nosso encontro, o missionário da segunda geração considera que “Padre Humberto veio para introduzir essas colônias e socialização”, é possível concordar que a narrativa de Pedro Falabella se sustenta também em sua memória. Essa interpretação de Timothy Thomas poderia ser compartilhada por outros – além de seu pai – naquele momento da segunda metade do século XX, marcado pela paranoia anticomunista.

O fato narrado por Pedro Falabella na carta relembra o convênio entre o Poder Executivo e o CETRU para a construção de “estradas ligando todas as comunidades e colônias”. Em certo dia, teria acontecido um acidente envolvendo um caminhão do CETRU e o Sargento:

Quando um caminhão de propriedade do CETRU, vinha para a cidade deixar os trabalhadores para almoçar e ao mesmo tempo levar comida para os tratoristas, em um determinado trecho da estrada, defronta-se com o Delegado e um soldado,

⁷⁰³ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁰⁴ *Ibid.*

⁷⁰⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

montados em uma motocicleta YAMAHA de 100 cc. O motorista do caminhão tira o caminhão um pouco da estrada, e o Delegado que somente agora vem dirigir motocicleta, sem habilitação e experiência bate na roda traseira ESQUERDA do caminhão. Passado o susto o Delegado, Soldado e Motocicleta vieram no mesmo veículo, ou seja no caminhão do CETRU, para a cidade. Na viagem o Delegado declarou que estava tudo bem e que o importante é que estava vivo. Isso aconteceu às 12 para 13 horas de sexta-feira (29.7.77).⁷⁰⁶

E mais uma vez, Falabella sinaliza a ingerência do pastor em um acontecimento, aproveitando-se da sua habilidade mecânica: “O Delegado levou sua moto para consertar no Pastor. Este aproveitou o ensejo para lhe envenenar. Afinal de contas o caminhão é do CETRU”. Em resultado disso, na manhã seguinte, “o Delegado mandou chamar o motorista a Delegacia e prendeu a sua carteira e o caminhão, alegando que já fizera a perícia e que o motorista do caminhão era o culpado do acidente”.⁷⁰⁷ Com isso, o prefeito de Urucará reage, em letras maiúsculas:

PERÍCIA FEITA POR UM DOS PARTICIPANTES DO ACIDENTE? PERÍCIA SEM QUE OS VEÍCULOS FICASSEM NO LOCAL DO ACIDENTE? PERÍCIA FEITA SEM A PARTICIPAÇÃO DA OUTRA PARTE INTERESSADA? SEM TESTEMUNHAS?⁷⁰⁸

E justifica a total capacidade do motorista na direção, habilitado formalmente, com experiência em caminhões iguais ao do CETRU, enquanto o delegado em nada se compararia:

E O SENHOR DELEGADO TEM HABILITAÇÃO? NÃO. Indagado pelo proprietário do caminhão (Presidente do CETRU) se era habilitado, respondeu: “SOU AUTORIDADE, NÃO PRECISO DE CARTEIRA”. Creio que seria o contrário. O exemplo começa de casa.⁷⁰⁹

Por esse imbróglio, o caminhão estava retido e Falabella questiona quem pagará esse prejuízo ao município e mesmo ao motorista. Sua conclusão do acontecimento é: “Mais uma vez o bom senso deixou lugar a ARBITRARIEDADE”.⁷¹⁰

Em seguida, é contundente quanto ao causador de todos os problemas narrados, aquele que *envenena* os delegados e provoca conflitos: “Seria interessante que se investigasse a vida pregressa desse americano agitador e intrometido, que se diz amigo pessoal e com cobertura dessa Chefia, antes que o povo de Urucará perca a paciência”. Falabella já intenciona uma verificação oficial sobre seu desafeto e torna a pedir: “Para finalizar solicito as providências

⁷⁰⁶ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁰⁷ *Ibid.*

⁷⁰⁸ *Ibid.*

⁷⁰⁹ *Ibid.*

⁷¹⁰ *Ibid.*

necessárias à liberação do caminhão e se possível a indicação de alguém desconhecido e incógnito para apurar o que está acontecendo em Urucará”. Quando ao delegado, talvez para evitar uma possível represália, não pede sua substituição, “deixo a critério de V. Sa. julgar se existe clima para a sua permanência nesta cidade”.⁷¹¹

Em seguida, o processo resgatou uma carta aberta de Falabella a Clinton Thomas, sem data aparente, mas de algum momento entre 1977-1978. O motivo “desagradável, antipático e imoral” não poderia ser outro além do alto-falante, o qual continuava tomando a atenção e gerando confrontos.

CARTA ABERTA AO PASTOR CLINTON BENJAMIN THOMAS

Meu caro Pastor,

Nunca pensei que tivesse que perder o meu tempo para me dirigir a V. Sa. a fim de tecer algumas considerações sobre um assunto que nos últimos anos tem se tornado desagradável, antipático e imoral: ALTO-FALANTE.⁷¹²

Falabella rememora a existência do serviço de alto-falante na cidade, pelo menos desde sua infância: “existia em Urucará um serviço de alto-falante que funcionava TODOS OS DIAS até às 22 horas. Transmitia, inclusive, o programa ‘A VOZ DO BRASIL’, recebendo o apoio de toda a população”.⁷¹³ O serviço continuou ao longo das gestões do Executivo municipal, sem interferências. Porém, tudo mudou com a chegada de Clinton Thomas:

Mas, nessa época chegou V. Sa. a Urucará, oriundo de Macapá, sem “ATESTADO DE ANTECEDENTES”, pois naquela cidade criou os seus costumes casos (e outros diferentes), e num belo dia INVADIU a casa de propriedade do Senhor Manoel Pedro Monteiro Marques, então Diretor do Serviço Rodoviário Municipal, e inutilizou a aparelhagem do serviço de alto-falante.

Recebeu o castigo (foi preso) mas não pagou o prejuízo causado à Prefeitura o que lhe valeria um bom processo na Justiça.

Começava assim V. Sa. a famigerada briga pelo funcionamento do alto-falante. De um lado o senhor com sua insensatez e arrogância e do outro o povo e as autoridades urucaraenses.⁷¹⁴

Outra vez, Falabella levanta a hipótese de Clinton Thomas ter provocado “seus costumes casos” em Macapá, cidade onde atuara na década de 1950, antes de retornar aos Estados Unidos e se estabelecer no Colorado. Recorda a invasão e destruição do aparelho de alto-falante e a prisão subsequente, sem disfarçar que achou pouco a consequência diante do prejuízo criado. Por mais de uma década se arrastava “a famigerada briga pelo funcionamento

⁷¹¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷¹² *Ibid.*

⁷¹³ *Ibid.*

⁷¹⁴ *Ibid.*

do alto-falante”, contrapondo o pastor e os urucaraenses. Falabella lança mão da retórica e questiona, com o artifício outra vez do sujeito estrangeiro impondo suas ordens no território brasileiro em plena ditadura: “Agora pergunto a V. Sa., por que somente após a sua chegada começaram os problemas? Será que somente V. Sa. tem ouvidos delicados? Será que nós brasileiros temos que aceitar, em nossa terra as suas exigências?”.⁷¹⁵

Pedro Falabella responsabiliza o líder religioso: “Acho, Senhor Pastor, que seus atos são típicos dos chantagistas e dos agitadores”.⁷¹⁶ Como Clinton estimulava isso? O pastor estaria chantageando a população com os serviços médicos que oferecia, para se indispor com Falabella e o alto-falante. Para demonstrar recorda:

Lembra-se de um aviso que em 1972 pediu ao Senhor Geraldo Borges de Oliveira, então locutor da Voz Renovadora, para publicar? Eu ainda me lembro e creio que o Geraldo também. Vou lhe refrescar a memória. O aviso dizia: “O Pastor Clinton Thomas avisa ao povo em geral que enquanto funcionar nesta cidade o alto-falante, não mais atenderá com remédios ou serviços de sua oficina”. ISSO É CHANTAGEM SENHOR PASTOR. Isso também é AGITAÇÃO. V. Sa. está tentando jogar a população contra uma autoridade constituída, no caso eu.⁷¹⁷

Sua acusação é séria e estrutura sua sustentação contra o missionário nos órgãos de investigação. Eram os tempos de ditadura, preocupada com “ameaças à segurança nacional” e com a Amazônia diante dos estrangeiros. Clinton Thomas, enquanto norte-americano, estaria se contrapondo ao poder oficialmente reconhecido pelo Estado brasileiro, e isso mediante chantagem e agitação.

Falabella continua dissertando:

V. Sa. está acostumado a agitar o povo contra as autoridades. Quando alguém lhe pede um favor (será favor?), sempre faz um sermão e pergunta “por que não vai pedir do Prefeito?” Ou ainda, como respondeu a D. Lelé, “por que não vai pedir do boi? (A D. Lelé que era uma jurada de nosso festival folclórico por causa de sua impertinência pediu para sair da comissão julgadora. Medo? Talvez, o senhor tem cara de nazista).⁷¹⁸

A agitação do pastor incluiria assédios verbais contra pessoas que o procuravam, voltando seus discursos contra o prefeito e a cultura local. Observamos que a disputa de poder chega aos extremos. Por que Clinton Thomas teria “cara de nazista”? Ser um homem branco, estrangeiro, que fala o idioma nacional com sotaque carregado, justificaria essa alcunha?

Falabella enumera casos da agitação postos em prática por Clinton Thomas com as

⁷¹⁵ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷¹⁶ *Ibid.*

⁷¹⁷ *Ibid.*

⁷¹⁸ *Ibid.*

autoridades que passaram pelo município, incluindo delegados e juízes:

V. Sa. está também acostumado a jogar as autoridades umas contra as outras. Isso aconteceu com o Sgt. Mattos. Que fiz eu aquele cidadão para me odiar tanto? Isso o Senhor espera que aconteça com atual Delegado. Desta vez acredito que o Sgt. Lopes após este seu perfil fique lhe conhecendo melhor. Isso o Senhor tentou fazer com a Doutora Lêda. Isso o Senhor tentará fazer com o novo Juiz. Isso o Senhor tentou fazer com o Secretário de Transportes. Isso o Senhor tentou fazer com o Major Cavalcanti. Isso o Senhor tentará fazer com todas as autoridades que caírem na asneira de lhe dar confiança.⁷¹⁹

Falabella, claramente, não compreende porque autoridades que chegam a Urucará caem “na asneira de lhe dar confiança”. Seria pelo fato de Clinton Thomas ser um líder religioso ou por ser um norte-americano? Como parece ser esse o caso, o prefeito quer mostrar que o estrangeiro não respeita as leis nacionais:

V. Sa. costuma dizer que no Brasil não existem leis. A mim certa vez afirmou que a Constituição do Brasil usava no banheiro. Existem leis no Brasil, mas infelizmente gente como o Senhor não gosta de cumpri-las. Pelo contrário deturpa, perturba e agita a população contra as mesmas.⁷²⁰

Diante disso, a defesa de Clinton Thomas seria seu papel de civilizador na pequena cidade, atuando nas mais diversas áreas para o bem da população. Falabella não nega isso, mas retruca que tais benesses ficaram no passado, talvez quando foram aliados na sua primeira eleição: “V. Sa. se diz benfeitor de Urucará. Eu lhe direi que já foi útil a esta cidade. Hoje V. Sa. é um entrave e se agasalha sob uma máscara de pastor para melhor viver. Vou lhe demonstrar também isso”.⁷²¹

Seu argumento, atacando a identidade religiosa de Clinton Thomas, também inclui o suporte financeiro vindo dos Estados Unidos:

V. Sa. recebe em dólar para ser Pastor, de quem recebe não sabemos (assim é uma beleza, até eu prego o Evangelho). Viaja constantemente aos Estados Unidos (inclusive seus filhos lá estudam – “o ensino do Brasil é insuficiente ou eles estão sendo especializados na sua arte de perturbar a casa alheia?") sem pagar os Cr\$ 16.000,00 exigidos a nós brasileiros. E seus filhos são brasileiros, ou melhor nasceram aqui.⁷²²

Em outras palavras, o prefeito acusa Clinton Thomas de pregar o Evangelho apenas para

⁷¹⁹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷²⁰ *Ibid.*

⁷²¹ *Ibid.*

⁷²² *Ibid.*

receber os dólares norte-americanos. Sua fala desvela que a população urucaraense estava ciente dos recursos enviados dos Estados Unidos ao pastor, embora parecesse ignorar que o sustento provinha de uma Igreja de Cristo específica, além de, possivelmente, desconhecer o valor exato. Também imputa as viagens e o estudo dos filhos dos Thomas no país de origem como sinais do desprezo dos missionários pelo Brasil. Falabella atribui hipocrisia ao pastor, negando que suas ações fossem abnegadas ou cristãs:

V. Sa. prega a caridade, a humildade e outras virtudes. Mero tipo dos que dizem “fazes o que digo, mas não fazes o que faço”. Quando foi que V. Sa. deu um prato de comida a um necessitado? Remédios? Amostra grátis dadas por médicos brasileiros até eu. Anti-concepcionais? Talvez seja comprado devido ao interesse do seu país em deixar despovoada a Amazônia.⁷²³

Observa-se que Falabella – por realmente acreditar nisso ou apenas para tornar crível sua denúncia – insere-se no clima persecutório da ditadura, dos medos em relação aos interesses externos na Amazônia. Ele acusa até as práticas médicas não oficiais de Clinton Thomas de serem uma estratégia inimiga.

Ele prossegue questionando a aparente riqueza do Pastor Clinton, que estaria ligada aos dólares vindos dos Estados Unidos, tornando-o a pessoa mais rica da pequena cidade: “V. Sa. ‘luta’ pela pobreza, mas talvez seja o homem mais rico de Urucará. Pelo menos seu patrimônio é invejável em termos de Urucará”.⁷²⁴ A acusação de Falabella lista o patrimônio do pastor:

Possui o maior terreno da cidade, em forma de cruz (coincidência?), com frente para quatro ruas. Casas? Talvez sejam seis. Valor? Bastante alto. Para ampliação do Fórum por somente... metros a Prefeitura pagou Cr\$ 7.000,00. Possui ainda um terreno na estrada Urucará-São Pedro, onde pratica tiro ao alvo, e que está empatando o futuro crescimento da cidade, pois não contém benfeitoria alguma. V. Sa. compre e vende madeiras sem Alvará da Prefeitura. V. Sa. possui aproximadamente oito motocicletas e alguns motores de popa. V. Sa. tem aparelhagem de som, rádios e outros instrumentos sonoros. V. Sa. é um homem rico que nunca se preocupou com a pobreza de ninguém. Se isso for missionário, arranje-me um lugar que deixarei meu emprego.⁷²⁵

Vimos na seção anterior narrativas dos colaboradores quanto a disputas por terras em Urucará entre o pastor, que as comprava, e o prefeito, que queria expropriá-las. Listando terrenos, madeiras, motocicletas, motores e tantos outros bens, Falabella não parece errar ao afirmar: o pastor “é um homem rico”. Diante disso, outra vez, o político duvida da atividade religiosa; diante de tanta riqueza, provoca dizendo que também queria ser um missionário:

⁷²³ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷²⁴ *Ibid.*

⁷²⁵ *Ibid.*

“arranje-me um lugar que deixarei meu emprego”.⁷²⁶

Além disso, possivelmente em resposta às falas em que Clinton Thomas se apresenta como útil à cidade, Falabella mostra ao desafeto os resultados de suas gestões: “Senhor Pastor, embora não missionário veja o que já fiz por minha terra. Junte o trabalho de todos os prefeitos que Urucará já teve e veja se chega a metade das minhas obras”. Ele refuta qualquer erro em seus mandatos: “Isso tudo com probidade administrativa. Desafio-o a encontrar algo que possa envergonhar-me”. Também demonstra orgulho por seu trabalho enquanto prefeito, reafirmando sua importância política para o município: “Faço tudo isso com prazer, gosto do que faço e sou feliz por isso. Orgulho-me em dizer que Urucará passou a existir com a minha gestão, morreu sem ela e está ressuscitando sob o meu comando. Tenho consciência que sou necessário e isto é o meu conforto”.⁷²⁷ Ou seja, se o pastor se considera “necessário” para Urucará, Falabella – que inclusive se compara a outros ex-prefeitos – também se via dessa forma.

Acusa seus antagonistas de atentarem contra ele: “Tenho motivos de sobra para perseguir meus adversários. Acusaram-me de ladrão, de corrupto, de aproveitador etc. Ameaçaram-me de morte; queriam comer meu fígado e beber meu sangue, no entanto não estou perdendo tempo com isso”. Se era acusado de “perseguir” adversários, Falabella sentia-se no direito de fazê-lo, considerando as acusações e ameaças sofridas. Dentre tais inimigos, inclui o pastor Clinton, o qual anteriormente o teria auxiliado na carreira política e agora se aliara aos antigos desafetos: “Entre esses está V. Sa. que me procurou em Belém para não apoiar os candidatos do Sr. Monteiro e da família Felipe, taxando-os todos de ladrões e corruptos. Hoje cinicamente são todos amigos e irmãos”.⁷²⁸

Falabella afirma que Clinton Thomas arquitetava acusações: “V. Sa. costuma se fazer de vítima; de quando em vez ‘inventa’ que foi denunciado (há pouco comentou que eu o havia denunciado a Polícia Federal, ainda não o denunciei mas farei isso brevemente), mas o certo mesmo é que V. Sa. gosta é de fofocas”.⁷²⁹ Como vemos aqui, o prefeito cumpriu a promessa de levar adiante à Polícia Federal suas denúncias.

Em seguida, ele insere dona Felícia nos problemas: “Não só o Senhor, sua mulher também. Sei que sua Senhora andou falando a uma professora de seu curso em Manaus a meu respeito. Ela se esqueceu de uma coisa, tenho o melhor conceito com as autoridades de minha terra, conquistado com trabalho e sacrifício”. Falabella lembra de seu currículo na carreira

⁷²⁶ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷²⁷ *Ibid.*

⁷²⁸ *Ibid.*

⁷²⁹ *Ibid.*

pública para rebater as disputas com o pastor, e pondera: “Nunca precisei de falar mal dos outros para subir”.⁷³⁰

Prossegue expondo as contradições do pastor: “V. Sa. quando fala em denúncias deveria lembrar as que tem feito, costumeiramente, e depois nega tudo”.⁷³¹ Contra quem Clinton Thomas efetuou denúncias?

Quantas vezes já foi a Delegacia por causa do alto-falante e depois negou. Lembra-se quando foi ao Palácio Rio Negro com o [jornal] “Boa União” debaixo do braço para denunciar o trabalho do CETRU? Quantas denúncias já fez do Sr. Luiz Marques Paes e do Sr. Renato Libório? Tentou incutir na cabeça das autoridades que esses rapazes são agitadores e subversivos, somente porque tiveram a coragem de enfrentar todo mundo nesta terra e coordenarem a nossa vitoriosa campanha. Temos algumas fitas gravadas que se espremêssemos sairia sangue, no entanto não as mandamos para ninguém. Perdoamos tudo, achamos que era falta de amadurecimento político. No entanto uma simples frase “você é a razão do nosso sucesso” ou ainda “amanhã estaremos mais pertinho de você” pronunciadas pelo locutor da Voz Renovadora, na sua cabeça maquiavélica significam provocação.⁷³²

Esse longo parágrafo da carta registra os casos nos quais o pastor seria denunciante de situações e moradores de Urucará, tanto na cidade mesmo quanto na capital. Seria possível afirmar que o pastor Clinton era alguém sem “amadurecimento político” e “cabeça maquiavélica”? Ou o prefeito estaria aproveitando-se de tensões pontuais para enfrentar um desafeto político? Diante da impossibilidade de se conhecer tais denúncias na íntegra, acompanhamos a conclusão da carta aberta:

Para encerrar Senhor Clinton vou lhe dar um conselho: cuide de sua igreja e de sua família. Não se meta em assuntos que não são de sua conta. O povo de Urucará não lhe convidou para morar aqui. Se está mal satisfeito e não gosta de barulho vire ermitão, esconda-se no mato, fuja da civilização, ou se melhor lhe convier VOLTE PARA SUA TERRA E NOS DEIXE EM PAZ. Nós não podemos perder mais tempo com bobagens, estamos construindo um Brasil melhor, mais forte, independente, o NOSSO BRASIL.
O BRASIL É FEITO POR NÓS.
Saudações
Pedro Geraldo Falabella⁷³³

O combate de Falabella e Thomas parece tomar proporções patrióticas. O prefeito impõe a interpretação de que a agitação provocada pelo pastor impede a cidade de se desenvolver. O argumento de Falabella pode ser assim resumido: se Clinton Thomas se sente afetado pela política local, por que não vai embora? Por isso, ele indica que ninguém convidou a família

⁷³⁰ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷³¹ *Ibid.*

⁷³² *Ibid.*

⁷³³ *Ibid.*

norte-americana para se estabelecer na cidade e muito menos para ali permanecer, àquela altura, há quase quinze anos. A melhor solução, aos olhos de Falabella, é a partida imediata da família Thomas. Indo além, conjectura que se deixassem Urucará, contribuiriam para o crescimento da cidade: “Nós não podemos perder mais tempo com bobagens, estamos construindo um Brasil melhor, mais forte, independente, o NOSSO BRASIL”. Qual é esse Brasil que os urucaraenses, capitaneados por Falabella, estão construindo? Por que não há lugar nele para Clinton Thomas? Ou Clinton Thomas não quer fazer parte dessa construção?

Uma nota após a carta, que seria “da Redação”, informa que “A Diretoria do Alastrante coloca a disposição do Senhor Pastor o espaço que quiser para dar sua resposta, se assim achar necessária”.⁷³⁴ Não encontramos informações sobre esse periódico e no decorrer do arquivo do SNI, verifica-se que a carta não foi publicada. Apesar disso, o próprio ato de sua escrita por Pedro Falabella e seu resguardo na investigação a tornam fonte importante para compreendermos a dinâmica da relação entre prefeito e pastor.

Os documentos do arquivo confidencial do SNI também se estabelecem uma relação direta com as autoridades policiais. Consta uma breve carta manuscrita, parcialmente ilegível pelo tempo, creditada ao Sargento Matos e enviada de Parintins, em 6 de fevereiro de 1978, a qual foi enviada para prestar notícias ao Sargento Vilmar. Matos – que fora indicado por Falabella como “comprovadamente seguidor da cartilha do americano, pastor e agitador CLINTON THOMAS” – escreve: “Sim Vilmar eu soube que você atualmente é o novo Delegado de Urucará, desejo-lhe êxito nesta missão”,⁷³⁵ e aconselha o amigo a ter

[...] bastante cuidado com o Prefeito daí, que o mesmo já procurou a colocar fora do cargo de Delegado 4 sargentos e então com você pode ser o quinto, não é que eu queria que isto aconteça principalmente com você que é irmão, eu acho que o Lopes já lhe falou de toda a situação daí.⁷³⁶

Considerando que Falabella enviou uma carta ao Major Cavalcanti para questionar as atitudes do Sargento Lopes enquanto delegado, podemos compreender que Lopes foi retirado da posição para Vilmar assumir. A última orientação de Matos se volta aos adversários de Falabella: “Procure falar só com os Felipes que eles lhe darão melhores detalhes, e em segundo lugar com o pastor Clinton, que tem sido amigo de toda polícia neste Município”.⁷³⁷ Observamos nessa conclusão do sargento sua interpretação da dinâmica das relações políticas

⁷³⁴ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷³⁵ *Ibid.*

⁷³⁶ *Ibid.*

⁷³⁷ *Ibid.*

da cidade de Urucará: o prefeito é um possível inimigo, com quem deve ter “bastante cuidado”, os Felipes, ou seja, um dos grupos nessa disputa de poder local, podiam ser úteis, e o pastor era “amigo de toda polícia”.

Nessa cronologia das tensões e denúncias, no penúltimo mês de 1978, a renúncia de Pedro Falabella à prefeitura de Urucará foi destacada no *Jornal do Commercio*, onde era informado que estava determinado a renunciar em 1 de fevereiro de 1979: “é definitiva e todos já sabem as razões”. Uma das justificativas era estar mais perto de sua família e seguir sua carreira no BASA em Belém. O prefeito se calou sobre outras motivações: “até mesmo porque todos sabem o por quê”.⁷³⁸ O que os leitores do JCAM saberiam? Para o articulista, a decisão de Falabella deixar o estado era lamentável, pois “como homem público e político, tem dado grande colaboração para o nosso desenvolvimento”.⁷³⁹ A matéria não nos conta todas suas razões, que parecem ser lidas como de conhecimento geral.

Nos arquivos do relatório do SNI, de 6 de dezembro de 1978, temos o Ofício nº 98/78, dirigido pelo Prefeito Falabella ao Delegado Vilmar Castro Bezerra⁷⁴⁰ – mencionado na carta do Sargento Matos. Sem delongas, Falabella anuncia:

Senhor Delegado,

Há muito venho suportando os insultos proferidos pelo Pastor Clinton Thomas contra a minha pessoa e a autoridade que represento. Sempre são assacados contra terceiros que nada tem a ver comigo.

Agora, mal acaba de chegar de férias, começa novamente a fomentar discórdias.⁷⁴¹

Segundo Pedro Falabella, “como não chegassem as várias denúncias vazias que fez contra mim”, teria sido chamado de “moleque, palhaço e covarde” por Clinton Thomas, “na presença do Vereador João Pedro de Andrade Gomes, que o havia procurado para executar um serviço mecânico”, a qual ficava na residência dos Thomas. As ofensas também teriam se dado “por várias vezes quando foi procurado pelo encarregado da Olaria, Sr. José Maria Alexandrino. Assim procede sempre que alguém lhe procura para pedir remédios ou outro qualquer serviço”. O advérbio *sempre* se repete nos argumentos do prefeito, sugerindo as ações constantes do pastor. Ele situa as ofensas não apenas contra sua pessoa, mas como uma afronta contra todos os poderes instituídos: “Sempre agitando o povo contra as autoridades. Sempre procurando

⁷³⁸ Santos (2022, p. 100) reproduz essa narrativa de Falabella: “por ser funcionário público, afastado da instituição que trabalhava para exercer o cargo de prefeito em Urucará, teve a necessidade de retornar a sua instituição”.

⁷³⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 04 nov. 1978, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/169813. Acesso em: 23 set. 2019.

⁷⁴⁰ Em algumas partes do documento do SNI, o delegado é escrito “Wilmar”, mas considerando seu depoimento e assinatura, alteramos para Vilmar em todas as remissões no texto da tese.

⁷⁴¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

trocar os favores que presta pela submissão e o pseudo direito de ofender os outros”.⁷⁴²

Falabella exige providências, pois queria evitar problemas maiores:

Para que as coisas não caminhem para a situação provocada por vários de seus colegas pastores que tem a mania de intervir nas atribuições alheis, ou como aconteceu na Guiana Inglesa, de um seu colega americano, após cometer vários absurdos incitou seus adeptos ao suicídio coletivo, solicito a V. Sa. as providências necessárias para que se faça respeitar a autoridade que me foi dada pelo povo de Urucará, apesar de seu envolvimento político contra mim.⁷⁴³

Outra vez, Falabella parece sugerir medo da desordem causados pelo pastor, inclusive mencionando tragédias como a conduzida por Jim Jones menos de um mês antes do ofício. O Reverendo James Warren Jones (1931-1978) fundou o *Peoples Temple*, que chegou a alcançar mais de cinco mil membros na Califórnia. Vale sublinhar que, em 1960, Jones uniu sua igreja à *Disciples of Christ*, um dos ramos da Igreja de Cristo,⁷⁴⁴ e quatro anos depois foi ordenado pela denominação, da qual o *Peoples Temple* se tornou a maior congregação. O pastor e sua igreja, em sua amálgama de pentecostalismo, igualdade social e racial e comunismo, se tornaram famosos como ativistas sociais e de esquerda nos Estados Unidos.⁷⁴⁵

Segundo Sarah Harvey, Jim Jones desenvolveu suas próprias crenças que transformaram sua igreja em um culto apocalíptico e milenar. Diante de suas previsões de uma guerra nuclear ou genocídio negro promovido pelo governo norte-americano, na década de 1960, o Rev. Jones se mudou para o Brasil, estabelecendo-se em Belo Horizonte com sua família, considerada uma cidade segura desse apocalipse iminente. Na década seguinte, Jones e o *Peoples Temple* negociaram com o governo de Guiana, para estabelecer uma comuna que seria autossuficiente, conhecida como Jonestown. Para escapar da crescente pressão nacional, denúncias de abuso e ações judiciais, os Jones e centenas de seguidores migraram para a Guiana em 1977.⁷⁴⁶

Ali, a autoridade suprema de Jones devia ser obedecida e era regularmente testada, incluindo com violências, o que preparou os membros para a tragédia final. Em 18 de novembro de 1978, diante do assassinato de um congressista que fora ao assentamento verificar se membros estavam ali contra a vontade, Jones convocou seus seguidores ao “suicídio

⁷⁴² Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁴³ *Ibid.*

⁷⁴⁴ Cf. Bezerra (2024). A *The Christian Church (Disciples of Christ)* é a única das três correntes do Movimento de Restauração que é uma denominação formal. Entretanto, configura-se como uma igreja de tendência mais progressista que suas irmãs.

⁷⁴⁵ HARVEY, Sarah. Jim Jones, Jonestown, and the Peoples Temple of the Disciples of Christ. In: **Critical Dictionary of Apocalyptic and Millenarian Movements**, 2021. Disponível em: <http://www.cdamm.org/articles/peoples-temple>. Acesso em: 28 fev. 2024.

⁷⁴⁶ *Ibid.*

revolucionário”. Mais de 900 pessoas – 90% dos moradores – se suicidaram por envenenamento ou foram assassinados. O próprio reverendo Jones morreu com um tiro na cabeça.⁷⁴⁷

Não é possível afirmar que Pedro Falabella conhecia o fato que esse “um seu colega americano” tivesse ligações com a Igreja de Cristo, mas, diante disso, os temores do prefeito seriam infundados ou as autoridades militares estariam dispostas a arriscar? Nesse sentido, Falabella solicita que sua causa seja levada adiante, à “Polícia Militar e aos órgãos de Informações e Segurança”, para serem informadas “de suas costumeiras intromissões nos poderes alheios, de suas agitações da opinião pública, a fim de que as autoridades tomem conhecimento da existência de um americano que não aceita as nossas leis e os nossos costumes, transformando-se num indesejável”. Falabella recorda que o *indesejável* já atacara propriedades antes e nunca foi punido – o alto-falante: “Não desejo que se repitam os fatos ocorridos em 1968, quando invadiu a casa de um cidadão desta cidade, destruiu um serviço de alto-falante da Prefeitura e ficou por isso mesmo”.⁷⁴⁸

Em uma nova carta de Falabella, datada de 12 de dezembro de 1978, podemos ter ideia de suas razões para a renúncia. A carta é destinada a José Lindoso, que em breve assumiria como governador do Amazonas, sucedendo Enoque Reis. Falabella pretendia lembrar ao novo governador seu afastamento da Prefeitura de Urucará e explicar seus motivos:

Conforme já havia dito pessoalmente a V. Exa. mantenho a minha decisão de me afastar da Prefeitura Municipal de Urucará no início do próximo ano, possivelmente antes do mês de março. Essa decisão já é do conhecimento do Ministro Henoch da Silva Reis e de seus principais auxiliares. Resolvi escrever esta carta a fim de que V. Exa. fique inteirado dos motivos reais que me levam a essa posição e não seja o meu ato deturpado e lhe dado uma conotação que não seja a verdadeira.⁷⁴⁹

O prefeito elenca os motivos para sua decisão. No primeiro ponto, lista a “absoluta falta de segurança para mim e minha família”. Narra que seus adversários políticos – indicados como pertencentes à mesma família política e descritos como “todos emedebistas com alguns filiados na Arena” – são liderados por “um assassino foragido”, o qual “vive me ameaçando de morte e ‘ajuste de contas’ como se eu fosse culpado de seu erro”. Considerando as tensas relações do bipartidarismo durante o regime militar, a informação sobre membros do partido de oposição como parte de uma conspiração – inclusive contra a segurança da família Falabella – parece essencial no contexto do novo apelo dirigido por Falabella à autoridade maior do estado. Ele

⁷⁴⁷ Harvey, 2021.

⁷⁴⁸ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁴⁹ *Ibid.*

relata ter escapado de agressões físicas e ter sido alertado de planos contra sua vida; em vista disso, conclui: “não preciso descrever o estado em que ficaram minha mulher e meus filhos”.⁷⁵⁰

O segundo ponto não poderia ser outro: constatamos como se configura a importância de Clinton Thomas no relato de Falabella. Não fosse a menção aos adversários políticos de outra família de Urucará, poderia parecer que o pastor era o único problema da sua gestão na cidade. Pastor Clinton é descrito como o homem estrangeiro que se *intromete* em todos os assuntos, aglutina autoridades ao seu redor e em tudo confronta, diretamente ou por terceiros, os interesses do prefeito: “Como se tudo isso não bastasse ainda existe em Urucará um ‘Pastor Americano’ que de Pastor não tem nada e que se intromete na vida de todo mundo”.⁷⁵¹

Em todas suas denúncias, Falabella levanta dúvidas da identidade religiosa do “pastor americano”, levando seu embate também para o campo religioso; mas quem poderia legitimar ou não o papel religioso de Clinton Thomas? Falabella torna a mencionar as proximidades que Clinton afirma ter com altas autoridades estaduais, que abonariam suas ações na cidade: “Se diz amigo do Cel. Ossuoski⁷⁵² e do Comandante do CMA [Comando Militar da Amazônia]⁷⁵³. Já me denunciou a Deus e ao mundo, até ao IBDF [Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal] em Brasília,⁷⁵⁴ de onde veio fiscais a Urucará apurar os fatos”. Segundo o prefeito, o pastor “negou tudo como sempre faz e ainda fica zombando. Ninguém toma providências e tenho que aguentar as suas intromissões”. Permanece em suspensão, nas variadas denúncias, o que Pedro Falabella espera de resposta das autoridades superiores diante dessas *intromissões*.⁷⁵⁵

Em seu terceiro ponto, voltando a particularidade de sua trajetória, Falabella rememora sua carreira: “Esses acontecimentos despertaram-me para o fato de que sendo um funcionário do quadro técnico do BASA, com uma carreira promissora como Analista de Computador, estou sacrificando o que resta de minha mocidade e principalmente minha carreira inutilmente”. O relato apresenta a decepção de Falabella diante das inconstâncias da vida política tendo em

⁷⁵⁰ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁵¹ *Ibid.*

⁷⁵² O coronel Mário Perelo Ossuosky foi comandante geral da Polícia Militar do Amazonas de 1975 a 1979. Cf. PMAM. Galeria de Antigos Comandantes Gerais. **Polícia Militar do Amazonas**. Disponível em: <https://pm.am.gov.br/portal/galeria>. Acesso em: 21 fev. 2024.

⁷⁵³ Já que Falabella não menciona um nome especificamente, não podemos saber a qual comandante do CMA se refere. Durante a década de 1970, na qual se desenrolaram os embates e denúncias entre Pedro e Clinton, o Comando Militar da Amazônia teve seis generais de divisão como comandantes. Cf. CMA. Eternos Comandantes. **Comando Militar da Amazônia**. Disponível em: https://cma.eb.mil.br/images/PDF/Eternos_Cmt.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

⁷⁵⁴ O IBDF foi uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Agricultura encarregado dos assuntos pertinentes e relativos a florestas e afins. Criada em 1967, foi extinta em 1989. Cf. BRASIL. Decreto-lei n.º 289, de 28 de fevereiro de 1967. **Cria o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0289.htm. Acesso em: 21 fev. 2024.

⁷⁵⁵ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

vista a solidez do funcionalismo público. E mesmo que não tivesse tantos problemas, reflete, “caso corresse tudo bem em Urucará, após 4 anos voltaria para Belém com 4 anos de atraso”.⁷⁵⁶

Por fim, afirma que “não há nenhum horizonte para mim ficando em Urucará. Não posso pensar em fazer carreira política”. Falabella, que já era um político com certa experiência, insinuava ao novo governador que não se via em outros mandatos estaduais, pois “os votos de Urucará não elegem ninguém. Ajuda somente”. Segundo sua observação, “creio que ainda não atingi meu nível de incompetência. No BASA terei mais chance de ser melhor aproveitado. No mínimo estarei em um melhor ambiente, proporcionando melhores dias a minha família”.⁷⁵⁷

Portanto, “essas, creio, são razões mais do que suficientes para deixar Urucará. Ninguém pode dizer que não estou com razão”. Argumenta ter feito o que pôde: “dei 6 anos de minha vida por esta terra, tenho consciência de que muita coisa mudou para melhor. Quase tudo que aqui foi feito contou com a minha participação”. Apesar de tudo, o governador não precisaria se preocupar com a situação política do município: “Deixarei um Plano em execução para os quatro anos e já com mais de 70% realizado. Ninguém é insubstituível”. Além disso, termina: “Não me interprete mal. Pode contar comigo se precisar de mim, fora de Urucará, naturalmente. Aceite um abraço do Amigo”.⁷⁵⁸

Não sabemos se outros movimentos políticos já haviam sido feitos ou se a carta ao novo governador foi a causa principal, mas Falabella conseguiu que o Ofício n.º 098/78 não ficasse restrito à Urucará. Assim, outro documento no arquivo do SNI é o encaminhamento de uma cópia do ofício do Comandante Geral da Polícia Militar do Amazonas (PMAM) ao Superintendente da Polícia Federal. O Ofício n.º 100/PM-2/78, do Comandante Mário Perelló Ossuoski, registra: “com o presente encaminho a V. Sia 01 (uma) cópia do Ofício n.º 098/78, datado de 06 de DEZEMBRO de 78, do Prefeito Municipal de URUCARÁ, contendo denúncia contra o Pastor CLINTON THOMAS”. Sugere-se, assim, que Falabella teve sua solicitação atendida – e o governo brasileiro conheceria seu *indesejável* adversário, o pastor Clinton.⁷⁵⁹

Como destacado, no mês anterior, a matéria do *Jornal do Commercio* teceu inúmeros elogios ao prefeito, mas no começo de 1979, antes da data prevista da renúncia, era noticiado que os moradores de São Sebastião do Uatumã, então parte do município de Urucará, reclamavam do abandono da vila e exigiam resposta do Prefeito.⁷⁶⁰ O fato é que Pedro Falabella

⁷⁵⁶ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁷⁵⁷ *Ibid.*

⁷⁵⁸ *Ibid.*

⁷⁵⁹ *Ibid.*

⁷⁶⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 14 jan. 1979, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/132314. Acesso em: 23 set. 2019.

deixou a Prefeitura em 1979, e no mesmo ano tornou-se diretor-presidente e presidente do Conselho de Administração da CODEAGRO, como revela um relatório aos acionistas publicado no *Jornal do Commercio* de 30 de abril de 1980.⁷⁶¹

Neste capítulo e no anterior, acompanhamos as transformações de Urucará a partir da chegada de Clinton Thomas. Diante delas, o primeiro filho do missionário assegura:

Sem susto podemos afirmar que a Igreja de Cristo, propriamente a mensagem de Cristo transmitida por evangelização e edificação, trouxe enorme progresso espiritual, social e econômico a população urucaraense. Podemos concluir, então, sem dúvida nenhuma, que Urucará não estaria onde está sem a presença e atualidade da Igreja de Cristo.⁷⁶²

A marca do passado que se oferece é o da “testemunha [que] viu, ouviu, experimentou (ou acreditou ver, ouvir, experimentar, pouco importa). Em suma, ele foi afetado, talvez marcado, abalado, ferido, em todo caso, *atingido*, pelo acontecimento”; assim, “o que ele transmite através de suas palavras é algo deste ser *afetado por...*; neste sentido, pode-se falar de marca do acontecimento anterior, anterior ao próprio testemunho, marca de certa forma transmitida pelo testemunho”.⁷⁶³ Seu testemunho é a “a estrutura de transição entre a memória e a história”,⁷⁶⁴ o que não nega sua fiabilidade, mas evidencia os fundamentos da memória. Se outros testemunhos – tanto dos entrevistados quanto do SNI – seguirem direções diferentes, eles não são necessariamente opostos. Mesmo com a reconstrução crítica própria do ofício do historiador, esta tese não se propõe a negar a veracidade de testemunhos ou destruir memórias, pois “a verdade, em história, continua em suspenso, plausível, provável, contestável, enfim, em contínuo curso de reescrita”.⁷⁶⁵

Dessa forma, nas vozes dos colaboradores, o *pioneiro* Clinton Thomas aparece com suas contribuições indispensáveis para o “enorme progresso espiritual, social e econômico” da população do município de Urucará. Tais progressos são acompanhados das relações e tensões que o norte-americano estabeleceu na cidade, seja na medicina, na economia, na política ou na mecânica. Mais do que simples problemas com alto-falantes, essas disputas fazem parte da construção da trajetória desse sujeito em Urucará, em meio à presença do missionarismo norte-

⁷⁶¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*, Manaus, 30 abr. 1980, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_02/1664. Acesso em: 23 set. 2019.

⁷⁶² Thomas, 1981 p. 2.

⁷⁶³ RICOEUR, Paul. A marca do passado. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 10, dez. 2012, p. 337. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/456/335>. Acesso em: 26 abr. 2021.

⁷⁶⁴ *Ibid.*, p. 334.

⁷⁶⁵ *Ibid.*, p. 337.

americano, do catolicismo progressista e das relações sociopolíticas na conjuntura do regime militar brasileiro na Amazônia.

Ainda, desvela-se a participação de outro sujeito, primordial para tais progressões e tensões: o prefeito Pedro Falabella. Ele parece perceber que a única forma de disputar a influência sobre a cidade com o pastor seja recorrer a autoridades maiores; por isso, aproveita-se de seus contatos e de sua posição de prefeito para pedir providências a membros do Executivo e da segurança estadual. Existe um “americano, pastor e agitador” em Urucará; o que farão? Em plena ditadura, os dois sujeitos acham lugar nos olhos da comunidade de inteligência.

Figura 14: Relatório do SNI, 22 de junho de 1979.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO N.º 175/79 /DSI/MJ

DATA: 22 de junho de 1979
 ASSUNTO: PASTOR EVANGÉLICO CLINTON BENJAMIN THOMAS.
 ORIGEM: SR/DPF/AM.
 REFERÊNCIA: Informação n.º 07/19/AC/79 - 04.01.79
 DIFUSÃO: AC/SNI - DSI/MRE

DIFUSÃO ANTERIOR: CI/DPF
 ANEXO: Cópia de relatório (02 folhas).

O Ministro da Justiça determinou fosse feita investigação sigilosa pelo DPF, em face de denúncia formulada pelo Prefeito Municipal de URUCARÁ/AM contra o Pastor em epígrafe.

Em abril do corrente ano, uma equipe de policiais da SR/DPF/AM esteve no Município de URUCARÁ/AM, e o resultado das investigações encontra-se na documentação anexa.

A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a Democracia no Brasil

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA
MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTA DOCUMENTO (ART. 12 - DEC. N.º 79.099/77
REGULAMENTO PARA SALVAGUARDA DE
ASSUNTOS SIGILOSOS.)

CONFIDENCIAL

Departamento de Imprensa Nacional

4 CLINTON THOMAS, AMEAÇA À SEGURANÇA NACIONAL? VIGILÂNCIA, REPRESSÃO E CRISTÃOS NO AMAZONAS

Considerando a análise da trajetória de Clinton Benjamin Thomas para iluminar as tensões produzidas pela presença do protestantismo norte-americano, do catolicismo progressista e das relações sociopolíticas na conjuntura do regime militar brasileiro na Amazônia, este último capítulo busca compreender o porquê da investigação do missionário por parte do SNI. Para isso, insere essa história de vida missionária nos desenvolvimentos da ditadura brasileira, implicando o aparelho de vigilância, os cristianismos e o contexto do Amazonas, bem como analisa os relatos das pessoas citadas no inquérito sobre a atuação do “americano, pastor e agitador”.

O Serviço Nacional de Informações foi criado após o golpe de 1964. Seu objetivo era “superintender e coordenar, em todo o território nacional, as atividades de informação e contra informação, em particular as que interessem à Segurança Nacional”. Uma das características do SNI era o sigilo de suas atividades: “está isento de quaisquer prescrições que determinem a publicação ou divulgação de sua organização, funcionamento e efetivos”.⁷⁶⁶ Com a redemocratização, a sociedade civil passou a exigir a reformulação do órgão. Colaboraram para isso os escândalos levados a público pela imprensa, desvelando suas práticas ideológicas, autoritárias e ilegais. Assim, o SNI foi extinto em 1990. Algumas de suas atribuições – como monitoramento de greves, movimentos sindicais e corrupção – foram transferidas à Polícia Federal, enquanto a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República assumiu as demais funções, criando a Subsecretaria de Inteligência.⁷⁶⁷

Conforme esclarecemos, essa direção da pesquisa não estava prevista em 2017; tal informação não nos chegou facilmente. Mesmo que os entrevistados comentassem sobre as tensões locais com os alto-falantes e fizessem uma tímida indicação da relação conturbada com Pedro Falabella, apenas o Dr. Timothy Benjamin Thomas mencionou claramente a extensão dos confrontos com o prefeito, que culminaram em um inquérito oficial do governo brasileiro. Talvez os demais colaboradores – quer soubessem ou não da averiguação da Polícia Federal – refletissem sobre a realidade política de Urucará, onde a família Falabella continuava no

⁷⁶⁶ BRASIL. Lei nº 4.341, de 13 de junho de 1964. **Cria o Serviço Nacional de Informações**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4341-13-junho-1964-376645-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 fev. 2024.

⁷⁶⁷ CPDOC. Serviço Nacional de Informação (SNI). **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-nacional-de-informacao-sni>. Acesso em: 22 abr. 2019.

comando do Executivo ao longo de nossas visitas; Timóteo, por outro lado, não se importava em falar sobre o que era perguntado ou em revelar muito mais do que se poderia esperar, por não temer consequência alguma.

Assim, Timóteo relatou a denúncia aos órgãos do governo e a visita dos agentes federais à cidade no final da década de 1970. Narrou “histórias sobre o encontro de pessoas privadas com a esfera pública”.⁷⁶⁸ Mesmo que não possuísse nenhum documento sobre esse escrutínio do SNI, sua indicação foi fundamental, pois permitiu a procura nos arquivos do SIAN pelos termos “Clinton Thomas” e “Urucará”, revelando uma apuração realizada pela agência do SNI.

Conforme indicado na figura 14, que apresenta uma das páginas do relatório final do órgão, foi realizada uma “investigação sigilosa”, determinada pelo Ministro da Justiça Armando Falcão,⁷⁶⁹ atendendo à denúncia feita pelo Prefeito de Urucará contra o Pastor Clinton. Um carimbo específico no documento – “A Revolução de 64 é irreversível e consolidará a Democracia no Brasil” – permite visualizar como Clinton e Falabella imbricam suas trajetórias com a história política do Brasil. A partir dessa caça – usando a célebre metáfora de Marc Bloch – perguntamo-nos qual o impacto das ações (ou agitações) de Clinton Thomas na sociedade local, que levaram o SNI a deslocar uma investigação para o interior do Amazonas em 1979.

Este capítulo, portanto, dedicar-se-á a visitar a historiografia sobre o SNI, observando como suas ações se articulavam com a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) do governo militar. Investigaremos a relação das igrejas católicas e protestantes brasileiras com o regime, tanto de subserviência quanto de contestação, bem como o desenvolvimento da ditadura no Amazonas e a repressão aos inimigos no estado, contemplando a atuação de católicos progressistas na região da Prelazia de Itacoatiara, investigados pelo SNI. Por fim, analisaremos o relatório dos agentes do SNI em Urucará, com as pessoas “inqueridas pela autoridade”, seus depoimentos e possível desfecho da investigação.

4.1 O Serviço Nacional de Informações, vigilância e repressão pela segurança nacional

Conforme Aloysio Carvalho, o SNI era “peça central de uma vasta estrutura de

⁷⁶⁸ Portelli, 2016, p. 17.

⁷⁶⁹ O cearense Armando Ribeiro Falcão (1919-2010), formado em Direito, exerceu cargos em governos antes e durante a ditadura. Foi deputado federal pelo Ceará, eleito três vezes pelo PSD e uma pela Arena (1951-1966). Foi ministro da Justiça dos governos Juscelino Kubitschek (1959-1961) e Ernesto Geisel (1974-1979). Mesmo fora do governo, continuou nos bastidores da política. Cf. CPDOC. Armando Ribeiro Falcão. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/armando-ribeiro-falcao>. Acesso em: 02 fev. 2024.

inteligência”, como “o órgão coordenador do que os militares chamavam de Comunidade de Informações. Ele foi um dos órgãos do aparato estatal que maior longevidade alcançou no esquema de poder montado pelos militares”.⁷⁷⁰ Na observação do autor, o SNI “se agigantou e rompeu os limites da legalidade”; se “foi criado com o objetivo de assessorar o presidente da República na orientação e coordenação das atividades de informação e contrainformação voltadas para a defesa do Estado”, ultrapassou suas atribuições e “acabou por substituí-lo no exercício do poder decisório”.⁷⁷¹

Ao longo dos governos militares, o

[...] SNI assumiu funções executivas e passou a exercer a coordenação da ação governamental. Conforme essa visão, existia um organismo de informações de natureza dupla uma legal e outra moldada pela vontade pessoal -, que gerava na sociedade brasileira um clima de insegurança individual. Ao incorporar práticas que rompiam com os limites da lei, o SNI alimentava formas específicas de violência política que essencialmente diferenciam os sistemas autoritários dos democráticos, caracterizados pelo controle das funções estatais.⁷⁷²

Quem de fato governava o Brasil? Segundo Carvalho, “o SNI era considerado o real poder executivo paralelo, uma espécie de governo de fato que subordinava e coordenava o governo legal e convencional”. Mais do que coletar e elaborar informações para servir à Presidência, assumiu um “caráter policial, exercendo diferentes atividades com a finalidade de vigiar a sociedade e controlar a administração pública”.⁷⁷³ Seria em resposta a esses pretensos desvios, e reconhecendo como indispensável ao governo tais informações, que o SNI foi desfeito e rearticulado em novas agências no regime democrático.

O SNI também servia como instrumento de contrainformação: “Se a informação era vista como um elemento essencial para auxiliar o presidente da República nas decisões governamentais, a contrainformação também era necessária para proteger os interesses da nação”. Ou seja, “visava proteger as informações do Estado de modo que não fossem utilizadas contra o próprio Estado”. Para tal, é importante delimitar a conjuntura política da segunda metade do século XX, pois no contexto da Guerra Fria, era necessário proteger a nação da espionagem estrangeira. E, por isso, “a existência e o contínuo aperfeiçoamento do SNI eram

⁷⁷⁰ CARVALHO, Aloysio Henrique Castelo de. **Serviço Nacional de Informações: uma abordagem histórica**. Curitiba: Appris Editora, 2023, p. 1. Todas as citações são da Introdução do livro, disponível no Google Books. Cf. também: FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001; SAMWAYS, Daniel Trevisan. **Inimigos imaginários, sentimentos reais: medo e paranóia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970-1973)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

⁷⁷¹ Carvalho, 2023, p. 2.

⁷⁷² *Ibid.*, p. 2.

⁷⁷³ *Ibid.*, p. 2.

compreendidos como vitais para a condução do sistema político do país”.⁷⁷⁴

Nos debates políticos na redemocratização,

[...] os representantes da esquerda enfatizaram o caráter policial do Estado capitalista e compreendiam que o golpe de 1964 e a criação do SNI marcaram o início do processo de reorganização do aparelho repressivo sob o domínio dos dirigentes militares, orientados pela ideologia de segurança nacional formulada pela ESG. Essa reorganização do poder no âmbito do Estado deu-se sob a dominância do Exército, instituição hegemônica das Forças Armadas e, por extensão, a principal representação militar no governo.⁷⁷⁵

Dessa forma, “a dominância política do Exército sobre o Estado se deu por meio de seus representantes militares que comandaram o sistema de inteligência e demais ramos especializados do aparelho repressivo responsável pela violência física organizada”.⁷⁷⁶ Dentro desse processo de militarização do Estado, esses representantes procuraram controlar todas as manifestações da sociedade, em “um ambiente de terror e medo, condição fundamental para assegurar a obediência às normas instituídas”:

As leis de segurança nacional decretadas pelos governos ganharam maior potencial para intimidar os inimigos internos. Os indivíduos e grupos sociais perderam por completo suas garantias legais, ficando desprotegidos ante as ameaças dos órgãos de informações que não conheciam limites para as suas operações, auxiliadas pelas forças de segurança representadas pelas polícias civis e militares. A justiça se tornou o braço jurídico do regime e a eliminação dos oponentes do cenário político acabou dando origem a um ambiente de terror e medo, condição fundamental para assegurar a obediência às normas instituídas. Soma-se a isso a censura sobre as diversas mídias, impedindo o livre debate e desnorteando a sociedade quanto à direção que tomava o país.⁷⁷⁷

Administrativamente, as Divisões de Segurança em Informações (DSI) eram parte do elo do governo com o SNI, sendo “um órgão de informações presente em cada ministério civil”. A começar de 1975, as DSI assessoravam os ministros de Estado, para estabelecer uma interface com o SNI. Além da Agência Central (AC), em Brasília, o SNI contava com “12 Agências Regionais que recolhiam por todo o território nacional informações do interesse do presidente da República”. A AC era “responsável pela produção de conhecimentos de interesse do presidente da República e da Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional (SG/CSN)”, além da “coordenação das atividades de informações”.⁷⁷⁸

⁷⁷⁴ Carvalho, 2023, p. 2.

⁷⁷⁵ *Ibid.*, p. 3.

⁷⁷⁶ *Ibid.*, p. 3.

⁷⁷⁷ *Ibid.*, p. 3.

⁷⁷⁸ *Ibid.*, p. 4.

Compreender o surgimento e o poder do SNI leva-nos diretamente ao contexto da segunda metade do século XX. O conceito de segurança nacional, que pautava a direção militar do SNI, foi “formulado sob a influência da doutrina americana de guerra revolucionária”, considerando o estreitamento de laços entre os Estados Unidos e o Brasil no pós-1945.⁷⁷⁹ Assim, “o projeto para aparelhar o Estado brasileiro com avançados serviços de inteligência” nasceu nessas aproximações de natureza econômica, política e militar. Seu primeiro momento foi em 1946, com a criação do Serviço Federal de Informações e Contrainformação e, depois, sua expansão, em 1964, com a organização do SNI.⁷⁸⁰

A Doutrina de Segurança Nacional (DSN), formulada na Escola Superior de Guerra (ESG), pregava que “o trabalho de inteligência consiste na produção de informações voltadas para garantir a segurança do Estado”, logo, “inteligência é uma atividade de Estado executada pelos órgãos que produzem conhecimento com a finalidade de orientar os dirigentes encarregados das decisões de governo”. Ao coletar e processar informações, esse serviço tem “um caráter estimativo, uma vez que proporcionam conhecimento antecipado para os dirigentes realizarem avaliações sobre conjunturas políticas e desdobramentos futuros”.⁷⁸¹

Em nome da segurança nacional, se “fomentou, a partir de 1964, a criação de um Estado policial dotado de uma poderosa estrutura repressiva e com uma vasta rede de serviços secretos que os dirigentes militares chamavam de Comunidade de Informações”. A estrutura de informações existente antes do golpe de 1964, “constituída por órgãos militares e civis que atuavam com relativa autonomia”, recebeu com o regime “um órgão centralizador, que atuasse de fato em termos nacionais, estabelecesse uma estratégia abrangente de segurança do Estado e definisse as específicas tarefas a serem cumpridas por cada órgão”; assim, nasceu o SNI.⁷⁸²

O SNI foi concebido dentro do programa de modernização estatal, tomando a Agência Central de Inteligência norte-americana “como modelo de serviço de inteligência, mas o adaptou às circunstâncias nacionais”. Seu foco era “a produção de informações voltadas para as questões de desenvolvimento e segurança do país”. Durante o governo militar, “o órgão também passou a agir como ator político participante dos projetos governamentais que buscavam institucionalizar as regras autoritárias”. Tomando como exemplo o primeiro presidente do regime, seu chefe do SNI, “general Golbery, foi um dos principais articuladores do governo Castelo Branco que editou quatro Atos Institucionais, a Lei de Imprensa, a Lei de

⁷⁷⁹ Carvalho, 2023, p. 4.

⁷⁸⁰ *Ibid.*, p. 5.

⁷⁸¹ *Ibid.*, p. 5.

⁷⁸² *Ibid.*, p. 5.

Segurança Nacional e aprovou a Constituição de 1967”. As punições revolucionárias e o recrudescimento autoritário também tinham o pleno envolvimento e interesse do SNI.⁷⁸³

O objetivo da “coerção [era] remover do cenário institucional as oposições que desafiavam o regime”.⁷⁸⁴ Toda resistência era encarada a partir da DSN, por isso, “a eliminação da contestação subversiva, enraizada em diversas esferas de convivência social, exigia a onipresença dos órgãos de informações e a estruturação do aparelho repressivo” permitindo a articulação de ações.⁷⁸⁵ Essa visão justificava a inserção do SNI no governo:

Decorre daí a proposição de que os órgãos de informações, representados pelo SNI e serviços de inteligência das Forças Armadas, integraram o núcleo dirigente do regime. Eles ocuparam um lugar de predominância em função do conhecimento produzido com as atividades de inteligência que definia a agenda para as decisões sobre segurança interna.⁷⁸⁶

Carvalho argumenta que o SNI teve “papel hegemônico” nas respostas do governo à crise de 1968. Diante do crescimento da oposição, dos protestos e do desenvolvimento de ações armadas, parecia-se comprovar o perigo das ameaças pregadas pela doutrina do SNI: “O crescimento da contestação política conferiu veracidade ao discurso dos órgãos de informações, segundo os quais estava em andamento um plano subversivo de assalto ao poder de caráter antimilitarista e revanchista”. Se havia uma contrarrevolução em curso, era necessária “a reorganização do aparelho repressivo com a decretação do AI-5 e a maior intervenção das Forças Armadas no processo político”.⁷⁸⁷ Assim,

A estimativa do SNI acionou os mecanismos de autodefesa e pavimentou o caminho para o AI-5, uma medida repressiva generalizada que alcançou uma ampla gama de setores da sociedade e do próprio aparato burocrático do Estado, neutralizou as diversas formas de contestação das oposições e possibilitou a consolidação da inteligência militar como o núcleo de poder com maior autoridade para definir as estratégias de segurança interna e a direção política do regime.⁷⁸⁸

Seguindo essa compreensão, o autor observa “a ampliação e integração institucional do sistema de inteligência militar iniciadas no governo Costa e Silva”, quando “a estrutura de informações comandada pelos militares ganhou maior organicidade e centralidade e foi justificada pela finalidade de combater de forma mais eficiente os atos de subversão interna,

⁷⁸³ Carvalho, 2023, p. 6.

⁷⁸⁴ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁸⁵ *Ibid.*, p. 7.

⁷⁸⁶ *Ibid.*, p. 7.

⁷⁸⁷ *Ibid.*, p. 7.

⁷⁸⁸ *Ibid.*, p. 7.

sobretudo os da esquerda armada”.⁷⁸⁹ O poder dos órgãos da inteligência militar “se tornou progressivamente ilimitado, uma vez que foram executadas missões de vigilância tendo como alvo setores não só da sociedade civil, mas do próprio aparelho de Estado”.⁷⁹⁰

Nesse universo de informações e contrainformações, o Sistema Nacional de Informações (Sisni), do qual fazia parte o SNI, e o Sistema de Segurança Interna (Sissegín), representado pelo Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) “atuaram de forma coordenada no campo da inteligência militar” para obter “valiosas informações secretas que serviam tanto para combater a contestação política como manipular as disputas internas”. A atuação integrada dos órgãos do aparelho repressivo, definidos por Carvalho como “polícia política”, “realizaram de forma articulada as operações de informações com o objetivo político-ideológico de eliminar as ameaças internas e garantir a reprodução do regime militar, segundo a agenda formulada para a segurança nacional”.⁷⁹¹

Os grandes inimigos a serem enfrentados eram os comunistas: “da perspectiva do regime, a nação foi afrontada pela ação dos grupos comunistas e o Estado precisou responder política e militarmente para garantir a ordem interna”. Para Carvalho, “o governo Médici deve ser investigado levando-se em conta o confronto direto entre essas duas forças em conflito pelo domínio político”. Contra a *ameaça comunista*, recorrente nos temas políticos nacionais desde o começo do século XX, se justificou “a escalada de violência política e ampliação do sistema de inteligência encabeçado pelo SNI, uma demanda presente sobretudo na crise de 1968 e concretizada no governo Médici com a criação do Sisni e do Sissegín”. Os órgãos de informações eram os protagonistas da “missão de garantir o processo de institucionalização do regime militar, que sofreu transformações com a decretação do AI-5 e a Emenda Constitucional de 1969, quando foi ampliada no texto a noção de segurança nacional”.⁷⁹²

Esses órgãos alcançaram “legitimidade e prestígio no conjunto da oficialidade diante da tarefa de enfrentar as diversas formas de contestação política, sobretudo a guerra revolucionária promovida pelas organizações de esquerda e partidos comunistas”.⁷⁹³ Esse protagonismo nas relações de forças explica as respostas diante da proposta de abertura do regime: “Em reação aos projetos de mudanças desencadeados pela cúpula militar, setores descontentes da oficialidade superior se manifestaram abertamente contra as decisões do regime”. Tais confrontos levaram a ações de “redes de agentes dispostos a perpetuar o papel institucional do

⁷⁸⁹ Carvalho, 2023, p. 7.

⁷⁹⁰ *Ibid.*, p. 8.

⁷⁹¹ *Ibid.*, p. 8.

⁷⁹² *Ibid.*, p. 8.

⁷⁹³ *Ibid.*, p. 8.

sistema de inteligência”, incluindo “atos de sabotagem com a finalidade de intimidar os presidentes para que eles continuassem a missão revolucionária adotada em 1964”.⁷⁹⁴

Os acontecimentos finais da ditadura “iluminam as divergências e aproximações entre as posições dos órgãos de informações e as dos governos militares durante a transição”. Ainda que “as reações internas ao regime, representadas pelas ações terroristas que se acentuaram no ano seguinte à aprovação da Lei da Anistia pelo Congresso” tenham posto “na ordem do dia a extinção do DOI-Codi”, não se esquece que “a preservação do sistema de inteligência sob hegemonia do SNI proporcionou aos dirigentes o poder de dissuasão necessário para encaminhar a liberalização/abertura”. Por isso, o “processo político [foi] controlado pela cúpula militar”. Como resultado dos acordos costurados, “o SNI sofreria reformulações institucionais no âmbito do quadro legal da transição, mas manteria as funções de vigilância e controle social como órgão colaborador para a definição das políticas de segurança do Estado”.⁷⁹⁵

Em tudo se procurava assegurar “os interesses institucionais e valores das corporações militares”. Enquanto “órgão central do Sisni que atuava sob controle dos militares”, pretendia-se que o SNI continuasse “a exercer influência sobre as questões em discussão pelos atores do sistema político e da sociedade civil”, com o objetivo de continuar a controlar a população: “a fim de garantir a institucionalização de um poder político voltado, sobretudo, para moderar a participação popular tanto na constituição de governos quanto na formação das suas decisões”.⁷⁹⁶ Esse foi, portanto, o órgão requerido a buscar informações sobre Clinton Thomas e descortinar sua ameaça à ordem; ao investigar esse *americano, pastor e agitador*, procuramos lançar uma luz para a compreensão do desenvolvimento da ditadura brasileira nas cidades pequenas do país, especialmente no interior da Amazônia.

4.2 Cristianismos brasileiros e relações com a ditadura

Como demarcado anteriormente,⁷⁹⁷ os Thomas retornaram ao Brasil meses após o golpe que pôs fim ao regime democrático. Possivelmente, essa conjuntura, propagandeada como de vitória sobre a ameaça comunista, tenha contribuído para sua decisão de estabelecer-se novamente no país, considerando também a acentuada atuação das igrejas cristãs, tanto no período imediato à derrubada do governo de João Goulart quanto nos longos anos do regime de

⁷⁹⁴ Carvalho, 2023, p. 9.

⁷⁹⁵ *Ibid.*, p. 9.

⁷⁹⁶ *Ibid.*, p. 10.

⁷⁹⁷ Cf. segundo e terceiro capítulo de Bezerra (2024).

repressão. Uma prolífica produção historiográfica nacional tem se desenvolvido sobre o papel das igrejas protestantes na ditadura, desvelando a elaboração de práticas, discursos e representações sobre o governo, em convergências, cooperação, silêncios e afastamento.⁷⁹⁸

No interregno entre a experiência democrática e o regime autoritário, diversos movimentos de reflexão sobre a realidade brasileira surgiram entre os protestantes, incomodando as lideranças e levando a confrontos. Naquela conjuntura, a influência norte-americana crescia dentro das igrejas brasileiras, com a visita e estabelecimento de missionários, resultando em novas igrejas e organizações – e essas influências tanto iam em direções conservadoras quanto progressistas.⁷⁹⁹ As transformações ensejadas pelos progressistas foram paralisadas em 1964, com o entusiasmado apoio de lideranças e fiéis à derrubada da democracia e instalação do regime de exceção – ainda que algumas igrejas tenham sido precavidas e esperado alguns meses ou anos para celebrar as mudanças e o governo militar. Contudo, o apoio e a cooperação foram praticamente constantes ao longo da ditadura: “Em sua larga maioria, os evangélicos, com base em textos sagrados e em suas memórias coletivas, exprimiram práticas

⁷⁹⁸ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016; ALONSO, Leandro Seawright. A Comissão Nacional da Verdade e o caso dos protestantes durante a ditadura militar brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano IX, n. 25, p. 321-347, maio/agosto 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31506>. Acesso em: 10 mar. 2024; BRITO, André Souza. **Cristianismo ateu**: o movimento ecumênico nas malhas da repressão militar do Brasil. 1964-1985. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014; CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil – um projeto que ainda não se extinguiu. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1896-1929, out./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1896>. Acesso em: 22 abr. 2019; DIAS, Zwinglio Mota (org.). **Memórias ecumênicas protestantes**: Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014; GATTI, Danielle Dias. **As igrejas evangélicas e a ditadura civil-militar no Brasil**: a construção das memórias protestantes na Comissão Nacional da Verdade. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017; MACHADO, Adriano Henrique. **Os evangélicos e a política no Brasil**: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016; PADILHA, Anivaldo *et al.* (org.). **As igrejas evangélicas na ditadura militar**: dos abusos do poder à resistência cristã. São Paulo: Alameda, 2022; SCHMIDT, Daniel Augusto. **O protestantismo brasileiro**: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964-1974). Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2015; SILVA, Elizete da. Protestantes e o governo militar: convergências e divergências. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). **Ditadura militar na Bahia**: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 31-51; SILVA, Elizete da. Protestantes no Brasil: entre a omissão e o engajamento político. **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 24, n. 37, p. 126-148, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p126>. Acesso em: 9 maio. 2024; SILVA, Josias. **“Na guerra contra o mal [...] Em marcha triunfal”**: As Assembleias de Deus e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020; SILVA, Moisés Sabóia da. **Evangelização, política e comemorações na Revista Adventista no contexto da ditadura civil-militar, 1972-1978**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

⁷⁹⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 08 mar. 2019. Cf. Schmidt (2015), sobre os elementos formadores da mentalidade conservadora do protestantismo brasileiro.

políticas que se coadunaram àquelas levadas a cabo pelo Estado autoritário brasileiro”.⁸⁰⁰

Atentando à profusão de missionários e organizações de origem norte-americana em atividade no país nessa conjuntura, podemos recorrer à interpretação dentro dos parâmetros da Guerra Fria. Rodrigo Sá Netto atesta que “o Estado brasileiro, sobretudo entre 1964 e 1985, facilitou a instalação e a proliferação de organizações religiosas conservadoras” norte-americanas, “fenômeno [que] se inscreve num projeto imperialista formulado nos Estados Unidos e que tinha como pressuposto o combate ideológico global ao comunismo”. Já no começo dos anos 1950, o programa psicológico e de propaganda, principalmente voltado para a América Latina, era “direcionado a grupos formadores de opinião, como funcionários governamentais, membros da imprensa, professores, estudantes, empresários, etc.”, com ações entre os dirigentes políticos, mas também com “a doutrinação de grupos influentes da sociedade civil, como partidos, sindicatos e a Igreja”.⁸⁰¹

Assim, “organizações religiosas na América Latina seriam alvo de ações abertas e/ou camufladas, apoiadas pelos serviços de inteligência” dos Estados Unidos, para servirem ao plano de enfrentamento do comunismo e do bloco soviético. Um dos frutos dessa empreitada foi a “criação de frentes religiosas ecumênicas, porém com forte presença evangélica, dispostas a empreender ações ideológicas por todo o globo”. O autor argumenta que “no interior dessas iniciativas, um dos preceitos discutidos, e que urgia transmitir pelo mundo, foi a alegada incompatibilidade entre o comunismo, a religião e a liberdade”.⁸⁰² Por diversos meios essa mensagem foi propagada. E vital nesse programa de combate ao comunismo foi “o auxílio da diplomacia norte-americana, que buscou abrir caminho em todo o globo para a instalação de organizações religiosas daquele país, como igrejas pentecostais e entidades missionárias interdenominacionais”.⁸⁰³

Sá Netto conclui:

Após meados do século XX, na medida em que os Estados Unidos se firmam como país líder do bloco capitalista, posição reforçada também por via de uma campanha ideológica voltada para seus vizinhos, igrejas evangélicas multiplicam-se em escala sem precedentes pela América Latina. Partícipes dessa campanha, missionários estrangeiros e religiosos brasileiros com conexões próximas com organizações cristãs norte-americanas trarão para o Brasil não apenas novas expressões de fé, mas também uma doutrina política delineada no país do norte que buscou suscitar opiniões

⁸⁰⁰ Almeida, 2016, p. 25.

⁸⁰¹ SÁ NETTO, Rodrigo de. Afinidades entre a ditadura de 1964 e o anticatolicismo de evangélicos conservadores: expressão da hegemonia capitalista norte-americana. **PLURA**: Revista de Estudos de Religião, ABHR, v. 13, n. 2, 2022, p. 65. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2185>. Acesso em: 9 abr. 2024.

⁸⁰² *Ibid.*, p. 66.

⁸⁰³ *Ibid.*, p. 67.

favoráveis ao modelo de organização socioeconômica pretendido para o resto do mundo, o capitalismo.⁸⁰⁴

Evidencia-se o elemento religioso que alimenta o anticomunismo. Protestantes em geral “esconjuravam o comunismo como algo diabólico e convocavam o Senhor dos Exércitos para destruí-lo, pois o mesmo era parte do reino do Diabo”, pavor herdado dos protestantes norte-americanos. Era necessário combatê-lo “pelo seu ateísmo e negação da religião”.⁸⁰⁵ Conforme Elizete da Silva, “os Estados Unidos, ferrenho opositor do socialismo e mentor de vários golpes e governos militares na América Latina”, para muitos evangélicos brasileiros “também eram o ‘berço do Evangelho’, a nação evangélica que mandava missionários filantropos e bem intencionados para o território brasileiro”. Os Estados Unidos eram a utopia protestante; “os americanos abominavam o comunismo e, na ótica dos batistas e dos protestantes em geral, os EUA chegaram ao progresso material e cultural em decorrência dos princípios evangélicos e democráticos”.⁸⁰⁶ O alinhamento ideológico era expresso nos sermões e púlpitos: “o que não é bom para os Estados Unidos não é bom para o Brasil”.⁸⁰⁷

Na investigação da autora, quando o programa Aliança para o Progresso, lançado pelo presidente Kennedy em 1961, chegou às comunidades batistas brasileiras, com roupas e alimentos, “os irmãos norte-americanos” foram “reconhecidos e vistos como bênçãos divinas, modelos para os brasileiros”.⁸⁰⁸ Vários pastores norte-americanos de orientação conservadora estavam instalados no Brasil ou o visitavam. Daniel Schmidt destaca o papel do presbiteriano Carl McIntire que, em sua cruzada contra o liberalismo teológico e o comunismo, realizou várias viagens ao país desde 1951, colaborando para a difusão e o fortalecimento do fundamentalismo entre os brasileiros. Assim, “Jesus [estava] a serviço da Guerra Fria”.⁸⁰⁹ Esse Jesus abençoava o capitalismo e os Estados Unidos e pela voz de pastores, bispos, missionários e fiéis, protestantes e católicos, também abençoaria o nascimento da ditadura brasileira.⁸¹⁰

⁸⁰⁴ Sá Netto, 2022, p. 77.

⁸⁰⁵ Silva, 2009, p. 36.

⁸⁰⁶ *Ibid.*, p. 37.

⁸⁰⁷ *Ibid.*, p. 38.

⁸⁰⁸ *Ibid.*, p. 38.

⁸⁰⁹ Schmidt, 2015, p. 145.

⁸¹⁰ Apesar do enfoque dado aos protestantes aqui, é necessário frisar a importância do apoio católico tanto antes quanto após o golpe. Uma discussão interessante é feita por Mathews Mathias sobre a mobilização da figura de Nossa Senhora Aparecida para vencer o comunismo e como padroeira da “revolução”. Cf. MATHIAS, Mathews Nunes. A padroeira da revolução: Aparecida e o golpe civil-militar de 1964. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 82, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/3VMqPGbJ9NDRSHFf84VWDCv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2026. Mathias também analisa a memória sobre a atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no período da ditadura, mostrando a falta de historicidade na percepção – inclusive privilegiada pela própria instituição – de que ela teria sido uma grande adversária do regime desde o início. Essa visão sobre o papel da CNBB apaga não apenas os apoiadores declarados, mas também as mudanças de perspectivas e as tentativas de

Sublinhe-se a estreita relação entre a religião e os interesses nacionais dos Estados Unidos. De acordo com Luis Fernando Ayerbe, a religiosidade é um “componente importante da política externa dos Estados Unidos”.⁸¹¹ Assim, desde o século XIX, pensadores e políticos norte-americanos utilizaram o argumento religioso para justificar a intervenção do país em assuntos e conflitos internacionais:

Nos Estados Unidos, referências à Providência como fonte inspiradora do envolvimento em conflitos internacionais são parte constitutiva de um discurso missionário que acompanha a trajetória nacional desde o século XIX, identificando os interesses nacionais com a marcha inexorável de um modo de vida superior que, pelo bem da civilização, urge expandir.⁸¹²

Um exemplo eficaz desse discurso político e missionário é sobre a própria Guerra Fria, onde até mesmo alguns presidentes evidenciavam uma luta entre a sociedade que obedecia a Deus e a que era ateia, uma luta entre o bem e o mal.

Na década de 1970, conforme Daniel Rocha,⁸¹³ o fundamentalismo norte-americano se fortaleceu em meio a uma intensa politização do discurso e da prática das lideranças conservadoras: além de fazer inúmeras críticas à sociedade e às políticas, a chamada Direita Cristã queria chegar ao poder e se tornou parte importante do cenário político. As fortes crenças escatológicas imprimem essa direção, onde também o Destino Manifesto é primordial: caberia aos Estados Unidos um papel essencial na “trama do fim” antes da volta de Jesus. Um de seus principais inimigos era o comunismo, o qual “condensava todas as ameaças culturais e todos os temores dos fundamentalistas. Seria um misto de ideologia política e crença religiosa de origem satânica”.⁸¹⁴ Os ideais pregados pela Direita Cristã também reverberam no Brasil, já que é preciso “considerar também a ascendência estadunidense por sobre o mundo evangélico brasileiro [...] como algo que tem uma duração que excede os acontecimentos conjunturais”.⁸¹⁵

Ainda que falte completar as páginas sobre os muitos sujeitos e organizações estrangeiras atuantes no país no contexto de golpe e sustentação do regime, aqui não se

diálogo, além da proximidade em questões morais. Cf. MATHIAS, Mathews Nunes. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a memória da Igreja Católica sobre a ditadura civil-militar. **Boletim do Tempo Presente**, v. 13, n. 1, p. 108-129, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/21411/16770>. Acesso em: 20 abr. 2026.

⁸¹¹ AYERBE, Luis Fernando. Religiosidade, interesse nacional e política externa dos Estados Unidos no século XXI. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Uma nação com alma de igreja**: religiosidade e políticas públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 243.

⁸¹² Ayerbe, 2009, p. 283.

⁸¹³ ROCHA, Daniel. **Fim dos tempos nos Estados Unidos**: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁸¹⁴ *Ibid.*, p. 251.

⁸¹⁵ Huff Júnior, 2008, p. 59.

diminuirá a atuação dos próprios brasileiros e suas organizações religiosas. Adroaldo Almeida analisou as posições políticas de importantes denominações brasileiras durante os governos militares, a saber: Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Metodista e Igreja Batista. Seu recorte considerou, no ano de 1965, a representatividade dessas igrejas em número e expansão por todo o país, suas perspectivas doutrinárias e teológicas diferentes, além de privilegiar a farta documentação produzida por elas.

Almeida nota o paradoxo da relação entre as igrejas e a política: se, por um lado, a política não seria “capaz de produzir transformações sociais duradouras”, sendo a conversão o único caminho para “a verdadeira e única transformação em benefício da sociedade”, por outro, os evangélicos pensam a “política [como] um espaço privilegiado de inserção para o atendimento de suas demandas face ao Estado”, e isso justifica “sua capacidade de mobilização política para satisfação de seus interesses, não apenas religiosos, mas, também, sociais e econômicos”.⁸¹⁶

Seja na conjuntura política dos anos 1960 ou no século XXI,

Em geral, as igrejas evangélicas no Brasil expressam uma cultura política que atribui à liberdade de seus cultos e ao seu proselitismo religioso uma proeminência em relação a outros aspectos da vida pública. Significa dizer que, mesmo que um Estado tenha como características o autoritarismo, a corrupção e a ilegalidade constitucional, ainda assim, esse será oficialmente reconhecido como legítimo pela maioria das igrejas evangélicas no Brasil, desde que esse Estado e seus representantes não interfiram na prática religiosa dos evangélicos.⁸¹⁷

Conservadorismo, moralismo e fundamentalismo religioso alinharam a maioria dos setores protestantes/evangélicos/pentecostais ao governo autoritário: “a postura que predominou entre as igrejas evangélicas foi a de condenar”⁸¹⁸ tanto o comunismo quanto os comunistas. O patrulhamento das ideias, a perseguição e os expurgos dos indesejáveis aconteceram também dentro das igrejas e instituições, levando, inclusive, a delações de irmãos aos órgãos de repressão, pois não poucos pastores foram informantes oficiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Quanto à Igreja Católica, sua virada à justiça social em várias partes da América Latina ao longo da década de 1960 preocupava políticos norte-americanos.⁸¹⁹ Em 1969, o governador

⁸¹⁶ Almeida, 2016, p. 25.

⁸¹⁷ *Ibid.*, p. 25-26.

⁸¹⁸ *Ibid.*, p. 56.

⁸¹⁹ Notemos que a virada de setores da Igreja Católica diante dos problemas do país já vinha ocorrendo desde os anos 1950, quando, por exemplo, os bispos do Nordeste clamaram ao governo Kubitschek pelo desenvolvimento da região. Parte dos prelados defendiam mudanças estruturais, inclusive a reforma agrária, indispensável para o pleno desenvolvimento da região e do Brasil; os temores conservadores aumentaram com os anos, até o estopim

Nelson Rockefeller foi enviado pelo presidente Richard Nixon à América Latina, para investigar como caminhavam os países e suas instituições; em seu relatório, o empresário “notou um estranho comportamento da Igreja Católica no continente. E sobre esse comportamento, apontou possíveis problemas para a política externa dos Estados Unidos”.⁸²⁰ Ao longo das décadas seguintes, setores norte-americanos partiram da crítica à “penetração de forças marxista-leninistas no interior da Igreja” ao enfrentamento direto causado pelos “temores diante de uma teologia latino-americana voltada para a opção pelos pobres, contra a pobreza e em favor da justiça social”.⁸²¹ Naquele momento, consoante Osnar Santos,

A defesa pela justiça social foi virando um mote na Igreja latino-americana. Era claro e cristalino que essa defesa não se assentava aos modelos econômicos de cunho modernizante e autoritário das ditaduras na América Latina. Ao passo em que a Igreja avançava em suas denúncias contra o arbítrio e contra as estruturais de poder, mais a sua relação com o Estado estremecia. Não à toa, militares latino-americanos ideologizados pela Doutrina da Segurança Nacional percebiam a Igreja como fator de desestabilização.⁸²²

No Brasil, ainda que não faltassem membros do clero identificados com a pretensa revolução, os nomes considerados progressistas recebiam atenção, pois “as reverberações do Concílio Vaticano II, finalizado em dezembro de 1965, atingiram principalmente a América Latina, dando fôlego aos clérigos católicos identificados com os setores da esquerda e de oposição ao governo”.⁸²³ Por isso, setores protestantes conservadores procuravam “demonstrar que a Igreja Católica vivia uma crise de autoridade, além de permitir que parte de seu corpo eclesástico assumisse posições de esquerda e expressasse opiniões políticas contrárias ao governo brasileiro”.⁸²⁴

Nesse lugar de suspeitas e combates, onde o aparato do SNI identificava “a inserção de

do golpe de 1964. Cf. HOCHMAN, Gilberto. Between God and rifle: Catholic Church, development and health in 1950s Brazil. In: BOROWY, Iris; HARRIS, Bernard. **Health and Development**. Berlin, Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2023, p. 201-228. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783111015583-008/html>. Acesso em: 10 dez. 2025; SOUZA, Ramon Felipe. **Fé, Foice, Facão e Fuzil**: Igreja Católica, Desenvolvimento e Saúde no Brasil da Guerra Fria (1952-1964). Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022.

⁸²⁰ SANTOS, Osnar Gomes dos. Do Relatório Rockefeller ao Comitê de Santa Fé: a Igreja Católica da América Latina ante a desconfiança do tio Sam (1969-2000). **Crítica Histórica**, Maceió, v. 12, n. 23, 2021, p. 401. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11216>. Acesso em: 12 jun. 2024.

⁸²¹ *Ibid.*, p. 402.

⁸²² *Ibid.*, p. 411. O autor também resgata a importância dos investimentos norte-americanos na expansão das igrejas anticatólicas e conservadoras ao longo do último quarto do século XX, na tentativa de enfraquecer uma igreja que fosse popular e revolucionária.

⁸²³ Almeida, 2016, p. 66. Mas antes disso, conclui Ramon Souza (2022), a ditadura impediu as experiências democráticas dentro da Igreja Católica, ajudando os conservadores dentro da CNBB a vencer aqueles identificados como progressistas.

⁸²⁴ *Ibid.*, p. 67.

padres, freiras, bispos e leigos na base da sociedade como uma ameaça em potencial aos interesses do regime” e afirmava “que o denominado clero progressista supostamente estaria doutrinando as camadas populares”,⁸²⁵ as lideranças evangélicas pareciam frisar que eram mais obedientes às estruturas hierárquicas, do que os vários bispos católicos que se identificavam com a oposição ao regime. Segundo Sá Netto, o ambiente de críticas evangélicas às contestações católicas ao regime fortaleceu o sentimento anticatólico do protestantismo brasileiro, onde prevalecia “o entendimento de que a Igreja Católica estaria num campo em separado ao da ditadura brasileira, o campo do inimigo”,⁸²⁶ onde não se respeitava as autoridades constituídas por Deus e advogavam causas progressistas e o comunismo. Logo, a Teologia da Libertação também era um inimigo a ser combatido, pelo regime e pelas igrejas.⁸²⁷

Nessa conjuntura de proximidades entre evangélicos conservadores e o regime militar, a atitude de igrejas e lideranças da Presbiteriana Independente pode elucidar melhor a relação entre inúmeros pastores e o governo: ao mesmo tempo em que a instituição “apoiou oficialmente a ditadura, por outro, serviu-se dos governos militares para expandir-se”. Enquanto padres e bispos católicos eram encarados como suspeitos, os pastores presbiterianos independentes “eram, em sua maioria, apoiadores do regime e potenciais colaboradores nas políticas empreendidas pelo governo.”⁸²⁸

Embora não possa representar a totalidade dos evangélicos brasileiros durante a ditadura, o caso dessa denominação sugere uma proximidade seguida nas demais. Se não de apoio expresso, ao menos de silêncio conivente, como parece ser o caso da Igreja de Cristo no Brasil. O enquadramento da memória do Movimento de Restauração no Brasil demarca os anos 1960-70 como de transformações internas, mas sem mencionar a conjuntura política nacional:

⁸²⁵ ROCHA JUNIOR, Geovanni. **Em busca de uma transição perdida**: o humanismo cristão entre a vigilância política e o ensaio democrático das classes populares no Brasil (1974-1985). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024, p. 39.

⁸²⁶ Sá Netto, 2022, p. 73.

⁸²⁷ Cf. LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação?** Religião política na América Latina. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2016; NEVES JÚNIOR, José Wilson Assis; LANZA, Fabio; PIOVANI, Luan Prado. A teologia da libertação sob o prisma investigativo do Serviço Nacional de Informações do Paraná (1964-1985). **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 76, p. 65–88, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/58711>. Acesso em: 23 fev. 2026.

⁸²⁸ Almeida, 2016, p. 76. As igrejas aproveitaram-se de variadas formas da proximidade com o regime para atingir seus interesses de crescimento. Por exemplo, Moizés Silva (2023, p. 175) mostra como “os líderes adventistas tiveram posicionamento de acomodação, parceria e diálogos ‘amigáveis’ ao longo do regime, com os militares, políticos e sociedade influente que lhes interessava”, levando assim a expansão do evangelismo pelo país e consolidação da sua rede de educação. O mesmo pode ser dito do “acordo velado” entre as Assembleias de Deus e o governo, denominação marcadamente militar em sua eclesiologia e formação conforme Josias Silva (2020, p. 155), por isso “as barganhas, as trocas de favores e benesses advindas dos militares foram bem-vindas ao clientelismo pentecostal/militar assembleianos”.

Outra ausência sentida na historiografia oficial da Igreja de Cristo é sobre sua reação ao regime militar imposto a partir de 1964. É bem verdade que a Igreja de Cristo ainda não chegara à segunda década quando da instauração do regime, mas continuou a desenvolver-se durante esse período. Vimos que as duas marcas desses anos para a igreja foram a renovação de suas lideranças e o pentecostalismo, mas não toca nas mudanças políticas que o país enfrentou, ainda mais considerando a proximidade física do principal centro de poder. [...] não temos registro das respostas da Igreja de Cristo. Considerando o contexto de apoio da imensa maioria das denominações protestantes e o relato de Timóteo Thomas da ajuda militar na instalação da igreja em Brasília, parece-nos provável admitir que a Igreja de Cristo também foi favorável ao regime, seja com demonstrações públicas ou não.⁸²⁹

Nos arquivos da ditadura no SIAN, encontramos no documento “Igreja no Brasil” algumas remissões a Lloyd David Sanders, fundador e pastor da Igreja de Cristo em Brasília. Um pedido de busca da DSI do Ministério das Relações Exteriores, nº. 1465 de 29 de abril de 1976, com o assunto “Igreja de Cristo de Brasília”, solicitava “os registros existentes sobre a IGREJA DE CRISTO DE BRASÍLIA e sobre os elementos mencionados nas cópias anexas”, além de “outros dados julgados úteis”.⁸³⁰ O documento tinha como difusão o Serviço Nacional de Informações/Agência Central (SNI/AC), o Centro de Informações do Exército (CIE), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR) e o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA). O CENIMAR foi criado em 1955; o CIE em 1967; e o CISA em 1970; enquanto serviços de informações das Forças Armadas, também enviavam sua documentação para o SNI. Segundo Valdir Santos, o CIE “talvez [seja] o mais conhecido deles, devido a seu radicalismo e brutalidade dos seus agentes e chefes”, mas CISA e CENIMAR não ficaram a dever em seu radical anticomunismo e atuação criminosa contra os opositores: “a cooperação entre os serviços de informações foi essencial durante a ditadura no combate ao comunismo”.⁸³¹

A solicitação da Divisão de Segurança de Informações se deu tendo em vista o pedido da Igreja de Cristo de Brasília, assinado por seu presidente Lloyd David Sanders, “desejando esta Igreja ter o seu cadastro junto a essa Divisão, para a chamada de missionários procedentes do exterior”. O pedido arrolava seis documentos: 1) histórico da Missão; 2) cópia dos estatutos; 3) cópia da Certidão de Registro no Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas; 4) relação nominal dos obreiros e suas respectivas sedes; 5) endereços das igrejas e instituições mantidas

⁸²⁹ Bezerra, 2024, p. 97-98.

⁸³⁰ Dossiê BR DFANBSB Z4.DPN.ENI.99. Onde “DFANBSB Z4” refere-se ao Fundo da Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, “DPN” a seção de Dados pessoais e entidades, “ENI” a subseção Entidades e “99” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB Z4.DPN.ENI.99. – Dossiê. Data de produção inicial: 1/11/1974. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1318549&v_aba=1. Acesso em: 15 maio 2024.

⁸³¹ SANTOS, Valdir Erick dos. Os arquivos dos serviços secretos da Ditadura de Segurança Nacional Brasileira e a Justiça de Transição. **Manduarisawa**, Manaus, v. 5, n. 1, 2021, p. 397. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8815>. Acesso em: 16 maio 2024.

pela Igreja; 6) cópia da ata da assembleia que elegeu o então corpo dirigente.⁸³²

Ao fim, a resposta ao pedido de busca, vinda do CISA do Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1976, informou: “Não temos nenhum registro desabonador acerca dessa Igreja de Cristo de Brasília e de seus componentes”. Restava apenas uma questão ao serviço de inteligência: um dos obreiros, José Alves da Silva, que atuava em Ceres, Goiás, tinha um nome relativamente comum, e por isso o órgão tinha “o registro de vários elementos, dentre os quais ‘cassado’, ‘asilado’, ‘terrorista’ etc.”, assim solicitava “dados de qualificação desse JOSÉ ALVES DA SILVA para uma resposta precisa”. Já o CENIMAR, em 1 de junho de 1976, encaminhou três respostas. Sobre o obreiro Newton Pereira dos Santos, que atuava em Silvânia, Goiás, nada constava, mas havia um Newton Pedreira dos Santos, ex-sargento do Exército e que aparentemente fora um colaborador do capitão desertor Carlos Lamarca; sobre José Alves da Silva, também solicitou maior qualificação, diante dos muitos homônimos nos arquivos; e, por fim, “quanto a IGREJA DE CRISTO DE BRASÍLIA e os demais elementos, NADA CONSTA”. A informação n.º 762 do CIE, em 24 de maio de 1976, confirmou a necessidade de mais dados quanto ao pastor José, pois não era possível relacioná-lo aos registros e “que nada consta em seus arquivos sobre a entidade em epígrafe”.⁸³³

Outra questão a ser pensada desse inquérito é como o aparato de vigilância alcançou, se não todas, boa parte das igrejas brasileiras, tanto da hierarquizada Igreja Católica às dispersas igrejas protestantes. Os documentos do SNI indicam como as agências de inteligência acompanhavam as movimentações das igrejas, especialmente as missões na Amazônia. Ao fim, quer por inexistência, quer por apagamento deliberado, não encontramos outros dados sobre a Igreja de Cristo no Brasil e sua relação com a ditadura.

Em todo caso, ao longo dos anos da ditadura, os evangélicos em geral se aproximaram da política partidária, inclusive com muitos se tornando parte da estrutura do Estado, “alçados aos seus respectivos cargos por meio da indicação direta de governadores, senadores, ministros e secretários de Estado, o que demonstra, no mínimo, a confiança que o regime político nutria por estes evangélicos”.⁸³⁴ Além disso, em 1974, a posse de Ernesto Geisel, luterano, foi celebrada como uma vitória: “Pela primeira vez, um protestante assumiu o maior cargo público do país. A indicação do general Ernesto Geisel pelas Forças Armadas para assumir a presidência da República e sua eleição via colégio eleitoral, ecoou entre as várias denominações

⁸³² Dossiê BR DFANBSB Z4.DPN.ENI.99. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁸³³ *Idem*.

⁸³⁴ Almeida, 2016, p. 204.

evangélicas”.⁸³⁵ Tal acontecimento tem seu lugar dentro da mudança da posição evangélica hostil à política, mas também indicava aos líderes evangélicos uma falha: “a falta de uma mobilização político-partidária de forma mais eficiente e consistente tinha implicações para as igrejas evangélicas”.⁸³⁶ Assim, nos anos finais do regime, foi aumentando o número de políticos eleitos identificados com as denominações evangélicas.

A anuência das hierarquias não implicou o apoio unânime de seus fiéis, pois se nota “a existência de ilhas de dissidência evangélicas que destoaram e confrontaram as instituições religiosas a que estavam vinculadas”.⁸³⁷ É indelével a existência de membros “que fazia[m] do templo religioso um espaço não somente de culto a Deus, mas também de debate dos problemas que lhes afligiam e, quiçá, um lugar de conscientização e organização política para o enfrentamento desses problemas”.⁸³⁸ Enquanto os discursos da direção das igrejas celebravam o Brasil livre, o combate ao comunismo e à Teologia da Libertação – buscando enquadrar as pregações e movimentações dos membros à obediência –, diversos pastores e fiéis progressistas se lançaram a ações de oposição, apesar da forte repressão eclesiástica e governamental.

Os “rebeldes” foram muitos, famosos ou desconhecidos. A partir da tese de Almeida, podemos ressaltar alguns. Lysâneas Maciel, presbiteriano independente, foi um deputado federal que denunciou as violações de direitos humanos, sendo por isso cassado e, em seguida, se exilou na Suíça, “cooperando com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), reduto da maioria dos protestantes brasileiros exilados”.⁸³⁹ Manoel da Conceição Santos, líder leigo na Assembleia de Deus, tornou-se importante líder camponês e sindical, além de militante da Ação Popular, organização de esquerda cristã. No Maranhão, sofreu embates com a polícia e o governo, perdendo, inclusive, sua perna devido às balas; foi preso e torturado no DOI-Codi. Uma campanha por sua liberdade foi iniciada, envolvendo “tanto a Igreja Católica quanto igrejas evangélicas. É provável que a grande visibilidade dada ao caso de Manoel da Conceição na mídia internacional o tenha protegido e lhe garantido a vida, diferente do que ocorreu a outros colegas seus de militância”.⁸⁴⁰ Solto após quatro anos, foi preso novamente, e, depois, exilado na Suíça; ao voltar, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

Entre os metodistas, Almeida aponta que o ecumenismo “permitiu um diálogo profícuo

⁸³⁵ Almeida, 2016, p. 129.

⁸³⁶ *Ibid.*, p. 132.

⁸³⁷ *Ibid.*, p. 28.

⁸³⁸ *Ibid.*, p. 120.

⁸³⁹ *Ibid.*, p. 81. Cf. também: SANTOS, Alexandre Firmo dos. Telegrama, investigação e suspeita: a quebra de sigilo das comunicações do Conselho Mundial das Igrejas pelo Serviço Nacional de Informações. **Boletim do Tempo Presente**, v. 13, n. 01, p. 152–183, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/21413>. Acesso em: 3 mar. 2026.

⁸⁴⁰ Almeida, 2016, p. 164.

não apenas com outras igrejas evangélicas, mas, principalmente, com a Igreja Católica e, em particular, com os setores católicos críticos da ditadura”.⁸⁴¹ Essas relações levaram seminaristas a serem presos em 1966 por seu envolvimento nas manifestações de estudantes e fizeram com que “lideranças metodistas fossem vigiadas pelos agentes de informação do governo em razão de seus posicionamentos políticos”.⁸⁴² Um líder leigo de destaque na denominação, Anivaldo Padilha, líder de movimentos estudantis e ecumênicos, foi vigiado e preso em 1970, denunciado como um comunista infiltrado por um bispo e um pastor, em um dos muitos exemplos de lideranças informantes do DOPS. Com o agravante de ser membro da Ação Popular, Padilha foi torturado no DOI-Codi e no ano seguinte partiu para o exílio.

Em 1973, lideranças que resistiram do movimento ecumênico desbaratado pelas igrejas organizaram a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE). Com representantes de grupos evangélicos e católicos, “a criação de um serviço de projetos ecumênico, representou uma resistência propositiva, num apoio efetivo a movimentos sociais”. Seu primeiro grande projeto foi a luta pelos Direitos Humanos: com o apoio do CMI e da Igreja Católica, através do arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, “a CESE realizou uma campanha nacional pelos Direitos Humanos, desafiando a política ditatorial”. Sua *Cartilha dos Direitos Humanos* teve 1,8 milhão de exemplares distribuídos até 1978.⁸⁴³ O reverendo presbiteriano Jaime Wright, irmão do deputado cassado e desaparecido político Paulo Wright, foi um dos elaboradores da *Cartilha* do CESE. Com o apoio do CMI e da Arquidiocese de São Paulo, Cardeal Arns e Pastor Wright lideraram o *Projeto Brasil Nunca Mais*, o qual resultou em um dossiê contra a tortura do governo ditatorial, com cópias remetidas ao CMI para assegurar sua preservação.

Portanto, apesar da aceitação e aprovação dos governos militares dentro da política das igrejas evangélicas brasileiras, não foram poucos os evangélicos que se opuseram de inúmeras formas ao regime ditatorial: “Católicos e protestantes progressistas estavam juntos no combate à ditadura, ao mesmo tempo que organizavam seminários e realizavam projetos para a consciência político-social dos oprimidos”.⁸⁴⁴ Mesmo aqueles expurgados de suas igrejas e exilados no exterior continuaram denunciando as violências do governo brasileiro.⁸⁴⁵

⁸⁴¹ Almeida, 2016, p. 256. Cf. a tese de Brito (2014) para discussão sobre os múltiplos sentidos dos ecumenismos ensejados por protestantes no país e aqueles que partiram para a crítica e contestação à ditadura, os quais foram alvos do SNI, incluindo vigilância sobre o fluxo de recursos financeiros e sobre a relação com pessoas e entidades estrangeiras, principalmente o CMI.

⁸⁴² *Ibid.*, p. 262.

⁸⁴³ Silva, 2017, p. 143.

⁸⁴⁴ Almeida, 2016, p. 278.

⁸⁴⁵ Padilha *et al.* (2022) apresentam a perseguição estatal a evangélicos, bem como diversas experiências de resistência e violações de direitos humanos, de detenções e tortura a mortes e desaparecimentos, além de expulsões e exílios. Cf. também a obra organizada por Zwinglio Dias (2014), ele mesmo um evangélico torturado e exilado pela ditadura; vinculado ao Projeto Marcas da Memória, do Ministério da Justiça, o livro traz análises e

A Comissão Nacional da Verdade, instalada em 2011 durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, teve a finalidade de apurar as graves violações aos direitos humanos ocorridas principalmente durante a ditadura. O relatório final, publicado em 2014, também discutiu o papel das igrejas cristãs durante o regime de exceção. Sua afirmação central explicita as diferentes posições dos evangélicos:

A postura oficial das igrejas protestantes diante do golpe militar de 1964, por meio de suas lideranças, pode ser classificada, de modo geral, como de apoio, sendo este imediato, da parte de presbiterianos e batistas, ou cauteloso, da parte de metodistas, episcopais e luteranos. A oposição com resistência existiu entre protestantes, mas não de forma oficial; foi assumida por lideranças clérigas e leigas, indivíduos e grupos vinculados ao movimento ecumênico e/ou que tinham, no seu histórico, uma formação teológica que levava a uma prática de engajamento social e de compromisso com a justiça. Muitos ingressaram em organizações de oposição à ditadura, atuaram até mesmo na clandestinidade e pagaram o preço por esse compromisso.⁸⁴⁶

Com a lenta abertura posta em curso, parece que as igrejas, em diversos graus entusiastas do governo, “também reingressavam na via democrática sob o duplo signo da negociação e da frustração”,⁸⁴⁷ com crises e conciliações entre conservadores e progressistas. Primeiro rompendo a negação da ditadura e, depois, o silêncio, algumas igrejas começaram a denunciar o governo e suas violências.

Ao fim dessa seção, contemplando essa conjuntura, a Igreja de Cristo em Urucará parece ter seguido uma posição positiva em relação ao regime; a declaração de Timóteo Thomas em 1981, ainda durante o período autoritário, de que “o missionário representou a defesa para os oprimidos e também defende elementos da composição urucaraense contra ameaças socialistas”,⁸⁴⁸ sugere a anuência familiar ao combate do comunismo. O que não impediu, todavia, uma investigação do fundador da Igreja de Cristo pela Polícia Federal. Seria possível que, além dos contatos estabelecidos por Falabella para suas acusações, o cenário de “reabertura” de várias igrejas, denunciando e cobrando o governo militar, instigariam a

testemunhos da experiência protestante que combateu a ditadura.

⁸⁴⁶ BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório da CNV**: Volume 2, Texto 4. Violações de direitos humanos nas igrejas cristãs. Brasília: CNV, 2014, p. 177. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume%202%20-%20Texto%204.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024. Cf. a discussão de Leandro Seawright Alonso (2016) sobre o Grupo de Trabalho a respeito do papel das igrejas na ditadura, bem como Danielle Gatti (2017).

⁸⁴⁷ Almeida, 2016, p. 85. Frise-se também que, das quatro igrejas investigadas pelo autor, Presbiteriana Independente e Metodista reviram suas posições assumidas durante os governos militares e reconheceram a existência de uma ditadura violenta, enquanto Batista e Assembleia de Deus “recusaram-se a admitir que o Brasil tinha sido acometido por um golpe em 1964 e que um de seus desdobramentos foi a instalação de uma ditadura militar. Mais um exemplo de como a história do país foi compreendida de maneira bem diversa entre os evangélicos no Brasil” (p. 152). Sobre o reconhecimento da CNBB sobre seu apoio inicial ao regime e a discussão sobre sua memória enquanto adversária da ditadura, cf. Mathias (2024).

⁸⁴⁸ Thomas, 1981 p. 2.

desconfiança para com a pequena igreja de Urucará?

4.3 A ditadura no Amazonas: repressão, resistências e norte-americanos

Diversas pesquisas produzidas no Amazonas têm mapeado a conjuntura da ditadura e dos governos militares, bem como a repressão, colaborações e resistências no estado ao longo do regime.⁸⁴⁹ Autores como João Tavares Neto, César Augusto Queirós e Leonardo Rodrigues analisaram o conturbado contexto que levou à implementação do golpe no Amazonas e à deposição do contraditório governador Plínio Ramos Coelho.⁸⁵⁰ Segundo Rodrigues, “a sociedade amazonense parece ter se rendido fácil à ditadura militar”, além de controlar “rapidamente a rebeldia daqueles que resistiram”, enquanto a capital “era uma cidade constantemente vigiada, espionada e controlada dentro do contexto da Guerra Fria e mais ainda sob a ótica da luta contrarrevolucionária”.⁸⁵¹ Arthur César Ferreira Reis⁸⁵² foi o primeiro governador “eleito” para o novo regime, “influente intelectual com vasta produção em história da Amazônia – e ferrenho perseguidor de seus opositores, crítico da cultura política brasileira, mas incentivador da cultura em tempos autoritários”.⁸⁵³

A Amazônia permaneceu sobre forte vigilância durante o regime militar,⁸⁵⁴ tanto pelos

⁸⁴⁹ Miranda, 2018; Queirós, 2020; RODRIGUES, Leonardo Bentes. **Norte resistência: experiências estudantis, cultura política e a Ditadura militar no Amazonas (1964 - 1985)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022; TAVARES NETO, João Rozendo. **Entre democracia e autoritarismo: sistema político-partidário e a formação de governos no Amazonas (1945-1967)**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2022.

Contudo, como observado nesta discussão, o enfoque da maioria da produção historiográfica sobre a ditadura no Amazonas tem sido a cidade de Manaus, ao ponto que esta tese é uma das novas investigações que ampliam o olhar para a ditadura no interior do estado, nas regiões do Baixo e Médio Amazonas.

⁸⁵⁰ Plínio Ramos Coelho (1920-2001), amazonense, formou-se em Direito, foi professor e seguiu carreira política no PTB. Deputado estadual constituinte em 1947, deputado estadual em seguida, eleito deputado federal em 1950 e governador em dois mandatos (1955-1959; 1963-1964). Foi deposto e teve seus direitos cassados após o golpe e chegou a ser preso. Apesar de liderança do novo PTB, não conseguiu voltar ao governo em 1982 e aposentou-se como professor universitário. Foi membro da Academia Amazonense de Letras. Cf. CPDOC. Plínio Ramos Coelho. In: **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/plinio-ramos-coelho>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁸⁵¹ Rodrigues, 2022, p. 51.

⁸⁵² Um dos mais importantes intelectuais da Amazônia, Arthur César Ferreira Reis (1906-1993) formou-se em Direito, foi jornalista e professor. Redator-chefe do *Jornal do Commercio*, exerceu diversos cargos políticos, incluindo a presidência da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia e a direção do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. Indicado pelo Presidente Castelo Branco, foi eleito pela ALEAM como Governador do Amazonas (1964-1967). Com importante produção intelectual, foi professor no Amazonas, na Pontifícia Universidade Católica, na Fundação Getúlio Vargas e na Universidade Federal Fluminense, além de membro da Academia Amazonense de Letras. Cf. CPDOC. Arthur César Ferreira Reis. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-artur-cesar-ferreira>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁸⁵³ Rodrigues, 2022, p. 58.

⁸⁵⁴ Nos cinquenta anos do golpe de 1964, Demian Melo discutiu as interpretações historiográficas e revisionismos

serviços de inteligência nacionais quanto estrangeiros, especificamente dos Estados Unidos. Se na conjuntura da Segunda Guerra, os olhos dos Estados Unidos estavam bem-postos na Amazônia, dentro da política da boa-vizinhança,⁸⁵⁵ nesse momento a região não sumiu dos interesses internacionais. O próprio futuro governador, em 1960, perguntava: “Há perigos rondando realmente a Amazônia?”.⁸⁵⁶ Quando assumiu,

Reis causava visível incômodo às autoridades estadunidenses, em especial aos membros do Consulado Americano em Belém. Devido a sua postura contrária à internacionalização da Amazônia, foi visto como insuflador do antiamericanismo na região, em razão de suas constantes denúncias em conferências estudantis de que os EUA estariam tentando “internacionalizar” a Bacia Amazônica.⁸⁵⁷

Rodrigues traça relações entre “o constante monitoramento da Secretaria de Estados dos EUA através de seu corpo diplomático na Amazônia, o processo de marginalização da região e a ditadura militar”.⁸⁵⁸ Para tal, considera cinco fatores: a preocupação do serviço de espionagem norte-americano com a política nacional; a importância do controle da região diante de sua riqueza potencial, para hegemonia política e uma posterior exploração econômica; o receio com a popularidade do trabalhismo; a vigilância sobre o antiamericanismo, especialmente nas ações de Reis e dos estudantes; e atualizar a Secretaria de Estado quanto a agitações de movimentos sociais ou revolucionários na região que contestassem a ditadura.⁸⁵⁹

Nesse sentido, “a ditadura reforçou na região a situação colonial, permanente tradição no seio da cultura política brasileira na Amazônia, sobretudo porque pode ser compreendida como uma dominação que se estende, que persiste e que se mantém”.⁸⁶⁰ O autor resume de tal

do período, onde também lembra a importância da ingerência norte-americana e a faceta empresarial para a existência da ditadura. Uma das críticas do autor era quanto a noção de “ditadura civil-militar”. Cf. MELO, Demian Bezerra de. O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: MELO, Demian Bezerra de. **A Miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 157-188.

⁸⁵⁵ TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 57, p. 19-65, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LmXDvDbdWzBD6VdmKGnDk8b/>. Acesso em: 13 abr. 2020; ANDRADE, Rômulo de Paula. Saúde, educação e Amazônia na política da boa vizinhança: a trajetória de Alan Fisher no Brasil (1942-1945). **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 01-44, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/145869/157061>. Acesso em: 04 out. 2022.

⁸⁵⁶ Reis, 2021, p. 221.

⁸⁵⁷ Rodrigues, 2022, p. 59.

⁸⁵⁸ *Ibid.*, p. 65.

⁸⁵⁹ *Ibid.*, p. 66.

⁸⁶⁰ *Ibid.*, p. 67. Violeta Loureiro argumenta que a Amazônia não tem uma relação de dependência, mas de colônia com o Brasil. Os fatores para tal, em sequência, são explicados como: “mudança do perfil econômico da região amazônica, impondo-lhes novas atividades, subsidiadas ou financiadas pelo governo federal”; “declarações para áreas de segurança nacional de partes do território da região amazônica que apresentavam interesse na futura implantação de mineradoras, hidrelétricas e outros projetos tidos como de ‘interesse nacional’”; “o sequestro da autonomia sobre o espaço da região - os anos 1970/80”; “o controle político e social das instituições”; “a perda da

forma: “a luta pelas reformas, os sonhos e as utopias na Amazônia foram arbitrariamente reprimidos pela imposição da modernização autoritária e conservadora da ditadura militar”.⁸⁶¹ Esse processo de dominação, pretensamente chamado de integração e desenvolvimento, resultou no aumento do desmatamento, no massacre de povos originários, desmobilização de movimentos sociais e perseguição de opositores.

Contrapondo-se à perspectiva que via “a permanência da Amazônia como uma ‘região silenciada’, de que não houve forte tensão entre a sociedade e os militares ou até mesmo atividade militar no fortalecimento da repressão”,⁸⁶² Rodrigues destaca que o golpe de 1964 “parecia ser a hora do ajuste de contas”.⁸⁶³ Primeiro, foram alcançados os trabalhistas, vitoriosos em três eleições, e nos meses seguintes, os “expurgos dos derrotados”, com a retirada de um general legalista e alinhado ao trabalhismo do comando do CMA, fechamento de jornais da oposição, perseguição de funcionários alinhados à antiga ordem, sem contar o fortalecimento militar, como a criação do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

Enquanto os movimentos de trabalhadores foram imobilizados pela ditadura, coube aos estudantes o protagonismo da resistência no estado. Apesar dos vários grupos estudantis conservadores, nos primeiros anos do regime, os estudantes do Amazonas, especialmente ligados a esquerda, protestaram. A relação deles com Reis era complexa; se de um lado, “os estudantes estimavam o governador”, por sua condição de professor e nacionalista a favor da Amazônia, por outro, “mantinham a oposição e criticidade ao regime que representava”.⁸⁶⁴ Independentemente das reivindicações, por mais justas que fossem, a vigilância brasileira e estrangeira e a repressão alcançavam secundaristas e universitários.

Como observado, Reis causava receios aos norte-americanos e continuou combatendo a “internacionalização da Amazônia”. A embaixada e consulados enfrentavam o nacionalismo, “visto que as experiências em outros lugares do mundo trouxeram a conclusão de que era necessário desmobilizar qualquer movimento contrário aos ideais pautados por Washington”, afinal, a ditadura “teve como objetivo essencial a entrega das riquezas às multinacionais”,⁸⁶⁵ como também o regionalismo, uma “questão política na Amazônia na convicção local de que a região não recebia sua parcela de assistência federal”.⁸⁶⁶ Logo depois, no governo Costa e Silva,

capacidade decisória sobre a economia regional”; “domesticação” e violação de direitos de indígenas e caboclos”; “consolidando o modelo econômico como região neocolonial - a Amazônia como *fronteira de commodities*” (p. 231-283). Cf. LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, colônia do Brasil**. Manaus: Valer, 2022.

⁸⁶¹ Rodrigues, 2022, p. 68.

⁸⁶² *Ibid.*, p. 16-17.

⁸⁶³ Queirós, 2020, p. 296.

⁸⁶⁴ Rodrigues, 2022, p. 80.

⁸⁶⁵ *Ibid.*, p. 82.

⁸⁶⁶ *Ibid.*, p. 83.

foram criados novos projetos de integração e desenvolvimento para a Amazônia.⁸⁶⁷

Em 1968, ano que movimentos sociais brasileiros se destacaram em ações de denúncia contra a ditadura, também os periódicos em Manaus registraram a ação estudantil, em manifestações, protestos e greves. Uma das principais pautas levantadas “era justamente contra a precariedade do sistema público de educação, além dos alunos excedentes”, mostrando que “o próprio movimento estudantil tinha pautas próprias pelas quais protestar, sem anular as relações e trocas de experiências com os demais estudantes do país”.⁸⁶⁸ Mesmo com as ameaças autoritárias, e sob forte vigilância do aparato repressivo, após uma missa em memória do estudante assassinado Edson Luís, universitários e secundaristas “saíram pelas ruas do centro da cidade em protesto silencioso, desafiando as posições dos militares que não hesitaram em pedir que se conservassem equilibrados”.⁸⁶⁹

No que pese as resistências,

[...] contraditoriamente, a mesma cidade que cedeu espaços para as utopias de 1964 não tardou em reforçar sua tradição conservadora em 1968. Logo mais, a modernização autoritária promovida pelo regime ganharia corpo com os efeitos da instalação da Zona Franca de Manaus. Com a promulgação do Ato Institucional nº 5 em 1968, o poder discricionário que emanava de seus artigos foi aproveitado pelos empresários e tecnocratas para acelerar os projetos de modernização e crescimento da economia. Desta forma, abriu-se os caminhos para a concretização dos grandes projetos desenvolvimentistas para a Amazônia.⁸⁷⁰

Diante dessa reescalada autoritária, Rodrigues observa a rearticulação dos estudantes amazonenses, já que após o AI-5, a clandestinidade foi necessária para suas práticas políticas e institucionais; portanto, “mesmo com suas entidades manietadas pelo autoritarismo, o movimento de estudantes soube se reinventar ao longo do tempo, passando de movimento de massas a ações de microrresistências durante os anos mais tirânicos da ditadura”.⁸⁷¹

No recrudescimento pós-AI-5, a presença militar se intensificou no Amazonas, com a perseguição aos “terroristas” sendo divulgada até em Manaus; a maior atenção na defesa das fronteiras, para evitar a articulação de redes de resistência latino-americanas; a mudança da sede do Comando Militar da Amazônia de Belém para Manaus em 1969; e a participação de outros países em treinamentos antiguerrilheiros no CIGS. Observa-se como “Manaus foi centro de grande importância para as ditaduras na América do Sul” e como “a ditadura impôs sua ação

⁸⁶⁷ Cf. Miranda (2018), para as concepções e impactos dos projetos desenvolvimentistas na Amazônia, bem como suas representações em discursos oficiais e imprensa.

⁸⁶⁸ Rodrigues, 2022, p. 94.

⁸⁶⁹ *Ibid.*, p. 95.

⁸⁷⁰ *Ibid.*, p. 99.

⁸⁷¹ *Ibid.*, p. 100.

administrativa na região para visar assegurar sua dominação”.⁸⁷² Mais do que isso:

Logo, tornou-se imperiosa a criação de uma agência regional do SNI na capital, a fim de facilitar a eficiência da espionagem na região, bem como facilitar a instalação de “pontos de desenvolvimento” através de colônias militares em localidades consideradas hostis nas fronteiras do estado.⁸⁷³

Para tal configuração, desponta a atração econômica da Zona Franca de Manaus, estabelecida por decreto de 1967. Inserida nos projetos desenvolvimentistas da década de 1970, e considerada pelo SNI “como ‘motivo de orgulho para o amazonense’, a implantação da ZFM ocasionou intensa movimentação cultural, comercial e esportiva na cidade, mudando o cenário de estagnação econômica”.⁸⁷⁴ Um sinal desses novos tempos foi o

[...] intenso movimento bancário entre 1966 e 1969 descrito pelos agentes [do SNI], quando houve aumento exponencial da atividade financeira em Manaus através do movimento de cheques compensados pelo Banco do Brasil, além dos números de agências bancárias, que cresceram de 10 para 25 agências no início da década de 70.⁸⁷⁵

Na interpretação sobre a ZFM, conforme Queirós,

[...] a implementação da Zona Franca é percebida como parte da política econômica da ditadura militar, que privilegiava o capital estrangeiro no processo de apropriação e uso das forças produtivas do país e só pode ser entendida em um projeto mais amplo, marcado pela transnacionalização do capital no contexto de um capitalismo associado.⁸⁷⁶

Voltando à comunidade de informações, “a atração dos incentivos fiscais, promessas de emprego e melhoria de vida causaram preocupação”, em especial pelos inúmeros “aventureiros” que entravam na Amazônia, como o aumento de migrantes de outros países da América do Sul e de turistas em Manaus.⁸⁷⁷ Mesmo a alegria diante da entrada do capital estrangeiro podia ser vista negativamente, “principalmente daqueles que não se alinhavam ao ocidente liberal. Suas tentativas de penetração nas relações com a ZFM através das possibilidades abertas por concessões econômicas eram lidas como possíveis infiltrações comunistas”, como empresários russos.⁸⁷⁸ Entretanto, delineia-se como o processo de integração voltou-se apenas à capital amazonense, pois as populações do interior que migraram

⁸⁷² Rodrigues, 2022, p. 105.

⁸⁷³ *Ibid.*, p. 105.

⁸⁷⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁸⁷⁵ *Ibid.*, p. 106.

⁸⁷⁶ Queirós, 2020, p. 326. Cf. também Miranda (2018).

⁸⁷⁷ Rodrigues, 2022, p. 107.

⁸⁷⁸ *Ibid.*, p. 107.

em busca de melhorias econômicas e sociais ficaram, mais uma vez, à margem.

A repressão e a vigilância contra a “indisciplina” e “subversão” dos estudantes também alcançaram os egressos em outras carreiras, pois os serviços de inteligência não esqueciam o passado no movimento estudantil, pois os relatórios do SNI mostram um constante monitoramento. Além da perseguição política, “a comunidade de informações produziu ‘fatos’ sobre as ações dos perseguidos com o objetivo de caracterizar o inimigo do estado”.⁸⁷⁹ Tais medidas impediram o desenvolvimento ou o exercício de profissão de alguns ex-líderes estudantis no estado, mas as relações de sujeitos vigiados com pessoas de influência em locais como hospitais ou universidades permitiram relativa proteção diante de reconhecida competência ou laços pessoais. Portanto, “as ações opositoras se reapropriaram dos espaços através de táticas que visaram burlar ou escapar das estratégias autoritárias do regime”, mesmo diante de seu endurecimento. As resistências das “trajetórias individuais perante o complexo contexto de dominação na vida cotidiana, marcado pelo conflito, pela tensão e não pela passividade” foram “microrresistências de sujeitos ocultos nas atitudes cotidianas, agindo por vezes através de táticas silenciosas contra o sistema dominante”.⁸⁸⁰

A “distensão gradual” do regime – período em que se deram as denúncias e a investigação sobre Clinton Thomas – significou a retomada de reuniões e ações práticas dos estudantes em Manaus, apesar da pequena presença universitária, considerando a perseguição e a cooptação. Ainda assim, eles persistiram. Em 1977, os agentes observaram a “radicalização” dos movimentos estudantis pelo país, inclusive com o processo de reconstrução da União Nacional dos Estudantes. O discurso da agência do SNI em Manaus era “de que os estudantes eram incapazes de mobilizar pautas próprias e que agiam como massa de manobra comandados por entidades do sul”; contudo, apesar das incipientes redes de resistência formadas, as quais eram um grande medo da ditadura, “os estudantes no Amazonas souberam utilizar das circunstâncias do momento para emplacar suas próprias pautas”.⁸⁸¹

Mesmo com a suspensão do AI-5 em 1978 e o início da década de 1980, quando se aproxima o fim da ditadura, os ataques ao Estado Democrático de Direito continuaram e, nessa conjuntura, no Amazonas, “a escalada autoritária tornou-se mais visível e constantemente presente no cotidiano da cidade”.⁸⁸² Apesar do interesse do regime em controlar a “abertura”, os movimentos sociais tinham seus próprios programas para a transição; logo, apesar da

⁸⁷⁹ Rodrigues, 2022, p. 114.

⁸⁸⁰ *Ibid.*, p. 116.

⁸⁸¹ *Ibid.*, p. 135.

⁸⁸² *Ibid.*, p. 143.

repressão, universitários e secundaristas amazonenses estavam se reorganizando e se mobilizando, alinhados com outras entidades religiosas, políticas e sindicais.

A participação do clero e de leigos ao lado dos estudantes foi largamente vigiada e denunciada pelo SNI, que identificava a radicalização contestatória da Igreja Católica em Manaus. Em 1981, um protesto em frente à Igreja de São Sebastião resultou nos manifestantes encurralados dentro da igreja. Os policiais invadiram o templo para prender os estudantes, provocando danos físicos a eles e mesmo aos itens sagrados. Diversos setores da Arquidiocese protestaram, denunciando “o sacrilégio promovido pelos policiais e se posicionando contra a violência praticada contra pessoas indefesas”. Inclusive o bispo de Itacoatiara, Dom Jorge Marskell, expressou “sua solidariedade às vítimas indefesas da repressão policial, repudiou a violência e a falta de respeito aos direitos fundamentais do homem”.⁸⁸³

Além das inúmeras formas de manifestações dos estudantes, desde protestos contra a violência e por eleições diretas, passando por causas como a passagem dos ônibus até a eleição de órgãos representativos e da reitoria da universidade, a volta dos anistiados à atividade política também foi acompanhada pelo SNI, como a vitória do PMDB no estado em 1982. Porém, o governo de Gilberto Mestrinho também teve receio da intensa mobilização estudantil e inseriu na administração estadual militares descontentes com a ditadura, mas não completamente dissidentes do seu autoritarismo. Ou seja, diante das variadas resistências, “apesar de manifestarem suas discordâncias, as forças da repressão prevaleceram e não existia nesta circunstância, rompimento total com a ditadura, oferecendo o caminho da acomodação como instrumento para sanar o conflito”.⁸⁸⁴

As contradições do governo dito democrata demonstram “que o governo estadual estava em total sintonia com o projeto de abertura, disposto a reprimir quaisquer movimentos inclinados a tumultuarem tal processo”.⁸⁸⁵ Assim, se por um lado, a monitoração dos “subversivos” pela agência do SNI, com a ameaça de uma “infiltração comunista” levou ao corte das relações com os estudantes e ao endurecimento do governo Mestrinho, por outro, a Prefeitura Municipal e o Governo Estadual endossaram o comício pelas eleições diretas na cidade, e Mestrinho se envolveu pessoalmente na campanha presidencial de Tancredo Neves no estado. Isto, sem aceitar “bandeiras vermelhas”.

Ao fim dessa seção, decerto que os movimentos estudantis não foram os únicos que foram críticos e combatentes da ditadura no Amazonas; outros grupos e indivíduos, como

⁸⁸³ Rodrigues, 2022, p. 171.

⁸⁸⁴ *Ibid.*, p. 177.

⁸⁸⁵ *Ibid.*, p. 182.

intelectuais, imprensa, religiosos, grevistas, e mesmo políticos, foram sujeitos ativos em diversas formas de resistência ao período de autoritarismo.

Como registra César Queirós, em seu balanço sobre a historiografia produzida no Amazonas sobre a ditadura,

A historiografia também tem demonstrado que, a despeito dos mecanismos de controle e vigilância, houve resistência por parte de diversos grupos: populações indígenas se opuseram à implementação de “projetos desenvolvimentistas”, que lhes tiravam não apenas a terra, mas a vida; trabalhadores e trabalhadoras se organizaram para reivindicar melhores condições de vida e trabalho, realizando greves que marcaram a história do Estado; políticos, intelectuais, estudantes e artistas fizeram constantes oposição aos desmandos do governo, até mesmo uma tentativa de guerrilha foi organizada para combater a ditadura.⁸⁸⁶

A crescente produção de pesquisadores amazonenses mostra a difusão da ditadura pelo estado, suas múltiplas formas de aproximação, repressão, negociações, protestos e resistências. Como evidenciado acima, moradores da Amazônia em nenhum momento estiveram isolados das resistências ao governo autoritário, em suas inúmeras faces. Também houve resistências no interior do Amazonas, como na ação social e indigenista da Prelazia de Itacoatiara que veremos na próxima seção, ou ainda a importância da memória do parintinense Thomaz Antônio da Silva Meirelles Netto (Thomazinho Meirelles, 1937-1974), preso pelo DOI-Codi no Rio de Janeiro e um dos inúmeros desaparecidos políticos. Portanto, há inúmeras lacunas para pesquisas que investiguem e compreendam mais de outras trajetórias pelos municípios do estado.⁸⁸⁷

Essa seção apresentou parte dessa história no Amazonas e em sua capital para demonstrar que o SNI e o regime estavam de olhos atentos ao estado. Mas não só aos estudantes e nem só em Manaus. Tais preocupações do governo brasileiro sobre o Amazonas no regime de exceção talvez justificassem seus alertas quanto a Clinton Thomas, considerando a vigilância sobre pastores e igrejas, bem como os possíveis problemas que já ocorriam em Urucará.

⁸⁸⁶ Queirós, 2020, p. 321.

⁸⁸⁷ Destacamos a crescente produção sobre a ditadura no Amazonas, inclusive posterior ao balanço historiográfico de Queirós (2020). Nesta década, novos pesquisadores oriundos do interior do estado têm investigado aspectos da história da ditadura em regiões como o Baixo e Médio Amazonas. Além de Bezerra (2024) e desta tese, destacamos a pesquisa de Geize Vieira de Almeida, escrevendo sobre a bancária Conceição Silva, que assume a prefeitura de Urucará no processo de redemocratização; de Tiago Fonseca dos Santos, analisando a liderança de Egydio Schwade no movimento indigenista; de Roger Kenned Repolho de Oliveira, investigando a primeira vereadora e prefeita interina de Parintins, Geminiana Campos Bulcão Bringel, filiada ao MDB. Estes trabalhos – no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM e conectados ao GEHA – e outros em processo de desenvolvimento, também nas universidades do interior e depois indo para Manaus, indicam a riqueza da historiografia amazonense que se forma quanto ao período do regime autoritário.

4.4 Progressistas cristãos no Médio e Baixo Amazonas

As transformações do catolicismo na região do Médio e Baixo Amazonas, especialmente quanto a Urucará, alcançaram duas áreas.⁸⁸⁸ A primeira foi a maior presença de religiosos, e a outra, a atuação social abrangendo a dinâmica socioeconômica com o campesinato da região. Tais ações não se apartam das orientações da própria Prelazia de Itacoatiara, criada em 1963 e instalada poucos dias antes do golpe de 1964. Nessa circunscrição eclesiástica, desempenha papel fundamental a *Scarboro Foreign Mission Society* (SFM, Sociedade de Scarboro para as Missões Estrangeiras), congregação católica canadense que passou a atuar na Paróquia de Itacoatiara a partir de 1962 a convite do arcebispo de Manaus e no ano seguinte assumindo a prelazia recém-criada.⁸⁸⁹

Quando os missionários canadenses se estabeleceram no município de Urucará encontraram ribeirinhos, nordestinos e estrangeiros inseridos em relações de subordinação e exploração envolvendo o sistema da juta. Além disso, as dificuldades impostas pela natureza aos trabalhos agrícolas, a apropriação de suas terras, e mesmo a busca de uma vida melhor aumentaram as migrações em direção à terra firme. Os padres de Scarboro assumiram papel ativo junto aos trabalhadores rurais, inclusive inserindo-os na cultura do guaraná para atender às necessidades do capital.⁸⁹⁰

As ações que desempenharam em Urucará não são estranhas: apesar do apoio da própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ao golpe em 1964, logo, em meio a inúmeros movimentos sociais e conflitos pela terra, parte da Igreja Católica assumiu um papel ativo junto aos trabalhadores rurais. Segundo Rogério Almeida,

[...] as pesquisas sobre o campesinato na Amazônia indicam que a precariedade é uma característica que integra a vida do(a) camponês(a) na região. Precariedade que passa pela baixa escolaridade, baixo uso de insumos, pouca capacidade na produção e

⁸⁸⁸ Cf. o terceiro capítulo de Bezerra (2024).

⁸⁸⁹ A Sociedade de Scarboro foi fundada em 1918, com o propósito de preparar missionários para a China. Com a proibição das missões cristãs no país, os missionários foram enviados para outros países nas Américas, Ásia e África. Com o passar das décadas, o número de missões foi diminuindo, em consequência da redução de missionários ordenados e leigos, bem como do envelhecimento dos membros restantes. Assim, em 2017, seu órgão diretivo, o Capítulo Geral, decidiu que não mais aceitaria novos membros e deixaria de enviar missionários leigos. Sua casa sede foi vendida, os ministérios canadenses encerrados e os membros passaram a residir em novo local, com outros religiosos. As três últimas missões Scarboro foram na República Dominicana, no Brasil e no Canadá. O Brasil era representado por um padre missionário aposentado vivendo em Itapiranga, na Prelazia de Itacoatiara, Omar Dixon, falecido em 2019, e Ron MacDonell. Timóteo Thomas informou que era amigo de MacDonell, “o último padre da missão de Scarboro”, que naquele momento trabalhava com os macuxis em Roraima. Com efeito, segundo o *site* da organização, a SFM encerrou suas últimas atividades ministeriais no final de 2017; MacDonell, que era o último missionário em campo, atualmente é o superior-geral da Sociedade, composta apenas pelos últimos padres aposentados. Cf. Scarboro Missions.

⁸⁹⁰ Almeida, 2018; Serrão, 2018.

comercialização, grandes distâncias dos centros de comercialização, o que facilita a ação de atravessadores, além de ausência/insuficiência de assistência técnica. As grandes famílias emergem como um fator de pressão sobre os recursos naturais e a terra.⁸⁹¹

Nesses ambientes de carência e inatividade do Estado, emerge a Igreja. Conforme João Tedesco e Emerson Silva, “no campo dos movimentos sociais de luta pela terra, em seu nascedouro, no Brasil, não se pode não reconhecer o papel da Igreja Católica”. A associação da Igreja com os movimentos sociais é complexa, “constituindo-se numa relação política perpassada por questões, econômicas, sociais, culturais e, também, de concepção religiosa”.⁸⁹²

No período do regime militar, setores da Igreja Católica foram abalizados por uma conjuntura de transformações importantes para o catolicismo, marcada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), pela Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, Colômbia (1968), e pelo desenvolvimento da Teologia da Libertação; e, assim, reconheceram a repressão e a violência do Estado e do capital, marcando posição pela defesa dos direitos humanos e desempenhando diversas estratégias e combates pelo direito à terra.⁸⁹³ A atuação de leigos e clérigos nas lutas sociais perpassa diversas regiões da Amazônia, ao lado do campesinato, o qual é combativo desde os tempos da Cabanagem. Nas palavras de Almeida,

A trajetória do campesinato amazônico na busca pela emancipação registra várias mediações, que transitam por partidos políticos, segmentos da Igreja Católica, ONG, entre outros. A Igreja Católica é um dos mediadores mais presentes a partir da década de 1960 e avança até a década de 1990. Na caminhada camponesa amazônica, foi relevante a presença da Igreja Católica a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) na formação do STR [Sindicato dos Trabalhadores Rurais], associações e cooperativas.⁸⁹⁴

Conforme Paulo César Gomes, desde o final da década de 1960, bispos da Amazônia já estavam preocupados com a população desfavorecida, percebendo as consequências funestas

⁸⁹¹ ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010, p. 294. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SjrQ9BqjDpRtD4ndNnNfxcM/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁸⁹² TEDESCO, João Carlos; SILVA, Emerson Neves da. Igreja Católica, questão agrária e a luta social no campo (1950-1980). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 33, n. 52, jun. 2020, p. 106. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/5211>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁸⁹³ Além de Almeida (2010) e Tedesco e Silva (2020), cf.: BEOZZO, José Oscar. Questão da terra e a Igreja Católica no Brasil. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, 19 maio 2010. Disponível em: <https://mst.org.br/2010/05/19/questao-da-terra-e-a-igreja-catolica-no-brasil/>. Acesso em: 14 nov. 2022; MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tSX4YvS44WZv9B3qSFQMyRg/>. Acesso em: 14 nov. 2022; PEREIRA, Airton dos Reis. A igreja católica, o sindicato dos trabalhadores rurais e o Estado: mediação e conflito na região Araguaia paraense. **RURIS**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 99-136, set. 2008. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16787>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁸⁹⁴ Almeida, 2010, p. 295.

do programa desenvolvimentista. Uma das muitas atitudes do episcopado engajado foi a publicação do documento *A marginalização de um povo*, em 1973:

[...] fazia graves denúncias contra o meio de vida imposto à população local, que incluíam críticas ao sistema de saneamento básico, à educação, às moradias, à concentração de terras e, também, à política repressiva do Estado. O conjunto desses fatores, segundo esses bispos, causava uma opressão tal que impedia a população mais pobre de lutar por melhores condições de vida. Os bispos clamavam por transformações imediatas, embora não acreditassem que essas pudessem ocorrer dentro do capitalismo [...]⁸⁹⁵

Nesse ínterim, o episcopado amazônico organizou o Encontro Pastoral da Amazônia, mais conhecido como “Encontro de Santarém”, realizado em maio de 1972.⁸⁹⁶ Conforme o Monsenhor Raimundo Possidônio da Mata, esse foi um momento eclesiológico de grande importância para a configuração da Igreja Católica na Amazônia, “pois foi ali que apareceu sua expressão máxima: ‘uma Igreja com rosto amazônico’. Aliás, foi nesta assembleia que os bispos da Amazônia ouviram do papa Paulo VI a significativa expressão: CRISTO APONTA PARA A AMAZÔNIA”.⁸⁹⁷ Em Santarém, os bispos definiram quatro prioridades para a atuação católica na Amazônia: formação de agentes de pastoral; estradas e frentes pioneiras; pastoral indígena e comunidades cristãs de base.

A direção de encontro aos povos indígenas, alvos constantes do regime, sinaliza a ligação com outra entidade católica. Naquela conjuntura, surgiram “vozes dissonantes dentro da própria Igreja, quanto ao modelo de atuação das ordens religiosas em relação aos povos indígenas”.⁸⁹⁸ Em encontro em Brasília organizado pela CNBB, em abril de 1972, foi criado o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em defesa dos povos originários, cujas linhas de ação se definiam como:

A preocupação pela segurança da terra indígena. A preservação e riqueza de sua cultura. E as perspectivas de sua autodeterminação. Mas também, e principalmente, uma atitude pessoal que pudesse como amigos, companheiros e irmãos perseguidos, iguais a ele, levar o militante para mais perto do índio. Falava-se em “encarnação”, em “ser aceito como um deles”, na expressão da 1ª Assembleia Nacional do CIMI.⁸⁹⁹

⁸⁹⁵ GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira**: a visão da espionagem (1971-1980). Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 42 (versão digital).

⁸⁹⁶ OLIVEIRA, José Aldemir de; GUIDOTTI, Pe. Humberto (org.). **A Igreja arma sua tenda na Amazônia**: 25 anos do encontro pastoral de Santarém. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

⁸⁹⁷ MATA, Pe. Raimundo Possidônio Carrera da. A Igreja e sua missão na Amazônia. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, nº 46, Ano 22, número 1, 2007, p. 27. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/356/343>. Acesso em: 26 set. 2019.

⁸⁹⁸ TEIXEIRA, Maria do Carmo Sena. **Igreja Católica e ação indigenista na Amazônia contemporânea**: o CIMI (1972-2000). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008, p. 44.

⁸⁹⁹ SCHWADE, Egydio. Mudanças da Pastoral Indígena do Brasil. In: SILVEIRA, Diego Omar da et al. (org.). **Religiões, fronteiras e identidades na Amazônia**. Manaus: Editora UEA, 2020, p. 155. Cf. Teixeira (2008). As teses de Diego Omar da Silveira e Tiago Fonseca dos Santos, ambas pela UFAM, ajudam a compreender a reconfiguração católica e o indigenismo religioso; enquanto Silveira privilegia uma discussão mais geral, Santos

De acordo com Adriana Aparecida Marques, houve uma comunhão de interesses entre religiosos católicos e militares quanto à integração dos indígenas na sociedade brasileira, o que significava um apagar da identidade nativa em prol do projeto civilizatório nacional. A autora destaca que a Força Aérea Brasileira (FAB), “teve como uma de suas principais missões na Amazônia o apoio às missões religiosas que se estabeleceram nas regiões fronteiriças”. Consolidou-se assim a cooperação “FAB/missionários/índios e FAB/FUNAI/índios”, como parte de seu papel nas fronteiras.⁹⁰⁰ Essa união, contudo, entrou em crise quando setores católicos passaram a defender a preservação da cultura e identidades indígenas, culminando na criação do CIMI, e reconfigurando a relação entre os setores militares e eclesiásticos.⁹⁰¹

Nessa nova conjuntura, rapidamente, o órgão indigenista se desenvolveu: em seu primeiro ano, ainda serviu como um conselho de “assessores intelectuais”, mas uma nova configuração surgiu devido à criação do Secretariado, em 1973, e das sedes regionais, em 1974.⁹⁰² Enquanto estruturava suas bases missionárias, o órgão implementou vários serviços de assistência aos indígenas, inclusive colaborando na organização das Assembleias de Chefes Indígenas a partir de 1974.⁹⁰³ Todavia, isso não evitou “a polêmica e controversa presença missionária nas comunidades indígenas, ainda carregada dos vícios do passado, causando mal-estar entre os próprios missionários e os índios”.⁹⁰⁴ Essas tensões levaram a várias críticas dos indígenas, exigindo mudança das posturas tanto da Igreja quanto do CIMI.

No começo de 1974, um grupo de lideranças do CIMI publicou o documento *Y-Juca Pirama. O índio: aquele que deve morrer*, denunciando a violação dos direitos dos povos indígenas pelo governo e pela própria Fundação Nacional do Índio (FUNAI), desvelando as violências, desvelando as violências e precariedade vividas pelas comunidades. O documento provocou reação imediata, com perseguições e até prisões, mas o CIMI “tornou-se a principal e mais autorizada fonte de informação da imprensa sobre a temática indígena, confirmando-se como uma relevante força de resistência e combate ao autoritarismo”.⁹⁰⁵

salienta a atuação de Schwade. Cf. SANTOS, Tiago Fonseca dos. **Arquivos e memórias de chumbo**: a trajetória de Egidio Schwade e as tensões forjadoras do(s) novo(s) indigenismo(s) (1972-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024; SILVEIRA, Diego Omar da. **“Nada será como antes”**: legados do indigenismo religioso no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

⁹⁰⁰ MARQUES, Adriana Aparecida. **Amazônia**: pensamento e presença militar. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 123.

⁹⁰¹ *Ibid.*, p. 53. Cf. Teixeira (2008, p. 89ss).

⁹⁰² Teixeira, 2008, p. 61.

⁹⁰³ *Ibid.*, p. 62.

⁹⁰⁴ *Ibid.*, p. 91.

⁹⁰⁵ VILARDI, Gabriel, SJ. 50 anos do documento-denúncia “Y Juca Pirama” e a atuação do Padre Antônio Iasi

Por todo o país, mas principalmente no Norte e Nordeste, bispos criticavam as práticas da ditadura, enquanto sua entidade representativa, a CNBB, demorou alguns anos para assumir posição. Entretanto, na década de 1970,

[...] O Brasil foi o local onde a Igreja esteve mais preocupada em fortalecer o compromisso da fé com os direitos humanos, o que, como vimos, incluía a justiça social. Os pronunciamentos da entidade, a partir daquele momento, colocaram essas questões no centro do debate. Os dirigentes da CNBB chamavam a atenção para as mudanças políticas que se faziam necessárias tanto para melhorar as condições de vida das populações desfavorecidas como para possibilitar a liberdade de expressão de maneira geral. Em suma, eles começaram a trazer para a entidade as temáticas que já eram discutidas, nos anos anteriores, por outros setores do episcopado.⁹⁰⁶

Gomes retrata a perseguição da comunidade de inteligência aos membros do episcopado considerados perigosos. Um dos episódios de agitação para os agentes do SNI aconteceu em Manaus:

Já o Congresso Eucarístico Nacional, que se realizaria em julho de 1975 na cidade de Manaus, “não inspiraria maiores cuidados por parte das autoridades de segurança”, se “não fora a Igreja uma área tão sensível, seriamente atingida em alguns setores pelos chamados ‘progressistas’”.⁹⁰⁷

Entre os muitos nomes presentes ao evento, estariam vários bispos que despertavam grande preocupação para o SNI, como Dom Hélder Câmara e Dom Pedro Casaldáliga. A expressiva presença da imprensa nacional e estrangeira também provocava apreensão à censura. No mês anterior, ocorrera outro evento preocupante para o regime: em junho de 1975, no Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela CNBB e realizado em Goiânia, os religiosos presentes fundaram a Comissão Pastoral da Terra (CPT), uma articulação em favor dos sem-terra e trabalhadores rurais. Era uma “resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam”.⁹⁰⁸

Antes mesmo da instalação da Prelazia de Itacoatiara, Paulo McHugh, que se tornaria seu primeiro prelado, já afirmava que os “padres tinham vindo para todos, mas a atenção maior seria para os pobres”.⁹⁰⁹ Contudo, nos interiores da Amazônia, nos seus primeiros anos, “a

Junior, SJ. **Conselho Indigenista Missionário**, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/02/50-anos-do-documento-denuncia-y-juca-pirama-e-a-atuacao-do-padre-antonio-iasi-junior-sj/>. Acesso em: 31 maio 2024.

⁹⁰⁶ Gomes, 2014, p. 42.

⁹⁰⁷ *Ibid.*, p. 110.

⁹⁰⁸ CPT. Histórico. **Comissão Pastoral da Terra**, 5 fev. 2010. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/-historico>. Acesso em: 31 maio 2024.

⁹⁰⁹ Ribeiro, 2003, p. 48.

Igreja de Itacoatiara se mantinha isolada de outras Igrejas locais e distante dos acontecimentos do Brasil”.⁹¹⁰ O desenvolvimento regional foi alterando a dinâmica local, como a inauguração da rodovia Manaus-Itacoatiara e a instalação da ZFM, enquanto as reconfigurações do catolicismo pós-conciliar, como Medellín e Santarém, afetavam as práticas religiosas.

Foi em Santarém, inclusive, que o bispo McHugh “fez um apelo à vinda de missionários brasileiros para cooperarem com os canadenses na evangelização da prelazia”.⁹¹¹ Em 1974, firmaram uma colaboração com a Arquidiocese de São Paulo, iniciando o Projeto Igrejas-Irmãs, visando atrair brasileiros, tanto ordenados quanto leigos, para servirem na região. Conforme Ribeiro, tal colaboração gerou “uma séria reflexão teológica e pastoral, a uma saída do ‘isolamento’ da Igreja em Itacoatiara, pelo contato maior com a Igreja do Brasil”.⁹¹² Ou seja, a proximidade com religiosos da Arquidiocese liderada pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, um dos principais nomes da resistência à ditadura, ajudou a Prelazia e seus padres a se consolidarem nos caminhos do catolicismo socialmente engajado em pleno regime autoritário.

Tanto na circunscrição eclesiástica de Itacoatiara quanto na de Parintins, as prelazias usaram sua capacidade de arregimentar os moradores dos interiores em comunidades rurais, pois “antes da formação das comunidades, o povo vivia em grande isolamento, as casas bem distantes umas das outras”.⁹¹³ Assim, a maioria das quase 250 comunidades na Prelazia de Itacoatiara, nasceu “da ação da Igreja a partir de meados da década de 60”.⁹¹⁴ Sustenta-se, portanto, que essas coletividades devem sua origem às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Reinaldo Schiavo, ao analisar as CEBs, as memórias sobre elas e a ditadura, observa que em sua formação o propósito das CEBs era diferente: “no planejamento pastoral da década de 1960, as comunidades idealizadas não tinham as características adquiridas pelas CEBs – ou a elas atribuídas – nas décadas de 1970 e 1980”. A organização dos leigos “não era inicialmente direcionada para a formação de núcleos politizados que pudessem militar na dimensão sociopolítica da sociedade”, mas visava “fomentar uma vivência comunitária entre os fiéis pautada em valores e princípios cristãos (católicos)”. Entretanto, entre o idealizado e as vivências, a diversidade interna e as influências teóricas – principalmente da Teologia da Libertação – tornaram as CEBs “sinônimo de grupos politicamente engajados.”⁹¹⁵

⁹¹⁰ Ribeiro, 2003, p. 48-49.

⁹¹¹ *Ibid.*, p. 53.

⁹¹² *Ibid.*, p. 63.

⁹¹³ *Ibid.*, p. 78. Cf. Cerqua, 2009.

⁹¹⁴ Ribeiro, 2003, p. 79

⁹¹⁵ SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Comunidades Eclesiais de Base e ditadura militar no Brasil: Reflexões sobre uma memória cinquentenária. **Ciências da Religião: História e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, dez. 2014, p. 112. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7522>. Acesso em: 3 jun. 2024.

Quando o AI-5 cerceou inúmeros espaços de articulação política, “os quadros de base da Igreja Católica, principalmente as CEBs, tornaram-se, em muitas regiões, um importante espaço de organização sociopolítica da população civil”.⁹¹⁶ Com a abertura do regime e a posterior redemocratização, muitos militantes formados nas CEBs ocuparam posições de liderança em movimentos sociais, sindicatos e partidos de esquerda. Ou seja, não só membros da hierarquia católica se organizaram na oposição à ditadura, mas também os leigos, em várias áreas de atuação, também se tornaram vozes de resistência. O que os militares chamavam de “progressismo” não estava restrito às lideranças: “Os rastros do humanismo cristão estão espalhados pelos comunicados pastorais da CNBB, nas falas de sacerdotes e bispos, em materiais distribuídos nas CEBs e nas retóricas empregadas pelas classes populares”.⁹¹⁷

Devido a esse processo, as CEBS foram relacionadas à Teologia da Libertação e à politização durante a ditadura. Por essa razão, “os grupos e as comunidades igualmente herdeiros do movimento comunitário das décadas de 1960 e 1970, porém sem características políticas de esquerda, não se esforçam para ser lembrados como comunidades de base”.⁹¹⁸ Inevitavelmente, tanto na ditadura quanto depois, setores católicos conservadores acusaram as CEBs de não seguirem um sentido religioso, sendo por isso desprezadas e restritas em seu espaço de articulação na Igreja brasileira.

Nos interiores da Prelazia de Itacoatiara, os grupos se reuniam inicialmente em casas ou locais abertos, já que existiam poucas capelas, mas a necessidade de proteção do clima amazônico, levou à construção de barracões, os quais se tornaram os primeiros centros comunitários. Tais encontros e atividades “não tardaram a despertar a consciência dos comunitários para necessidades importantes”,⁹¹⁹ como saúde e educação. Então, “à medida que as comunidades se ampliavam seja em número, seja porque mais gente delas participava, aumentava o número de reivindicações”, ocasionando acusações de comunismo, conflitos com prefeituras e cooptação de lideranças.⁹²⁰

Em Itacoatiara, mas alcançando também moradores do resto da Prelazia, os religiosos canadenses estiveram diretamente comprometidos ou colaboraram com diversas frentes de ação alcançando os mais diversos marcadores sociais. Exemplos são muitos: a saúde, como vimos anteriormente; a educação escolar; a criação do Centro de Treinamento da Prelazia de

⁹¹⁶ Schiavo, 2014, p. 107.

⁹¹⁷ Rocha Junior, 2024, p. 20.

⁹¹⁸ Schiavo, 2014, p. 113.

⁹¹⁹ Ribeiro, 2003, p. 79.

⁹²⁰ *Ibid.*, p. 80.

Itacoatiara,⁹²¹ especialmente para cursos de formação de lideranças e catequistas; entre outras pastorais. Em relação à formação de lideranças comunitárias/pastorais, chama a atenção o convite a inúmeras personalidades reconhecidas – envolvidas em diversas frentes de resistência, como CIMI, CPT e CEBs – para palestrar na Prelazia.⁹²²

Em Urucará, a atuação católica com os trabalhadores rurais colaborou para atrair mais moradores da várzea para a cidade, através da organização das CEBs, da criação de 32 colônias agrícolas e do Centro de Treinamento Rural de Urucará. Portanto, interpreta Serrão, quando os padres se tornaram permanentes no município, assumiram a “opção pelos pobres” e o combate às injustiças:

Ao verificarem a condição de vida dos trabalhadores do campo, que em sua maioria, viviam e trabalhavam nas várzeas, especialmente com a juta, sujeitos a diversas formas de exploração (econômica, política e social), começou a se pensar na organização desses sujeitos em comunidades e posteriormente, em colônias agrícolas. Para tais empreendimentos, sobretudo, aos que ocupariam as colônias agrícolas, a titulação de suas terras era condição essencial para o mínimo de dignidade e segurança a essas famílias. Diante dessa emergência, era necessária a criação de uma instituição que intermediasse as ações dos movimentos sociais juntamente aos órgãos governamentais e outras entidades de apoio, ligada na maioria das vezes à igreja católica. Em janeiro de 1972 é criado o Centro de Treinamento Rural de Urucará (CETRU), instituição de administração mista diretamente envolvida com a causa camponesa e com o projeto de colonização em solo medioamazônico.⁹²³

O primeiro diretor do CETRU foi um missionário de Scarboro, Hubert Den Tandt – canadense de ascendência belga, mais conhecido como padre Humberto.⁹²⁴ Como discutido no capítulo anterior, a memória familiar compartilhada dos Thomas sobre o trabalho católico sinaliza o “comunismo” do CETRU: “mas aí chegou um Padre Humberto e ele era socialista, ele não acreditou no capitalismo e também ele promoveu essas comunidades que fica ao redor de Urucará”.⁹²⁵ Ribeiro interpreta o projeto católico como “audacioso”, pois aspirava “fixar o homem amazonense no seu ambiente, libertando-o da miséria e da exploração dos fazendeiros

⁹²¹ Ribeiro menciona a importância do Centro para a população, quando se opuseram, em 1980, à desocupação do seu terreno pela prefeitura para a construção de um terminal pesqueiro. Tal estrutura está no âmago de uma disputa importante, que opôs parte da população aos governos municipal, estadual e federal. Cf. SILVA, Avelino Pedro Nunes Bento da. **Histórias, poderes, disputas e resistências: trabalhadores em uma Junta de Conciliação e Julgamento (Itacoatiara, AM, 1979-1984).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

⁹²² Inclui-se nessas visitas, nomes do episcopado, como Cardeal Arns (arcebispo de São Paulo), Pedro Casaldáliga (prelado de São Félix), Moacyr Grechi (prelado do Acre e Purus), Clemente Isnard (bispo de Nova Friburgo), José Maria Pires (arcebispo de Paraíba), Erwin Kräutler (prelado do Xingu), Antonio Possamai (bispo de Ji-Paraná), teólogos como Leonardo Boff e Ivone Gebara, além de professores de diversas áreas.

⁹²³ Serrão, 2018, p. 19.

⁹²⁴ Timóteo Thomas informou que padre Humberto deixou o sacerdócio e se casou, mas continuou residindo no Brasil.

⁹²⁵ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

e comerciantes, da monocultura da juta e das cheias dos rios”.⁹²⁶

Mantido por parcerias entre a Igreja e governos, com o objetivo de atuar na causa camponesa e promover um projeto de colonização regional, o CETRU agia para assentar migrantes da várzea e dar titularidade na terra firme. Conforme Serrão, a instituição foi fundamental para direcionar os “colonos” em atividades agrícolas que atendessem às necessidades do capital, principalmente com a introdução da cultura do guaraná, do qual o município é atualmente o terceiro maior produtor do estado. O CETRU também criou a Escola Família Agrícola, em 1976, baseada na Pedagogia da Alternância⁹²⁷ e fornecendo ensino e formação técnica para jovens filhos de colonos e de ribeirinhos.

A ação dos padres através do CETRU engendrou “mudanças de pensamento na região”,⁹²⁸ pois, “baseado na fé, o povo toma consciência de sua dignidade e de seus direitos, dinamizando a vida social em busca de uma indefinida libertação, sobretudo no campo da saúde e da educação”. Entretanto, apesar dos conhecimentos técnicos, da formação desenvolvimentista e das tecnologias oferecidas pelo CETRU, Serrão afirma que esse projeto de colonização enfrentou resistências dos próprios colonos – tendo em vista a obrigação de se adequarem a novos modelos agrícolas e à convivência com a natureza – além de diversas crises, sendo encerrado no final da década de 1990.

Portanto, em consideração aos novos tempos no catolicismo latino-americano, quando a Igreja Católica encontra seu “rosto amazônico” e afirma que “Cristo aponta para a Amazônia”,⁹²⁹ a SFM e seus padres atentaram aos valores pregados e assumiram a “opção preferencial pelos pobres” e o papel na defesa dos povos amazônicos.⁹³⁰ Serrão esclarece que essa posição dos religiosos faz parte dos contrastes regionais: enquanto a Prelazia de Parintins seguia uma tendência conservadora, os padres de Scarboro eram progressistas, seguindo as premissas da Teologia da Libertação. Um dos exemplos é o do padre italiano Augusto Gianola,

⁹²⁶ Ribeiro, 2003, p. 89.

⁹²⁷ A Pedagogia da Alternância nasceu na França em 1935 e foi adotada no Brasil a partir do final dos anos 1960, iniciando a primeira Escola Família Agrícola no Espírito Santo, através de missionários jesuítas. Esse modelo é voltado para a educação no campo, integrando teoria e prática, para garantir aos jovens do meio rural a continuação de seus estudos e a permanência na zona rural. Está ligada ao catolicismo social desde sua origem. Cf. COSTA, Agnaldo Chagas. **Pedagogia da alternância: emancipação e territorialização nas Escolas Famílias Agrícolas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016; SOBREIRA, Milene Francisca Coelho; SILVA, Lourdes Helena da. Vida e construção do conhecimento na Pedagogia da Alternância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 212-227, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/915>. Acesso em: 20 abr. 2026.

⁹²⁸ Serrão, 2018, p. 69.

⁹²⁹ Mata, 2007.

⁹³⁰ Scarboro Missions. BRAZIL: 1962-present; MACDONELL, Fr. Ron. Mission to Painted Rock. **Scarboro Missions**, January/February de 2011. Disponível em: https://www.scarboromissions.ca/Scarboro_missions_magazine/Issues/2011/Jan_Feb/mission.php. Acesso em: 07 dez. 2021.

que ajudou na formação de dezenas de comunidades rurais e colônias agrícolas no Baixo Amazonas. Após dez anos de trabalho em Parintins, Gianola enfrentou problemas por suas posições progressistas e transferiu-se para a Prelazia de Itacoatiara em 1973. O sacerdote, que já tinha participado da fundação do CETRU, assumiu a direção da entidade em 1975 e trabalhou em Urucará por dez anos.

Um sujeito essencial nessas transformações do catolicismo do Médio e Baixo Amazonas – e mesmo nacional – foi o bispo prelado de Itacoatiara, Jorge Marskell (figura 15).⁹³¹ Ele atraiu muita atenção do SNI no final da década de 1970 e por toda a década de 1980, provavelmente intensificando a preocupação dos agentes do regime quando chegaram denúncias à Agência de Manaus (AMA) sobre um pastor na região de Itacoatiara.

Figura 15: Bispo Marskell (segundo à esquerda) e Cardeal Arns (terceiro à esquerda), ladeados por dois padres, [1978?].



Fonte: Scarboro Missions. 1979.

⁹³¹ Francis Paul McHugh, SFM, e George Edward Marskell, SFM, foram, respectivamente, o primeiro (1965-1972) e segundo (1978-1998) bispos prelados de Itacoatiara. Foram seguidos pelo italiano Carillo Gritti, dos Missionários da Consolata (2000-2016), José Ionilton Lisboa de Oliveira, dos Padres Vocacionistas (2017-2023) e Edmilson Tadeu Canavarros dos Santos, dos Salesianos de Dom Bosco (2024). O fato dos três últimos serem religiosos de outras ordens e nacionalidades indica a passagem de bastão dos missionários de Scarboro. No entanto, mesmo com lideranças brasileiras, Itacoatiara permanece na condição de prelazia, ou seja, aos olhos da Igreja, ainda não conseguiu se desenvolver para se tornar uma diocese.

Conforme Brito, extensas e regulares investigações foram feitas pelo SNI a respeito de católicos e protestantes progressistas:

[...] as atividades desenvolvidas por protestantes e católicos imbuídos de uma “espiritualidade da encarnação”, que, de alguma forma, visavam contribuir para a formação política de opiniões e atitudes críticas dos cristãos e da chamada “sociedade civil” em relação ao regime, eram expressas como “falsa ação pastoral”. Por outro lado, os grupos religiosos que sustentavam concepções de mundo ancoradas em uma modalidade de “cristianismo desencarnado”, isto é, não engajado na busca por soluções dos problemas sócio-políticos eram, em geral, considerados pelos analistas estatais como sendo mais coerentes com a “verdadeira” função que a religião deveria exercer na sociedade concebida segundo a DSN.⁹³²

Confirma-se que aqueles “chamados ‘progressistas’, qualificativo usado para católicos e protestantes, sempre suscitavam maiores preocupações nos agentes do Estado”.⁹³³ Os agentes e relatórios do sistema de inteligência da ditadura enquadravam os grupos religiosos em diferentes matizes, segundo sua linha de atuação:

A análise do movimento religioso feita pelos analistas do SNI identificava, assim, três correntes de pensamento e de ação no seio da Igreja Católica: os “conservadores”, os “progressistas” e os “pastoralistas”. Essa representação praticamente não se alteraria ao longo do regime militar.⁹³⁴

Enquanto os discursos evangélicos na ditadura se apropriaram da política de desenvolvimento e ocupação pregada pelo governo para também se expandirem pelo país, bispos católicos se puseram a clamar “a respeito do processo de ocupação de áreas rurais, sobretudo na região da Amazônia”.⁹³⁵ Entre os nomes mais conhecidos estava também o de George Edward Marskell (ou Jorge), um dos cinco primeiros missionários de Scarboro a desembarcar em Itacoatiara, em julho de 1962.⁹³⁶

Em 1975, padre Jorge, na qualidade de administrador apostólico de Itacoatiara, participou do encontro formador da CPT em Goiânia e trouxe a ideia para o estado.⁹³⁷ Conforme

⁹³² Brito, 2014, p. 71.

⁹³³ *Ibid.*, p. 72.

⁹³⁴ *Ibid.*, p. 157. Em relação aos protestantes, o autor alude que as qualificações eram “conservadores” ou “progressistas”, os quais também eram chamados de “ecumênicos”.

⁹³⁵ Almeida, 2016, p. 77.

⁹³⁶ Marskell também foi um dos dois primeiros padres enviados pela nova Prelazia para assumir a paróquia de Urucará após a chegada dos Thomas, em abril de 1965 (Bezerra, 2024). Em seguida, padre Jorge assumiu como vigário de Itacoatiara, antes de retornar ao Canadá para servir a SFM. Após um tempo voltou a Itacoatiara e se tornou administrador apostólico com a renúncia do primeiro prelado; por fim foi nomeado segundo bispo da Prelazia, de 1978 até sua morte em 1998.

⁹³⁷ Conforme Silva (2018), além de presidente da CPT Norte I, Dom Jorge chegou a ser vice-presidente nacional da CPT e representou a entidade em 1991 ao receber o prêmio Nobel alternativo, na Suécia, concedido à CPT e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Cf. RIGHT Livelihood. Comissão Pastoral da Terra (CPT). **Right Livelihood**. Disponível em: <https://rightlivelihood.org/the-change-makers/find-a-laureate/comisso->

Ribeiro, não foram poucos os fatores que contribuíram para a instalação da CPT no Amazonas:

[...] a eclosão de questões de terra, tanto na periferia de Manaus (Sto. Agostinho, Alvorada, Redenção) como no interior do Estado do Amazonas (Manicoré, Transamazônica); as linhas prioritárias da pastoral da Amazônia escolhidas em 1974, principalmente a linha “Frentes pioneiras”; o desejo de evangelizar o povo em sua situação concreta.⁹³⁸

O primeiro encontro regional, em Manaus, aconteceu em setembro de 1977, e dois representantes da Prelazia de Itacoatiara estavam presentes: o próprio Marskell e Gianola. Padre Jorge foi eleito como primeiro coordenador. Uma das primeiras ações da entidade foi “enviar a todas as prelazias e dioceses do regional um questionário sobre a situação do lavrador, para que os dados fossem apresentados em Goiânia, no encontro nacional da pastoral da terra”. Diante dos resultados, a Prelazia/CPT atuou junto ao “homem amazonense, posseiro e ribeirinho”,⁹³⁹ não apenas em cursos e encontros, mas também em projetos práticos, com “a consciência de que a CPT era serviço da Igreja à causa do agricultor”⁹⁴⁰ e ajudando a combater em conflitos de terra, pesca predatória e o avanço de companhias mineradoras e hidrelétricas.

O canadense também se envolveu com o CIMI. Logo após a criação do regional Norte I do órgão, em 1974, sacerdotes da prelazia começaram a denunciar os problemas enfrentados pelos Waimiri-Atroari. Assumindo essa causa, “em 1980 foi criada a equipe do CIMI da prelazia de Itacoatiara, intimamente ligada à pastoral global da prelazia e às linhas de pastoral indigenista do CIMI nacional e ao regional”.⁹⁴¹ Essa ênfase pastoral se acentuou com o convite do agora segundo prelado a Egidio e Doroti Schwade para dirigirem a nova pastoral.

A cooperação de Marskell com as duas entidades ajuda a compreender essa iniciativa – uma direção que, como mencionado, já havia sido estabelecida desde o Encontro de Santarém, em 1972 como essencial para a Igreja em seu “rosto amazônico”.⁹⁴² Schwade era uma importante liderança na defesa dos interesses indígenas na Igreja e no Brasil, sendo um dos fundadores e primeiro secretário-executivo do CIMI.⁹⁴³ Em 1980, foi realizado o Tribunal Bertrand Russell, nos Países Baixos; “para ele foi convidada a equipe do CIMI de Itacoatiara, que foi representada por Egidio Schwade. Em Rotterdam, Egidio apresentou ao Tribunal a

pastoral-da-terra-cpt/. Acesso em: 09 ago. 2024.

⁹³⁸ Ribeiro, 2003, p. 143.

⁹³⁹ *Ibid.*, 143.

⁹⁴⁰ *Ibid.*, p. 150.

⁹⁴¹ *Ibid.*, p. 164.

⁹⁴² Oliveira e Guidotti, 2000.

⁹⁴³ Cf. Teixeira (2008, p. 59), para a importância do cargo de secretário-executivo na estruturação e desenvolvimento das práticas do CIMI.

denúncia de genocídio cometida pelo governo brasileiro contra os Waimiri-Atroari”.⁹⁴⁴

Em 1985, o casal Schwade se estabeleceu na região da área indígena para trabalhar próximo àquele povo. As terras dos Waimiri-Atroari, tanto no Amazonas quanto em Roraima, estavam no centro da construção de uma nova Amazônia, alicerçada no projeto de desenvolvimento e progresso da ditadura. Dessa forma, os Schwade tomaram parte no movimento de apoio à resistência dessa população indígena no recém-criado município de Presidente Figueiredo, que, naquele momento, fazia parte da Prelazia de Itacoatiara.⁹⁴⁵

A presença esporádica de várias lideranças de expressão nacional na Prelazia de Itacoatiara – inclusive bispos perseguidos pelo regime – indica o papel de Dom Jorge no desenvolvimento de um catolicismo de caráter progressista e social na década de 1980. Sua posição nessa luta gerou inúmeras críticas e investigações. Ao longo dos anos, como liderança do CIMI e da CPT, o bispo foi citado em vários documentos do SNI, sendo identificado como um dos bispos da “corrente progressista”. O final da década de 1970, quando o então padre Jorge Marskell começou a assumir protagonismos na pastoral em favor dos silenciados da ditadura – mesmo período em que Pedro Falabella denunciava o missionário norte-americano em Urucará –, foi também marcado por agudas crises entre o governo militar e a principal instituição religiosa do país, como demarca Brito:

[...] disseminação cada vez maior da Teologia da Libertação e a consolidação das Comunidades Eclesiais de Base, prisões e assassinatos de padres e de leigos católicos, especialmente em regiões com graves conflitos fundiários (Mato Grosso e Pará, especialmente), expulsão do Brasil de sacerdotes estrangeiros enquadrados na Lei de Segurança Nacional, denúncias na imprensa feitas por bispos conservadores contra supostos bispos marxistas, pronunciamento da CNBB contra o governo, etc.⁹⁴⁶

Em 1975, um relatório do SNI, entre as agências do Amazonas e Rio de Janeiro, tratava das experiências no Projeto Igrejas Irmãs. O documento dava destaque ao quadro de pessoal em Itacoatiara, especialmente ao “número elevado de sacerdotes de origem estrangeira atuando naquela área”.⁹⁴⁷ A vigilância estendeu-se à sociedade de vida apostólica SFM. Em 1977, um

⁹⁴⁴ Ribeiro, 2003, p. 165.

⁹⁴⁵ Para aprofundamento nas questões envolvendo o indigenismo católico e a luta dos Waimiri-Atroari, além de Santos (2024), cf. ARAÚJO, André Luiz Passos. **O movimento de apoio à resistência Waimiri-Atroari: ecos de uma ação indigenista católica contra grandes projetos**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014; VIEIRA, Jaci Guilherme. **Ditadura militar, povos indígenas e a Igreja Católica na Amazônia: a Congregação da Consolata e o novo projeto de missão entre os índios de Roraima (1969 a 1999)**. Manaus: Valer Editora, 2019.

⁹⁴⁶ Brito, 2014, p. 259.

⁹⁴⁷ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002912. Onde “DFANBSB V8” refere-se ao Fundo do SNI, “MIC” a seção de documentos micrográficos, “GNC” a subseção Agências, “LLL” indica a série Agência do Amazonas, e “82002912” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002912 – Dossiê. Data de Produção Inicial: 09/09/1975. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em:

pedido de busca endereçado a diversas agências, inclusive à AMA, com o assunto “Atuação da esquerda clerical”, apontou que “inúmeras entidades religiosas recebem vultosas subvenções dos Governos Federal, Estadual e Municipal”, além de verbas de outras origens. A queixa do pedido era originada pelo conhecimento de que determinadas entidades católicas estavam destinando parte de seus recursos a CPT, classificada como “entidade subversiva da Igreja Católica”. Por isso, a Agência Central solicitava “levantar as entidades beneficiárias de verbas oficiais, bem como de outros ‘auxílios’ públicos”.⁹⁴⁸ Assim, a AMA respondeu que a Sociedade de Scarboro para as Missões Estrangeiras era uma das entidades atuando no Amazonas.

Alguns missionários da SFM também tiveram vistos negados pela DSI na primeira metade da década de 1980. Os documentos oficiais da ditadura indicam que era “inconveniente a concessão de vistos” a eles.⁹⁴⁹ Mesmo na segunda metade da década, já no primeiro governo civil após o fim da ditadura, Dom Jorge Marskell continuou sendo investigado, tanto em questões católicas, como eventos da Teologia da Libertação ou o CIMI, quanto por seu envolvimento nas controvérsias a respeito do Projeto Calha Norte.⁹⁵⁰

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/III/82002912/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_III_82002912_d0001de0001.pdf. Acesso em: 06 jan. 2022.

⁹⁴⁸ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82003101. Onde “DFANBSB V8” refere-se ao Fundo do SNI, “MIC” a seção de documentos micrográficos, “GNC” a subseção Agências, “LLL” indica a série Agência do Amazonas, e “82003101” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82003101 – Dossiê. Data de Produção Inicial: 27/7/1977. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/III/82003101/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_III_82003101_d0001de0001.pdf. Acesso em: 04 jun. 2024.

⁹⁴⁹ Dossiê BR DFANBSB Z4.DPN.PES, VIS.214. Onde “DFANBSB Z4” refere-se ao Fundo da Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, “DPN” a seção de Dados pessoais e entidades, “PES” a subseção Pessoas, “VIS” indica a série Vistos, e “214” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB Z4.DPN.PES, VIS.214 – Dossiê. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/vis/0214/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_vis_0214_d0001de0001.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

⁹⁵⁰ O Projeto Calha Norte nasceu como um projeto sigiloso do Conselho de Segurança Nacional em 1985, durante o governo Sarney, vindo à tona no ano seguinte depois de denúncias. Dentro do contexto ainda de Guerra Fria, de proteção das fronteiras, problemas com comunidades indígenas, garimpagem e tráfico de drogas, o projeto se propunha como “Desenvolvimento e Segurança da região ao norte das Calhas dos Rios Solimões e Amazonas”, ou seja, podia ser lido como uma permanência das políticas da ditadura para a Amazônia dentro do binômio desenvolvimento-segurança. A política quanto aos povos indígenas atraiu críticas de lideranças e indigenistas – por isso a importância de Marskell no debate. Com o nome de Programa Calha Norte, é executado pelo Ministério da Defesa desde 1999, e recebeu novas configurações a partir do primeiro governo Lula; além da presença militar em dez estados, o programa, por meio de convênios, garante inúmeras ações de infraestrutura militar e civil nos municípios alcançados e apoio às comunidades. Contudo, entidades como o CIMI continuam sendo críticas ao Calha Norte denunciando a militarização, descaso com os interesses indígenas e facilitação da entrada de empresas de mineração. Cf. MONTEIRO, Lício Caetano do Rego. O Programa Calha Norte. Redefinição das políticas de segurança e defesa nas fronteiras internacionais da Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 13, n. 2, p. 117-133, nov. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5139/513951688009.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2025; EVEDOVE, Leonardo Ulian Dall. O Programa Calha Norte como prática espacial do Estado brasileiro (1985-2018): perspectivas de Amazônia e discurso de precariedade como política pública. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 9, n. 18, p. 219-246, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/12068>. Acesso em: 22 dez. 2025; SANTANA, Renato. Projeto da ditadura, Calha Norte segue sob críticas por militarização, impactos ambientais e ausência de participação

Os novos tempos – aparentemente democráticos – também influenciaram as ações do episcopado da região amazônica. Em 1988, um documento analisou o perfil ideológico dos bispos a partir das tendências/correntes “conservadora”, “moderada” ou “progressista”. Um bispo próximo à região de nossa pesquisa, Dom Arcângelo Cerqua, era identificado como “marcadamente ‘conservador’, voltado para fazer prevalecer a unidade de sua Diocese, engajado com os postulados da igreja ‘institucional’, como fator de resistência à ‘praxis’ libertadora assumida por um significativo número de Bispos do episcopado brasileiro”.⁹⁵¹

Recordamos que Cavalcante aponta o bispo de Parintins como politicamente influente, endossando candidaturas e intervindo em situações socioeconômicas no Baixo Amazonas. Além disso, o próprio bispo teria afirmado ao SNI que vigiava os movimentos dos comunistas na então Prelazia. Segundo o autor,

A atitude de Dom Arcângelo em monitorar os movimentos de possíveis comunistas são indícios de que ele os via como uma ameaça para a segurança nacional, o bispo de Parintins era fiel às determinações do Vaticano e usou de sua força política para defender os interesses da Igreja Católica e manter afastado da Prelazia todos aqueles que pudessem ameaçar a estabilidade da mesma.⁹⁵²

Enquanto muitos sacerdotes criticavam a rigidez da disciplina católica, inclusive em Parintins, Dom Arcângelo enfrentou tensões com alguns de seus padres devido ao controle e à personalidade forte. Devido a isso, “de forma conservadora procurou fechar a circunscrição eclesiástica, isolando-a”, evitando que outras formas do catolicismo brasileiro, como a Teologia da Libertação, influenciassem seu projeto de Igreja.⁹⁵³

As ações anticomunistas do bispo de Parintins, como indica o documento de 1988, persistiram até a redemocratização. Contudo, como os rótulos não podem dar conta das complexidades das trajetórias, vimos em Cavalcante a extensão dos trabalhos sociais da Prelazia de Parintins (diocese desde 1980), em favor dos desfavorecidos e seu desenvolvimento. Assim, sob a mão forte do conservador Cerqua, Parintins era uma igreja em favor dos pobres, mas o fazia sem se considerar “libertadora”.

comunitária indígena. **InfoAmazonia**, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/04/20/projeto-da-ditadura-calha-norte-segue-sob-criticas-por-militarizacao-impactos-ambientais-e-ausencia-de-participacao-comunitaria-indigena/>. Acesso em: 22 dez. 2025.

⁹⁵¹ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.88007725. Onde “DFANBSB V8” refere-se ao Fundo do SNI, “MIC” a seção de documentos micrográficos, “GNC” a subseção Agências, “LLL” indica a série Agência do Amazonas, e “88007725” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.88007725 – Dossiê. Data de Produção Inicial: 12/9/1988. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/lll/88007725/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_lll_88007725_d0001de0001.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

⁹⁵² Cavalcante, 2019, p. 54.

⁹⁵³ *Ibid.*, p. 56.

Voltando ao relatório do SNI, seus autores observam um recuo no procedimento da maioria dos bispos rotulados como progressistas. O prelado de Itacoatiara é assim representado:

Nos primeiros anos da década de 80, exercia, cumulativamente, com a direção de sua Prelazia, os cargos de Presidente do CIMI NORTE I e CPT NORTE I, estabelecendo à época, alianças com grupos de pressão engajados nas lutas populares”, na consecução dos objetivos e metas dessas organizações, dentro do “esforço de resistência democrática”, à política indigenista e fundiária, “imposta pelo regime militar”.

- nos últimos tempos a ação pastoral de D. JORGE parece ter sofrido, também, uma reversão de expectativa.

Com efeito, é sintomática a sua mudança, afastado, também, a exemplo de outros Bispos, de uma ação mais efetiva em mobilizações de natureza contestatória, registradas na área de atuação de sua Diocese.⁹⁵⁴

O relatório atribuía o arrefecimento da corrente progressista à “própria redemocratização do País, na medida em que muitas das bandeiras políticas foram efetivamente atendidas” e a parte do clero que se identificava, muitas vezes, como a oposição radical ao regime, perdeu espaços para lideranças partidárias, legalizados “com a institucionalização do Estado de Direito no País, hoje tutelando as ações e movimentos contestatórios, registrados nos últimos tempos na área”. Em todo caso, para esta pesquisa, o que importa nessa “reversão da expectativa” foi desenrolar um fio que revela a importância de religiosos na contestação ao regime, e como isso resultou em vigilância e repressão. Mesmo que a religião implique na dimensão da salvação, quando “os agentes religiosos se posicionam em defesa dos mais pobres, das classes operárias, das minorias excluídas então poderão ocorrer conflitos com a sociedade civil ou política”.⁹⁵⁵ Essa é a lógica da atenção do Estado às atividades católicas – e, possivelmente, às protestantes.

Parece provável que a preocupação com o pastor de Urucará encontre rastro na atuação dos serviços de inteligência com os padres e o bispo da Prelazia de Itacoatiara, também estrangeiros, e profundamente envolvidos com movimentos progressistas. A pesquisa nos arquivos do SIAN indicou os olhares sobre Dom Jorge Marskell e o impedimento de outros missionários de sua congregação permanecerem no país. O que teria acontecido com Clinton Thomas caso fosse considerado um agitador subversivo? Teria o mesmo respaldo da força social da Igreja Católica que pôde garantir a permanência pastoral – e a vida – de nomes da hierarquia, ainda que não a de inúmeros religiosos diretamente comprometidos nos conflitos sociais da segunda metade do século XX?

Porém, se as igrejas protestantes endossavam o governo, contando inclusive com

⁹⁵⁴ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.88007725. Serviço de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁵⁵ Liberal, 2004, p. 11.

investimento norte-americano em suas missões, haveria motivos para temer a pequena Igreja de Cristo em Urucará? O pedido de Falabella quanto a uma investigação pode ter sido atendido se considerarmos que muitos setores encaravam as missões evangélicas como “desnacionalizantes” e “suspeitas”.⁹⁵⁶ Portanto, mesmo com o apoio tanto das igrejas nacionais quanto das norte-americanas ao regime militar, persistia uma certa desconfiança que, diante da política de integração, motivava receios com uma missão protestante no interior do Amazonas, em uma região de interesse mineral.

4.5 Um agitador americano? O que descobriu a investigação sigilosa?

Considerando as articulações de Pedro Falabella, e possivelmente também as circunstâncias dos outros missionários na região, o Ministro da Justiça determinou uma “investigação sigilosa” no município de Urucará para averiguar se Clinton Benjamin Thomas era um sujeito de interesse da Segurança Nacional.

O ano de 1978 ainda não havia findado quando as solicitações de Pedro Falabella seguiram o curso, alcançando o Serviço Nacional de Informações. O Informe nº 09/78-PM/2-PMAM, emitido pelo Comando Geral da PMAM em 21 de dezembro de 1978, sob o assunto “PASTOR EVANGÉLICO CLINTON BENJAMIN THOMAS”, tinha como difusão a Agência de Manaus (AMA) do SNI. O documento informava que: “O Pastor Evangélico da Igreja de Cristo CLINTON BENJAMIN THOMAS, de nacionalidade norte-americana, vem se opondo constantemente às ordens das autoridades do município de URUCARÁ/Am”; que “O nominado por diversas vezes tem ofendido moralmente o Prefeito do citado município em via pública”; por fim, que “quando o referido Pastor é procurado pelos habitantes do município, para fornecimento de medicamentos, ou mesmo para pedir algum favor, aproveita a oportunidade para jogá-los contra as autoridades municipais”.⁹⁵⁷

O informe foi recebido e avançou. Conforme documento da Agência de Manaus, de 28 de dezembro de 1978, com o assunto “ATUAÇÃO DO PASTOR EVANGÉLICO CLINTON BENJAMIN THOMAS” (figura 16), pontuava-se que o pastor “vem se opondo as ordens das autoridades locais. Por diversas vezes chegou a ofender moralmente o Prefeito do Município

⁹⁵⁶ Marques, 2007, p. 123.

⁹⁵⁷ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.78000428. Onde “DFANBSB V8” refere-se ao Fundo do SNI, “MIC” a seção de documentos micrográficos, “GNC” a subseção Agências, “LLL” indica a série Agência do Amazonas, e “78000428” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.78000428 – Dossiê. Data de produção inicial: 28/12/1978. **Serviço de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1943700&v_a_ba=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

em via pública”. Reverberando as denúncias de Pedro Falabella, afirma que “quando o referido pastor é procurado pelos habitantes do Município para fornecimento de medicamentos, ou mesmo para pedir algum favor, aproveita a oportunidade para jogá-los contra as autoridades municipais”.⁹⁵⁸

Figura 16: Informação n.º 0120/119/AMA/78.

Confidencial

426.78

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE MANAUS

INFORMAÇÃO N.º 0120 / 119 / AMA / 78

Data : — - 28 DEZ 78

Assunto : — - ATUAÇÃO DO PASTOR EVANGÉLICO CLINTON BENJA-MIM THOMAS

Difusão : — - AC/SNI

O Pastor Evangélico da Igreja de Cristo, CLINTON BENJA-MIM THOMAS, de nacionalidade norte-americana, que atua no município de URUCARÁ/AM, vem se opondo as ordens das autoridades locais. Por diversas vezes chegou a ofender moralmente o Prefeito do Município em via pública.

Quando o referido pastor é procurado pelos habitantes do Município para fornecimento de medicamentos, ou mesmo para pedir algum favor, aproveita a oportunidade para jogá-los contra as autoridades municipais.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCUMENTOS. LIT do De. n.º 79.099/77. d.º regulamento para Salvaguarda de Assunto Sig. 1.053.

Confidencial

Fonte: SIAN.

O processo que aqui analisamos, como no capítulo anterior, é identificado como “BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.643”. O primeiro documento, do Gabinete do Ministro da Justiça, com o número 100008-S, de 10 de janeiro de 1979, apresenta os caminhos que o processo

⁹⁵⁸ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.78000428. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

percorreu, numerados de caneta: “Dr. Walter, 10.1.79”; “Dr. Meira Matos, 10.1.79”; “DPF, 24.1.79”; “AAS, 25.6.79”; “Arq., 25/6/79”; “DSI, 28/6/79”; “Arquivo, 2/7/79”.⁹⁵⁹

O documento seguinte, timbrado com Serviço Nacional de Informações, registra:

Prezado Ministro

ARMANDO FALCÃO

O chefe do Serviço Nacional de Informações cumprimenta cordialmente e encaminha para conhecimento de V. Exa., o documento anexo.

10/01/1979.⁹⁶⁰

Com o carimbo da mesma data, mas redigido dias antes, consta:

DATA: 04 DE JANEIRO DE 1979

ASSUNTO: PASTOR EVANGÉLICO CLINTON BENJAMIN THOMAS.

1. O Pastor Evangélico da Igreja de Cristo, CLINTON BENJAMIN THOMAS, de nacionalidade norte-americana, que atua no Município de URUCARÁ/AM, vem se opondo às ordens das autoridades locais. Por diversas vezes chegou a ofender moralmente o Prefeito do Município, em via pública.

2. O referido pastor, quando em contato com os habitantes do Município, procura induzi-los à revolta contra as autoridades municipais.⁹⁶¹

As frases assinaladas a caneta indicam o destaque dado à identidade do investigado; chama a atenção, principalmente, a sentença “induzi-los à revolta”. Dentro dos interesses militares e da questão da segurança nacional, parece sugerir-se a construção da imagem do pastor Clinton como um inimigo da pátria.

O próximo documento é uma Papeleta de Ação Imediata, de 10 de janeiro de 1979, carimbado como de “Fernando B. Falcão, Assessor Especial do Ministro da Justiça”, para “Sr. Chefe do G. M.” Assinalado na opção “Dar Andamento”, o documento trazia a observação: “De ordem do Sr Ministro”. No mesmo dia, o Chefe do Gabinete, Walter Costa Porto, reencaminhou o arquivo a outro assessor, Dr. José Carlos Meira Mattos.⁹⁶²

Meira Mattos responde nove dias depois a Porto, sobre o PROCESSO MJ-100 004-S/79. Segundo ele, o SNI informava que Clinton Thomas “quando prega ‘procura induzi-los à revolta contra as autoridades municipais’. Sugerimos o encaminhamento ao DPF [Departamento de Polícia Federal]”.⁹⁶³ No mesmo documento, foi datilografada a resposta de Walter Costa Porto:

⁹⁵⁹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁶⁰ *Ibid.*

⁹⁶¹ *Ibid.*

⁹⁶² *Ibid.*

⁹⁶³ *Ibid.*

Ao Senhor Ministro,
de acordo com o encaminhamento ao DPF e, também, ao Departamento Federal de
Justiça.
22.1.79⁹⁶⁴

No dia seguinte, o próprio Ministro Armando Falcão respondeu: “De acordo. Encaminhe-se ao Departamento de Polícia Federal e ao Departamento Federal de Justiça, conforme se propõe”. Abaixo, à caneta, provavelmente de outra assessora ou secretária, consta: “Remeti ao D.F.J, por cópia. Bsb, 24. Jan. 79. Silvia Martins”.⁹⁶⁵

Em outro documento, o Coordenador Central Policial, Alceu Andrade Rocha, conduz, em 26 de janeiro de 1979, o processo 100.008-S/79-MJ para investigação das atividades do Pastor Clinton Benjamin Thomas pela Superintendência Regional do Departamento da Polícia Federal no Amazonas (SR/AM). Recebido pelo Superintendente Regional, Waldir Silveira Zacarias, este redirecionou o documento ao Sr. Chefe do SI/SR/AM (Sistema de Informações da Superintendência Regional no Amazonas), “para proceder”, em 2 de fevereiro de 1979.⁹⁶⁶

Assim, o inquérito transcorreu. Em relatório “sub censura” datado de 31 de maio de 1979, Osvaldo Silveira Filho, delegado da Polícia Federal e chefe do SI/SR/AM, informa ter se dirigido a Urucará “a fim de investigar sobre as atividades do Pastor CLINTON BENJAMIN THOMAS”. Relata que ouviu “em termos de declarações algumas pessoas e, posteriormente em Manaus, ouvi dois ex-delegados de Polícia daquele município e o principal acusador de pastor CLINTON, o prefeito de URUCARÁ, PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA”.⁹⁶⁷

Voltaremos depois ao relatório final do Delegado Silveira Filho; primeiramente, analisaremos as declarações das testemunhas residentes em Urucará entrevistadas durante a investigação da SR/AM, a saber: Manoel Pedro Monteiro Marques, José Maria Alexandrino, João Pedro de Andrade Gomes e Luiz Marques Paes. Registre-se que todos foram *inquiridos pela autoridade*, a saber: o Delegado Osvaldo Silveira Filho, junto ao Agente de Polícia Federal José Roberto Prado da Silva, o qual serviu de escrivão e datilografou as declarações. Em Urucará, foram entrevistados nas dependências da Prefeitura Municipal, no mesmo dia, 30 de

⁹⁶⁴ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁶⁵ *Ibid.*

⁹⁶⁶ *Ibid.*

⁹⁶⁷ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001781. Onde “DFANBSB V8” refere-se ao Fundo do SNI, “MIC” a seção de documentos micrográficos, “GNC” a subseção Agências, “AAA” indica a série Agência Central, e “79001781” o número do dossiê. Cf. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001781 – Dossiê. Data de produção inicial: 22/6/1979. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1836649&v_ba=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

abril de 1979. Em Manaus, os depoentes se dirigiram ao prédio da SR/AM no mês de maio, a saber: o próprio Pedro Geraldo Raimundo Falabella e os sargentos Vilmar de Castro Bezerra e José Felipe Matos.

Manoel Pedro Monteiro Marques nasceu em Urucará, aos 17 de novembro de 1934. Ele era comerciante e viúvo. Ao ser “inquerido pela autoridade respondeu” lembrando do episódio da quebra do alto-falante pelo pastor, afirmou:

[...] QUE, no ano de 1968, o Serviço de Alto-falante da Prefeitura Municipal estava instalado na residência do declarante e certo dia pelo mês de novembro ou dezembro daquele ano, o referido Serviço de Som estava ligado quando o Pastor CLINTON THOMAS invadiu o interior da residência do declarante, indo até a aparelhagem de som que se encontrava na cozinha da residência e sem qualquer explicação retirou o disco da eletrola e em seguida danificou o aparelho [...]⁹⁶⁸

Pollak pontua que os *acontecimentos* também são elementos constitutivos da memória: “Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”.⁹⁶⁹ A quebra do alto-falante, para esta tese, configura um marco das memórias a respeito do pastor Clinton, tanto nas narrativas orais quanto nos registros do SNI. É possível que parte dos entrevistados ou inquiridos não tenha visto pessoalmente a quebra do aparelho, mas ele se tornou um dos acontecimentos “que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.⁹⁷⁰

Segundo Manoel Pedro, entre as 19 e 20h, “se encontra sozinho em casa e estava escrevendo, quando chegou a se espantar pela entrada repentina do Pastor”. O relato frisa que o pastor não era da cidade; entretanto, não afirma que veio do exterior, mas sim que era “procedente do Território Federal do AMAPÁ”. A violência seria a marca do episódio: “QUE ao entrar na casa do declarante, o Pastor Thomas bateu violentamente a porta e ao sair, conduzindo o disco debaixo do braço, disse para o declarante: ‘pode chamar tua polícia vagabunda, agora’”.⁹⁷¹ Diante disso,

[...] o declarante apresentou queixa na ocasião, ao Delegado de Polícia local, Sargento da PMAM AMBRÓSIO, havendo aquela autoridade detido o alienígena pelo tempo

⁹⁶⁸ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁶⁹ Pollak, 1992, p. 201.

⁹⁷⁰ *Ibid.*, p. 201.

⁹⁷¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

de 24:00 horas, não sabendo informar o declarante se foi instaurado inquérito contra o Pastor Clinton Thomas [...]⁹⁷²

A descrição de Clinton Thomas enquanto “alienígena” é indicativa dos estranhamentos que o norte-americano causa na população, sua cultura, sua política e sua religião. Repercute os argumentos de Pedro Falabella, de quais interesses ou poderes Clinton Thomas teria para se indispor com os brasileiros urucaraenses, e que, se ele não aceitava as normas locais, era por ser o “estranho”; por conseguinte, deveria deixar a cidade ou até mesmo o país.

Manoel Pedro afirma que “daí para cá nunca mais foi perturbado pelo referido Pastor”; mais que isso, “passado algum tempo, após o incidente acima referido, o Pastor Clinton se aproximou do declarante para pedir desculpas do que havia praticado”.⁹⁷³ O termo pontua que “o declarante foi Vice-Prefeito na gestão anterior”, portanto, de Francisco da Cunha Monteiro, o “Chico Monteiro”, prefeito de Urucará de 1973 a 1977, em mandato inserido entre o primeiro e o segundo de Falabella.

Manoel Pedro Monteiro Marques faz uma relação entre a oposição política de Clinton Thomas e sua oposição ao serviço de alto-falante:

[...] QUE o Pastor CLINTON é visceralmente contra quaisquer tipos de aparelhagem de som, tais como alto-falantes, radiolas, etc..., tanto em locais públicos como mesmo em residências particulares; QUE por este fato faz severa oposição ao Prefeito Municipal pelo fato da existência do Serviço de Alto-falantes da Prefeitura [...]⁹⁷⁴

Segundo o depoente, a implicância de Clinton Thomas era tanta que “mesmo em casas de família o Pastor faz críticas e se rebela contra os moradores que ligam seus aparelhos de som”. Além disso, “na cidade de URUCARÁ não existe emissora de Rádio e o Serviço de Alto-falante da Prefeitura é o órgão oficial de divulgação do Município”.⁹⁷⁵ Diante disso, Manoel Pedro Marques rememora um episódio que poderia indispor o pastor Clinton com as autoridades em tempos de ditadura, de vigilância severa contra qualquer inimigo da pátria e valorização de símbolos nacionais:

[...] QUE, quando o declarante, exercia o cargo de Vice-Prefeito, certo dia quando se comemorava o “DIA DO RESERVISTA”, o Serviço de Alto-falante tocava o HINO NACIONAL, e o Pastor Thomas irritado, como sempre, contra o Serviço se dirigiu ao local onde funcionava o aparelho de som a fim de invadir e fazer com que cessasse

⁹⁷² Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁷³ *Ibid.*

⁹⁷⁴ *Ibid.*

⁹⁷⁵ *Ibid.*

de tocar, porém, alguém que estava presente chegou a adverti-lo de que aquela música se tratava do HINO NACIONAL BRASILEIRO, só assim o Pastor se conteve [...]⁹⁷⁶

Chama a atenção a sugestão de que em plena década de 1970, depois de quase vinte anos que Clinton Thomas dedicava ao Brasil, ele não conhecia o Hino Nacional, o qual como se vê, está grafado em maiúsculas, ciente o escrivão de tanta importância que mereceria. De igual merecimento seria o Dia do Reservista, comemorado em 16 de dezembro.⁹⁷⁷

Para encerrar, Marques afirma “QUE todos os funcionários que tem passado pelo Serviço de Som da Prefeitura Municipal são ameaçados pelo Pastor Thomas”.⁹⁷⁸ Portanto, independentemente do governo e do operador do serviço, indica-se que o alto-falante permaneceu como um inimigo de Pastor Clinton e que a inimizade se estendia aos funcionários.

O segundo depoimento foi prestado pelo senhor José Maria Alexandrino. Natural de Poção, Pernambuco, onde nasceu em 18 de dezembro de 1934, Alexandrino era residente em Urucará, casado e funcionário público municipal. Ao ser “inquirido pela autoridade respondeu” ser “o encarregado da OLARIA MUNICIPAL e que certa ocasião, a máquina da referida olaria apresentou defeito, fazendo com que o declarante procurasse o Pastor CLINTON THOMAS a fim de consertá-la”, tendo em vista ser ele “o único mecânico no Município”.⁹⁷⁹

Como mencionado por Falabella em suas denúncias no capítulo anterior, o pastor usaria de suas atividades manuais para provocar os habitantes contra o prefeito, fosse criticando-o durante a execução dos trabalhos mecânicos ou como o ocorrido com Alexandrino:

[...] QUE naquela ocasião o Pastor respondeu para o declarante que dissesse para o Sr. Prefeito a fim de que ele mesmo, Prefeito, fosse procurá-lo para consertar a máquina; QUE o declarante ao transmitir o recado ao Prefeito Sr. PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA recebeu do mesmo a resposta de que não iria chamar o Pastor Thomas pelo fato do referido Pastor não gostar dele; QUE o declarante então retornou e foi novamente falar com o Pastor pedindo-lhe que consertasse a máquina; QUE o Pastor Thomas efetuou o conserto, porém antes, pronunciou uma série de injúrias contra o Prefeito [...]⁹⁸⁰

Entre essas injúrias, teria dito: “eu disse aquele palhaço que comprasse outra máquina a fim de encostar a que lá existe para posterior recuperação”.⁹⁸¹ Também em outra ocasião,

⁹⁷⁶ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁷⁷ A data rememora o nascimento do poeta Olavo Bilac (1865-1918), declarado “Patrono do Serviço Militar” por decreto de 1966. Cf. BRASIL. Ministério da Defesa. 16 de dezembro - DIA DO RESERVISTA. **Exército Brasileiro**. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/16-de-dezembro-dia-do-reservista>. Acesso em: 03 set. 2024.

⁹⁷⁸ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁷⁹ *Ibid.*

⁹⁸⁰ *Ibid.*

⁹⁸¹ *Ibid.*

segundo José Maria Alexandrino, Clinton:

[...] se referiu ao Prefeito também chamando-o de palhaço pelo fato de o mesmo Prefeito haver prejudicado seu terreno, quando consentiu que os operários do DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTRADAS E RODAGENS DO AMAZONAS – DER/AM, retirasse piçarra do referido terreno [...]⁹⁸²

Além desse episódio, no qual o prefeito teria prejudicado a propriedade do pastor, Alexandrino também volta ao problema comum: o alto-falante. Afirmou “QUE sempre que o declarante procura, o referido Pastor a fim de o mesmo fazer algum conserto em máquinas da OLARIA MUNICIPAL, o Pastor argumenta para o declarante que só faz o serviço se a Prefeitura retirar o Serviço de Alto-falantes”. Diante dessa ameaça, Alexandrino usaria uma estratégia: “tem argumentado para o Pastor que esse não é um problema seu, Declarante, e que pedindo para o Pastor fazer o serviço como se fosse para o próprio declarante e não para a Prefeitura”; assim, conseguia o serviço mecânico, “porém sempre nestas ocasiões [o Pastor] profere injúrias contra o Prefeito”.⁹⁸³

O termo de declaração de José Maria Alexandrino também nos revela a memória compartilhada pelos habitantes da cidade a respeito da invasão e quebra de aparelho difusor efetuada anteriormente pelo pastor: “QUE o declarante tem informações de terceiros que certa época, quando aqui ainda não residia, haver o Pastor CLINTON invadido a residência de um cidadão e destruído um Serviço de Som do referido cidadão”.⁹⁸⁴ Tal fato, mais que simples fofocas dos munícipes, poderia fortalecer as denúncias de Falabella aos órgãos de investigação, revelando a construção da imagem do Pastor Clinton.

A narrativa de Alexandrino também é importante por nos revelar o crescimento das igrejas não católicas em Urucará, dentro da interpretação comum àquele período: “QUE o declarante é adepto da Seita ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA e como tal frequenta a Igreja do Pastor Clinton que é representante da Seita CRISTÃ EVANGÉLICA”. O fiel da Igreja Adventista e o pastor da Igreja de Cristo são vistos como participantes de seitas, de um grupo contrário ao catolicismo predominante, mas a informação é importante para o termo por sugerir mais um espaço das reivindicações do missionário norte-americano: “QUE durante a pregação o Pastor Clinton Thomas faz reclamações aos fiéis sobre a existência do Serviço de Alto-falantes da Prefeitura Municipal”. Essa nota poderia provocar um problema maior ao pastor, e quem sabe mesmo aos demais não católicos da cidade, então Alexandrino foi rápido em

⁹⁸² Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁸³ *Ibid.*

⁹⁸⁴ *Ibid.*

continuar: “muito embora, nestas ocasiões o declarante nunca tenha presenciado o Pastor Clinton ofender diretamente o Prefeito”.⁹⁸⁵ Assim, terminou seu depoimento.

Em prosseguimento, João Pedro de Andrade Gomes foi o terceiro “inquerido pela Autoridade”. Este era natural de Urucará, nascido em 29 de junho de 1943, casado e, naquele momento, exercendo mandato na Câmara Municipal de Urucará. Conforme o depoente, “efetivamente o Pastor CLINTON constantemente tem se rebelado e causado transtorno à Administração Municipal”, sendo “do conhecimento público na cidade de URUCARÁ da antipatia e das críticas feitas pelo referido pastor Norte-Americano contra as autoridades municipais”.⁹⁸⁶ A declaração do vereador rememora outro episódio em que procurou o pastor para um serviço mecânico e ouviu críticas contra Pedro Falabella:

[...] QUE certa feita, em novembro de 1978, o declarante procurou o pastor CLINTON a fim de que o mesmo consertasse um defeito em uma bicicleta do declarante; QUE naquela ocasião o pastor CLINTON teceu várias críticas ao então Prefeito PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELLA, tachando-o de “covarde”, “moleque”, e outras injúrias [...]⁹⁸⁷

Segundo o vereador, o motivo de Clinton Thomas criticar o prefeito seria devido a um terreno, como mencionado também por Alexandrino:

[...] QUE naquela ocasião a revolta de CLINTON contra o Prefeito era o fato de os operários do DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTRADAS E RODAGENS, do AMAZONAS – DER/AM, estarem retirando “piçarra” de um terreno para colocar nas ruas da cidade e que, segundo CLINTON, o referido terreno lhe pertencia; QUE alegava naquela ocasião que a retirada da terra era por ordem do Prefeito com o fim único de lhe prejudicar [...]⁹⁸⁸

Entretanto, João Pedro de Andrade Gomes esclarece “que não havia perseguição alguma, pois na realidade o terreno não pertence ao referido pastor”. A partir disso, o vereador relembra o episódio da quebra do alto-falante efetuada pelo pastor uma década antes: “o declarante tem conhecimento de que em 1968, o pastor CLINTON invadiu a residência do Sr. MANOEL PEDRO que mantinha um serviço de alto-falante e destruiu a aparelhagem”. Também afirmou “QUE o pastor referido é totalmente contrário ao funcionamento do serviço de alto-falante da Prefeitura Municipal, bem como, ao funcionamento de outros aparelhos de som em locais públicos da cidade, inclusive, em residências particulares”.⁹⁸⁹

⁹⁸⁵ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁸⁶ *Ibid.*

⁹⁸⁷ *Ibid.*

⁹⁸⁸ *Ibid.*

⁹⁸⁹ *Ibid.*

A notória implicância do norte-americano com o alto-falante tinha resultado em estratégias por parte dos operadores do serviço, para não atrapalhar o ofício religioso da Igreja de Cristo em Urucará, localizada próxima à praça da Igreja Matriz:

[...] QUE o responsável pelo serviço de som da Prefeitura muitas vezes tem solicitado ao referido pastor quais os horários do Culto, em sua Igreja, a fim de conciliar o serviço de alto-falante para não perturbar o referido culto, o pastor então fornece um horário preparado de tal maneira que torna impossível o funcionamento do alto-falante [...]⁹⁹⁰

Gomes “se recorda de que certa vez, por ocasião das comemorações do DIA DAS MÃES haviam colocado no Colégio local um serviço de alto-falante e o pastor CLINTON abusivamente tentou invadir o estabelecimento de ensino a fim de destruir a aparelhagem”. Sua sugestão é que poderia ser mais um episódio da destruição do patrimônio alheio se o pastor não tivesse sido parado: “só não conseguiu o seu intento, em virtude de ter sido impedido pela Diretora do Estabelecimento e pelos jovens alunos”.⁹⁹¹

Pensando na política urucaraense, o vereador afirma “QUE as injúrias assacadas pelo pastor CLINTON contra o Prefeito Municipal são do conhecimento público e que a perseguição as autoridades municipais são feitas quando as referidas autoridades não foram as apoiadas pelo referido pastor, na época eleitoral”. Segundo ele, “o pastor CLINTON na época eleitoral participava ativamente, procurando influenciar os eleitores a votarem em candidatos indicados pelo mesmo” e por isso mesmo, “nas últimas eleições para Deputado o pastor CLINTON apoiou um certo candidato, que inclusive conseguiu se eleger”.⁹⁹² Tal depoimento se opõe a outras narrativas, segundo as quais o pastor não se envolveria mais diretamente na política, mas, em todo caso, ambas as memórias afirmam sua representação de liderança política na cidade.

O quarto e último depoimento em Urucará foi dado por Luiz Marques Paes, nascido em 19 de fevereiro de 1947, em Urucará, casado e funcionário público municipal. Ao ser “inquerido respondeu” ser o “Diretor do Serviço de Alto-falantes municipal e como tal tem sofrido diversas perseguições do Pastor CLINTON THOMAS”.⁹⁹³ Recorda o episódio da tentativa de invasão do colégio na festa do Dia das Mães:

[...] QUE o referido Pastor certa feita inconformado pelo funcionamento do Serviço de Som instalado pelo declarante no Colégio local, por ocasião das festividades dos Dias da Mães tentou invadir o estabelecimento para destruir a aparelhagem, intento

⁹⁹⁰ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁹¹ *Ibid.*

⁹⁹² *Ibid.*

⁹⁹³ *Ibid.*

que não conseguiu em face da intervenção dos alunos e da Diretora do Colégio; QUE naquela ocasião, o declarante tentou fazer ver ao Pastor que ele não tinha nada que interferir no assunto, sendo quase que agredido pelo Pastor THOMAS [...]”⁹⁹⁴

Luiz Paes adicionou à narrativa o fato de quase ter sido agredido pelo missionário norte-americano, aumentando a dramaticidade do momento. Já que estava depondo a agentes da Polícia Federal do governo militar, afirmou:

[...] QUE no momento estava em execução a música “ESTE É UM PAÍS QUE VAI PRA FRENTE”, quando o Pastor discutindo com o declarante repetia várias vezes “que este é um país que vai pra frente e acrescentava uma série de comentários sobre os nossos problemas nacionais” [...]”⁹⁹⁵

Como estratégia para sua legitimação no poder – e para esconder as violações sem fim dos direitos humanos –, os governos militares aproveitaram-se da propaganda para criar a imagem de um Brasil em transformação e desenvolvimento acelerado. Era o país do futuro, dirigido pela mão forte do regime.⁹⁹⁶ Na interpretação de Janaína Martins Cordeiro,

E o *futuro* parecia estar cada vez mais ao alcance das mãos. As vitórias na área do esporte; as estradas e pontes se multiplicando, integrando as diversas regiões do país; o país que agora também via e era visto pelo mundo inteiro a partir de um moderno sistema de comunicações. Tudo isso colaborava para o fortalecimento de uma imagem positiva do Brasil, criando uma atmosfera de entusiasmo, refletida nas campanhas publicitárias oficiais, as quais insistiam que “este é um país que vai pra frente” e que “ninguém segura este país”.⁹⁹⁷

Os “*anos de ouro*” também foram “*anos de chumbo*”, pois “as perseguições, prisões, torturas, mortes e exílios que se intensificaram nos anos do *Milagre* levaram à derrota política e militar do projeto ofensivo dos grupos de oposição armada ao regime”.⁹⁹⁸

Segundo Maria Luiza Martins de Mendonça, “aliada ao silenciamento imposto a diversos produtores culturais, a comunicação estatal vislumbrava a possibilidade de fazer circular um discurso único, legítimo e capaz de obter a adesão da sociedade – ou de parte

⁹⁹⁴ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

⁹⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁹⁶ Cordeiro, 2009; MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Em nome da memória: o discurso midiático da ditadura militar. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 35, p. 29-41, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/fa63265e-25fa-4d08-a9ce-f4ef5bd35a1b>. Acesso em: 05 mar. 2024; SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 8, n. 1, p. 133-152, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/8624/6189>. Acesso em: 05 mar. 2024.

⁹⁹⁷ Cordeiro, 2009, p. 86.

⁹⁹⁸ *Ibid.*, p. 90. Cf. a discussão da autora sobre os silêncios, esquecimentos e consensos ao redor da memória social dos anos de ouro e de chumbo do governo Médici.

significativa desta”.⁹⁹⁹ Diversas medidas de comunicação e propaganda foram tomadas durante os governos dos generais, mas a atuação mais efetiva se deu durante o governo Geisel, com a criação de todo um “aparato institucional” para tornar “viável a organização de uma central de comunicação como parte de um conjunto de políticas de comunicação destinado a ordenar os discursos e evitar dissonâncias”.¹⁰⁰⁰

Dentro as produções, em 1976, houve a distribuição de um “Disco com quatro músicas: Lado A Hino Nacional Brasileiro e a música ‘Este é um país que vai pra frente’; Lado B Hino Nacional; Hino à Bandeira”.¹⁰⁰¹ Nesse ano, aquela frase foi o *slogan* das principais peças produzidas pelo sistema de comunicação do governo, utilizada em vários momentos ao longo do ano.¹⁰⁰² Possivelmente, essas faixas eram reproduzidas diariamente nos alto-falantes de Urucará, cujo prefeito era da Arena e aliados dos governadores da ditadura.

Comentando sobre a memória desse discurso midiático, e utilizando o exemplo de “*Este é um país que vai pra frente*”, Mendonça afirma:

Aqueles que vivenciaram o período certamente se lembrarão das músicas que se tornaram sucesso e que foram produzidas sob encomenda das agências governamentais. A música *Este é um país que vai pra frente* é um bom exemplo disso. Assim, o esforço de comunicação direta dos governos com o povo foi um esforço planejado, organizado, concebido intencionalmente para atender interesses específicos, adotando uma linguagem ideológica capaz de apagar suas origens e permitir uma percepção “natural” ou “inocente”, numa transformação da história em “natureza”.¹⁰⁰³

Matilde de Souza traz uma importante contribuição ao analisar como o governo Médici também se utilizou de elementos simbólicos variados para justificar a colonização da Amazônia. Para tal, esforços de ocupação e desenvolvimento foram utilizados para mobilizar energias materiais e ideacionais em prol da pretensa “integração”.¹⁰⁰⁴ Esse foi o processo do Programa de Integração Nacional (PIN), criado em 1970, com grandes projetos de infraestrutura para o Norte e o Nordeste, onde a rodovia Transamazônica ocupou destaque. A integração nacional se inseria no ideário da segurança nacional e o PIN “foi a mola propulsora da política de integração e da chamada conquista da Amazônia”.¹⁰⁰⁵

Souza demarca como o projeto da rodovia não tinha apenas sentido econômico, mas

⁹⁹⁹ Mendonça, 2014, p. 31.

¹⁰⁰⁰ *Ibid.*, p. 35.

¹⁰⁰¹ *Ibid.*, p. 36.

¹⁰⁰² *Ibid.*, p. 37.

¹⁰⁰³ *Ibid.*, p. 39.

¹⁰⁰⁴ Souza (2020) faz uma rápida discussão sobre o conceito de “integração”, pontuando que se esse objetivo é buscado, a ideia de “nação” precisa ser consolidada.

¹⁰⁰⁵ *Ibid.*, p. 138.

civilizacional – de enfrentamento do “vazio”, da conquista do desconhecido. Nessa direção, “a conquista da Amazônia, expressa no PIN e liderada pela autoridade política, só poderia ser levada a efeito com mobilização popular, na qual foi apresentada como obra de um povo, estimulado a desejar, a almejar ser uma nação”. Para levar isso a cabo, “materiais de propaganda e outros contribuíram para expressar a ideia de conquista”, pois construir a Transamazônica era uma “possibilidade de realização desse desejo de conquista”.¹⁰⁰⁶

Conforme a autora, “as ações do que se chamou ‘conquista’ da Amazônia serviram como tronco integrador dos nacionais, conclamando o país a partir de slogans e textos de canções que se tornaram muito populares”. A propaganda oficial, os slogans, as canções, promoviam “um clima de euforia, onde fazia parte o chamado ‘milagre econômico’”.¹⁰⁰⁷ As inúmeras consequências negativas desse plano não faziam parte dos pensamentos do governo nem da população. A positividade do Brasil do futuro provavelmente estava na mente de Luiz Paes ao detalhar o importante momento do ataque desferido pelo pastor Clinton aos alto-falantes e ele próprio. Pode-se deduzir a dúvida sobre o Brasil “que vai pra frente” ser o lugar de Clinton Thomas.

A denúncia de Paes imputa ao pastor Clinton a culpa por sua perseguição pelas autoridades policiais: “QUE o declarante inclusive já chegou a sofrer perseguição de Delegados de Polícia do Município, influenciados pelo Pastor CLINTON THOMAS”.¹⁰⁰⁸ Alude especificamente a um episódio:

[...] QUE quando aqui era Delegado de Polícia, o Sargento JOSÉ FELIPE MATOS, bastante influenciado pelo Pastor Thomas, o declarante chegou a ser detido por determinação daquele Delegado a mando do referido Pastor; QUE para ser liberado foi necessário a intervenção do Secretário de Segurança Pública, comunicado que foi via telefônica da detenção do declarante [...]¹⁰⁰⁹

Conforme Luiz Paes, “um dos principais motivos de inconformismo do Pastor CLINTON é o serviço de alto-falante municipal”. Por esse motivo, ele tomava medidas para evitar atritos com a liderança religiosa:

[...] QUE atualmente, o declarante pouco tem botado a funcionar o serviço de alto-falante, justamente para evitar problemas com o Pastor; QUE mesmo nos momentos de comemorações nacionais ou de eventos locais o declarante procura evitar o máximo possível o funcionamento do alto-falante para não atrair contra si as perseguições do Pastor THOMAS; QUE o declarante tem conhecimento da invasão do Pastor

¹⁰⁰⁶ Souza, 2020, p. 140.

¹⁰⁰⁷ *Ibid.*, p. 143.

¹⁰⁰⁸ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰⁰⁹ *Ibid.*

CLINTON à residência do Sr. MANOEL PEDRO para destruir uma aparelhagem de som que o referido Senhor mantinha em funcionamento na sua residência [...] ¹⁰¹⁰

Paes indica aos agentes do SNI que pretendia evitar invasões ou qualquer outro problema com o pastor devido aos alto-falantes. Seu receio seria tão grande a ponto de silenciar o som nas comemorações nacionais ou eventos locais. O que Luiz Paes pretendia dizer aos agentes? Por que Pastor Clinton lhe causaria tanto medo? Ele realmente tinha motivos para isso ou sua fala pode ser interpretada no sentido de endossar as denúncias de Falabella?

Em seguida, Paes aponta a importância local do pastor, manifestada nos serviços de saúde e mecânicos, e como se aproveitaria disso para desafiar as autoridades:

[...] QUE o Pastor CLINTON é um ótimo mecânico e presta alguns benefícios à população em serviços de enfermagem e distribuição de remédios, porém quando procurado pela população para prestação de ajuda, sempre faz “chantagem”, isto é, dizendo para aqueles que o procuram que só prestara o serviço se ficarem contra o Prefeito ou as autoridades municipais, dependendo dos seus interesses na ocasião [...] ¹⁰¹¹

Quais interesses mudavam? Segundo a fala final do depoente, seriam de ordem política: “QUE nas épocas eleitorais, o Pastor CLINTON participa ativamente da campanha, apoiando os candidatos tanto às eleições municipais quanto às estaduais, de sua conveniência”. ¹⁰¹²

Na data de 9 de maio de 1979, o depoimento do próprio Falabella – casado, nascido em Urucará em 22 de janeiro de 1942 – foi colhido nas dependências da SR/AM em Manaus. Inquirido, o ex-prefeito confirmou todas as denúncias feitas contra o pastor e entregou cópias delas aos agentes: as cartas aos governadores, ao major da PMAM, a carta aberta ao pastor e o ofício ao delegado Vilmar. Esses documentos, que analisamos no capítulo anterior, indicam a ampla rede de figuras políticas e militares que o então prefeito havia procurado para resolver seu embate com o pastor e poderiam sustentar junto aos agentes do SNI o prestígio de Falabella com os poderosos do estado.

É nesse momento que se descobre que a carta ao pastor não fora publicada: “QUE com relação a referida Carta Aberta, o declarante informa que não chegou a publicá-la, a fim de não agravar mais o relacionamento com o referido Pastor”. Falabella também confirmou as denúncias que fizera a Vilmar e a Lindoso. Em tudo isso, ele atesta: “um dos motivos da saída do declarante de URUCARÁ e do seu afastamento do cargo de PREFEITO MUNICIPAL daquele Município é, como fez ciente ao Governador do Estado do Amazonas, Dr. JOSÉ

¹⁰¹⁰ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰¹¹ *Ibid.*

¹⁰¹² *Ibid.*

LINDOSO, as perseguições do Pastor CLINTON THOMAS”. Recorda que “quando no exercício do cargo de Prefeito foi perseguido pelo Pastor Clinton que inclusive chegou a insuflar os Delegados de Polícia, destacados em URUCARÁ/AM” e para confirmar, acrescenta “QUE tanto isto é verdade que o declarante faz entrega, neste ato”, de cópia da carta endereçada ao então Delegado Vilmar “por outro policial que ali tinha exercido as funções de Delegado, ou seja Sargento MATOS da PMAM”.¹⁰¹³

A que Pedro Falabella imputa essa perseguição? Ao grande inimigo de pastor Clinton: os alto-falantes. Sua declaração sobre a agitação provocada pelo serviço municipal de som também justifica a não interferência nos serviços religiosos das duas igrejas e a necessidade de sua existência para a cidade.

[...] QUE a perseguição do Pastor Clinton contra o declarante era causada por causa do funcionamento do Serviço de Alto-falantes da Prefeitura Municipal; QUE o referido Pastor sempre alegava que o Serviço de Som atrapalhava as funções religiosas em sua Igreja, porém, o declarante esclarece que os horários das funções, tanto na Igreja Protestante quanto na Igreja Católica são respeitados, não funcionando naqueles horários o Serviço de Som; QUE o Serviço de Alto-falantes municipal é o único meio de comunicação existente no Município [...]¹⁰¹⁴

Pedro Falabella também nega a acusação de prejudicar uma propriedade do missionário, afirmando “QUE o referido terreno não passava de um aforamento concedido pela Prefeitura; QUE foi utilizado o referido terreno para retirada de piçarra a fim de ser utilizada em obras municipais”. Na sequência, continua em seu propósito de mostrar que o religioso norte-americano procurava embaraçá-lo com as autoridades estaduais ou federais, lembrando “QUE por várias vezes, o declarante tem conhecimento, foi denunciado sem fundamentos pelo Pastor Clinton às autoridades governamentais, tais como: Polícia Militar do Amazonas, Comando Militar da Amazônia”.¹⁰¹⁵ Para finalizar, recorda um caso mais recente, ocorrido no ano anterior, ao qual imputa a interferência do pastor:

[...] QUE certa feita, no final de 1978, esteve em URUCARÁ/AM., uma comissão do INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL – IBDF a fim de apurar denúncias sobre a derrubada de CEDROS existentes num determinado local do Município; QUE a referida comissão não constatou a denúncia e tudo leva a crer que a mesma foi feita pelo Pastor Clinton.¹⁰¹⁶

Sua fala aos agentes do SNI sugere que não haveria outra pessoa para denunciá-lo a não

¹⁰¹³ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰¹⁴ *Ibid.*

¹⁰¹⁵ *Ibid.*

¹⁰¹⁶ *Ibid.*

ser Clinton Thomas. Parece que Falabella desconhece motivos ou desafetos fortes o bastante que buscassem incriminá-lo junto a instâncias federais. Quem teria poder para tanto? Ao seu ver, apenas o “americano, pastor e agitador”.

Conforme o arquivo do SNI, o termo de declarações de Vilmar de Castro Bezerra foi colhido em 16 de maio de 1979. Nascido em Tarauacá, Acre, em 22 de agosto de 1940, casado, 1º Sargento da PMAM, Vilmar “foi Delegado de Polícia, durante todo o ano de 1978, no Município de URUCARÁ/AM”. Confirmou “QUE efetivamente o Pastor CLINTON BENJAMIN THOMAS causa sérios transtornos para as autoridades do Município”.¹⁰¹⁷

Na cidade, testemunhou que “a insatisfação daquele Pastor é, digo, por causa do funcionamento do Serviço de Alto-falantes Municipal”, o qual segundo o pastor “perturba o funcionamento do CULTO”. Sabendo que a igreja de Clinton Thomas era próxima da igreja católica, a fala do militar parece sugerir que os alto-falantes atrapalhavam apenas os cristãos não católicos, e não as missas católicas. O sargento afirmou que “a fim de solucionar o problema convocou uma reunião, digo que foi estabelecido um horário de funcionamento do culto pelo Pastor”; entretanto, “de maneira como foi feito, o referido horário, não havia condições de funcionar o Alto-falante municipal”.¹⁰¹⁸ Vilmar informa das intromissões do pastor Clinton nos assuntos da cidade e até mesmo em sua atividade quando delegado:

[...] QUE o Pastor CLINTON procura se intrometer em assuntos que não lhe dizem respeito, inclusive, certa vez tentou interferir nas atividades do declarante; QUE dizendo melhor, por mais de uma vez, o Pastor Clinton procurou interferir em assuntos da competência do declarante; QUE o declarante foi obrigado a responder-lhe, digo responder-lhe que não admitia tal interferência [...]¹⁰¹⁹

Quer realmente jamais tenha aceitado interferências do pastor, quer apenas para não se denunciar por algum privilégio dado durante seu período na delegacia, Vilmar Bezerra confirmou as alegações de Falabella quanto às relações entre o pastor e os delegados: “QUE UMA das práticas do Pastor Clinton era tentar indispor o Delegado de Polícia contra o Prefeito Municipal; QUE isto foi tentado, inclusive com o declarante”.¹⁰²⁰ Reitera que tal prática era antiga e ocasionava problemas entre a autoridade do Executivo municipal e as militares:

[...] QUE o intento do Pastor, de indispor os Delegados de Polícia contra o Prefeito, PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA, foi conseguido com alguns antecessores do declarante, ocasionando alguns incidentes entre as duas autoridades,

¹⁰¹⁷ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰¹⁸ *Ibid.*

¹⁰¹⁹ *Ibid.*

¹⁰²⁰ *Ibid.*

inclusive a transferência de alguns Delegados daquele município por se tornarem incompatíveis com o Prefeito [...]¹⁰²¹

Sobre seu encargo específico, alega, que “quando Delegado de URUCARÁ/AM., recebeu o Ofício do Prefeito, em que aquela autoridade comunicava as perseguições do Pastor Clinton Benjamin Thomas” e, mediante essa denúncia, “elaborou um relatório sobre as atividades do Pastor, anexando ao mesmo, cópia do expediente encaminhado pelo Prefeito e remeteu à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas e ao Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Amazonas”. Vilmar não atribui culpa às tensões políticas locais por sua saída da cidade, como ocorrera com outros delegados: “QUE o declarante saiu de URUCARÁ/AM por conveniência própria, havendo requerido ao Comando Superior sua transferência daquela Delegacia, por motivos particulares”.¹⁰²²

Além disso, não sofrera atritos ocasionados pelo missionário: “QUE contra o declarante, como Delegado de URUCARÁ/AM, o Pastor Clinton nunca chegou a causar problemas”.¹⁰²³ Entretanto, recordou de outra denúncia contra o pastor e como exercera seu papel ao acolher a queixa:

[...] QUE o declarante teve oportunidade de quando Delegado, naquele Município, instaurar um inquérito policial contra o Pastor Clinton por crime de calúnia, em cujo ofendido foi o Sr. EUSTÁQUIO LIBÓRIO DA CUNHA, Tabelião aposentado, que à época exercendo o cargo de Tesoureiro da Prefeitura Municipal; QUE o referido inquérito foi concluso pelo declarante e remetido à Justiça, não sabendo informar qual o resultado da decisão judicial.¹⁰²⁴

A declaração final do sargento Vilmar Bezerra indica, mais uma vez, as delicadas relações de Clinton Thomas em Urucará, envolvendo-se com outros sujeitos políticos da cidade e por isso sendo levado à Justiça. Os trabalhos de Basílio Tenório e Darcineia Santos destacam Eustáquio Libório como um dos mais importantes moradores de Urucará no século XX, tendo desempenhado inúmeras funções públicas.

Dias depois, o último depoimento registrado foi do sargento José Felipe Matos, em 24 de maio de 1979. Nascido em 15 de agosto de 1937 em Tamboril, Ceará, casado, policial militar, Matos confirmou que foi delegado em Urucará durante alguns meses de 1976; diante disso, o sargento faz uma declaração que contrasta com todas as outras do inquérito, defendendo o pastor dos seus denunciantes:

¹⁰²¹ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰²² *Ibid.*

¹⁰²³ *Ibid.*

¹⁰²⁴ *Ibid.*

[...] QUE, pode afirmar a existência de antipatia contra o Pastor CLINTON BENJAMIN THOMAS por parte de algumas pessoas naquele município; QUE, este fato é motivado pelo Prefeito Municipal PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA e por outras pessoas de nacionalidades Italiana, incluindo o Vigário PADRE AUGUSTO, e a Missionária NELA, e JORGE CAPELIHONE, pessoas estas vinculadas ao centro de Treinamento Rural de Urucará/AM [...]¹⁰²⁵

Dessa forma, José Felipe Matos – aquele chamado em 1977 de “comprovadamente seguidor da cartilha do americano, pastor e agitador CLINTON THOMAS” – contrapõe-se aos demais depoentes, devolvendo a culpa da perseguição ao próprio Falabella e incluindo outros estrangeiros atuando em Urucará, no CETRU, incluindo o padre Augusto Gianola, que, como vimos, era apontado como progressista. E denuncia mais uma pessoa:

[...] QUE, outro indivíduo a fazer cerrada oposição ao PASTOR CLINTON é o indivíduo LUIZ MARQUES PAES e Tabelião RENATO; QUE, Luiz Paes é diretor do SERVIÇO de Alto-Falante da Cidade; QUE, se o pastor se insurge contra o serviço de alto-falante é porque o mesmo, por pirraça, sempre é posto a funcionar por LUIZ PAES exatamente nos horários de culto na Igreja do referido Pastor; QUE o declarante muito bem pode constatar isso pelo fato de frequentar o referido culto [...]¹⁰²⁶

Para Matos, Luiz Paes realiza “cerrada oposição” ao pastor, destoando, portanto, das outras narrativas que denunciavam ataques de Clinton a Paes. Também vimos que Falabella, na denúncia ao chefe da Casa Militar, tinha criticado o sargento Matos como um dos delegados corrompidos por Clinton. Além disso, Paes registrou ter sido preso a mando de Matos, “bastante influenciado pelo Pastor Thomas”, sendo solto apenas pela intervenção do Secretário de Segurança Pública, e que havia até criado estratégias para evitar ataques do pastor, diminuindo o volume ou o tempo do alto-falante. Matos, por outro lado, afirma que Paes, enquanto funcionário municipal responsável pelo serviço de alto-falante, “por pirraça”, enfrenta os cultos de Clinton Thomas com o barulho do som. Para atestar a veracidade de sua declaração, Matos testemunha sua participação na Igreja de Cristo em Urucará.

O sargento não deixa de apontar Pedro Falabella em sua declaração aos agentes na SR/AM, inclusive quanto à sua saída do posto de delegado da cidade: “QUE, o declarante saiu de Urucará em virtude da interferência do Prefeito FALABELA”. Afirma que o político amazonense é quem persegue o missionário norte-americano e tenta expulsá-lo da cidade: “QUE, desde de muito tempo que Prefeito FALABELA juntamente com àquelas outras pessoas acima referidas tentam pôr o Pastor CLINTON pra fora de Urucará”. Matos recorda que era a

¹⁰²⁵ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰²⁶ *Ibid.*

segunda vez que Falabella exercia a posição de chefe do executivo municipal; então, esse “muito tempo” se refere ao primeiro mandato no final dos anos 1960: “QUE o declarante sabe que desde a primeira gestão de FALABELA que o mesmo move perseguição ao Pastor CLINTON, já havendo feito tudo quanto é denúncias contra o referido pastor aos mais diversos Órgãos, tanto do Estado como da Administração Federal”.¹⁰²⁷

José Felipe Matos, no inquérito, parece ser a única pessoa a se opor à narrativa segundo a qual Pastor Clinton é o agente estrangeiro inimigo da lei e das autoridades; antes, seria, sim, a vítima da perseguição política e dos funcionários municipais. Termina declarando não ter “conhecimento de Inquéritos instaurados contra o Pastor CLINTON em Urucará”, ainda “QUE, o mencionado pastor reside naquele município há 14 anos”.¹⁰²⁸

Esse é o último depoimento disponível no inquérito. Após todas as inquirições, o que se deu dessa investigação sigilosa? O que averiguaram os agentes da SR/AM? Em relatório “sub censura” datado de 31 de maio de 1979, Osvaldo Silveira Filho, delegado da Polícia Federal e chefe do Sistema de Informações da Superintendência Regional no Amazonas (SI/SR/AM), informa ter se dirigido a Urucará “a fim de investigar sobre as atividades do Pastor CLINTON BENJAMIN THOMAS”. Relata que ouviu “em termos de declarações algumas pessoas e, posteriormente em Manaus, ouvi dois ex-delegados de Polícia daquele município e o principal acusador de pastor CLINTON, o prefeito de URUCARÁ, PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA”.¹⁰²⁹

Antes de fazer uma biografia de Clinton Thomas, com dados pessoais e documentos, Silveira Filho arrola as fontes de seu relatório e o que descobriu:

Pelo que se pode deduzir dos depoimentos prestados nesta Investigação, dos documentos juntos e mais pelo que pude apurar, o que ocorre naquele município do Amazonas envolvendo o investigado CLINTON, nada mais é do que incidentes de ordem pessoal e com repercussão estritamente local.

E a causa de tudo é o funcionamento do Serviço de Alto-falantes da Prefeitura local que, segundo o apurado, não é do agrado do Pastor pelo fato de perturbar as funções religiosas em sua Igreja. É um problema a ser resolvido pelas autoridades locais, Juiz de Direito, Promotor, Delegado, etc., e nunca ser levado ao conhecimento das autoridades superiores em Brasília D.F.¹⁰³⁰

Portanto, o delegado conclui que Clinton Thomas não era uma ameaça à segurança nacional, que merecesse uma investigação do SNI. Seu “problema” é local, de questões puramente municipais; por isso deveria “ser resolvido pelas autoridades locais”, não sendo em

¹⁰²⁷ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰²⁸ *Ibid.*

¹⁰²⁹ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001781. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

¹⁰³⁰ *Ibid.*

nada digno de “ser levado ao conhecimento das autoridades superiores em Brasília”.

Algumas perguntas restam após as declarações registradas nos arquivos do SNI. Por que Clinton Thomas não teve seu depoimento colhido? Ou se foi inquirido pelas autoridades, por que suas respostas não foram preservadas? Sendo um sujeito de potencial ameaça à segurança nacional segundo a denúncia do prefeito – um agitador americano –, o que ele teria dito aos agentes policiais? E por que apenas essas quatro pessoas foram entrevistadas em Urucará? Timóteo alegou que “investigaram e pesquisaram 150 pessoas, vieram aqui na casa, perguntaram pela, pela rua”.¹⁰³¹ Onde estão os relatos dessas pessoas? Ou não foram “inquiridas pela autoridade” de forma oficial?

Parece que os selecionados para o inquérito final eram aliados de Falabella, corroborando com sua denúncia e contestando a influência política do Pastor Clinton, claramente identificado como alguém que considera Falabella como seu inimigo. Enquanto isso, os dois sargentos ex-delegados de Urucará, únicos inquiridos que não eram moradores da cidade, tomaram posições divergentes: um quis se eximir da alegação de ser influenciado pelo pastor, como foram outros agentes da segurança pública, e por isso concordou com a tese que via Clinton como um agitador, insurgente contra as autoridades; o outro, defendeu Clinton, afirmando ser este o perseguido pelo prefeito e funcionários públicos e que o alto-falante era um inimigo real do pastor e não imaginário.

Timóteo aparentemente não conhecia o autor da denúncia, ou não podia afirmar com clareza quem eram os autores das “mentiras do diabo”, mas assegura que, apesar da investigação, o resultado foi positivo para seu pai: “Sabe qual foi o análise? Urucará, Urucará, Clinton Thomas era indispensável à vida da cidade. Você não vê isso publicado por aí. 1978, tá lá no SNI pra ver as fichas”. Foi após expressar sua indignação que ele narrou o encontro do governador Enoque Reis com seu pai em Urucará, apesar de ter ocorrido antes, e continuou criticando o título de cidadania dado aos seus pais. Em seu processo de construção de memória, a concessão do título também foi ofensiva:

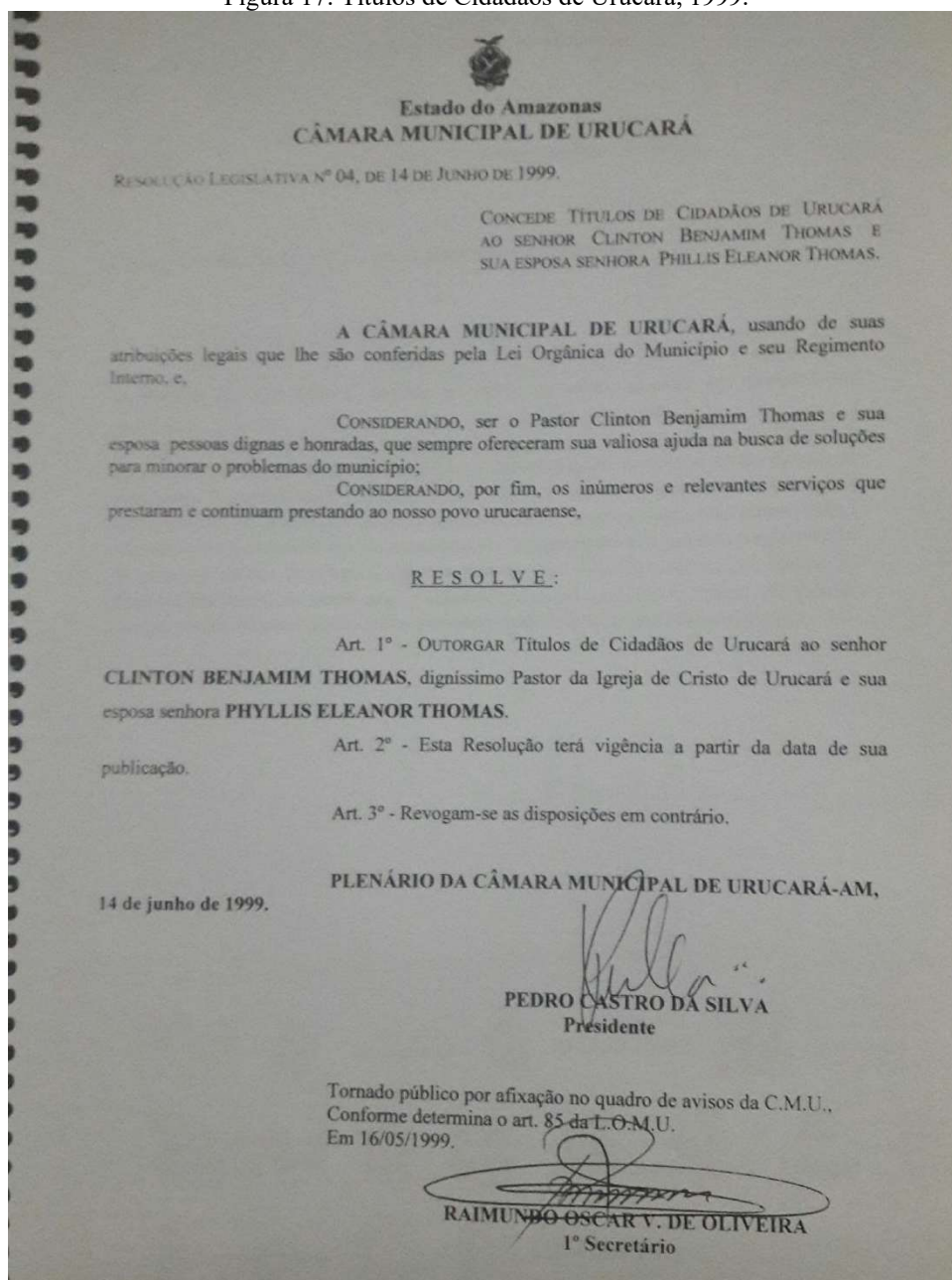
[...] então isso era perseguição religiosa, depois quando foi na Câmara, vai lá ver o papel lá, sabe que vai dizer “cidadão de Urucará da Igreja Batista”, isso é um insulto, nós não somos Batistas! Então que eles fizeram isso como uma paródia, foi muito mal, ah eles vão dizer que é sincero, impossível ser sincero. Igual o brasileiro dizendo “nós vamos dá aqui para o César, o grande cidadão argentino” e seria um louvor para ti?, isso é um insulto, você é brasileiro então basicamente eles fizeram aquilo, mas não era sincero [...] da cidadania, eu acho que a mamãe tem, papai tem, mas deve ser para o final dos 80 que foi, depois desse negócio do SNI [...] ¹⁰³²

¹⁰³¹ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

¹⁰³² *Idem*.

Na Câmara Municipal de Urucará, solicitamos o título de cidadania aos missionários Clinton e Phyllis Thomas. Timóteo acreditava que a entrega se deu no final dos anos 1980, mas, segundo o documento, na figura 17, a resolução legislativa é de 14 de junho de 1999. Também não constam referências a Igreja Batista, mas sim ao “digníssimo Pastor da Igreja de Cristo em Urucará”. Mesmo que anteriormente tenha sido possível uma homenagem com termos “cidadão de Urucará da Igreja Batista”, o documento do legislativo de 1999 atesta “os inúmeros e relevantes serviços” dos missionários fundadores da Igreja de Cristo.

Figura 17: Títulos de Cidadãos de Urucará, 1999.



Fonte: Câmara Municipal de Urucará.

Em todo caso, cabe verificar que, de acordo com Timóteo, os reconhecimentos da cidade vieram apenas após a investigação do SNI. Como o órgão de inteligência e vigilância do regime militar não achou “erros aqui, diz que tinha ouro escondido, todas essas mentiras do diabo, [pois] quando vieram aqui eles fizeram análise”, e o resultado não desabonou as atitudes e práticas da família, mas antes teriam dito que “Clinton Thomas era indispensável à vida da cidade”, isso sugere que algumas pessoas mudaram de atitude em relação a eles e, por isso, foi possível o título de cidadania. Em seu lembrar,

[...] depois desse negócio do SNI, porque quando o SNI veio aqui, eles viram, colega, falaram tudo essas barbaridades que eles tinha, falsidade, mas no final até o SNI não somente achou que tava certo as coisas papai, mas para os anos 60, 70 e 80 Urucará não teria funcionado se não fosse papai, e foi a conclusão da investigação deles. A palavra que usaram era “indispensável pra a vida de Urucará”, então isso não é de nós, isso veio do SNI.¹⁰³³

Os documentos presentes nos arquivos do SIAN não trazem essas conclusões, mas é possível que Timóteo tenha ouvido tais falas na cidade, após a saída dos investigadores, ou mais especificamente de seus pais, transformando-as em uma memória compartilhada sobre a atuação familiar. O texto datilografado de Timóteo em 1981 nos ajuda a compreender a importância desse acontecimento para as memórias dos Thomas:

O missionário representou a defesa para os oprimidos e também defende elementos da composição urucaraense contra ameaças socialistas. Nisto Sr. Clinton e a Igreja de Cristo tem recebido várias provas.
Sem susto podemos afirmar que a Igreja de Cristo, propriamente a mensagem de Cristo transmitida por evangelização e edificação, trouxe enorme progresso espiritual, social e econômico a população urucaraense. Podemos concluir, então, sem dúvida nenhuma, que Urucará não estaria onde está sem a presença e atualidade da Igreja de Cristo.¹⁰³⁴

Considerando a proximidade entre a investigação em Urucará e o texto do missionário Timóteo Thomas, constata-se que ele se pôs a defender a permanência dos pais em Urucará e atestar suas práticas como anticomunistas. Clinton Thomas enquanto pioneiro, promotor do capitalismo, defesa contra o socialismo, autor de progresso espiritual, social e econômico, perseguido devido a isso, é um tema recorrente, seja nas narrativas em sua entrevista concedida em 2018 ou, muito antes, no texto de 1981.

Retornando ao texto clássico de Angela de Castro Gomes, observamos certa semelhança entre Alzira Vargas do Amaral Peixoto, guardiã da memória de Getúlio Vargas, e Timóteo

¹⁰³³ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

¹⁰³⁴ Thomas, 1981 p. 2.

Thomas, guardião da memória de Clinton Thomas. Tal como a primeira, Timóteo sente o peso dos anos, mas principalmente o peso de uma “memória [que] vinha sendo sistematicamente deturpada e esquecida”,¹⁰³⁵ e por isso também construiu seu arquivo privado, para “registrar a ‘verdade’ política sobre o pai”. Sua linguagem também revela seu envolvimento nessa trajetória religiosa (e política), “fundada em muita sensibilidade e informação privilegiada”.¹⁰³⁶

Por meio de seu trabalho de memória, ele construiu sua leitura dos acontecimentos, sustentada, hierarquizada no tempo e espaço, onde se destaca a trajetória do seu pai, sugerindo a “existência de um discurso ‘fechado’, que precisa ser questionado e testado pelo historiador”.¹⁰³⁷ Sua narrativa na entrevista, ou aquela observada em redes sociais, nos parece, tal como dona Alzira, obedecer à atribuição de falar pelo pai. Embora todos os colaboradores entrevistados tenham apresentado seus argumentos favoráveis a Clinton Thomas, falando pelos não-ditos e silêncios, Timóteo parece atravessar para seu papel de guardião.

Como argumenta Gomes, ser guardião é um “projeto” que “imprime sentido duplo à vida de um indivíduo: dá-lhe direção e significado”.¹⁰³⁸ O terceiro filho de Clinton Thomas, Tomé, também guarda arquivos, cotejou e publicou memórias familiares, mas Timóteo não se restringe a isso; não basta arquivar ou divulgar. Tal como dona Alzira, sua preocupação é com a *verdade*. Para Timóteo, “não se conhece a verdadeira história da Igreja de Cristo”, e por extensão, do seu pai, e “é na vontade dessa verdade que ele pauta sua escrita e discursos”.¹⁰³⁹

Por fim, mesmo que Timóteo tenha sido o único entrevistado de história oral a nos indicar o fio da história da investigação do SNI sobre seu pai, provavelmente os demais colaboradores, especialmente os batizados da Igreja, também tenham enfrentado desconfianças e falas negativas sobre o pastor ao longo dos anos. Mas até que ponto isso os afetou? Teodomiro pode dar um indício. Enquanto representante dos remanescentes que julgam manter viva a memória da Igreja de Clinton Thomas, ele desvela a defesa do missionário, tanto nos dias de sua liderança quanto no tempo presente. Assim, no momento da entrevista, após um momento de silêncio, declarou: “as pessoas podem até falarem alguma coisa, mas a gente não admite, a gente não... nós que conhecemos o pastor, sabe que ele era uma pessoa idônea né”.¹⁰⁴⁰ Portanto, a representação de Clinton Thomas como um pioneiro dedicado à cidade parece perseverar.

¹⁰³⁵ Gomes, 1996, p. 17.

¹⁰³⁶ *Ibid.*, p. 18.

¹⁰³⁷ *Ibid.*, p. 19.

¹⁰³⁸ *Ibid.*, p. 22.

¹⁰³⁹ Bezerra; Silva, 2025, p. 329.

¹⁰⁴⁰ Teodomiro Farias Sicsú Filho, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2025, durante a viagem de devolutiva de “Da Pensilvânia ao Amazonas: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará”, em Urucará, visitamos a Escola Ramalho Júnior e convidamos várias pessoas para o lançamento do livro, realizado naquele mesmo Centro de Educação de Tempo Integral que leva o nome do ex-prefeito. Curiosamente, quando expus a uma turma de PARFOR, na Escola Ramalho Júnior, o convite para a mesa que faríamos sobre “o missionário Clinton Benjamin Thomas”, algumas pessoas pareceram não entender sobre quem eu falava. A professora Geize Almeida, que estava comigo, interveio e comentou sobre o *PASTOR* Clinton e, a partir daí, houve algumas reações. O próprio professor daquela turma comentou que não tinha reconhecido quem era até aquele momento, pois toda a cidade o conhece apenas como o *PASTOR*.

Assim, percebemos como as memórias e as interpretações individuais e coletivas interferem nas identidades e evidenciam seu lugar na história oral. Em atenção ao alerta de Timóteo Thomas, de que seu pai era missionário e não pastor, procurei apresenta-lo dessa forma várias vezes, mas como as pessoas que estiveram com ele o entendiam? Como aqueles que “participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”¹⁰⁴¹ construíram seu processo de memória sobre o norte-americano que vivia com eles? Nessa construção, o *missionário* deu lugar ao *pastor*, parece-me que em um reconhecimento de que ele fazia parte da comunidade, da história local, e não como um estrangeiro temporário que logo partiria. Se Clinton Thomas passou trinta anos em Urucará, e, como indicam os mais velhos, ele amava aquela cidade, então ele naturalmente era o *pastor* presente, a quem podiam recorrer, de quem recebiam remédios, de quem ouviam comentários políticos, com quem consertavam motores e armas, a quem recebiam para um café em casa.

Logo, esta tese remarca a importância das memórias dos colaboradores em entrevistas de história oral. Essa metodologia foi nossa escolha desde o primeiro dia da pesquisa, acreditando em sua capacidade de alcançar sujeitos que viveram de perto a trajetória de Clinton Thomas e cujas narrativas seriam valiosas para a construção do conhecimento histórico da Amazônia. Decerto que, dentro dos recortes para a escrita, muitas lembranças sobre Clinton Thomas, o desenvolvimento de sua igreja em Urucará e as tensões com vários sujeitos na cidade não encontraram lugar nos capítulos. Além disso, decidimos não entrar nas questões envolvendo a continuação da história da Igreja de Cristo em Urucará; as tensões que foram

¹⁰⁴¹ Alberti, 2014, p. 155.

relatadas em conversas com alguns dos colaboradores e que entristecem alguns dos que sentiam saudade da presença do pastor norte-americano, inclusive chegando a problemas judiciais, não estão em nosso recorte. Talvez sejam revisitadas por outros pesquisadores no futuro, mas a nós, na conclusão desse percurso iniciado em 2017, coube analisar a trajetória de Clinton Thomas até a investigação do SNI, para compreender aspectos da história da Amazônia na segunda metade do século XX. Tal como ele navegou em muitas águas em sua vida missionária, navegamos pelo Amazonas durante essa escrita, por várias cidades, e aqui a julgamos terminar.

Certamente não recorreremos apenas à história oral. Apesar de esta metodologia ser indispensável para o conhecimento de uma Amazônia que outros documentos não acessam, também contamos nesta pesquisa com outras fontes que favoreceram o desenvolvimento da escrita da história. Dentre estas, que construíram e constituíram nossas fontes, destacamos o *Jornal do Commercio*, para encontrar a trajetória política de Pedro Falabella; a *Scarboro Missions*, para os arquivos da missão católica; os arquivos familiares dos Thomas, com fotografias e textos; e os arquivos do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), especialmente com a investigação do Serviço Nacional de Informações (SNI). Logo, ainda que a história oral permita acessar as histórias e trajetórias amazônidas que tradicionalmente não encontram espaço em outros documentos – como as daqueles nas pequenas cidades, a dias de barco dos grandes centros –, as narrativas orais podem se aliar com outras fontes para o trabalho historiográfico na e da Amazônia.

Essas fontes não apenas permitiram a escrita desta tese; acreditamos que a leitura do texto possa sugerir aos pesquisadores da Amazônia – em uma analogia à célebre trilogia de Le Goff e Nora – novos problemas, novas abordagens e novos objetos sobre a história amazônida, especialmente quanto ao Médio e Baixo Amazonas. A Amazônia não está fechada ao conhecimento; seus pesquisadores, principalmente os naturais da região, encontrarão muito o que pesquisar, tanto a partir dos temas e fontes aqui utilizados quanto nos campos da história em que nos inserimos, ou ainda em muitos outros que esperam o ofício do historiador.

Apesar de esta tese se construir a partir da trajetória do pastor Clinton, o prefeito Falabella logo fez notar sua importância para a pesquisa. É a relação entre os dois – primeiro de uma aliança temporária em prol da candidatura do segundo, e depois de tensões que levam à denúncia do primeiro – que movimenta essas trajetórias, levando ao envolvimento nas “mudanças” da cidade de Urucará e ao processo do SNI. Os homens e mulheres que nos cederam entrevistas, pessoas cuja história de vida acompanhou de alguma forma os acontecimentos que investigamos, bem como as fontes produzidas durante o regime de exceção, agora disponíveis ao conhecimento público, ajudam-nos a compreender essas trajetórias.

Um dos principais aspectos da trajetória de Clinton Thomas no Amazonas é seu papel de médico, ainda que sem formação apropriada. Em uma região marcada pela ausência de políticas públicas, os missionários católicos e protestantes assumiram o lugar de esquecimento e conduziram inúmeras ações médicas ao longo da segunda metade do século XX. No Médio e no Baixo Amazonas – e provavelmente em outras regiões do estado –, os missionários foram médicos para quem precisava, atendendo, doando remédios e ensinando medidas sanitárias básicas. Clinton Thomas constrói a legitimidade de sua presença em Urucará por ser “um médico bom mesmo”,¹⁰⁴² “na época lá que não tinha pra onde correr”,¹⁰⁴³ pois se praticamente toda a população recorria a ele, as tensões deviam ser negociadas e não se podia pensar em afastá-lo da cidade. Além do apoio dos moradores, para essa atividade ele também construiu relações com outros sujeitos, obtendo remédios para a contínua distribuição aos urucaraenses.

Clinton Thomas igualmente procurou “ser um pioneiro para viver aqui”,¹⁰⁴⁴ trazendo outras “inovações que pessoas nunca viram antes”.¹⁰⁴⁵ Assim, encontramos sua participação – ou intromissão, a depender de quem narra – em várias áreas da vida de Urucará. Da religião à economia, da saúde à mecânica, Clinton Thomas assume um lugar em vários aspectos da cidade. Parece tornar-se “Father of the Town of Urucara”,¹⁰⁴⁶ o *pai da cidade de Urucará*, como o identifica a nota de seu falecimento em uma revista do seu antigo seminário.

Os alto-falantes, tão presentes nas memórias dos mais velhos de Urucará e destacados nos depoimentos ao SNI, tal como ofereciam músicas e notícias à população da cidade nas décadas de 1960 e 1970, forneceram pistas para compreender as tensões do pastor com a cidade. Ele parecia rejeitar a função social dos aparelhos para a população ou, possivelmente, eles fossem de fato utilizados como arma nas disputas políticas locais. Se o pastor criticava o ruído dos alto-falantes em toda oportunidade, conforme a perspectiva de quem interpreta, ele era lido ou como um agitador intrometido ou como alguém que enfrentava o poder daqueles que controlavam o som. Evidencia-se que tais dispositivos transcendiam a mera divulgação de informações e entretenimento, servindo também para as questões políticas.

Recorrendo a imagens do discurso religioso, Timóteo Thomas afirma que “mentiras do diabo”¹⁰⁴⁷ eram criadas a respeito de seu pai. Mas quem é o “diabo”? Sua interpretação sociopolítica faz referência tanto aos padres que ele considerava “socialistas” quanto ao

¹⁰⁴² Renato Braga Vieira, 2018.

¹⁰⁴³ Alcilene Canto da Gama Thomas, 2017.

¹⁰⁴⁴ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

¹⁰⁴⁵ *Idem*.

¹⁰⁴⁶ “Deaths”. In: **Blue & White**, Johnson Bible College, April-May-June 2007, p. 11.

¹⁰⁴⁷ Timothy “Timóteo” Benjamin Thomas, 2018.

prefeito, autor da “grande moléstia”. Essas narrativas, que colocam Clinton Thomas como espião, intrometido, causador de problemas, resultaram em denúncias às autoridades militares, ainda que já no período da “distensão gradual” da ditadura brasileira.

A escolha da palavra “agitador” para definir o pastor, em várias partes da denúncia de Falabella, não pode ser vista como casual. Nos tempos de vigilâncias e censuras em prol da pretensa segurança nacional, essa acusação podia gerar consequências sérias para quem era denunciado. Falabella recorreu a quem podia ajudá-lo nos embates com seu desafeto local, já que as relações construídas por Clinton na cidade e além pareciam blindá-lo nas tensões com o prefeito, afinal era “amigo de toda polícia neste Município”.¹⁰⁴⁸

Falabella parece ter entendido que apenas os órgãos da ditadura seriam capazes de alterar o desequilíbrio de forças locais; e ele, tendo sido funcionário do BASA, com relações também construídas com políticos e militares, sabia como acessar essas armas para o embate. Suas denúncias encontraram ouvidos nos governadores e chefes militares do Amazonas, resultando no encaminhamento ao SNI e à posterior investigação. Dessa forma, Falabella e Thomas são lançados nos aparatos da ditadura, revelando aspectos da relação do governo de exceção com os problemas da pequena Urucará, atravessando dos grandes núcleos urbanos para o interior do Amazonas.

As atividades religiosas em si, em suas formas de rituais e doutrinas, não ocupam lugar nesta tese, mas não esquecemos que os líderes religiosos são sujeitos de destaque na ditadura brasileira, tanto como aliados quanto como investigados. E Clinton Thomas foi um dos inúmeros líderes religiosos no Brasil investigados pelo aparato de inteligência. Ele se insere dentro da paranoia persecutória da doutrina de segurança nacional, que vigiou clérigos sem importar suas vertentes. Havia também outro fator: Clinton Thomas era um estrangeiro na Amazônia.

Essa tripla condição (de naturalidade, localidade e função) o tornava potencialmente perigoso. Os órgãos de inteligência registravam as missões e missionários em ação na Amazônia, considerando o interesse dos governos da ditadura com a integração e controle da região. Ou seja, líderes religiosos estrangeiros podiam ser agentes do imperialismo em busca da dominação dos povos e riquezas amazônicas. É nessa conjuntura que as denúncias de Pedro Falabella quanto a um “americano, pastor e agitador” em Urucará encontraram ouvidos atentos.

A investigação, contudo, não parece ter sido extensa. Os dois agentes do SNI visitaram Urucará, conduziram seu inquérito na cidade e na capital, e atestaram como desnecessária a

¹⁰⁴⁸ Dossiê BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

atenção a essa disputa local; era apenas um prefeito e um pastor em tensões em uma cidade pequena: “nada mais é do que incidentes de ordem pessoal e com repercussão estritamente local”.¹⁰⁴⁹ A vida de Clinton Thomas poderia ter tomado direções diferentes se o inquérito apontasse outras conclusões.

A trajetória missionária de Clinton Thomas também pode ser interpretada dentro dos interesses de seu país natal, cujas políticas estratégicas para a América Latina e o Brasil incluíram o apoio a organizações e igrejas evangélicas, terrivelmente anticomunistas e defensoras do que entendiam como capitalismo – tanto as que enviavam missionários aos países latino-americanos quanto as nacionais pró-Estados Unidos. Apesar dessa conjuntura, não definimos o missionário em Urucará *apenas* como um agente do imperialismo norte-americano.

Certamente ele era porta-voz das crenças, valores, ciência e visão norte-americana sobre a Amazônia; podemos diretamente conectar o ser *pioneiro* com os conceitos norte-americanos de desenvolvimento, como no capitalismo que seria expresso em suas ações, defendido por Timóteo Thomas. Porém, no que concerne às fontes, nas entrevistas com aqueles que o conheceram, ele parece ter lido sua trajetória como essencialmente missionária, ou seja, a serviço de seu Deus e do Movimento de Restauração. Obviamente, sua missão não é algo inocente e sem interesses, afinal ele recebeu recursos vindos dos Estados Unidos para exercer seu trabalho em Urucará; dólares que ajudaram os Thomas a se manter, a comprar medicamentos e a construir seu patrimônio na cidade. Com esse dinheiro, o homem religioso pôde consolidar-se como homem político, trazendo *mudanças* – ou *intromissões* – em todos os aspectos da história do município nos “anos de chumbo” e “de ouro”.

É interessante refletirmos sobre o aparente fracasso da missão de Clinton Thomas. Enquanto adventistas, batistas e católicos se estabeleceram e expandiram seus trabalhos religiosos, para além dos trabalhos médicos e educacionais, a igreja de Clinton não conseguiu ir além dele. Se considerarmos o testemunho de Timóteo Thomas, guardião e intérprete dessa história familiar, parece que esse fracasso se deu pelo desinteresse tanto dos membros da pequena igreja urucaraense quanto dos demais missionários do Movimento de Restauração.

Timóteo rememorou um casal norte-americano que chegou a Urucará para substituí-los por alguns meses – durante uma viagem dos Thomas aos Estados Unidos – com a perspectiva de assumir um trabalho paralelo; contudo, em pouco tempo o casal desistiu, diante das dificuldades da vida na Amazônia. Enquanto outros missionários foram apenas passageiros, somente os Thomas aceitaram permanecer e não saíram dali para uma cidade maior e com mais

¹⁰⁴⁹ Dossiê BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001781. Sistema de Informações do Arquivo Nacional.

recursos. Além disso, segundo o relato, os planos de Clinton para Urucará, como o investimento em uma escola, também não prosperaram por falta de envolvimento local.

Em suma, a história da missão em Urucará, da primeira igreja não católica da cidade, dos atendimentos médicos, do trabalho mecânico, das aulas de inglês, estava fadada à dependência de seu fundador. Diferentemente de outras missões que se consolidaram com a chegada de novos missionários, como os adventistas e católicos, ou por meio de uma liderança familiar, como os batistas em Parintins, Urucará não teve o mesmo destino. Outros líderes não desejaram assumir uma frente missionária tão distante e carente, e tampouco seus filhos o fizeram, visto que Timóteo trabalhava em outros países e seus irmãos não seguiram carreira religiosa.

Concluimos essas páginas reafirmando a importância da trajetória deste sujeito histórico. Clinton Benjamin Thomas, em seu percurso da Pensilvânia ao Amazonas, consolidou sua história como missionário e sujeito político. Tal como conduziu a construção de um templo amplo, uma moderna estrutura para o padrão dos anos 1980, erigiu seu lugar na memória da cidade de Urucará. Contudo, as obras arquitetônicas não são eternas, nem as memórias ou sua permanência. O templo paralisado em Urucará, com sua torre oculta atrás das árvores na “rua da frente” da cidade, parece um sinal de como as memórias sobre o pastor de Urucará também vão se desvanecendo à medida que os mais velhos partem. Esta tese, no entanto, apresenta-se como uma intervenção nessa memória evanescente, enfrentando os silenciamentos e apagamentos, pois este é o papel do historiador.

FONTES

Manuscritos

THOMAS, Timothy. **O significado da Igreja de Cristo ao povo de Urucará**. 8 abr. 1981. Datilografado. Duas páginas.

Entrevistas

FALABELLA, Mário Rosário. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, Urucará/AM, em 05 de agosto de 2019.

GAMA Thomas, Alcilene Canto da. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de agosto de 2017.

LESSA JÚNIOR, Eduardo França. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, no Colégio Batista de Parintins, Parintins/AM, em 23 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, Aurimar Terço. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, no prédio da Prefeitura Municipal de Urucará/AM, em 06 de agosto de 2019.

SICSÚ FILHO, Teodomiro Farias. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de dezembro de 2018.

SANTOS, Soliege Maria Vieira dos. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 15 de março de 2022.

THOMAS, Timothy “Timóteo” Benjamin. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 17 de dezembro de 2018.

THOMAS, Thomas “Tomé” Joel. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de agosto de 2017.

VIEIRA, Maria Auxiliadora da Costa. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 20 de agosto de 2017.

VIEIRA, Renato Braga. [Entrevista cedida a] César Aquino Bezerra, em sua residência, em Urucará/AM, em 19 de dezembro de 2018.

Periódicos

AMAZON NEWS NO AR. UBS FLUVIAL de Urucará faz a sua primeira viagem. **Amazonas News no Ar**, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.amazonnewsnoar.com.br/2020/04/ubs-fluvial-de-urucara-faz-sua-primeira.html>. Acesso em: 10 abr. 2026.

AMAZONAS ATUAL. Municípios no AM recebem de R\$ 23 a R\$ 95 mil por exploração mineral. **Amazonas Atual**, 25 fev. 2024. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/municipios-no-am-recebem-de-r-23-a-r-95-mil-por-exploracao-mineral/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

AMAZONAS ATUAL. Segunda maior reserva de gás do país atrai investidores para o Amazonas. **Amazonas Atual**, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/segunda-maior-reserva-de-gas-do-pais-atrai-investidores-para-o-amazonas/>. acesso em: 15 abr. 2026.

Blue & White, Johnson Bible College, April-May-June 2007.

BNC AMAZONAS. Morre aos 64 anos Enéas Gonçalves, ex-prefeito de Parintins. **BNC Amazonas**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://bncamazonas.com.br/municipios/morre-aos-64-anos-eneas-goncalves-ex-prefeito-de-parintins/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CONGRESSO EM FOCO. MPF pede cancelamento de pedidos de mineração em terras indígenas do Pará. **Congresso em Foco**, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/23982/mpf-pede-cancelamento-de-pedidos-de-mineracao-em-terras-indigenas-do-para>. Acesso em: 15 abr. 2026.

CORREIO DA AMAZÔNIA. José Melo emite Nota de Pesar pela morte de Pedro Falabella. **Correio da Amazônia**, Manaus, 29 maio 2014. Disponível em: <https://correiodaamazonia.com/jose-melo-emite-nota-de-pesar-pela-morte-de-pedro-falabella/>. Acesso em: 02 set. 2024.

D24AM. Minérios sob o solo do Amazonas são avaliados em R\$ 4,3 trilhões. **D24AM**, 10 dez. 2011. Disponível em: <https://d24am.com/noticias/minerios-sob-o-solo-do-amazonas-sao-avaliados-em-rs-43-trilhoes/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

G1 AM. Amazonino Mendes, ex-governador do AM, morre aos 83 anos. **G1**, 12 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/02/12/amazonino-mendes-ex-governador-do-am-morre-aos-83-anos.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

G1 AM. Economista amazonense Pedro Falabella morre aos 72 anos. **G1**, 29 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/05/economista-amazonense-pedro-falabella-morre-aos-72-anos.html>. Acesso em: 26 set. 2019.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio**. Pesquisas realizadas em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>.

JCAM. A Empresa. **Jornal do Commercio**, [202-]. Disponível em: <https://www.jcam.com.br/a-empresa/>. Acesso em: 01 set. 2024.

MACDONELL, Fr. Ron. Mission to Painted Rock. **Scarboro Missions**, January/February de 2011. Disponível em: https://www.scarboromissions.ca/Scarboro_missions_magazine/Issues/2011/Jan_Feb/mission.php. Acesso em: 07 dez. 2021.

MACHADO, Gabriel. O legado de Dr. João Lúcio Machado. **Informativo CREMAM**, ano XIV, n. 33, jul./ago. 2015, p. 7. Disponível em: <https://cremam.org.br/images/stories/informativo/07-08-15.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025.

PATRÍCIA, Terezinha. Urucará quer mais que prejuízos. **A Crítica**, Manaus, 18-19 jun. 2000. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/>

noticias/anexo_noticia/55350_20210927_102232.PDF. Acesso em: 15 abr. 2026.

PEREIRA, Jullie. Campo de gás arrematado em leilão da ANP está em região que impacta área protegida no Amazonas. **InfoAmazônia**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/12/21/campo-de-gas-arrematado-em-leilao-da-anp-esta-em-regiao-que-impacta-area-protegida-no-amazonas/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

R7. Anos 70: valor do cruzeiro cai, enquanto o dólar sobe. **R7**, 17 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/anos-70-valor-do-cruzeiro-cai-enquanto-o-dolar-sobe-29062022/>. Acesso em: 14 jan. 2026.

SANTANA, Renato. Projeto da ditadura, Calha Norte segue sob críticas por militarização, impactos ambientais e ausência de participação comunitária indígena. **InfoAmazonia**, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/04/20/projeto-da-ditadura-calha-norte-segue-sob-criticas-por-militarizacao-impactos-ambientais-e-ausencia-de-participacao-comunitaria-indigena/>. Acesso em: 22 dez. 2025.

SCARBORO Missions. Vol. 60, No. 1, January 1979. Disponível em: <https://archive.org/details/scarboromission60sfms/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SKY, Ruth. Missionary Medicine On The Amazon. **Canadian Family Physician**, August, 1971, p. 47-50. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2370056/pdf/canfamphys00377-0049.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

TOOGE, Rikardy. Eneva compra fatia da Atem e assume controle total de campo de gás no Amazonas. **InvestNews**, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://investnews.com.br/negocios/eneva-gas-amazonas-atem-enev3/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

Sistema de Informações do Arquivo Nacional

BR RJANRIO TT.0.JUS, PRO.643 – Dossiê. Indicação do título: Processo GAB nº 100.008. Data de produção inicial: 10/1/1979. Especificação do conteúdo: Informe do Serviço Nacional de Informações denunciando o pastor evangélico da Igreja de Cristo, Clinton Benjamin Thomas, norte-americano, atuando no município de Urucará (AM), de ofensas ao prefeito do município e incentivo aos habitantes contra as autoridades locais; anexos, Termo de Declarações, carta do prefeito ao Governador do Amazonas protestando contra a atuação do Delegado de Polícia local, etc. Grau de Sigilo: Confidencial. Última Atualização: 16/05/2012. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1096823&v_abas=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001781 – Dossiê. Indicação do título: PASTOR EVANGELICO CLINTON BENJAMIN THOMAS. Data de produção inicial: 22/6/1979. Especificação do conteúdo: /#/PRODUTOR:/#/ DSI MJ. /#/TEXTO:/#/ O MINISTRO DA JUSTIÇA DETERMINOU FOSSE FEITA INVESTIGAÇÃO SIGILOSA PELO DPF, EM FACE DE DENUNCIA FORMULADA PELO PREFEITO MUNICIPAL DE URUCARA AM CONTRA O PASTOR EM EPIGRAFE. EM ABRIL DO CORRENTE ANO, UMA EQUIPE

DE POLICIAIS DA SR DPF AM ESTEVE NO MUNICIPIO DE URUCARA AM, E O RESULTADO DAS INVESTIGAÇÕES ENCONTRA SE NA DOCUMENTAÇÃO ANEXA. TEXTO INTEGRAL. /#/NOMES:/#/ CLINTON BENJAMIN THOMAS B0101837.// PEDRO GERALDO RAIMUNDO FALABELA /#/ENTIDADES:/#/ SOCIEDADE EVANGELIZADORA DAS IGREJAS DE CRISTO. Última Atualização: 30/05/2018. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1836649&v_abas=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.78000428 – Dossiê. Data de produção inicial: 28/12/1978. Especificação do conteúdo: /#/PRODUTOR:/#/ 119 AMA /#/TEXTO:/#/ O PASTOR EVANGELICO DA IGREJA DE CRISTO, CBT, DE NACIONALIDADE NORTE AMERICANA, QUE ATUA NO MUNICIPIO DE URUCARA AM, VEM SE OPONDO AS ORDENS DAS AUTORIDADES LOCAIS. POR DIVERSAS VEZES CHEGOU A OFENDER MORALMENTE O PREFEITO DO MUNICIPIO EM VIA PUBLICA. QUANDO O REFERIDO PASTOR E PROCURADO PELOS HABITANTES DO MUNICIPIO PARA FORNECIMENTO DE MEDICAMENTOS, OU MESMO PARA PEDIR ALGUM FAVOR, APROVEITA A OPORTUNIDADE PARA JOGA LOS CONTRA AS AUTORIDADES MUNICIPAIS. TEXTO INTEGRAL. /#/NOMES:/#/ CLINTON BENJAMIM THOMAS CBT /#/ENTIDADES:/#/. Última Atualização: 30/05/2018. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1943700&v_abas=1. Acesso em: 21 abr. 2019.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002912 – Dossiê. Indicação do título: PROJETO IGREJAS-IRMÃS - ITACOATIARA/AM - SÃO PAULO/SP. Data de Produção Inicial: 09/09/1975. Última atualização: 08/07/2020. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/lll/82002912/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_lll_82002912_d0001de0001.pdf. Acesso em: 06 jan. 2022.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82003101 – Dossiê. Indicação do título: CLERO ATUAÇÃO DA ESQUERDA CLERICAL. Data de Produção Inicial: 27/7/1977. Especificação do conteúdo: /#/PRODUTOR:/#/ 119 AMA /#/TEXTO:/#/ ENTIDADES RELIGIOSAS E ORGANIZAÇÕES QUE RECEBEM SUBVENÇÕES DOS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL NA AREA DOS ESTADOS DO AMAZONAS, ACRE E TERRITORIO FEDERAL DE RORAIMA. Última Atualização: 30/05/2018. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/lll/82003101/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_lll_82003101_d0001de0001.pdf. Acesso em: 04 jun. 2024.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.88007725 – Dossiê. Título: TENDENCIA DO EPISCOPADO BRASILEIRO. Data de Produção Inicial: 12/9/1988. Especificação do conteúdo: /#/PRODUTOR:/#/ 130 AMA /#/TEXTO:/#/ ANALISE DA TENDENCIA DO EPISCOPADO DA REGIÃO AMAZONICA, ONDE OBSERVA SE UM RECUO NO PROCEDIMENTO DA MAIORIA DOS BISPOS ROTULADOS COMO PROGRESSISTAS NO DESENVOLVIMENTO DE SUAS AÇÕES PASTORAIS. IMPUTA SE COMO CAUSA DESSA GRADATIVA REVERSÃO DE TENDENCIA OU DE AÇÃO PASTORAL, A PROPRIA REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAIS, NA MEDIDA EM QUE MUITAS DAS BANDEIRAS POLITICAS FORAM EFETIVAMENTE ATENDIDAS E OS ESPAÇOS,

ANTES OCUPADOS POR ESSE SEGMENTO DO CLERO BRASILEIRO, CONSIDERADO EM ALGUNS CASOS COMO PONTO CONVERGENTE DA CHAMADA OPOSIÇÃO RADICAL, REFLUIRAM PARA SEUS LEGÍTIMOS DONOS, OU SEJA, LIDERANÇAS DE EX PARTIDOS PROSCRITOS, HOJE INSTITUCIONALIZADOS, QUE PASSARAM A TUTELAR AS AÇÕES E MOVIMENTOS CONTESTATORIOS NA ÁREA. AS CORRENTES CONSERVADORA E MODERADA SÃO MAJORITÁRIAS NO EPISCOPADO LOCAL, EMBORA A EXISTÊNCIA DA CORRENTE PROGRESSISTA. ESTRUTURA DA PEM E DA PEPV. Última Atualização: 30/05/2018. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/III/88007725/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_III_88007725_d0001de0001.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

BR DFANBSB Z4.DPN.ENI.99. – Dossiê. Indicação do título: Igreja no Brasil. Data de produção inicial: 1/11/1974; final: 30/12/1976. Especificação do conteúdo: Recortes de jornais tratando da ação de bispos subversivos na América Latina, documentos relacionados à CNBB. Informações quanto às relações do Vaticano com o comunismo. Críticas de setores da igreja contra o presidente Geisel. São citados como subversivos e ligados a Dom Hélder Câmara, além do Padre Affonso Gregory, os nomes de Otto Engel, Marina Bandeira de Melo e Maria Lucia Sampaio Pinto. Última Atualização: 21/07/2015. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1318549&v_abas=1. Acesso em: 15 maio 2024.

BR DFANBSB Z4.DPN.PES, VIS.214 – Dossiê. [Sem indicação de título ou datas.]. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional.** Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/vis/0214/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_vis_0214_d0001de0001.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

Sites

ABDE. Pedro Falabella morre aos 72 anos. **Associação Brasileira de Desenvolvimento**, 30 maio 2014. Disponível em: <http://abde.org.br/noticias/pedro-falabella-morre-aos-72-anos/>. Acesso em: 26 set. 2019.

CIEAM. A sinergia luminosa de Pedro Falabella. **Centro da Indústria do Estado do Amazonas**, 30 maio 2014. Disponível em: <http://www.cieam.com.br/?u=a-sinergia-luminosa-de-pedro-falabella-->. Acesso em: 26 set. 2019.

CPDOC. Álvaro Botelho Maia. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alvaro-botelho-maia>. Acesso em: 28 maio 2025.

CPDOC. Armando Ribeiro Falcão. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/armando-ribeiro-falcao>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CPDOC. Arthur César Ferreira Reis. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em:

<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-artur-cesar-ferreira>. Acesso em: 29 maio 2024.

CPDOC. Artur Virgílio (neto). **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/virgilio-artur-neto>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CPDOC. Amazonino Armando Mendes. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/amazonino-armando-mendes>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CPDOC. Carlos Eduardo de Sousa Braga. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-eduardo-de-sousa-braga>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CPDOC. Enoc da Silva Reis. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/enoc-da-silva-reis>. Acesso em: 03 fev. 2024.

CPDOC. Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-mestrinho-de-medeiros-raposo>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CPDOC. José Melo de Oliveira. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-melo-de-oliveira>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CPDOC. João Válder de Andrade. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-valter-de-andrade>. Acesso em: 02 set. 2024.

CPDOC. José Bernardino Lindoso. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bernardino-lindoso>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CPDOC. Omar José Abdel Aziz. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/omar-jose-abdel-aziz>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CPDOC. Plínio Ramos Coelho. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em:

<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/plinio-ramos-coelho>. Acesso em: 29 maio 2024.

CPDOC. Serviço Nacional de Informação (SNI). **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-nacional-de-informacao-sni>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CPDOC. Vanessa Grazziotin. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**, FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/grazziotin-vanessa>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CPT. Histórico. **Comissão Pastoral da Terra**, 5 fev. 2010. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/-historico>. Acesso em: 31 maio 2024.

CSJ. About. **Congregation of the Sisters of St. Joseph in Canada**. Disponível em: <https://www.csjcanada.org/about>. Acesso em: 02 set. 2024.

DUARTE, Durango. Quem foi Homero de Miranda Leão? **Blog do Durango**, 29 maio 2023. Disponível em: <https://blogdodurango.com.br/fatos-e-datas-historicas/quem-foi-homero-de-miranda-leao/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FAEA. Nota Pública. **Federação da Agricultura e Pecuária do Amazonas**, Manaus, 29 maio 2014. Disponível em: <https://sistemafaeasenar.org.br/?p=32&n=1342>. Acesso em: 26 set. 2019.

FIND A GRAVE. Clinton Benjamin Thomas (1930-2007). **Memorial Find a Grave**, 16 jan. 2014. Disponível em: <https://pt.findagrave.com/memorial/123584566>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GOMES, Francisco; BARROS, Winnie. Djalma Batista: o Ser e a Lenda. **Facetas Culturais**, 13 jul. 2019. Disponível em: <https://facetasculturais.com.br/2019/07/13/djalma-batista-o-ser-e-a-lenda/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Margaret Mee - Artista dedicada à botânica da Amazônia. **História das Artes**, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/margaret-mee-artista-dedicada-a-botanica-da-amazonia/>. Acesso em: 09 jan. 2026.

RIGHT Livelihood. Comissão Pastoral da Terra (CPT). **Right Livelihood**. Disponível em: <https://rightlivelihood.org/the-change-makers/find-a-laureate/comisso-pastoral-da-terra-cpt/>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SCARBORO Missions. BRAZIL: 1962-present. **Scarboro Missions**. Disponível em: <https://www.scarboromissions.ca/about-us/where-we-are/13>. Acesso em: 23 dez. 2018.

VILARDI, Gabriel, SJ. 50 anos do documento-denúncia “Y Juca Pirama” e a atuação do Padre Antônio Iasi Junior, SJ. **Conselho Indigenista Missionário**, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/02/50-anos-do-documento-denuncia-y-juca-pirama-e-a-atuacao-do-padre-antonio-iasi-junior-sj/>. Acesso em: 31 maio 2024.

Leis e informações governamentais

AFEAM. Afeam comemora 20 anos com aproximadamente R\$ 1,6 bilhão em créditos investidos no Estado. **Agência de Fomento do Estado do Amazonas**, Manaus, 04 set. 2019. Disponível em: <https://www.afeam.am.gov.br/afeam-comemora-20-anos-com-aproximadamente-r-16-bilhao-em-creditos-investidos-no-estado/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

AFEAM. ALEAM concede Medalha do Mérito à Pedro Falabella, Presidente da AFEAM. **Agência de Fomento do Estado do Amazonas**, 05 jul. 2012. Disponível em: <https://www.afeam.am.gov.br/aleam-concede-medalha-do-merito-a-pedro-falabella-presidente-da-afeam/>. Acesso em: 02 set. 2024.

ALEAM. Requerimento 023.2016. Gabinete do Deputado Adjuto Afonso. **Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas**, fev. 2016. Disponível em: [https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2016/109045/109045_texto_inte](https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2016/109045/109045_texto_integral.pdf) gral.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

AMAZONAS. Lei n.º 1.161, de 24 de dezembro de 1975. **AUTORIZA o Poder Executivo a Constituir a sociedade de economia mista. Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas – CODEAGRO e dá outras providências**. Disponível em: https://legisla.imprensaoficial.am.gov.br/diario_am/12/1975/12/8856?o=1. Acesso em: 22 fev. 2024.

AMAZONAS. Governo do Amazonas inicia análise para exploração de reserva de calcário agrícola em Urucará. **Companhia de Desenvolvimento do Estado do Amazonas**, 19 fev. 2013. Disponível em: <https://www.ciama.am.gov.br/governo-do-amazonas-inicia-analise-para-exploracao-de-reserva-de-calcario-agricola-em-urucara/>. Acesso em: 15 abr. 2026

AMAZONAS. Semig destaca investimento de US\$ 100 milhões da Mineração Taboca como marco para o desenvolvimento mineral do Amazonas. **Secretaria de Estado de Energia, Mineração e Gás**, 29 jan. 2026. Disponível em: <https://www.semig.am.gov.br/semig-destaca-investimento-de-us-100-milhoes-da-mineracao-taboca-como-marco-para-o-desenvolvimento-mineral-do-amazonas/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BRANDÃO, Júlio Cezar Lima (organização e notas). **Constituição do Estado do Amazonas** – atualizada até a Emenda Constitucional nº 108, de 18.12.2018. 3ª edição revista e atualizada. Manaus: 2019. Disponível em <https://www.pge.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/Constituicao-Estado-Amazonas-atualizada-ate-a-EC-108-de-2018.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Base de Dados Abertos (PDA 2022-2024). Regentes. **Arquivo Nacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos-2/bases-de-dados-abertos-pda-2022-2024/REGENTES.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório da CNV: Volume 2, Texto 4. Violações de direitos humanos nas igrejas cristãs**. Brasília: CNV, 2014, p. 155-200. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume%202%20-%20Texto%204.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Decreto-lei n.º 289, de 28 de fevereiro de 1967. **Cria o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0289.htm. Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. Decreto nº 64.268, de 21 de março de 1969. **Concede ao cidadão brasileiro Socrates Bonfim o direito de lavrar minério de ferro no município de Urucará, Estado do Amazonas**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64268-21-marco-1969-405644-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BRASIL. Decreto nº 82.025, de 24 de julho de 1978. **Declara a caducidade da concessão de lavra que menciona**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-82025-24-julho-1978-431033-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Histórico. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/>. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Missão. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/missao/>. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Homenagem a Pedro Falabella marca reunião do Codam. **SUFRAMA**, 29 maio 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/suframa/pt-br/publicacoes/noticias/homenagem-a-pedro-falabella-marca-reuniao-do-codam>. Acesso em: 02 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 4.341, de 13 de junho de 1964. **Cria o Serviço Nacional de Informações**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4341-13-junho-1964-376645-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 fev. 2024.

BRASIL. Lei delegada nº 10, de 11 de outubro de 1962. **Cria a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/ldl/ldl10.htm. Acesso em: 02 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. 16 de dezembro - DIA DO RESERVISTA. **Exército Brasileiro**. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/16-de-dezembro-dia-do-reservista>. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. Projeto Rondon. Conheça. **Ministério da Defesa**, 31 dez. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/programas-sociais/copy_of_projeto-rondon/conheca. Acesso em: 01 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Perguntas frequentes. **Arquivo Nacional**, 04 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes>. Acesso em: 08 jan. 2026.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Resposta Recurso Urucará AM. **Agência Nacional de Mineração**, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt->

br/assuntos/arrecadacao/apuracao-municipios-afetados-1/apuracao-municipios-afetados-por-ano-1/apuracao-de-municipios-afetados-2023/resposta-recurso-urucara-am.pdf/view. Acesso em: 15 abr. 2026.

CMA. Eternos Comandantes. **Comando Militar da Amazônia**. Disponível em: https://cma.eb.mil.br/images/PDF/Eternos_Cmt.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

IBGE. Urucará. **Censo Demográfico do Brasil de 2022**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panorama>. Acesso em: 03 abr. 2024.

PMAM. Galeria de Antigos Comandantes Gerais. **Polícia Militar do Amazonas**. Disponível em: <https://pm.am.gov.br/portal/galeria>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SEDECTI. **Amazonas em Mapas**. 4. ed. Manaus: SEDECTI, 2020. Disponível em: https://www.seducti.am.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Amazonas-em-Mapas_4a-edicao_ano-2020.pdf. Acesso em: 06 dez. 2022.

SEDECTI. **Anuário Estatístico do Amazonas**: 2021. v. 34. Manaus: SEDECTI, 2022. Disponível em: <https://www.seducti.am.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Anuario-estatistico-do-Estado-do-Amazonas-2021-Oficial.pdf>. Acesso em: 06 set. 2024.

SEDUC. Governo do Amazonas inaugura primeiro Centro de Educação de Tempo Integral no município de Urucará. **Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar**, Manaus, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.seduc.am.gov.br/governo-do-amazonas-inaugura-primeiro-centro-de-educacao-de-tempo-integral-no-municipio-de-urucara/>. Acesso em: 02 set. 2024.

SEDUC. Secretário da Seduc, Rossieli Silva, recebe a Medalha do Mérito Legislativo. **Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar**, Manaus, 18 dez. 2013. Disponível em: <https://www.seduc.am.gov.br/secretario-da-seduc-rossieli-silva-recebe-a-medalha-do-merito-legislativo/>. Acesso em: 02 set. 2024.

SENADO FEDERAL. Requerimento Nº 583, 29 maio 2014. **Diário do Senado Federal**, 30 maio 2014. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4072715&ts=1543031696952&disposition=inline>. Acesso em: 26 set. 2019.

TSE. Resultados – 1958. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1958>. Acesso em: 03 mar. 2026.

TSE. Resultados – 1962. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1962>. Acesso em: 03 mar. 2026.

TSE. Resultados – 1970. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/resultados-1970>. Acesso em: 03 mar. 2026.

TSE. Resultados das Eleições 1994 - Amazonas - deputado estadual. **Tribunal Superior Eleitoral**, 1994. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1994/resultados-das-eleicoes-1994/amazonas/resultados-das-eleicoes-1994-amazonas-deputado-estadual>. Acesso em: 24 set. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ALMEIDA, Geize Vieira de. **Gênero e memória**: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

ALMEIDA, Geize Vieira de. **Mulheres de fibra em tempos de juta**: relações de gênero e trabalho no município de Urucará-AM. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 291-298, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SjrQ9BqjDpRtD4ndNnNfxcM/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ALONSO, Leandro Seawright. A Comissão Nacional da Verdade e o caso dos protestantes durante a ditadura militar brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano IX, n. 25, p. 321-347, maio/agosto 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31506>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ANDRADE, Rômulo de Paula. *A Amazônia vai ressurgir!* Saúde e saneamento na Amazônia no primeiro governo Vargas (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2007.

ANDRADE, Rômulo de Paula. Saúde, educação e Amazônia na política da boa vizinhança: a trajetória de Alan Fisher no Brasil (1942-1945). **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 01-44, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/145869/157061>. Acesso em: 04 out. 2022.

ARAÚJO, André Luiz Passos. **O movimento de apoio à resistência Waimiri-Atroari**: ecos de uma ação indigenista católica contra grandes projetos. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 13 jun. 2020.

AYERBE, Luis Fernando. Religiosidade, interesse nacional e política externa dos Estados

Unidos no século XXI. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Uma nação com alma de igreja**: religiosidade e políticas públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 243-285.

BARBOSA, Antônio Ribamar Diniz. **O Adventismo e os Palikur**: representações, memórias e mudanças nas relações sociais dos missionários adventistas com os Palikur da Aldeia Tawary (1998-2022). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

BARTOLI, Estevan. Cidades pequenas na Amazônia e ordenamento territorial: redes de sujeitos locais e as redes urbanas de Urucará (AM) e São Sebastião do Uatumã (AM). **Geoingá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Maringá, v. 12, n. 1, p. 80-105, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/50956>. Acesso em: 03 dez. 2021.

BARTOLI, Estevan; SERRÃO, Arenilton Monteiro. Periodização econômica, espaço intraurbano e sistemas territoriais de Urucará (AM). **GeoAmazônia**, Belém, v. 8, n. 15-16, p. 214-235, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/article/view/12572>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BENCHIMOL, Jaime L. Doctor Thomas e a medicina tropical na Amazônia no início do século XX. **História**, São Paulo, v. 37, p. 1-42, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/CsbbLXt49dyfWfdW7J4nDNS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo; Brasiliense, 1987.

BEOZZO, José Oscar. Questão da terra e a Igreja Católica no Brasil. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, 19 maio 2010. Disponível em: <https://mst.org.br/2010/05/19/questao-da-terra-e-a-igreja-catolica-no-brasil/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BEZERRA, César Aquino. A luz do evangelho nas águas do Rio Amazonas: protestantes em Belém e Manaus no final do século XIX e começo do século XX. **Último Andar**, São Paulo, v. 28, nº 45, p. 1-28, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/67798>. Acesso em: 26 dez. 2025.

BEZERRA, César Aquino. **Da Pensilvânia ao Amazonas**: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2024.

BEZERRA, César Aquino; SANTOS, Tiago Fonseca dos. História oral, memória e seus significados para a história na/da Amazônia. In: COSTA, Francisca Deusa Sena da; MOURA, Anderson Vieira (org.). **Os 200 anos de independência e seus significados para a Amazônia**. Curitiba: Editora CRV, 2023, p. 13-20.

BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Claudio da. “Nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”: entre memórias e discursos de Timothy Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo no Brasil. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 322–343,

jul./dez. 2025. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1530>. Acesso em: 08 fev. 2026.

BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (org.). **Um rio de histórias**: conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas. Curitiba: Editora CRV, 2021.

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (org.). **Amazônia**: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Globo, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIE, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

BOYER, Véronique. Les bateaux missionnaires en Amazonie brésilienne. **Études rurales**, 165-166, p. 33-52, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudesrurales/8000>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRITO, André Souza. **Cristianismo ateu**: o movimento ecumênico nas malhas da repressão militar do Brasil. 1964-1985. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil – um projeto que ainda não se extinguiu. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1896-1929, out./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1896>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CARVALHO, Aloysio Henrique Castelo de. **Serviço Nacional de Informações**: uma abordagem histórica. Curitiba: Appris Editora, 2023.

CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. **Ide pelo Mundo inteiro e anunciai o evangelho**: As Práticas Sociais e Religiosas do PIME em Parintins. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2ª ed. Manaus: ProGrafGráfica e Editora, 2009.

CIOCCARI, Deysi. **Do PFL ao DEM**: uma análise das bancadas. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. Tradução: Jean Briant. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 06 jun. 2022.

COOK, James. **The Myth of the Stone-Campbell Movement**. Dissertation (Ph.D in History). Graduate Faculty of Texas Tech University. August, 2007.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/CBJPzCHYdnpmDFMKrF4z5BC/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

COSTA, Agnaldo Chagas. **Pedagogia da alternância**: emancipação e territorialização nas Escolas Famílias Agrícolas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

COSTA, Eduardo de Azeredo. **1967**: um mergulho no Amazonas: em busca da medicina pública para o Brasil. São Paulo: Novo Século, 2018.

COSTA, Sandson de Souza; SILVA, Francisco Vieira da. Cristofobia, ressentimento religioso e discurso político no X. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://homologacaoperiodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/5739>. Acesso em: 21 dez. 2025.

DEL PRIORE, Mary. Anos de chumbo e anos de ouro: erros e acertos do governo durante o regime cívico-militar. **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 105, p. 13-34, 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ighmb/article/view/3406>. Acesso em: 28 fev. 2026.

DIAS, Zwinglio Mota (org.). **Memórias ecumênicas protestantes**: Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

DINIZ, Ribamar. **A Igreja das Águas**: Uma breve história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Arquipélago do Marajó (1937-2020). Macapá: Edição do autor, 2021.

EVEDOVE, Leonardo Ulian Dall. O Programa Calha Norte como prática espacial do Estado brasileiro (1985-2018): perspectivas de Amazônia e discurso de precariedade como política pública. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v. 9, n. 18, p. 219–246, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/12068>. Acesso em: 22 dez. 2025.

SCOREL, Sarah. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. In: GIOVANELLA, Lúcia; SCOREL, Sarah, LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa, NORONHA, José Carvalho de; CARVALHO, Antonio Ivo de (org.). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, p. 323-363.

FERNANDES, Letícia Wickert. Arquivos repressivos da ditadura de segurança nacional brasileira e acesso à informação: reflexões metodológicas para pesquisas no fundo do SNI pelo SIAN. **Sillogés**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 530-553, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/167>. Acesso em: 24 fev. 2024.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização – Quarta República (1964-1985)**. Coleção O Brasil Republicano. Volume 4. 9. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Anfiteatro da Cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 273-304.

FREITAS, Norma Sueli Semião. “O que seria um corpo sem alma?”: Estado e Igreja no recrutamento de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942-1945). **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 40, p. 162-181, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/249696>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 57, p. 19-65, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LmXDvDbdWzBD6VdmKGnDk8b/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (Org.). **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019.

GATTI, Danielle Dias. **As igrejas evangélicas e a ditadura civil-militar no Brasil: a construção das memórias protestantes na Comissão Nacional da Verdade**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, nº. 1/2, p. 17-30, jan./dez. 1996. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397/397>. Acesso em: 10 abr. 2018.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: a visão da espionagem (1971-1980)**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GORMAN, James L. **Among the Early Evangelicals: The Transatlantic Origins of the Stone-Campbell Movement**. Abilene, TX: Abilene Christian University Press, 2017

GUERINO, Lydia Varela. **Entre passos, traços e pinceladas: articulações de Margaret Mee com os cânones da ilustração botânica**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

HALLER, Archibald O.; TORRECILHA, Ramon S.; HALLER, Maria Cristina del Peloso; TOURINHO, Manoel M. Os níveis de desenvolvimento socioeconômico da população da Amazônia brasileira - 1970 e 1980. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 941-973, set. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZqnnrjpGp9zhvqnPGRCdqrP/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HARVEY, Sarah. Jim Jones, Jonestown, and the Peoples Temple of the Disciples of Christ. *In: Critical Dictionary of Apocalyptic and Millenarian Movements*, 2021. Disponível em: <http://www.cdamm.org/articles/peoples-temple>. Acesso em: 28 fev. 2024.

HOCHMAN, Gilberto. Between God and rifle: Catholic Church, development and health in 1950s Brazil. *In: BOROWY, Iris; HARRIS, Bernard. Health and Development*. Berlin, Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2023, p. 201-228. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783111015583-008/html>. Acesso em: 10 dez. 2025.

HOLANDA, Maicon Douglas; RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Idelma Santiago da; PETIT, Pere; PEREIRA, Airton dos Reis; VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano (org). **História oral na Amazônia: experiências e possibilidades**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **Cadernos CERU**, São Paulo, série 2, v. 19, n. 2, p. 47-70, dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11857>. Acesso em: 24 set. 2019.

IORIS, Rafael R.; MOZER, Josiane. Parceiros em quê? A Aliança para o Progresso e a política editorial de modernização da América Latina no contexto da Guerra Fria. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 529–548, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019.e61478>. Acesso em: 13 jun. 2024

ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo E. Os Acervos dos Órgãos Federais de Segurança e Informações do Regime Militar no Arquivo Nacional. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 29–42, 2008. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/293/293>. Acesso em: 19 jun. 2022.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. *In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). O historiador e suas fontes*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 9-27.

KOIFMAN, Fábio. **O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. Tradução: Norma Domingos. *In: PÔRTO JR, Gilson (org.). História do tempo presente*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 31-45.

LESSA, Bruna Souza Aguiar. **História, religião e educação: a trajetória do pastor Eduardo França Lessa**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2012.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). Usos e abusos da história oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-182.

LIBERAL, Márcia Mello Costa de. Religião, Identidade e Sentido de Pertencimento. *In:*

Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, Universidade de Coimbra, 16-18 set. 2004. **Anais [...]**, Coimbra, 2004, p. 01-18. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciadeLiberal.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha**: das vivências do passado às lutas contemporâneas. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

LIMA, Gabriel Amato Bruno de. **“Aula prática de Brasil”**: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 29-60.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 11-26.

LOUREIRO, Antônio José Souto. A chegada da hanseníase no Amazonas. **Veredas Amazônicas**, Porto Velho, v. 5, n. 1, p. 1-19, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/view/4684>. Acesso em: 31 jan. 2021.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, colônia do Brasil**. Manaus: Valer, 2022.

LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação?** Religião política na América Latina. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2016.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 111-153.

MACHADO, Adriano Henrique. **Os evangélicos e a política no Brasil**: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MACIEL, Elisangela (org.). **História da Igreja na Amazônia**. 2. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 2024.

MARQUES, Adriana Aparecida. **Amazônia**: pensamento e presença militar. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARQUES, Guilherme dos Santos Cavotti. A política imigratória brasileira nas décadas de 1930 e 1940 sob os prismas da fiscalização e controle. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 81, p. 6-33, set./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/67763>. Acesso em: 8 jan. 2026.

MARQUES, Rildo Oliveira; SERRÃO, Arenilton Monteiro; BARTOLI, Estevan. Ciclos

econômicos, morfologia urbana e sistemas territoriais em Urucará (AM). **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, p. e30, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/53316>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MATA, Pe. Raimundo Possidônio Carrera da. A Igreja e sua missão na Amazônia. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, nº 46, Ano 22, número 1, p. 19-28, 2007. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/356/343>. Acesso em: 26 set. 2019.

MATHIAS, Mathews Nunes. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a memória da Igreja Católica sobre a ditadura civil-militar. **Boletim do Tempo Presente**, v. 13, n. 1, p. 108-129, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/21411/16770>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MATHIAS, Mathews Nunes. A padroeira da revolução: Aparecida e o golpe civil-militar de 1964. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 82, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/3VMqPGbJ9NDRSHFf84VWDCv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Demian Bezerra de. O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: MELO, Demian Bezerra de. **A Miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 157-188.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 08 mar. 2019.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Em nome da memória: o discurso midiático da ditadura militar. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 35, p. 29-41, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/fa63265e-25fa-4d08-a9ce-f4ef5bd35a1b>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tSX4YvS44WZv9B3qSFQMyRg/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MENICUCCI, Telma. A assistência à saúde no governo militar (1964-1985) e sua herança para o SUS: o híbrido público-privado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n10/e0094024/>. Acesso em: 01 nov. 2025.

MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **Ditadura Militar e Amazônia: Desenvolvimentismo, representações, legitimação política e autoritarismo nas décadas de 1960 e 1970**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

MONTEIRO, Licio Caetano do Rego. O Programa Calha Norte. Redefinição das políticas de segurança e defesa nas fronteiras internacionais da Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de**

Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v. 13, n. 2, p. 117-133, nov. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5139/513951688009.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2025.

MONTYSUMA, Marcos. Memória e esquecimento. *In*: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (Org.). **Coleção História do Tempo Presente**: v. 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 46-62.

MÜLLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. *In*: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 17-29.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; VIANNA, Eliza da Silva; MORAES, Monica Cristina de; SILVA, Danielle Souza Fialho da. O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças”. **Khronos**: Revista de História da Ciência, São Paulo, nº 6, p. 31-47, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/31122>. Acesso em: 30 nov. 2020.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

NEVES JÚNIOR, José Wilson Assis; LANZA, Fabio; PIOVANI, Luan Prado. A teologia da libertação sob o prisma investigativo do Serviço Nacional de Informações do Paraná (1964-1985). **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 76, p. 65-88, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/58711>. Acesso em: 23 fev. 2026.

OLIVEIRA, Guilherme Ferreira. **Para a glória de Deus e para o progresso dos homens**: pensamento missionário norte-americano e representações de Brasil a partir de *The Evangelical Invasion* (1910), de Samuel R. Grammon. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014.

OLIVEIRA, José Aldemir de; GUIDOTTI, Pe. Humberto (org.). **A Igreja arma sua tenda na Amazônia**: 25 anos do encontro pastoral de Santarém. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano XI, n. 33, p. 51-70, janeiro/abril 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/45608>. Acesso em: 19 ago. 2019.

PADILHA, Anivaldo; IULIANELLI, Jorge Atílio; BUFF, Luci Buff; CUNHA, Magali (org.). **As igrejas evangélicas na ditadura militar**: dos abusos do poder à resistência cristã. São Paulo: Alameda, 2022.

PEREIRA, Airton dos Reis. A igreja católica, o sindicato dos trabalhadores rurais e o Estado: mediação e conflito na região Araguaia paraense. **RURIS**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 99-136, set. 2008. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16787>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PEREIRA, Derly Nunes. Evangélicos e liberdade religiosa no Brasil: questões históricas e contemporâneas. **Último Andar**, São Paulo, v. 28, n. 45, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/68786>. Acesso em: 21 dez. 2025.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3ª ed. Manaus: EDUA, 2015.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul./dez. 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 15 fev. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PONTE, Carlos Fidelis. Como a ditadura deixou o país adoecer. **Ciência Hoje**, ed. 406, jan./fev. 2024. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/como-a-ditadura-deixou-o-pais-adoecer/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

PONTE, Carlos Fidelis; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura. In: PONTE, Carlos Fidelis; FALLEIROS, Ialê (org.). **Na corda bamba de sombrinha**: a saúde no fio da história. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPJSV, 2010, p. 181-220.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. “Faz escuro, mas eu canto”: história e historiografia sobre ditadura militar no Amazonas. In: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz (org.). **Historiografia amazonense em perspectiva**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 285-327.

REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Coleção Pensamento Amazônico. Série João Leda – v. 1. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

RÉMOND, René. Por uma história presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 13-36.

RIBEIRO, Ricardo Alaggio. A teoria da modernização, a aliança para o progresso e as relações Brasil - Estados Unidos. **Perspectivas**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 30, p. 151-175, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/368>. Acesso em: 13 jun. 2024.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **“E Deus visitou seu povo”**: história do povo de Deus em Itacoatiara. Manaus: EDUA, 2003.

RICOEUR, Paul. A marca do passado. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 10, p. 329-349, dez. 2012. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/456/335>. Acesso em: 26 abr. 2021.

ROCHA, Daniel. **Fim dos tempos nos Estados Unidos**: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ROCHA JUNIOR, Geovanni. **Em busca de uma transição perdida**: o humanismo cristão entre a vigilância política e o ensaio democrático das classes populares no Brasil (1974-1985). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

RODRIGUES, Leonardo Bentes. **Norte resistência**: experiências estudantis, cultura política e a Ditadura militar no Amazonas (1964 - 1985). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 277-296.

SÁ NETTO, Rodrigo de. Afinidades entre a ditadura de 1964 e o anticatolicismo de evangélicos conservadores: expressão da hegemonia capitalista norte-americana. **PLURA**: Revista de Estudos de Religião, ABHR, v. 13, n. 2, p. 64–80, 2022. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2185>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. **Inimigos imaginários, sentimentos reais**: medo e paranóia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970-1973). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SANTOS, Alexandre Firmo dos. Telegrama, investigação e suspeita: a quebra de sigilo das comunicações do Conselho Mundial das Igrejas pelo Serviço Nacional de Informações. **Boletim do Tempo Presente**, v. 13, n. 01, p. 152–183, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/21413>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SANTOS, Darcineia Cunha Libório. **Urucará**: Da Província ao Contemporâneo. Manaus: Edição da autora, 2022.

SANTOS, Osar Gomes dos. Do Relatório Rockefeller ao Comitê de Santa Fé: a Igreja Católica da América Latina ante a desconfiança do tio Sam (1969-2000). **Crítica Histórica**, Maceió, v. 12, n. 23, p. 399-418, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11216>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SANTOS, Tiago Fonseca dos. **Arquivos e memórias de chumbo**: a trajetória de Egydio Schwade e as tensões forjadoras do(s) novo(s) indigenismo(s) (1972-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

SANTOS, Valdir Erick dos. Os arquivos dos serviços secretos da Ditadura de Segurança Nacional Brasileira e a Justiça de Transição. **Manduarisawa**: Revista Discente do Curso de História da UFAM, Manaus, v. 5, n. 1, p. 392-409, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8815>. Acesso em: 16 maio 2024.

SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Comunidades Eclesiais de Base e ditadura militar no Brasil: Reflexões sobre uma memória cinquentenária. **Ciências da Religião**: História e Sociedade, São

Paulo, v. 12, n. 2, p. 91-116, dez. 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7522>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 185-205.

SCHMIDT, Daniel Augusto. **O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964-1974)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCHOR, Tatiana. As cidades invisíveis da Amazônia brasileira. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 67-84, 2013. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1010>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SCHWADE, Egydio. Mudanças da Pastoral Indígena do Brasil. In: SILVEIRA, Diego Omar da; BIANCHEZZI, Clarice; REIS, Marcus Vinicius Freitas; TENÓRIO, Adriano Magalhães (org.). **Religiões, fronteiras e identidades na Amazônia**. Manaus: Editora UEA, 2020, p. 151-168.

SCHWADE, Egydio. Nas terras Waimiri-Atroari: projetos de morte. **Travessia**: revista do migrante, v. 2, n. 6, p. 39-43, jan.-abr. 1990. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/116>. Acesso em: 15 abr. 2026.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. A história da política de controle da hanseníase no Estado do Amazonas. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; FERLA, Alcindo Antônio; LIMA, Rodrigo Tobias de Sousa; KADRI, Michele Rocha (org.). **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 71-103. (Série Saúde & Amazônia)

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; MARTINS, Ludmila Rolim. História das Políticas de Saúde no Amazonas: da Zona Franca ao SUS, 1967-1990. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; FERLA, Alcindo Antônio; LIMA, Rodrigo Tobias de Sousa; KADRI, Michele Rocha (org.). **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 17-42. (Série Saúde & Amazônia)

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SILVA, Avelino Pedro Nunes Bento da. **Histórias, poderes, disputas e resistências: trabalhadores em uma Junta de Conciliação e Julgamento (Itacoatiara, AM, 1979-1984)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

SILVA, Clemildo Anacleto da Silva. Os evangélicos e o exercício da liberdade religiosa no Brasil. **REVER**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 29-44, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/63692>. Acesso em: 21 dez. 2025.

SILVA, Elizete da. Protestantes e o governo militar: convergências e divergências. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 31-51.

SILVA, Elizete da. Protestantes no Brasil: entre a omissão e o engajamento político. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 24, n. 37, p. 126–148, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p126>. Acesso em: 9 maio. 2024.

SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Francisco Gomes da. **Cronologia Eclesiástica de Itacoatiara**. Manaus: Gráfica Ziló, 2018.

SILVA, Josias. **“Na guerra contra o mal [...] Em marcha triunfal”**: As Assembleias de Deus e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa; MENEGHETTI, Gilmar Antonio; SANTOS, Alessandro Carvalho dos; PINHEIRO, Jose Olenilson Costa; ERAZO, Rafael de Lima; ALVES, Rosilane Bruna de Souza. Narrativas sobre a gestão e manutenção de serviços ambientais protagonizadas por agricultores e pescadores amazônicos: a construção do acordo de pesca do Lago do Amanary, Urucará, AM. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 3, e1416, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1152676/1/Artigo-revista-Foco-Lindomar.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, Moizés Sabóia da. **Evangelização, política e comemorações na Revista Adventista no contexto da ditadura civil-militar, 1972-1978**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

SILVEIRA, Diego Omar da. **“Nada será como antes”**: legados do indigenismo religioso no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

SOARES, Saulo Cerqueira de Aguiar. Cristãos perseguidos e esquecidos: 360 milhões de fiéis sob ataque no mundo - violação ao direito fundamental à liberdade de crença e o silêncio desumano da mídia arcaica diante da cristofobia. In: SOARES, Saulo Cerqueira de Aguiar Soares; EÇA, Vitor Salino de Moura; SOARES, Ivna Maria Mello (org.). **Constituição e Estado Democrático de Direito**. Curitiba: CRV, 2022, p. 19-33.

SOBREIRA, Milene Francisca Coelho; SILVA, Lourdes Helena da. Vida e construção do conhecimento na Pedagogia da Alternância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 212-227, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/915>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SOUSA, Amandia Braga Lima. Construção de uma rede de serviços no interior do Amazonas: a experiência do SESP e da FSESP. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; FERLA, Alcindo Antônio; LIMA, Rodrigo Tobias de Sousa; KADRI, Michele Rocha (org.). **Histórica e política pública de saúde na Amazônia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017, p. 43-70. (Série Saúde & Amazônia).

SOUZA, Juliete Batalha de; SOUZA, Julielza Batalha de. História de Vida: Trabalho

Assistencial do Irmão Francisco Galliani com Hansenianos em Parintins-Am na década de 1970. **Revista Eletrônica Mutações**, Manaus, v. 8, n. 15, p. 237-254, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/4260>. Acesso em: 07 dez. 2020.

SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 8, n. 1, p. 133-152, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/8624/6189>. Acesso em: 05 mar. 2024.

SOUZA, Ramon Felipe. **Fé, Foice, Facão e Fuzil**: Igreja Católica, Desenvolvimento e Saúde no Brasil da Guerra Fria (1952-1964). Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022.

SOUZA, Sérgio Roberto Gomes de; PACHECO, Agenor Sarraf. Saberes médicos e outras artes de curar na Amazônia: conflitos e ambiguidades (1890-1910). **Jamaxi**, Rio Branco, v.5, n. 1, p. 98-116, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/5925>. Acesso em: 23 out. 2024.

TAVARES NETO, João Rozendo. **Entre democracia e autoritarismo**: sistema político-partidário e a formação de governos no Amazonas (1945-1967). Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2022.

TEDESCO, João Carlos; SILVA, Emerson Neves da. Igreja Católica, questão agrária e a luta social no campo (1950-1980). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 33, n. 52, p. 105-121, jun. 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/5211>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TEIXEIRA, João Vitor de Armas. A História dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas. **Revista Discente Ofícios de Clío**, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 415-431, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/25349>. Acesso em: 02 set. 2024.

TEIXEIRA, Maria do Carmo Sena. **Igreja Católica e ação indigenista na Amazônia contemporânea**: o CIMI (1972-2000). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

TENÓRIO, Basílio. **Eustáchio Libório da Cunha**: Fundamentos de Urucará. Parintins: Gráfica João XXIII, 2016.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia**: os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

VIEIRA, Everton Dorzane. A maldição da juta na Amazônia: história e memória de trabalhadores rurais de uma comunidade amazônica. **Manduarisawa**: Revista Discente do

Curso de História da UFAM, Manaus, v. 7, n. 2, p. 61-81, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/13414>. Acesso em: 12 jun. 2024.

VIEIRA, Jaci Guilherme. **Ditadura militar, povos indígenas e a Igreja Católica na Amazônia**: a Congregação da Consolata e o novo projeto de missão entre os índios de Roraima (1969 a 1999). Manaus: Valer Editora, 2019.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. Ações imperialistas dos Estados Unidos da América e a propagação da fé reformada no Brasil. **História Unicap**, Recife, v. 3, n. 5, p. 234-244, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/829>. Acesso em: 23 dez. 2022.

WILLIAMS, D. Newell; FOSTER, Douglas Allen; BLOWERS, Paul M (ed.). **The Stone-Campbell Movement**: A Global History. Nashville, TN: Chalice Press, 2021.

WIRTH, Lauro Emilio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 34, p. 105-125, jan./jul. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342547>. Acesso em: 28 jul. 2020.